00042725

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

00042725

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA DUODECIMA

PARTE ULTIMA.

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH ... SOCIETY

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCC.LXXXVIII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

HH/29
42725

ge se espalhou por todos aquelles Reynos; e das Gangas que nelle ha. 35.

CAP. VI. *Do que succedeo na conquista da Ilha Ceilão este verão: e das grandes vitorias que os nossos alcançáram do Tyranño D. João, que se intitulava Rey de Candea: e da morte de ElRey da Cota D. João Perea Pandar: e de como deixou nomeado por herdeiro do seu Reyno a ElRey de Portugal, que logo foi jurado por esse.* 39.

CAP. VII. *Das eleições que o Conde Almirante fez de Capitães: e das Armadas que ordenou: e das novas que lhe vieram de Moçambique, de como eram passadas pera a India duas náos Hollandezas: e do que sobre isso fez: e da Armada que veio do Reyno, de que era Capitão Mór D. Affonso de Noronha: toca-se a causa das differenças que houve entre o Conde, e Mathias de Albuquerque.* 47.

CAP. VIII. *Como Gonsalo de Tavares, Capitão de Dio, mandou Simão de Abreu com dous navios á costa de Cache: e do encontro que teve com oito Paraos de Malavares, onde os nossos foram mortos, e desbaratados: e das mais cousas em que o Conde Almirante proveo.* 58.

CAP. IX. *Do que succedeo á Armada do Ma-*

Malavar: e do que o Capitão Geral tratou com ElRey de Cananor, e Çamorim, de que avisou ao Conde: e do que sobre isso assentou em Conselho: e de como a náo, em que Mathias de Albuquerque havia de ir, se queimou na barra de Cochim. 66.

CAP. X. *Do que succedeo á Armada do Norte: e do encontro que teve com alguns Paraos de Malavares que tomou, e desbaratou: e do que mais succedeo á Armada do Malavar até se recolher.* 75.

CAP. XI. *De como o Conde Viso-Rey recebeo hum Embaixador que o Xá lhe mandou, e apparato com que foi recebido.* 86.

CAP. XII. *Do que aconteceo ás náos Hollandezas na derrota até Bengala: e assim do que succedeo a Lourenço de Brito, e á Armada, em que o Conde Viso-Rey o mandou a Malaca.* 89.

CAP. XIII. *Das cousas que neste verão succedêram na Ilha de Ceilão: e da grande vitoria que os nossos alcançáram de El-Rey de Uva: e dos Capitães do Tyranno de Candea D. João.* 94.

CAP. XIV. *De outra grande vitoria que os nossos alcançáram em Ceilão.* 101.

CAP. XV. *De como os Vereadores de Goa puzeram na Camara della o retrato do Conde Almirante D. Vasco da Gama,*

que

que descubrio a India: e da Oração que fiz aquelle dia em seu louvor a rogo [...] *Cidade.* 79

CAP. XVI. *De como as náos Hollandezas, que andavam pela costa de Malaca, pelejáram com as náos que hiam daquella Fortaleza pera a India: e do fim que estas náos tiveram, e de outras cousas.* 121.

CAP. XVII. *Do que fez D. Luiz da Gama no Malavar o resto do verão: e de como D. Diogo Coutinho Capitão Mór do Cabo Çamorim recolheo as náos da China, e levou a Goa: e dos Capitães que o Conde despachou pera fóra: e do que proveo sobre a feira de Cantão na China.* 126.

CAP. XVIII. *Das razões que o C,amorim teve pera fazer guerra ao Cunhale: e das preparações que pera isso fez: e das Armadas que o Conde ordenou: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha, estando em Cananor: e das intelligencias que teve com o C,amorim sobre o que queria fazer ao Cunhale: e da descripção da costa do Malavar de Cananor até Cochim: e do sitio da Fortaleza do Cunhale.* 132.

CAP. XIX. *De como o Bispo da China D. Luiz de Sirqueira, da Companhia de Jesus, e o Padre Alexandre de Valignano fo-*

foram a Japão: e de como aquelle Emperador faleceo: e do que lhe succedeo por sua morte. 145.

LIVRO II.

CAP. I. *De como este anno de noventa e oito não partiram náos do Reyno: e do Forte que o Conde Almirante ordenou sobre a barra de Goa: e do que proveo sobre o governo do Reyno de Ormuz.* 157.

CAP. II. *Das Armadas que o Conde Almirante despachou pera fóra: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha na barra de Cunhale, e a Sebastião Botelho, Capitão dos Sanguiceis, na costa do Norte: e de como D. Alvaro de Abranches foi entrar nas Fortalezas de Çofala, e Moçambique.* 163.

CAP. III. *De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, da Ordem do Padre Santo Agostinho, partio de Goa pera ir visitar os Christãos das serras do Malavar: e do que fez na barra do Cunhale: e do assento que tomou com o Capitão Mór, e mais Capitães sobre o modo de como se commetteria aquella Fortaleza.* 171.

CAP. IV. *Do que o Arcebispo fez em Cochim com aquelle Rey: e do soccorro que aquel-*

aquella Cidade mandou a D. Luiz da Gama.

CAP. V. *Do conselho que o Capitão Mór tomou sobre o modo de como se commetteria a Fortaleza: e das preparações que pera isso fez: e de como alguns Fidalgos seus amigos lhe fizerão mudar o parecer.* 186.

CAP. VI. *De hum maravilhoso sinal que appareceo no Ceo: e de como os nossos commettêram a desembarcação: e de como Luiz da Silva foi morto ao chegar da terra.* 193.

CAP. VII. *Do que succedeo aos que desembarcáram em Cunhale: e de alguns casos notaveis que alli passáram até se desbaratarem por si mesmos.* 204.

CAP. VIII. *Da gente que de ambas as partes morreo nesta desembarcação: e de como o Capitão Mór se foi pera Cochim, e deixou D. Francisco de Sousa sobre a barra de Cunhale.* 218.

CAP. IX. *Do que aconteceo a D. Francisco de Sousa sobre Cunhale: e de como chegáram a Goa as novas desta perdição: e do que fez o Conde Almirante.* 227.

CAP. X. *Do contrato das pazes que se fizeram com o Çamorim: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha sobre Cunhale, e D. Luiz da Gama chegou a Goa:*

Goa: e dos provimentos que o Conde mandou a Maluco, e Embaixadores do Achem que despachou. 236.
CAP XI. *De huma fragata de Hespanhoes de Manilha, que foi ter á China pera assentar pazes com os Chins, e fazer feitoria em hum de seus portos: e do que D. Paulo de Portugal sobre isso fez.* 243.

LIVRO III.

CAP. I. *Do que neste verão aconteceo na conquista da Ilha Ceilão: e das vitorias que os nossos alcançáram do Tyranno de Candea: e da fermosa tranqueira que D. Jeronymo mandou fazer no lugar de Manicravaré.* 251.
CAP. II. *De huma alteração que houve entre os soldados da conquista sobre suas pagas: e do soccorro que o Conde lhe mandou por D. Francisco de Noronha: e do que lhe succedeo na viagem.* 257.
CAP. III. *De outras vitorias que os nossos alcançáram em Ceilão em differentes partes.* 264.
CAP. IV. *Das razões que movêram ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a ir visitar os Christãos de S. Thomé: e de huma breve relação das cousas deste Santo Apostolo.* 270.
CAP.

CAP. V. *Das cousas que mais acontecêram a estes Christãos: e dos Prelados que tiveram até este tempo: e dos Reynos em que hoje moram.* 281.

CAP. VI. *Dos erros em que viviam estes Christãos: e de como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes os reduzio á obediencia da Santa Igreja Romana: e do Synodo Diocesano que celebrou, em que tirou muitos erros, e abusos.* 298.

CAP. VII. *De como ElRey de Portugal mandou passar Carta de Irmão em Armas a ElRey da Gundra, que lhe o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes passou, conforme á ordem que lhe deo o Conde Almirante Viso-Rey: e das obrigações que lhe poz: e de como renunciou seus Reynos nas mãos do Arcebispo, que lha acceitou em nome do Conde Viso-Rey.* 305.

CAP. VIII. *Da Fortaleza que o Rey de Travancor foi alevantando com dissimulação: e do que passou em humas vistas que teve com o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.* 317.

CAP. IX. *De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se passou a Cochim, e entregou o governo do Reyno da Gundra a ElRey de Porcá: e dos contratos que com elle fez.* 324.

CAP. X. *Das Armadas que partíram do*

Rey-

Reyno este anno de 1599. : dos Capitães que o Conde despachou pera fóra : e de outras cousas em que proveo. 330.

CAP. XI. *Do que aconteceo a D. Fernando de Noronha sobre Cunhale : e de como o Arcebispo se vio com o Çamorim : e das cousas que passáram.* 338.

LIVRO IV.

CAP. I. *De como André Furtado de Mendoça chegou á barra de Cunhale, e se vio com o Çamorim: e das cousas em que assentáram.* 348.

CAP. II. *Das capitulações que o Capitão Mór fez com o Çamorim : e dos refens que lhe entregou: e dos soccorros que lhe chegáram de Goa.* 357.

CAP. III. *Do conselho que o Conde tomou sobre ir a Cunhale, em que foi contrariado: e do soccorro que mandou, e mais cousas que passáram.* 363.

CAP. IV. *De como o Çamorim tratou de ir a huma festa chamada Mamanga : e donde esta festa teve origem.* 373.

CAP. V. *Das cousas, em que o Capitão Mór proveo pera dar principio ao sitiar aquella Fortaleza.* 379.

CAP. VI. *Do que mais succedeo nas tranqueiras : e dos fortes que o Capitão Mór* man-

mandou fazer: e de como ganhou as tranqueiras, e povoação. 385.

CAP. VII. *De como o Capitão Mór prantou sua artilheria sobre a Fortaleza: e das desconfianças que houve da parte do Camorim.* 396.

CAP. VIII. *De como o Cunhale se entregou ao Çamorim: e de outras cousas que succedêram.* 403.

CAP. IX. *Do que mais passou o Capitão Mór André Furtado de Mendoça com o Çamorim, e se partio pera Goa: e do que lhe succedeo com o Conde Almirante Viso-Rey.* 412.

CAP. X. *Da procissão que o Conde fez em fazimento de graças a Deos nosso Senhor pela vitoria que alcançou do Cunhale.* 421.

CAP. XI. *De como foram senteneceados por justiça o Cunhale Marca, e Chinale.* 423.

CAP. XII. *Do que succedeo em todo este verão á Armada do Norte: e das cousas em que o Conde Viso-Rey provêo: e Armadas que foram pera fóra: e das pazes que concedeo ao Rey de Travancor.* 426.

CAP. XIII. *Dos Capitães, e soccorros que o Conde Almirante mandou pera fóra: e do que succedeo a D. Jeronymo Coutinho, e ás náos de sua companhia com al-*

gu-

gumas náos Hollandezas na Ilha de Santa Hellena. 433.

LIVRO V.

AP. I. *Das cousas que este anno succedêram em Ceilão: e das vitorias que os nossos alcançáram, e tranqueiras que fizeram contra os inimigos.* 442.

AP. II. *De huma náo Hollandeza, que foi ter ás Ilhas de Japão: e da derrota que levou, e do que lhe succedeo: e de huns cossairos Japões, que foram ter ás Filippinas.* 447.

AP. III. *Do principio do Reyno Pegú, e dos Reys que teve: e dos revézes que a fortuna lhe deo.* 454.

AP. IV. *Da grande riqueza, e potencia deste Reyno, e deste Rey Brama Talanha Ginoco, que conquistou este Reyno Pegú.* 464.

AP. V. *Do cruel, e miseravel fim que teve este Reyno de Pegú no anno de mil e seiscentos em que andamos.* 473.

AP. VI. *Do quem era o Principe de Abadaxam, que este anno de seiscentos se fez Christão, e veio ter a esta Cidade de Goa.* 483.

AP. VII. *Que trata da parte a que jaz este Reyno Abadaxam; e da descripção des-*

desta Provincia de Laor até esta Cidade, e della até o Cathayo: e de como esta Provincia não he a China, como alguns cuidáram: e a que parte jaz. 492.

CAP. VIII. *Da Armada que o Conde Almirante mandou a Malaca, e soccorro a Ceilão: e das náos do Reyno, que chegáram a Goa da companhia de Ayres de Saldanha, que era partido por Viso-Rey da India: e de como D. Pedro Manoel foi por Capitão Mór ao Malavar, e do que lhe succedeo.* 505.

CAP. IX. *Do que succedeo na viagem ao galeão de Luiz Boto Machado: e de como os Embaixadores do Achem foram pera sua terra: e de como aquelle Rey mandou matar os Hollandezes, que andavam em terra, de duas náos que alli estavam: e do que succedeo a estas náos.* 512.

DECADA DUODECIMA

Da Hiſtoria da India.

LIVRO I.

CAPITULO I.

De como o Conde Almirante D. Franciſco da Gama foi eleito pera Viſo-Rey da India: e da Armada com que partio a dez de Abril do anno 1596. *e do que lhe aconteceo até chegar a Mombaça.*

NO principio do anno de noventa e ſinco tratou ElRey de mandar ſucceſſor a Mathias de Alboquerque, que havia ſeis annos governava a India; pera iſto nomeou em ſegredo ao Conde de Linhares D. Fernando de No-

ronha, fazendo-lhe muitas, e mui avantajadas mercês, que por adoecer se não declarou a sua eleição, nem o tempo dar lugar pera se tratar de outra pessoa, por ser junto á partida das náos, e por S. Magestade atalhar a outro semelhante inconveniente.

Passada a Pascoa, mandou ElRey aos Governadores do Reyno que logo lhe fizessem consulta de pessoas pera este cargo, que por ventura despacharia em Outubro. Em resposta desta consulta nomeou em segredo no principio de Julho o Conde da Vidigueira. (cousa até hoje nunca vista neste caso) Mas esteve a eleição em segredo até o fim de Agosto, em que se publicou com a vinda das náos, que por trazerem boas novas do Estado da India escusou ElRey mandar em Setembro. Mas mandou aos Governadores que o Conde Almirante assistisse com elles no Governo quando se tratassem materias da India assim do estado, como de despachos, até se o Conde embarcar em dez de Abril do anno de noventa e seis, e assim se fez por concorrerem nelle as partes que ElRey queria tivesse quem havia de governar aquelle Estado, que seu Bisavô tinha descuberto, que por tal trabalharia o Conde pelo dilatar, sustentar, e governar com

dif-

differentes, e avantajadas obrigações de outros.

E ha-ſe de conſiderar aqui huma couſa, que deſte appellido dos Gamas, e deſta caſa de Vidigueira por linha direita foi eſte o terceiro que governou a India, couſa que em nenhum outro appellido do Reyno aconteceo. Porque o primeiro foi ſeu biſavô que o deſcubrio; o ſegundo ſeu filho; ſegundo D. Eſtevão da Gama; e o terceiro eſte Conde Viſo-Rey, que temos entre mãos, herdeiro da caſa do appellido, e ainda do titulo. E não fora muito fóra de razão que eſte Governo não ſahíra deſta geração, pois a ella (e ao grande Afonſo de Alboquerque) podemos dizer que ſe deve eſta conquiſta, pelos muitos, e bons Capitães que ſempre nella houve. Mas porque era tambem neceſſario partir com todos, os que ajudáram a conquiſtar, ſe interpolou iſto; porém concedeo-ſe-lhe logo, ao que deſcubrio eſte Eſtado, e a todos os ſeus ſucceſſores, o titulo de Conde, que foi o primeiro, e até agora o derradeiro, que ſe alcançou pelos ſerviços da India. Porque ſe ſe concedeo a D. Luiz de Ataíde Conde de Atouguia, e a D. Franciſco Maſcarenhas Conde de Santa Cruz, foi porque aquelle era Senhor da caſa da Atouguia, e herdeiro della, e

vinha segunda vez á India a servir ; e outro com declaração , que não usaria de titulo de Conde , senão depois que ElRey fosse jurado por Rey nella.

Em fim foi eleito o Conde Almirante pera Viso-Rey da India de idade de trinta e hum annos, havendo pouco que viuvára de huma filha de D. Duarte de Menezes, Senhor da casa de Tarouca , de quem lhe ficáram hum filho , e huma filha , que deixou entregues á Condessa sua mãi , que estava recolhida no Mosteiro das freiras da Castanheira. Pera esta jornada se lhe apresstáram sinco náos ; e tanto que foi nomeado , logo assistio a todos os Conselhos, porque sabia ElRey que tinha o Conde talento pera dar nelles muito bom parecer. E como teve o tempo largo , foi fazendo seus negocios muito á sua vontade ; e das cousas que apontou, todas, ou quasi todas se lhe concedêrão. E posto que se deo muita pressa á Armada, não se pode fazer á véla senão quarta feira de Trévas , que foi a dez de Abril deste anno de 1596. com que continuamos. O Conde Almirante se embarcou na náo N. Senhora de Guadalupe , de que veio por Capitão seu irmão D. Luiz da Gama, despachado com a Capitania de Ormuz pelos serviços que já na India tinha feitos. As mais náos eram

a

a Conceição, em que vinha João Gomes da Silva, Capitão Mór das náos. Da náo N. Senhora do Vencimento era Capſtão Pedro Tavares, provído com a Capitanía de Dio, e da náo S. Franciſco era Capitão Vaſco d'Afonſeca Coutinho.

Com o Conde, e por toda a ſua Armada vinham embarcados muitos Fidalgos, aſſim deſpachados, como outros que hiam a merecer: e os que nos lembrão são os ſeguintes: Lourenço de Brito, que hia deſpachado com a Capitanía de Sofala, e Moçambique, que já ſervio por algum tempo, e foi deſapoſſado, e mandado pera o Reyno por algumas culpas, onde ſe livrou, e ElRey o deſpachou com tres annos da meſma Fortaleza por encheio. Diogo Moniz Barreto, filho de Antonio Moniz Barreto, que foi Governador da India, deſpachado com a Fortaleza de Ormuz, que ſeu pai tinha. Goterre de Monroi de Béja, e D. Luiz Lobo provídos ambos da Fortaleza de Dio. D. Paulo de Portugal, filho de D. Franciſco de Portugal, Eſtribeiro Mór de ElRey D. Sebaſtião. D. Fernando, e D. Chriſtovão de Noronha, filhos de D. Pedro de Noronha, Senhor de Villaverde, primos com irmãos do Conde Almirante. D. Antonio de Caſtro, filho de D. Pedro de Caſtro. D. Bernar-

nar-

nardo de Noronha, filho de D. Tomás de Noronha. D. Alvaro da Costa, filho de D. João da Costa, Capitão que foi da Fortaleza de Malaca. D. Pedro de Noronha, filho de D. Affonso de Noronha. D. João de Menezes, filho de D. Duarte de Menezes. D. Jeronymo de Noronha, filho de D. Antonio de Menezes. D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór D. Jorge de Menezes. D. Lopo, e D. Duarte Henriques, filhos de D. Garcia Henriques. Lourenço Guedes, filho de Pero Guedes, Veador da fazenda. Diogo Botelho, filho de Manoel Botelho. Jeronymo Telles Barreto, filho de Manoel Telles Barreto, que foi Governador do Brazil. Mem Rodrigues de Vasconcellos d'Elvas. João da Gama de Vasconcellos d'Elvas. D. Lopo d'Almeida, filho de D. Antonio, Veador que foi da Rainha D. Catharina. O Doutor Pero da Silva, que vinha por Chanceller da Relação de Goa. João d'Abreu por Secretario. Julio Simões por Engenheiro Mór; e outros muitos Cavalleiros honrados.

E seguindo esta Armada sua viagem, foi em conserva até á costa de Guiné, onde acháram tão grandes calmarias, que a detiveram muitos dias, e com algumas trovoadas que lhe deram se apartáram. E porque das quatro de sua companhia

dé-

lémos já razão no fim da Onzena Decada, não trataremos dellas, porque alli se verá. E continuaremos com a do Conde Almirante, que deixámos na costa de Guiné ás voltas com as calmarias, e com as trovoadas. E tanto que lhe entrou o tempo, foi seguindo sua viagem com os geraes, e passou o Cabo de Boa Esperança aos dous dias do mez de Agosto; e teve tão bom tempo, que aos vinte e sete chegou ás Ilhas de Angoxa, e por ellas andou até sete de Setembro, que chegou a Moçambique, onde se deteve só vinte e quatro horas, em quanto se via com o Capitão, que era Nuno da Cunha, com quem assentou proseguisse na obra que faltava á Fortaleza. E dalli se fez á véla ao outro dia, e foi seguindo sua viagem até dez gráos e meio da parte do Norte, sendo já vinte e nove de Setembro, levando ainda o vento ponente tão rijo, que pareceo ao Piloto que andára aquelle dia trinta leguas; mas enganou-se, porque as correntes das aguas eram naquella paragem contra a náo tamanhas, que desandou perto de quarenta; porque ao outro dia tomando o Sol, se achou o Piloto em sete gráos. E com estas aguagens andou ora accrescentando, ora diminuindo até vinte de Outubro, que tiveram vista da Ilha Sacotorá, que trabalhá-

lháram por tomar; mas não pode ser pelo vento ser Noroeste, que os obrigou a arribarem, e irem pela costa baixo.

Com aquelle vento governáram quatro dias, e aos cinco se tornou ao Sudueste, que tambem durou pouco, e ficou calma, e logo começou a ventar o Ponente. Mas era tão grande a força das aguas, que tiravam ao Sul, que causava espanto, pelo que surgíram huma noite, e logo se tornáram a levar, e governar huma quarta mais largo do rumo, a que corriam por se affastarem da terra; e no fim de quatorze dias se acháram á vista della no lugar de Quitindini doze leguas da Cidade Ampaza, onde surgíram. O Conde mandou recado a terra; e sabendo-se delle, acudíram logo á náo os principaes da Cidade, e das de Pate, e Lamo, que o Conde recebeo com grande demonstração, e aparato por ser naturalmente aparatoso, e alli ratificáram em suas mãos as homenagens, que tinham dado de vassallos de ElRey de Portugal, e o Conde os compoz, e fez amigos com os Mercadores Portuguezes da costa de Melinde com quem tinham havido algumas paixões; porque este genero de mercadores aonde chega, sempre ou quasi sempre escandaliza. Alli fizeram

a-

guada, que he bem ruim a agua que alli ha, e tão doce, que parece xarope.

E deixando o Conde provído em muitas couſas, conforme á brevidade do tempo, ſe fez á véla pera á Forteleza de Mombaça, aonde chegou a quatro de Dezembro, e foi bem recebido de Antonio Godinho de Andrade Capitão della; e por ſer já paſſada a monção pera a India, deſembarcou o Conde em terra, onde aſſentou de eſperar até ſer tempo de tornar á ſua viagem.

CAPITULO II.

Do que o Conde fez na Fortaleza de Mombaça: e das couſas que ordenou até ſe partir pera a India.

VEndo o Conde Almirante que eſtava alli devagar, tratou de algumas couſas neceſſarias á fortificação daquella Fortaleza. E porque hum poço de agua, de que todos bebiam, eſtava cento e ſincoenta paſſos da Fortaleza, mandou-lhe fazer hum caminho encuberto até elle, porque em algum tempo de aperto lho não pudeſſem tomar. Aqui veio ElRey de Melinde, que he diſtancia de doze leguas, a viſitar, a quem o Conde fez muito gran-

grandes gazalhados pelas obrigações em que o Estado da India lhe estava, e elle Conde por sua parte mais, pelos muitos que ElRey seu Avô fez ao Conde da Vidigueira seu Bisavô, quando por alli passou a descubrir a India; de maneira, que ambos se tinham bem de obrigações, e a essa conta lhe fez o Conde muitos mimos, e deo peças, e brincos, de que ElRey ficou bem contente, e satisfeito; e assentou com elle muitas cousas sobre o negocio da Alfandega, pera que aquelle Rey se obrigou a dar todas as ajudas de servidores, que fossem necessarios. Aqui veio ter com o Conde hum Principe da Ilha de Pemba, a quem hum tyranno tinha tomado o Reyno, e Estado, que elle recebeo bem, e o consolou, promettendo-lhe de o restituir a seu Estado, e Senhorio, como fosse á India, que por então não podia ser, offerecendo-se ao levar comsigo (como levou) e de lá o tornar a mandar com huma Armada, pera que se restituisse ao seu.

Alli foi o Conde dando expediente a muitas cousas até lhe chegarem da India os dous navios, que dissemos Mathias de Alboquerque despedíra a saber por toda aquella costa novas delle, de que eram Capitães Manoel de Almeida, hum sol-

da-

ado velho muito bom cavalleiro, e Gaſpar Rodrigues Meſtre de Galés, e Piloto daquella coſta, pera que ſe achaſſem o Conde Almirante, o acompanhaſſem até Goa.

Eſtes navios eſtimou elle muito por muitas razões; e a principal foi, porque lhe deram novas de terem chegado a ſalvamento as outras náos de ſua Armada; e por outra parte ſe entriſteceo pelo receio que no Reyno ſe havia de ter delle, quando eſtas náos chegaſſem a elle ſem ſeu recado, e pelo grande abalo que havia de fazer na Condeſſa ſua mãi, filhos, e parentes. Mas em fim com eſtes deſcontos da vida de bens, e males, ſe foi o Conde fazendo preſtes pera partir pera Goa, como foſſe tempo, deixando primeiro feito hum Moſteiro n'huma Ermida, que eſtava ſobre a barra, de Religioſos da Ordem do Glorioſo Padre Santo Agoſtinho, que até agora dura; e antes que partiſſe, deſpachou pera Ormuz Miguel de Macedo cavalleiro honrado, que já tinha militado naquelle Eſtado muitos annos, e por elle eſcreveo aos Capitães de Maſcate, e Ormuz, aviſando-os de algumas couſas importantes ao ſerviço de ElRey, e por elle mandou cartas a S. Mageſtade, em que lhe dava conta do que lhe tinha acontecido na viagem,

gem, que logo o Capitão de Ormuz mandou por terra por hum Armenio, que chegou com ellas á Corte de Castella em principio de Dezembro do mesmo anno: e aos doze de Abril de noventa e sete fez o Conde a sua náo á véla, mandando por Capitão della Manoel de Almeida, que viera com elle do Reyno despachado com a Capitanía de Barcellor, com regimento, que fosse tomar Bombaim por ser menos risco, que ir demandar Goa. E elle Almirante se embarcou em navios de remo, que alli ajuntou, elle em hum Galeoto, de que hia por Capitão D. Fernando de Noronha. D. Luiz da Gama seu irmão foi em huma Galeota de cuberta, que o Conde mandou fazer em Mombaça. Nos outros navios foram por Capitães Goterre de Monroy de Béja; D. Paulo de Portugal; D. Jeronymo de Noronha; Manoel de Almeida, que foi de Goa; e D. Luiz Lobo em hum fustarrão, que o Capitão de Sofala Nuno da Cunha mandou de Moçambique ao Conde Viso-Rey, que levou comsigo Manoel Monteiro Piloto da sua náo, e Gaspar Rodrigues, que tinha ido de Goa por Piloto de huma fusta.

Com esta Armada foi o Conde seguindo sua derrota, levando comsigo Gaspar Rodrigues, que hia fazendo o officio de

Pi-

Piloto mór; e chegando a Sacotorá, tomáram ambos os Bandeis, onde se provêram de todo o necessario, e alli se passou o Conde á fusta de Manoel de Almeida por ser navio mais ligeiro, em que se achou melhor, ainda que menos accommodado. E de Sacotorá desamarrou o Conde a sete de Maio, e tornou á sua viagem, onde, posto que achou contrastes, e calmarias ordinarias nesta travessa, não houve cousa de perigo; e quando foram vinte e dous do mesmo mez de Maio chegou á barra de Goa com todos os navios de remo: e Manoel de Almeida, que em Sacotorá se tinha passado ao Galeoto do Conde, e o Viso-Rey á sua fusta, entrou tambem em Goa aos vinte e sete do mez, sinco dias depois do Conde. Só o navio de D. Luiz Lobo não entrou, porque se perdeo com tempo rijo na costa de Por Mangalor, e elle com toda a gente de sua companhia foi por terra até á Fortaleza de Dio, onde invernou, e a náo do Conde foi em trinta de Maio tomar Boinhaim.

O Conde desembarcou na casa dos Reys Magos, aonde acudíram logo parentes, e amigos, porque as novas chegáram a Goa de noite, em que toda a Cidade se alvoroçou; e foi tanto o regozijo, que toda ella parecia huma viva representação de

de alegria, e contentamento, porque tod... se gaſtou em tomarem embarcações pera o irem viſitar; e todos tinham razão de o fazer, porque eſte Conde Viſo-Rey era biſneto do que deſcubrio eſte Eſtado, que a tantos tinha feito ricos, e honrados: e iſto acontece gerálmente na chegada dos Viſo-Reys, porque huns são de ſuas obrigações, outros parentes, e amigos, e outros por outras razões, porque todos eſperam ſempre alguma couſa, e a India pera todos tem: e o contrario acontece nos da valia, e obrigação dos Viſo-Reys que acabão, porque eſtes são os brincos do mundo não dar bens a huns, ſem os tirar a outros; e algumas vezes ſuccede, os que mais feſtejão a vinda de hum Viſo-Rey, ſerem os que depois mais praguejão, e murmurão delle, e deſejarem o anno ſeguinte já outro: ao menos na ſoldadeſca, que por eſta razão, ou ſem razão da noſſa má natureza, que toda a couſa nova apraz, tomáram os ſoldados cada anno hum Viſo-Rey, como coſtúmavam os Romanos com ſeus Conſules.

Mathias de Alboquerque foi logo ao outro dia, que foram vinte e tres de Maio, viſitar o Conde Almirante com todos os Officiaes da juſtiça, e fazenda; e querendo logo neſta viſita fazer entrega-

da

da governança da India, a não quiz o Conde aceitar, senão aos vinte e sinco do mesmo mez, que foi dia do Espirito Santo, donde a fez na fórma costumada. Os Vereadores foram logo visitar o Conde, e pedíram-lhe que se detivesse alli alguns dias até lhe prepararem seu recebimento, o que lhe elle concedeo até o primeiro de Junho, dia da Santissima Trindade, em que fez sua entrada com grande pompa, e apparato, e regozijo de todo o povo, de que as ruas por onde havia de passar estavam toldadas, e com muitas invenções. Foi recebido com falla de parabens de sua vinda, e levado de baixo do Pallio até á Sé, passando por baixo de muitos, e mui fermosos arcos ornados com muitas riquezas, e galantarias, indo á sua ilharga o Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes; e depois de fazer sua oração, se recolheo aos Passos, em cujo terreiro lhe corrêram muitas carreiras, e fizeram muitas festas, e regozijos, em que o dia se gastou. E ha-se aqui de notar, que no mez de Junho, em que o Conde Almirante tomou posse da India, se cumpríram cem annos que seu bisavô a descubrio.

CA-

CAPITULO. III.

Das cousas que o Conde Almirante proveo depois de tomar posse da governança da India.

TAnto que o Conde Almirante tomou posse do Estado da India, logo avisou a todas as Fortalezas de sua chegada, e aos Capitães, e Officiaes da fazenda mandou que na entrada de Setembro o provessem de pressa com o mais dinheiro que pudessem, porque determinava de fazer Armadas, e prover Ceilão, Malaca, e as Fortalezas de Maluco, e Amboino. E como passáram alguns dias, foi visitar os Tribunaes da Relação, e Contos, e nellas tomou informação do estado das cousas, de que elle não vinha bisonho, senão mui prático, e resoluto em todos os negocios, de que começou a dar aos Officiaes grande satisfação de sua sufficiencia. E assim visitou os armazens das munições, casa da polvora, e as ribeiras das Armadas, e Galés, e em todas tomou informação do modo de como estavam, e deo ordem a se prepararem todos os navios grandes, e pequenos, porque determinava de mandar Armadas pera todas as partes, a que fossem necessarias, e com isso foi dando expe-

pediente ás partes, entrando neste negocio com grande severidade, e authoridade quanta requeria o lugar de Viso-Rey, que de Vassallo he o maior que ha na Christandade, pelo achar hum pouco devasso, cousa que dá muitas vezes ousadia a se atreverem os homens, e desmandarem; e por lhe não dar esse atrevimento, nunca ouvio partes senão só, e apartado; porque como estava informado da soltura dos soldados da India, queria que se algum se destemperasse, fosse só com elle, por lhe não ficar lugar de os castigar: pelo que tomou este termo pera os ouvir, e soffrer, o que se lhe notou a prudencia; porque tambem os soldados andam tão desfavorecidos, e soffrem tantas necessidades, que se lhes não póde pôr culpa a alguma hora se destemperarem.

Alguns quizeram estranhar ao Conde Almirante aquella sua severidade, e authoridade, e usar nas Igrejas de cortina como Principe, dizendo que não era trajo de Capitão geral da milicia; porque o seu proprio lugar era mostrar-se sempre em público, e muito facil, e familiar aos homens, o que lhe a elle não faltava, porque o não vimos nunca descompôr em palavras com os soldados, como outros fizeram. Em fim deixemos estas cousas, e passemos a outras.

O Conde Almirante, como hiamos dizendo, foi dando preſſa ás Armadas, e grande expediente aos negocios, e provendo cargos que vagárão, que eram muitos, e miudos, que são datas dos Viſo-Reys que ſuccedem, ainda que ha algúns deſtes officios, que poſto que a data delles ſeja ſua, por juſtiça, e razão não ſe podem dar ſenão a homens de ſerviços, e merecimentos, que ha muitos na India, com quem ElRey quer que ſe repartam eſtes cargos, que de ordinario dam a ſeus criados, ou por ſua interceſsão a outras peſſoas a quem os vendem.

E porque aqui aconteceo iſto, não deixarei de o contar por moſtrar a pureza com que eſte Viſo-Rey entrou: e o caſo ſuccedeo deſta maneira. Indo eu huma vez viſitar o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, achei-o com hum, ou dous Officiaes dos Contos, e ſinco, ou ſeus homens da terra, a que elle tomava algumas Proviſões deſtes cargos que o Conde tinha provído, e lhe tornava certa quantia de dinheiro de huns caixões que alli eſtavam. Então me contou o Arcebiſpo que aquelles cargos dera o Viſo-Rey áquelles por interceſsão de ſeus criados, e que depois ſoubera que lhe deram por cada hum certa quantia de dinheiro, que lhe mandára tornar; e

na-

naquelle caixão em que o vir, o tinha mandado ao Arcebiſpo com o rol dos homens a quem ſe dera, pera que lhes tomaſſem as Provisões, e lhes tornaſſem ſeu dinheiro, porque quiz caſtigar a todos, a huns em lhes tomar o dinheiro, porque vendêram os cargos, e aos outros em lhos mandar tornar, e romper as Provisões: e lembra-me que ao tornar o dinheiro a hum, ſe poz a chorar. Ao que me diſſe o Arcebiſpo, que nunca víra chorar ninguem por lhe darem dinheiro, ſenão aquelle homem. Fez o Conde Almirante eſta diligencia, porque começou a haver murmurações, e não quiz que ſeus criados cuidaſſem que haviam de enriquecer por aquelle modo, nem que parente, ou homem de ſua obrigação o havia de governar; e foi neſte particular tão inteiro, que em quanto governou o Eſtado da India, não teve valído; e o criado que ſe fingio ſello, não fez nenhuma couſa por elle; porque o contrario diſto não ſerve de mais que de affrontar aos Viſo-Reys; porque como elles correm por eſtes termos, ſempre ficam culpados, ou ao menos dão occaſião de ſe murmurar delles, como fizeram de alguns Viſo-Reys, que claramente fizeram por eſtas mãos ſeus negocios, e engroſſáram bem, não deixando de commetter algumas injuſtiças

 em

em cousas de muita importancia, que eu direi em seu lugar, quando me couber.

E porque o Conde Almirante achou os armazens faltos de artilheria, negociou muito cobre que comprou, de que mandou fazer com muita pressa algumas fundições, em que se fizeram oito peças grossas, e trinta falcões, e berços, e quatrocentos pelouros de cadeia, que logo foram bem necessarios, como se verá pelas certidões que os Officiaes dos armazens disto passáram. E porque os moradores de Goa fizeram grandes queixas do Viso-Rey Mathias de Alboquerque, que passára huma Provisão, pera que toda a pessoa que quizesse mandar trazer cobre da China por sua conta, o pudesse fazer: com declaração que todo viria a Goa, onde pagariam os direitos em cobre pera se fazer artilheria: e o mesmo fariam de todas as mais fazendas, que despachassem na Fortaleza de Malaca; e que depois dos direitos pagos em cobre, todo o mais poderiam levar pera suas casas; e que tendo ElRey necessidade de mais algum, lho comprariam pelo preço da terra: e esta Provisão senão guardára, antes todo o cobre que trouxeram por virtude della se mettêra na Alfandega; e que pera pagarem os direitos se avaliára a trinta e sinco xerafins o quintal, e a trin-

ta

ta e oito o melhor ; e que por ſima diſto déra o Viſo-Rey Mathias de Alboquerque ordem que ſe tomaſſe o cobre pera ElRey a trinta e dous Xerafins ; no que foram muito avexados, e enganados, que pediam a eſte Conde Almirante lhe mandaſſe cumprir a dita Proviſão, pois á conta della trouxéram ſuas fazendas em cobre, e que mandaſſe que na Alfandega ſe tiveſſe igualdade nos direitos, e no preço do cobre que ſe tomaſſe pera ElRey. O que viſto pelo Conde Almirante, ajuntou Theologos, Deſembargadores, e Officiaes da fazenda a conſelho, e entre todos ſe aſſentou, que lhe não podiam fazer tamanha injuſtiça, que ſe puzeſſe dalli em diante o cobre pera ſe pagar, a trinta e ſinco, e que por eſſe meſmo preço ſe tomaſſe pera ElRey o que ſe houveſſe miſter, e que ſe lhe pagaſſe logo, porque os vaſſallos não ſe podiam enganar com a fé de ElRey, que são ſuas Proviſões, pois á conta dellas empregáram ſeu cabedal em cobre, no que tambem faziam ſerviço a ElRey em o trazerem da China, e lho darem pelo preço por que o deſpacháram.

E certo que ſe póde pedir conta aos Viſo-Reys de tamanha injuſtiça contra os homens, e tão grande deſerviço contra o Rey, em não guardarem eſtas Proviſões, an-

antes á conta dellas tomarem as fazendas aos vaſſallos. O que foi cauſa de não quererem mais trazer cobre, e faltar muitas vezes em Goa aſſim pera a artilheria, como pera a moeda de Bazarucos com que os póvos ſe meneão. E com iſto ſe deo occaſião aos Mouros do Balagate a os fazerem de menos pezo, e os metterem nesta Cidade, com o que ganhão hum poço de ouro, ſem a iſto ſe ter reſguardo, porque ſempre eſta moeda lhes falta por ſer de menos pezo. A iſto atalhou o Conde Almirante com ordenar, que pelo preço certo que poz nos direitos que o cobre havia de pagar na Alfandega, foſſe o meſmo por que ſe tomaſſe pera ElRey, e ſe pagaſſe logo a ſeus donos, como ſe fez em todo o tempo que o Conde governou. Diſto reſultou haver ſempre em todo elle tanto cobre em Goa, que ganhou ElRey, no que bateo na caſa dos Bazarucos, ſeſſenta mil Xerafins, a fóra o que ſe fundio em muita quantidade de peças de artilheria que fez, e outras couſas neceſſarias ao ſerviço de ElRey, como me conſtou das certidões que vi, aſſim dos armazens, como de outros Officiaes das outras caſas, por que eſtas couſas correm.

E tornando ao damno que a falta deſta moeda fazia em Goa, que foi occaſião dos Mou-

Mouros do Balagate metterem nesta Cidade muito grande somma de bazarucos de menos pezo, com que se enriqueciam a si, e nos empobreciam a nós, o ficáram tambem fazendo nos Xerafins de prata que o Viso-Rey D. Luiz da Taíde mandou fazer, que sendo elles dantes de prata liquida, e pura, por accrescentar a fazenda Real, ordenou que se accrescentasse em cada hum hum larim de liga. Daqui tomáram os Mouros occasião pera baterem no Balagate os mesmos Xerafins já com mais liga, e falsificados, e os metterem nesta Cidade; pelo que ella ficou cheia de moeda falsa, e alevantou-se tanto o preço ás cousas, que he hum roubo manifesto; porque os Moedeiros, que servem na Casa da Moeda de Goa, são Gentios, e os mesmos que fazem as chapas pera as moedas, são os que tambem as fazem pera os Mouros nos roubarem. Sobre isto provêram os Reys muitas vezes, como grandes Christãos, e muito Catholicos, com defenderem que se não batão mais estes Xerafins, a que com muita razão podemos chamar falsos, sem isto ter remedio, nem lhe quererem cumprir suas Provisões, e Mandados; e vam depois estes pera o Reyno tão descançados com tomarem a fazenda alheia, como se não fizeram cousa alguma; e eu receio

ceio que os que isto fizeram, o tenham bem pago na outra vida, pois nesta não foram castigados, porque tudo os homens podem, e devem fazer, e arriscar por seu Rey, filhos, fazenda, e vida; mas a alma não, porque nem os Reys o querem; nem he bem que o queiram.

CAPITULO IV.

De como hum Capitão do Grão Mogor, chamado Manacinga Gentio, foi contra os Patanes, e os desbaratou, e ganhou o Reyno de Orixá, e Bengala: e da descripção da jornada que fez.

PAreceo-me bem seguir a ordem, que sempre guardei nas minhas Decadas, que he contar as cousas alheias no tempo do inverno, em que as nossas estão paradas; pelo que darei aqui conta de algumas conquistas que fizeram os Capitães do grão Mogor. Na Corte deste Rey andava hum Raja, ou Regulo casta Rebusto Gentio seu vassallo, e grande Capitão, e muito zeloso da sua Religião. Succedeo este verão passado o Rey de Orixá chamado Cutulu mandar dar no Pagode de Lagarnate, que he em Bengala, e levarem delle grandes the-

theſouros, e matarem dentro nelle muitas vacas, que he a mór affronta, e irreverencia que ſe póde fazer a ſeus Idolos. Era eſte Cutulu Rey de Orixá Mouro, e vaſſallo do Rey dos Mogores, que havia alguns annos que eſtava rebellado, ſem lhe pagar as pareas que tinha por obrigação. Chegadas as novas do roubo deſte Pagode á Corte de Laor, eſte Capitão Gentio, que digo, chamado Manacinga, deſejou logo de tomar vingança, e ſatisfação daquella affronta feita á ſua Religião: tomou por occaſião o alevantamento do Rey de Orixá, pera pedir ao Grão Mogor licença pera o ir caſtigar, e reduzir á ſua obediencia, que lhe elle deo; e com elle ſe partio de Laor com dez, ou doze mil cavallos pera ajuntar pelos mais Reynos do Mogor, por onde havia de paſſar todos os mais que lhe foſſem neceſſarios.

E porque não he pequena curioſidade pera os curioſos da Geografia dar relação deſta jornada em modo de Itinerario, como a elle fez, o farei aqui. Partio eſte Capitão de Laor Corte do Grão Mogor, e foi caminhando ao Sueſte algumas ſinco, ou ſeis jornadas, paſſando por villas, e lugares, huns grandes, e outros pequenos até chegar a hum fermoſo rio chamado Seriundo, que quer dizer Cabeça da India,

dia, porque alli começa a India Meridional, ou menor, porque toda aquella parte dalli pera o Norte ſe chama India maior até os montes Imaos, onde começa a Scitica Aſiatiaca, ou Tartaria. Paſſado o rio á outra parte, foi á Cidade de Summopat, e á de Panipat, e logo á grande Cidade Deli muito fermoſa, e freſca, onde eſtá a ſepultura de Hamaum Paxa pai de ElRey Hecbar, que he huma das fermoſas couſas do Mundo, como nas outras minhas Decadas tenho dito. Até aqui gaſtou eſte Capitão trinta jornadas. Ao longo dos muros deſta Cidade paſſa hum muito fermoſo, e freſco rio chamado Iamana, que ſe vai miſturar com o Gange: paſſado o rio á outra banda, foi caminhando ao Levante por diſtancia de cento e vinte coces ſeus, que são trinta leguas, a razão de quatro coces por legua pela conta dos Mouros até chegar a huma villa chamada Calu, que he o extremo do Reyno Deli, e do Patane. Daqui foi a huma Cidade pequena, a que perdi o nome, e dalli a outra chamada Har, por junto della paſſa hum fermoſo braço do rio Gange, que vai deſcendo a baixo, e atraveſſando o Reyno de Orixá. Daqui foi á Cidade Sambal, donde voltou a Suſudoeſte á Cidade de Lacanor pequena, á differença de outra gran-

grande adiante, que são Cidades do Reyno Patane, e entre eſtas ambas ha humas aſperiſſimas ſerranias, que vam tirando ao Norte chamadas Porſonai, riquiſſimas de minas de ouro, e prata: dalli foram caminhando ao Sul; e paſſando por eſtas Cidades Gazepur, Chouſa, Angepur, Xirpur, por junto deſta paſſa o rio Gandec, adiante Mugel, Bagelpur, Gori, Galor, Cidades já de Bengala: do Reyno dos Patanes, Satagão, Tande, e Orixá Cidade cabeça deſte Reyno, que elle hia conquiſtar; e chegando ao Mandarou, extremo do Reyno Orixá, defronte de huma Fortaleza, que ſe chama Raipur, que era dos Patanes, em que eſtava por Capitão Alemacaum irmão de Gorea Badul, Capitão muito affamado do Rey de Orixá, por quem o ſeu Rey dizia, que era o ſeu braço direito, aſſentou o ſeu arraial pera dalli fazer ſuas entradas.

Tanto que o Alemacaum ſoube delles, ajuntou ſinco mil cavallos, e foi no meſmo dia bem tarde aſſentar ſeu campo á viſta do outro, e mandou dizer ao Manacinga que lhe não hia dar a obediencia por ſer já tarde, mas que ao outro dia o faria logo. Tudo iſto foi manha pera o aſſegurar, como fez, porque ſe não receárão de tão pouca gente, e mais com a ſe-

gu-

gurança que moſtravam de ir dar obediencia, com o que os de Manacinga tiráram as ſellas aos cavallos, e repousáram do trabalho do caminho, porque de algumas peſſoas que elle mandou ao arraial dos Patanes ſoube que eſtavam elles tambem deſcançados, com os cavallos deſcellados, que foi o que os fez ſegurar; e tanto que entrou o quarto da modorra, eſtando os de Manacinga na força do mór ſomno, e repouſo, ſellárão os Patanes, e com muito grande ſilencio deram nelles com tanta preſteza, que primeiro que ſoubeſſem o que era, lhe matáram dous mil homens, em que entrava hum filho do proprio Manacinga. Com eſte feito ſe recolhêram os Patanes, o que não foi tanto a ſeu ſalvo, que não tiveſſem alguma perda, porque tambem foram eſcalavrados. O Manacinga ſentio tanto ſeu deſcuido, como a perda do filho, e de ſua gente; pelo que a meſma noite ſe fortaleceo no proprio lugar, em que eſtava com hum muro arrezoado, e ſuas cavas, e deſpedio recado a todos os Capitães que o Grão Mogor tinha por aquelles Reynos com guarnições, perà que lhe acudiſſem com as gentes, e mantimentos que pudeſſem. Era eſte Manacinga na Corte do Grão Mogor tão grande peſſoa, e de tanta authoridade, e reſpeito, que

Da-

Danielgi filho terceiro do Grão Mogor caſou com ſua filha.

Tendo o Rey de Orixá aviſo do ſoccorro, que o Manacinga mandou pedir aos Capitães, que o Grão Mogor tinha poſtos nos preſidios dos ſeus Reynos, comarcãos áquelles, que o Manacinga hia conquiſtar, receando-ſe que vindo aquelle poder, não pudeſſem reſiſtir-lhe, tomou por remedio mandar-lhe commetter pazes com tantas vantagens, que as acceitou o Manacinga, receoſo que lhe faltaſſem os Capitães, que mandára chamar; e aſſim ſe concluíram, com condição que o Rey de Orixá daria cada anno cem elefantes (por haver muitos naquelle Reyno) e vinte mil tangas de parcas, que são dez mil cruzados de reales; e logo contribuio com as deſte primeiro anno, com o que o Manacinga ſe tornou pera Tenda, e o Rey de Orixá pera a Cidade de Ialaſor, que he Cabeça do Reyno.

Os Capitães do Mogor, a que o Manacinga mandou pedir ſoccorro, fizeram pouco caſo de ſeu recado, e não acudíram com couſa alguma; o que viſto por elle, deſpedio recado ao Grão Mogor, dando-lhe conta de tudo o que lhe tinha ſuccedido na jornada, e mandou-lhe tambem o dinheiro, e os cem elefantes que arrecadou das

das pareas, e escreveo-lhe que deixára de conquistar todo aquelle Reyno por falta de gente, e que os seus Capitães o não quizeram soccorrer, pedindo-lhe formões, ou Provisões pera todos os Capitães, que houvesse em seus Reynos, e Provincias, lhe obedecessem, e lhe acudissem com as gentes de suas obrigações, e que elle se obrigava a conquistar, e sujeitar todos os Reynos de Bengala, e Patane.

O Grão Mogor estimou muito os elefantes, e mandou ao Manacinga tudo o que lhe mandou pedir com grandes penas áquelles que lhe não obedecessem. Estes enviados passáram pelo Reyno do Agará, aonde as Provisões se publicárão: com o que logo se abalou Cedecão Governador do Reyno, e seu irmão Lususcan com quinze mil cavallos que se apresentárão ao Manacinga, e com a gente que tinha, prefez trinta e sinco mil homens de cavallo, e quasi oitenta mil de pé, de que elles fazem bem pouca conta; e com todos estes se poz em campo, e muitos elefantes castellados, e trezentas carretas de artilheria de campo, e grande somma de munições, e quantidade de mantimentos, com que foi marchando contra os Patanes que o desbaratárão; e quando hia por suas terras, era o Cutulu Rey de Orixá já morto, e os

Pa-

Patanes tinham alevantado por Rey hum ſeu filho menino, que eſtava debaixo de tutoria de dous Capitães chamados Gorabadul, e Cogeaiſa.

Vendo os Patanes o grande poder com que o Manacinga vinha, e que eſtavam odiados, e aborrecidos da gente da terra, que era Gentia, e elles Mouros deſordenados, e tyrannos, havendo que não poderiam eſcapar ſuas mulheres, e filhos das mãos de ſeus inimigos, determinráam-ſe a fazer outro feito ſemelhante ao dos antigos Numantinos, que foi ajuntarem-ſe ſeis mil de cavallo, e pôrem na Cidade de Ialaſor ſuas mulheres, filhos, e fazendas, e dentro em huma ſua meſquita fizeram juramento ſolemne a Mafamede de darem nos inimigos, e os desbaratarem, ou morrerem todos na demanda; e que não os podendo vencer, os que eſcapaſſem da batalha foſſem a Ialaſor, e mataſſem todas as mulheres, e filhos, e queimaſſem as fazendas, por não ir alguma daquellas couſas a mãos de ſeus inimigos. Eſtes juramentados, que eram ſeis mil, ſe repartírão por quatro Capitães famoſos, entre elles chamados Gogeriſa, Meriu, Gorabadul, e do outro não ſoube o nome; e como homens offerecidos á morte (a que na India chamão amoucos) re-

remettêrão huma madrugada com o exercito do inimigo, e entrárão por elle fazendo grande eſtrago; mas no mór furor da batalha fugírão dous dos Capitães, e os outros dous ficáram pelejando até morrerem. Alguns Capitães do Manacinga, quando víram apartar da batalha os dous Patanes, foram-os ſeguindo, e matando nelles á ſua vontade, e aſſim os apertárão, que não pudéram tomar a Cidade Ialaſor pera fazerem em ſuas mulheres, filhos, e fazendas a execução que tinham aſſentado, e foram-ſe deſviando por outros caminhos. O Manacinga depois que matou os que o eſperárão, foi tambem apôs os que lhe fugíram, e chegou á Cidade Ialaſor, aonde entrou vitorioſo; e as gentes de ſua companhia uſáram neſta entrada de ſua má natureza com as pobres mulheres, que ſe lhe não puderam defender. Alli acudíram todos os póvos das Cidades dos Patanes a ſe lançar aos pés do vencedor, e a pedir-lhe miſericordia; e a de que uſou com elles foi torma-lhes todos os ſeus theſouros, e os melhores elefantes, e cavallos que tinham, e lhes deixou alguns ſindeiros; em fim elle os deſpojou de tudo o que lhe pareceo, porque outra vez não tentaſſem maldade; e ainda paſſou tanto adiante, que os deſterrou, e traſpaſſou pera os Reynos

nos do certão do Grão Mogor, onde elle os mandou repartir, e dar comedías, e terras em que vivessem.

CAPITULO V.

De como o Manacinga se apoderou dos Reynos de Patane, e Orixá: e dos principaes braços com que o rio Gange se espalhou por todos aquelles Reynos: e das Gangas que nelle ha.

TOmada pelo Manacinga esta tão grande satisfação dos miseros Patanes pela rebellião que fizeram contra o Grão Mogor, cujos vassallos eram, passou o Manacinga adiante pelos Reynos de Bengala dentro até chegar ao pagode de Lagarnate, que he junto do mar, além da Fortaleza de Catella principal daquelle Reyno, e neste pagode entrou, e o desapossou de todas suas riquezas, que eram muitas: e com elle ser Gentio, não bastou pera ter respeito a seus idolos, e deixar de os roubar, e esbulhar dos thesouros que o pagode tinha. Estes são os effeitos da cubiça, que faz com que se não tenha respeito ao mesmo Deos, e o desconheção os que se deixam entrar della: e mais he isto de estranhar em grandes, e valerosos; pois sendo taes, não sa-

bem ir-ſe á mão, nem reſiſtir a hum mal que tanto os acanha, e abate; o que nos pequenos, e humildes he pelo contrario, porque pouco baſta pera os ſatisfazer, e contentar. E tornando ao fio de noſſa hiſtoria.

Deſpojado o pagode, paſſou-ſe Manacinga á Fortaleza de Barepur, que eſtá entre humas ſerras fragoſas, aonde eſtava Raja Ramacanda filho do Rey de Orixá com tenção de a conquiſtar, e o haver ás mãos, e aſſentou pera iſſo ſobre ella ſeu campo. O Ramacanda vendo tão grande poder, arreceou-o, e mandou-ſe offerecer ao Manacinga por vaſſallo do Grão Mogor com as obrigações, e parcas que foſſem honeſtas, e juſtas; e pera concluirem iſto, tratáram de ſe verem. Sobre o que houve grandes dilações no modo de como ſe haviam de ver, e tratar; porque o Ramacanda era filho de ElRey, e tão opiniatico, que nem naquelle Eſtado queria perder nada de ſua opinião, nem do que cuidava lhe era devido por quem era; e depois de muitos recados, vieram a aſſentar que ſe trataſſem nas viſtas com igualdade, ſem haver differença em couſa alguma, e que as viſtas foſſem no pagode de Lagarnate, onde o Manacinga iria jurar primeiro diante dos ſeus Bramanes de guardar inteiramente o que tinham aſſenta-

do

do nas villas , e o de Ramacanda não receber aggravo , nem eſcandalo algum em ſua peſſoa , Eſtado , nem em vaſſallos , o que o Manacinga fez. E bem pudéra quebrar aquelle juramento , quem havia tão pouco tinha deſpojados os meſmos idolos (diante de quem fazia o voto) de ſuas riquezas , e deſpidos ſeus altares , e levados os ricos vaſos de ouro , e pedraria com que aquelles cegos gentios ſerviam aquellas eſtatuas feiſſimas de pedras , e páos , em que punham ſuas deidades , e a quem davam as honras , e faziam adoração , que ſó a Deos ſe devia.

Recolhido o Manacinga de fazer aquelle juramento pera o ſeu arraial , tanto que o Ramacanda o ſoube , ſem aguardar mais recado , nem pontos de quem ſeria o primeiro , ſahio de ſua Fortaleza com grande acompanhamento , e muito fauſto , e entrou pela tenda de Manacinga , que ſahio muito de preſſa fóra ao receber , e ſe abraçáram igualmente , e aſſentáram-ſe em ricas alcatifas , e almofadas de borcado , e alli praticáram ſobre ſuas couſas ; e depois de as aſſentarem com ſatisfação de ambos , ſe deſpedíram , e Manacinga o foi acompanhando muito eſpaço , e ao voltar o convidou o Ramacanda pera ir jantar com elle á ſua Fortaleza hum dia de huma feſta ,

que vinha perto : o que elle acceitou , e levou eſſe dia comſigo quatrocentos homens todos Gentios, parentes , e amigos ; e depois do banquete , que foi muito eſplendido, deo o Ramacanda ao ſeu hoſpede ſeis mil tangas em dinheiro , que são tres mil cruzados, pera o gaſto de ſua cozinha os dias que alli eſtiveſſe, e dous formoſiſſimos elefantes de guerra , e outras peças. O Manacinga por não ficar acanhado, perguntou depois quanto montavam as rendas das terras que os Patanes lhe tinham dado ; e ſabendo-o , lhe paſſou hum formão em nome do Grão Mogor de mais ſincoenta mil cruzados de renda cada anno nas meſmas terras. Com iſto ſe deſpedíram com moſtras de grande amizade , e o Manacinga repartio as Cidades, e villas do Reyno de Orixá com ſeus filhos, que me affirmáram ſerem perto de quarenta ; e elle ſe foi apoſentar na Cidade de Agepur Patana, onde eſteve muito tempo ; e ainda hoje, que eſcrevemos iſto, he vivo eſte Gentio, e tem de ſua obrigação mais de trinta mil de cavallo , porque tem muitas , e ricas terras ; e he tão grande Capitão , e tem tanta poſſe , que ſe ſuſpeita que o Grão Mogor ſe arrecea delle em ſeu peito.

Em quanto deixamos aqui o Manacinga,

ga, pareceo-nos bem pera recreação dos curiosos dar relação destas Gangas de Bengala (que na nossa linguagem são rios) porque são muitas, e mui diversas; e assim nomearemos as que ha do porto de Goli de Orixá até Batecala.

A Ganga de Goli, que vem do Bouro, não se lhe sabe nascimento; he no verão em algumas partes de pouca agua, vai sahir á Ilha dos Gallos, que he a principal de todas, e o verdadeiro rio Ganges, a quem os Gentios tem tanta veneração, que se vão lavar a elle, e tem pera si que ficam puros, e limpos de suas culpas, e peccados.

A Ganga de Sagor he muito prospera, e reparte-se em muitos braços, de maneira que quasi toda se passa a váo; mas em baixo na barra tem fundo bastante pera entrarem náos.

A Ganga Retora, que vem ao Gate do Tigolo da outra banda, vem o braço ao lugar de Trigor, reparte-se em muitos ramos, e todos em baixo capazes de náos.

A Ganga chamada dos treze bancos, que vai sahir ao mar largo com huma grande boca.

A Ganga Vidadore tambem he grande, e não se lhe sabe nascimento, e sahe ao mar com outra muito grande boca.

A

A Ganga Rey Mogor tão proſpera de aguas por todos os braços, em que ſe reparte, que do Chandecam, que he dalli a muitas leguas, vem náos por dentro até o Bandal de Orixá.

A Ganga Zabona não he muito grande, mas tem muito fundo.

A Ganga Balança.

A Ganga Muruzate, que tem grande barra, que chamam de Boracalor.

A Ganga Rangaſona, que quer dizer ouro, e vermelho, e não me ſouberam dizer porque ſe chama aſſim.

A Ganga de Bixela chamada aſſim por humas embarcações deſte nome, que por ella navegam.

A Ganga Ariganá, que quer dizer Veado, por haver derredor della infinitos.

A Ganga Sape, Raja, he couſa formoſiſſima; e por ſer eſta, lhe chamam Raja, que tanto quer dizer, como Rey das Gangas. Sape quer dizer cobra, ou por haver nella muitas, ou por ir ter ao mar em muitas voltas com tres bocas.

A Ganga Noldil, que vem do lugar de Buſna, que he nos confins do Reyno Batecala; e deſta Ganga até Batecala ha hum grande numero de Ilhas, que ſeus braços vam fazendo, e parece tudo hum mar; e com as aguas vivas arcão-ſe humas,

mas,

mas, e abrem-ſe outras. Em todas eſtas Gangas andam infinitas ſortes de embarcações, e algumas tamanhas como náos, que todas me mandáram de lá pintadas em dous paineis, que são muitas, e muito pera ver a diverſidade de ſeus feitios; eſtas são as Gangas principaes, e que vam ſahir ao mar com barras capazes de náos grandes; porque já por algumas dellas entráram algumas náos de Portugal que cá ficáram, que foram alli carregar de arroz, aonde hum candil, que pela noſſa medida são vinte alqueires, val trezentos reis.

CAPITULO VI.

Do que ſuccedeo na conquiſta da Ilha Ceilão eſte verão: e das grandes vitorias que os noſſos alcançáram do tyranno D. João, que ſe intitulava Rey de Candeá: e da morte de ElRey da Cota D. João Perea Pandar: e de como deixou nomeado por herdeiro do ſeu Reyno a ElRey de Portugal, que logo foi jurado por eſſe.

NA onzena Decada, no tempo de Mathias de Alboquerque, temos continuado com as guerras de Ceilão pelo diſcurſo dos annos; e porque os ſucceſſos fo-

foram muitos, e miudos, não eſcrevemos ſenão os de mais ſubſtancia, porque a hiſtoria não ſoffre tanto. Deixámos o anno paſſado as couſas daquella Ilha nas grandes vitorias que D. Jeronymo de Azevedo, Capitão Geral daquella conquiſta, alcançou do tyranno D. João, intitulado Rey de Candea, nos limites daquelle Reyno, e do Dinavaca. Agora continuaremos com as deſte verão, em que as couſas ficáram no Forte de Corvite, que D. Jeronymo de Azevedo mandou fazer ſeis leguas de Ceitavaca no fim de Fevereiro paſſado, em que ficou por Capitão Salvador Pereira da Silva com cem homens, e as provisões de munições, e mantimentos que lhe parecêram neceſſarios. Feito eſte Forte, deſpedio o Geral a ſoldadeſca Portugueza, e da terra, pera irem deſcançar, pera depois com novo alento, e forças tornarem a proſeguir naquella guerra. Diſto foi logo o tyranno D. João aviſado, e communicando com os mais alevantados, que o ſeguiam ſobre a ſatisfação que tomariam dos noſſos de quantos damnos lhe tinham feito; porque ſe ſe deſcuidaſſem, eſtava certo pôrem-lhe hum pezado jugo a toda aquella Ilha; e aſſentou que o Rey de Vuá ſe ajuntaſſe com os Principes de Dinavaca, o que elles logo fizeram com quaſi quatro

mil

mil homens, muita efpingardaria, e elefantes de peleja, e foram affentar feu campo quatro leguas do noffo Forte de Corvite, com tenção de o affaltarem, por eftar com pouca guarnição; e dalli mandáram dous mil homens da fua vanguarda, pera que fe foffem pôr duas leguas daquelle Forte, fem bolirem comfigo; porque pertendiam primeiro fazer rebelar toda aquella Comarca, que eftava á noffa obediencia, pera affim lhes ficar mais facil a conquifta, e entrada daquelle Forte. E com ifto intentáram tambem divertir o Geral pela fronteria das quatro Corlas, pera não poder foccorrer os de Corvite; e pera aquella parte fe abalou o tyranno D. João com todo o mais poder; porque occupados os noffos por tantas partes, pudeffem elles effeituar feus intentos. De tudo ifto foi logo o Capitão Geral avifado por efpias, que trazia perto do tyranno.

Pelo que com muita preffa mandou ajuntar toda a gente de guerra branca, e preta, com que fe poz em campo; e fabendo que o tyranno defpedíra huma copia de gente pera ir a faltar a noffa tranqueira de Ruanella, e inquietar os vaffallos daquella parte, defpedio Antonio da Cofta por Capitão Mór da parte da gente da terra, com ordem, que fendo-lhe neceffario

mais

mais gente, a tiraſſe dos preſidios de Ceitavaca, e outros que boamente pudeſſe deſmembrar delles com ſegurança ſua. Com eſta gente foi dando volta pelas quatro Corlas, com que os inimigos que o tyranno tinha mandado pera aquella parte ſe retiráram logo; e vindo recado ao Geral que os inimigos ſe hiam vizinhando ao Forte de Corvite, deſpedio a mór parte do arraial, pera que o foſſe ſoccorrer, deixando ſó hum Modeliar com quinhentos laſcarins pera guarda das fronteiras das ſete Corlas; e mandou ordem a Salvador Pereira, que eſtava no Forte de Corvite, que ſem ſe deter ſahiſſe delle, e foſſe aſſaltar o arraial do inimigo com o mór reſguardo, e ſegredo que pudeſſe; o que elle logo fez em lhe chegando a gente, e de noite foi por caminhos excuſos, por matos, e brenhas até chegar á parte, onde eſtava a vanguarda dos inimigos, bem deſcuidados todos de tal ſobreſalto. E primeiro foram desbaratados, e mortos a mór parte delles, que ſoubeſſem o que era; e poſtos os que eſcapáram em fugida, lhes ſeguio Salvador Pereira o alcance com tanta preſſa, que quaſi de envolta com elles chegáram á retaguarda, em que deram com tanto impeto, e furia, que logo lhes entráram o arraial dentro, aonde os deſba-

baratáram com morte de muitos, em que entráram os principaes Modeliares, e dous formoſos elefantes tomados com muitas armas, bandeiras, e outros deſpojos; e affirma-ſe morrerem dos inimigos neſtes aſſaltos mais de mil, e muitos que ficáram cativos, ſalvando-ſe os principaes de Maturé, e Dinavaca com a eſcuridão da noite. Foi eſta vitoria tão famoſa, e poz tanto eſpanto nos Chingalás, que ficáram pondo a Salvador Pereira o ſobrenome de Corvite Capitão: dos noſſos Laſcarins morrêram alguns, e hum Modeliar mancebo chamado D. Franciſquinho, que pelejou muito bem. Ao outro dia mandou Salvador Pereira pôr por terra todos os Fortes dos inimigos, e recolheo-ſe a Corvite, ficando eſta vitoria (como já diſſemos) entre os Chingalás com grande nome, e fama.

Vendo D. Jeronymo de Azevedo quão quebrantados os inimigos ficavam, mandou fazer huma tranqueira da outra parte do rio Sofragão no lugar chamado Batugedrá, por ſer mais accommodado pera aſſaltar, e quebrantar o inimigo, com o que elle ſe vio tão abatido, e deſeſperado de ſeus penſamentos, que logo ſe recolheo a Candea, e o Forte ſe desfez. O que os noſſos fizeram, eſtava vinte leguas de Columbo pela terra dentro em meio de todas

as

as dos inimigos, com elles ficaram muito opprimidos. Succedeo isto este inverno em que andamos noventa e sete.

No mesmo tempo aos vinte e sete, ou vinte oito do mez de Maio do mesmo anno faleceo ElRey D. João Perea Pandar, Senhor de toda a Ilha de Ceilão, a quem se fez o mais honrado enterramento que a terra podia dar de si; e logo o Capitão Geral D. Jeronymo de Azevedo mandou chamar a Columbo todos os Fidalgos da casa daquelle Rey, Modeliares, e pessoas principaes, e aos vinte e nove de Maio se ajuntáram todos, estando presente Thomé de Sousa de Arronches, Capitão daquella Fortaleza, Vereadores, Officiaes da Camara, Ouvidor, e Prelados de S. Francisco; e sendo todos presentes, lhes mandou dizer pelo Ouvidor João Homem da Costa, que bem sabiam todos como ElRey D. João Perea Pandar, Senhor de toda aquella Ilha, deixára em seu testamento nomeado por herdeiro de todos os seus Reynos a ElRey de Portugal, por não lhe ficar outro algum que de direito lhe houvesse de succeder naquella coroa; e que por quanto alli estavam todos, assim nobres, como o povo, Fidalgos, e Modeliares principaes, que elegessem entre si as pessoas que quizessem pera em nome de todos jurarem ao dito Se-

Senhor por Rey, por não poder ſer fazerem todos o dito juramento. E logo por elles foram nomeadas as peſſoas ſeguintes: D. Antão, D. Conſtantino, D. Jorge, D. João, D. Pedro Homem Pereira; Fidalgos da caſa do Rey morto, Belchior Botelho Modeliar, Domingos da Coſta Arache, e Thomé Rodrigues Patangatim, que todos, e cada hum por ſi poſtos de joelhos ao redor de huma meza com as mãos poſtas ſobre hum Miſſal fizeram o juramento ſeguinte.

» Nós D. Antão, D. Conſtantino, D. Jor-
» ge, D. João, D. Pedro Homem Pereira,
» Belchior Botelho, Domingos da Coſta, e
» Thomé Rodrigues juramos a eſtes Santos
» Evangelhos, em que pomos noſſas mãos,
» por nós, e em nome de todo eſte povo de
» reconhecermos a ElRey de Portugal, que
» aſſim neſte preſente acto alevantamos, e
» juramos por noſſo Rey, e Senhor, por
» quanto D. João Perea Pandar, que Deos
» tem no Ceo, noſſo Rey natural, o deixára
» por ſeu univerſal herdeiro, por não ter ou-
» tro que de direito haja, e poſſa herdar ſua
» Coroa, e Reynos. Pelo que juramos outra
» vez aos Santos Evangelhos, em que temos
» noſſas mãos, e promettemos de lhe guar-
» dar fé, e lealdade, e de lhe obedecer, e
» dar vaſſallagem aſſim a elle, como a ſeus
ſuc-

» successores que ao diante lhe succederem,
» ou a seus Viso-Reys, Governadores, ou
» Capitães, que em seu lugar assistirem
» nestes Reynos de Ceilão, como até aqui
» fizemos a ElRey D. João Perea Pandar,
» que Deos tem em gloria, nosso Rey na-
» tural que foi: e assim promettemos de o
» guardar, e cumprir, como em outra qual
» quer parte de seus Reynos, e Senhorios:
» o que juramos hoje as cousas assima, as-
» sim, e da maneira que são declaradas: o
» que tornamos a jurar outra vez, e outras
» muitas vezes aos Santos Evangelhos, e
» promettemos de inteiramente as guardar
» assim por nós, como em nome deste povo.»

Acabado este juramento, tomou o Capitão Geral em suas mãos a bandeira Real das Armas de Portugal, e a entregou a D. Antão; e logo o Capitão Geral, e o Capitão da Cidade, e todo o mais povo foram por todas as ruas principaes com a bandeira alevantada; e nos lugares deputados alevantou o D. Antão a voz, dizendo: *Real, Real, Real pelo muito Poderoso Senhor ElRey de Portugal*; ao que todos respondiam: *Real, Real, Real*; e acabada esta ceremonia, se fez hum auto deste juramento por Manoel Correa da Costa, Tabellião público das notas no livro dellas, em que se assignáram todas as pessoas nomea-

meadas; e o traslado do Auto tenho eu na Torre do Tombo, no livro dos Contratos, e Pazes a folhas 143. donde o trasladei aqui; e logo dalli por diante foi ElRey de Portugal obedecido, e conhecido por Rey dos Reynos, que D. João Perea Pandar poſſuia.

CAPITULO VII.

Das eleições que o Conde Almirante fez de Capitães: e das Armadas que ordenou: e das novas que lhe vieram de Moçambique, de como eram paſſadas pera a India duas náos Hollandezas: e do que ſobre iſſo fez: e da Armada que veio do Reyno, de que era Capitão mór D. Affonſo de Noronha: toca-ſe a cauſa das differenças que houve entre o Conde, e Mathias de Alboquerque.

ESte inverno paſſou o Conde Almirante em prover em muitas couſas que lhe parecêram neceſſarias, aſſim pera o provimento dos armazens, como das Armadas que havia de mandar pera fóra; e vindo o dia de S. João, feſtejou-o com carreiras, veſtidos todos á Mouriſca, como he coſtume na India, como tambem fez o de Sant-Iago, que ambos eſtes dias são mui feſteja-

jados dos Viſo-Reys ; e logo paſſado eſte de Sant-Iago, fez as eleições pera as Armadas, D. Luiz da Gama ſeu Irmão em Capitão mór do mar da India, e coſta do Malavar, por ſer coſtume nomear-ſe neſte tempo: eſta eleição foi murmurada, como ordinariamente o são todas as couſas que os Viſo-Reys fazem; e então o são mais, quando ha pertençores ás couſas de que ſe murmura, parecendo aos que o fazem que eſtivera nelles melhor o que ſe dá a outrem, iſto he muito antigo na India; ſenão que ha niſto outro mal, que eu tenho por maior, que he louvarem eſtes taes aos Viſo-Reys na preſença as eleições que fazem, e por detrás deſapprovarem-nas: e praza a Deos que não aconteça iſto aos que nos Conſelhos votão nellas, aonde alguns o fazem mais pelas inclinações que ſentem nos Viſo-Reys, que pelo que lhes parece juſtiça, e ſerviço de ElRey: e cuido que ſempre ſerá aſſim; porque os mais dos do Conſelho tem pertenções, huns de deſpachos pera entrarem em ſuas Fortalezas, e outros que ſahíram dellas pera o livramento de ſuas reſidencias. E aſſim vimos muitos virem dellas com culpas mui exorbitantes, e livrarem-ſe facilliſſimamente, e porem-lhes em ſuas ſentenças que mereciam fazerem-lhes mercês, e aſſim as requerem,

co-

como se lhe devesse ElRey fazer-lhas, e fazem-lhas: e esta he a justiça da India, porque estes alcançam cá o que querem com trocarem os votos, e lá ganham as vontades; e queira Deos que não sejam alguns com modos que calo: fallo com esta liberdade, porque sou velho, e não particularizo ninguem; e se por isto me não fizerem mercês, não no terei por novidade, e contentar-me-hei com me lembrar que nunca as tive nem com me calar; e deixando estas cousas, em que havia bem que dizer, tornemos ao de que tratava, e digo que com pouco fundamento se murmurou da eleição que o Conde fez de D. Luiz da Gama seu irmão, porque era hum Fidalgo, que já tinha andado na India, e servido a ElRey, e estava despachado com a Fortaleza de Ormuz, e ser de trinta annos de idade, e rico, e estes são os homens mais aptos pera o serviço de ElRey.

Nestas cousas, e noutras semelhantes se foi passando o inverno até dezenove de Agosto, em que lhe chegou hum Galeoto de Moçambique, em que vinha Gaspar Palha Capitão da náo Rosairo da companhia de João de Saldanha, Capitão mór da Armada do anno passado de noventa e seis, que indo pera o Reyno (como já disse na onzena Decada) arribou a Mo-

çambique, aonde se perdeo, e se desfez a náo. Este Capitão trazia cartas de Nuno da Cunha, Capitão daquella Fortaleza, em que lhe fazia a saber, que em Julho passado estiveram duas náos Hollandezas no porto de Titangone, sinco leguas de Moçambique, pouco mais, ou menos, fazendo aguada, e que lhe parecia que hiam na derrota da Sunda. Com estas novas se alvoroçou o Conde, e toda a Cidade por ser cousa nova, e nunca estas gentes terem passado a estas partes; e logo chamou o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, e todos os Capitães velhos a conselho, e lhes mostrou a carta, propondo-lhes que se aquellas náos hiam pera onde se dizia, que poderiam fazer muito damno á nossa Fortaleza de Malaca em perturbar os vizinhos contra ella, e damnar o commercio daquellas partes, que era o mais grosso da India, e tomarem as náos da China, e Japão, em que sempre vinham mais de dous milhões de ouro de todos os moradores das Cidades da India: que elle estava muito prestes pera fazer tudo o que se votasse naquelle conselho, porque pera isso tinha muito dinheiro, Galeões, Galés, Fustas, artilheria, e tudo mais que fosse necessario; e sobre tudo muito animo, zelo, e vontade pera acudir ao que fosse serviço de El-Rey;

Rey; porque elle não vinha á India a descançar, senão a defendella, e dilatalla, como o fizeram seus antepassados: que lhes pedia lhe dessem seus pareceres por escrito, pera que mais livremente pudessem dizer o que entendessem que cumpria ao serviço de Deos, e d'ElRey, porque com elles lhes havia de dar razão de si. Sobre esta proposição lhe trouxeram ao outro dia todos seus pareceres por escrito, e nelles concordáram os mais em que se mandassem dous Galeões, tres Galés, e dez Fustas com quinhentos homens, que era Armada bastante pera segurar aquellas partes, e buscar as náos Hollandezas, e dar guarda ás da China, e de outras partes.

Com este assento que se tomou se passou o Conde Almirante pera a ribeira grande das Armadas, por não haver então Veador da fazenda; porque Vicencio de Bune, que servíra aquelle cargo por ordem de Mathias de Alboquerque, se tinha ido pera o Reyno o Janeiro passado de noventa e sete, por saber que vinha o Conde Almirante, que não quiz prover aquelle cargo, porque dizia que o queria servir, e assim foi correndo com elle; mas tanto que se mudou pera a ribeira, o encarregou a D. Francisco de Noronha pera o servir, em quanto durasse aquella occasião das Ar-

madas; e a ſeu irmão D. Luiz da Gama encommendou os armazens da artilheria, e munições; e a D. Antonio de Lima, que eſtava deſpachado com a Capitanía de Ormuz, os armazens dos mantimentos com Proviſões pera todos os Officiaes da fazenda lhe obedecerem como a ſua peſſoa, e pera por ſeus eſcritos raſos darem tudo o que foſſe neceſſario pera aquella Armada.

E logo entrou na eleição do Capitão Mór della, que foi Lourenço de Brito, por ſer Fidalgo velho, de muita experiencia, e que tinha ſervido muitos annos na India de Capitão, e Capitão Mór das Armadas, e havia já ſido Capitão de Çofala; e pelo tirarem antes de acabar o tempo, o proveo ElRey de outros tres annos, e homem que muitos tinham pera ſi eſtar na primeira ſucceſsão da governança da India. Eſte Fidalgo começou a correr com o apreſtamento de ſua Armada; e o Conde Viſo-Rey não deſcançou até a pôr na barra, e pagou aos ſoldados a tres quarteis, e ajuntou marinheiros pera todas as vaſilhas com pagas avantajadas; e tanta preſſa ſe deo a tudo, que logo poz toda a Armada na barra, que eram os dous Galeões que diſſemos, hum em que hia o Capitão Mór, e no outro Antonio Pereira Coutinho, filho de Jorge Pereira Coutinho, que foi

Ca-

Capitão de Chaul. As Galés eram duas, de que hia por Capitão de huma D. Luiz de Noronha, filho do Conde de Linhares D. Francisco de Noronha, e irmão de D. Fernando de Noronha Conde de Linhares, que foi Veador da fazenda, que tinha vindo do Reyno o anno de 95. e levava Provisão de Almirante da Armada; e da outra D. Jeronymo de Noronha, filho de D. Antonio de Menezes. A outra Galé pera perfazer o numero das tres, havia de tomar em Malaca, de que o anno passado tinha ido por Capitão Ruy Dias de Aguiar Coutinho. As fustas eram nove, de que foram por Capitães D. Francisco Henriques, que hoje está servindo a Capitanía de Malaca; Estevão Teixeira de Macedo, que hoje he Capitão da Fortaleza de Moçambique; Affonso Telles de Menezes, filho de Francisco da Silva de Menezes; Nicoláo Pereira de Miranda, filho de Henrique Henriques de Miranda, Camareiro Mór que foi do Cardeal D. Henrique, em quanto Cardeal; e depois de Rey foi Estribeiro Mór, Luiz Lopes de Sousa: Jeronymo Botelho, despachado com a Capitanía de Malaca, morreo em companhia do Viso-Rey D. Martim Affonso de Castro; Jorge de Lima Barreto, D. Diogo Lobo, filho de D. Rodrigo Lobo, João de Seixas.

Es-

Esta Armada partio da barra de Goa pera Sunda a vinte e quatro de Setembro. Neste tempo chegou á barra a náo N. Senhora de Guadalupe, em que o Conde Almirante tinha vindo, que invernou em Bombaim, que logo se começou a negociar pera Mathias de Alboquerque se ir nella pera o Reyno.

E aos vinte e seis de Setembro chegou a Armada, que tinha partido de Lisboa, de que vinha por Capitão Mór D. Affonso de Noronha, neto do outro D. Affonso de Noronha, irmão do Marquez de Villa Real, que foi Viso-Rey da India, que ao presente está por Capitão em Tangere, que não trouxe mais que tres náos. A Castello, em que elle vinha, e S. João, de que era Capitão Jorge da Silveira, e S. Martinho, em que veio Christovão de Siqueira. Trouxeram estas náos boas novas da saude de ElRey, e do Principe, que o Conde festejou bem.

E porque os soldados que vieram do Reyno começáram de andar desagazalhados, e padecer necessidades, lhes ordenou o Conde Viso-Rey mezas até se embarcarem nas Armadas (que este he hum dos maiores serviços de Deos, e de ElRey que se póde fazer) no que alguns Viso-Reys foram tão descuidados, e não sei se di-

diga deshumanos, que com verem andar os pobres homens deſpidos, e pedindo eſmola, não ſe compadecêram delles. E aſſim morrêram muitos ao deſamparo com grande eſcandalo dos Mouros, e Gentios, por cujas portas andavam pedindo eſmola. Deixemos eſta materia, que he de grande eſcandalo, e em que não vejo emenda, e tornemos ao Conde Almirante, que deſpedio logo o cabedal das náos a Chocim pera terem preparada a carga pera tres, em que entrava a em que havia de ir Mathias de Alboquerque, porque a de D. Affonſo havia de carregar em Goa, donde havia de partir, e pera ella ſe mandou fazer pimenta ás Fortalezas do Canará, que he a melhor de todas as que ha na India.

E porque (como algumas vezes tenho dito) não faltam na India mechedores, e eſpertadores de odios entre os Viſo-Reys que acabam, e os que entram de novo, o meſmo aconteceo a eſtes, que vieram a quebrar; e a principal occaſião das quebras foi eſcrever ElRey á Camara da Cidade de Goa, que elle tinha mandado ao Conde Almirante que déſſe ſatisfação pública aos aggravos que Mathias de Alboquerque fizera a Antonio Giralte. E primeiro que o Conde Viſo-Rey executaſſe o que lhe ElRey mandava, teve com elle

ſa-

satisfação pelo Padre Fr. Jeronymo do Espirito Santo, Custodio Commissario Geral da Ordem de S. Francisco, e depois pelo Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes. E ultimamente communicou na Ralação aos Desembargadores a ordem de ElRey, e assentáram que o Licenciado Ruy Machado Barbosa, Ouvidor geral do Civel, fizesse a execução; e porque Mathias de Alboquerque mandou dizer ao Viso-Rey ser-lhe aquelle homem suspeito, sem esperar o recusasse na fórma da Lei, nomeou o Conde Viso-Rey o Licenciado Diogo Ciado Rijo, a quem deo ordem, que não fizesse execução em nenhuma das cousas que estivessem das portas a dentro de Mathias de Alboquerque, que era o mór respeito que se lhe podia guardar.

Feita esta diligencia, tratou o Conde da Armada, que havia de mandar ao Malavar, em que hia por Capitão Mór D. Luiz da Gama seu irmão; e da do Norte pera quem escolheo pera Capitão Mór Luiz da Silva, irmão do Regedor Diogo da Silva, que estava despachado com a Capitanía de Malaca; e porque faltavam navios de remo, por Lourenço de Brito haver de levar os que se preparavam, quando foi quinze de Setembro, despedio D. Rafael de Noronha por Capitão mór de dez navios pera ir ás

For-

Fortalezas do Norte buſcar os novos que lá tinha mandado fazer no inverno ; e os Capitães que o acompanháram, foram: D. Manoel da Silveira, filho natural de D. Martinho da Silveira, Capitão que foi de Dio ; D. Alvaro de Taíde, filho de D. João de Taíde; D. Luiz Lobo, D. Franciſco de Soto Maior, Antonio Furtado de Mendoça, Ruy de Souſa de Larcão, e Lourenço de Aguiar, e outros a que não achei os nomes. E em quanto eſtes navios foram buſcar os mais, ficou o Conde apercebendo as Galés que ſeu irmão havia de levar, que eram quatro, e em nomear Capitães, de que ſempre fez muito boa eleição, e em deſpachar hum Galeão pera Ceilão, de que foi por Capitão Ruy da Coſta Travaços com ſoldados, munições, e dinheiro pera aquella conquiſta. E deſpachou tambem Gonſalo de Tavares pera ir entrar na Capitanía de Dio, por acabar ſeu tempo Sebaſtião de Souſa que nella eſtava; e a vinte e quatro de Setembro fez á véla toda a Armada de Lourenço de Brito, de quem adiante trataremos.

As náos Hollandezas, de que Nuno da Cunha aviſou ao Conde, tanto que fizeram aguada em Titangone, deram véla, e vieram haver viſta da coſta da India de Goa pera baixo, e foram correndo o Malavar

até

até o cabo Comorim, aonde encontráram algumas náos de mercadores, que tinham partido de Goa pera Bengala a carregar de arroz, que tomáram, e escorcháram, levando-lhe muito dinheiro que hia nellas pera a carga: huma dellas me lembra que era de Diogo Catella, casado em Goa, que depois largáram com os mais Portuguezes, e ainda os provêram de algumas cousas, e dalli se fizeram na volta de Malacá, a cuja costa chegáram como adiante se verá.

CAPITULO VIII.

Como Gonsalo de Tavares Capitão de Dio mandou Simão de Abreu com dous navios á costa de Cache: e do encontro que teve com oito Paraos de Malavares, onde os nossos foram mortos, e desbaratados: e das mais cousas em que o Conde Almirante proveo.

TAnto que Gonsalo de Tavares tomou posse da Capitanía de Dio, logo em Outubro despedio duas Fustas, muito bem negociadas, de que foi por Capitão mór Simão de Abreu de Mello, pera ir dando guarda a alguns navios de mercadores, que hiam pera a costa de Jaquete por causa dos Sanganes, que por alli andavam a roubar.

Es-

Eſte Capitão, depois de deixar os mercadores em portos ſeguros, deixou-ſe andar por aquella paragem ás prezas, e nella encontrou com oito Paraos de Malavares, que hiam eſperar as náos que haviam de vir de Ormuz, e os navios do Sinde, que naquelle tempo coſtumam a vir pera as náos do Reyno carregados de roupas muito finas. Tanto que os Malavares houveram viſta dos noſſos navios, logo os foram commetter quatro a cada hum, e os inveſtíram dous por cada bordo; e poſto que acháram em os noſſos mui grande reſiſtencia, entráram-nos todavia, e dentro nos navios tiveram huma muito aſpera batalha, que durou muitas horas, em que os Portuguezes fizeram em defensão de ſuas vidas couſas muito grandes, e mui notaveis cavallarias, principalmente o Simão de Abreu, que era hum valeroſo ſoldado. Mas como o numero era tão deſigual, aſſim da gente, como o dos navios, foram todos os noſſos mortos de muitas, e grandes feridas: não ſe ficáram os Malavares louvando, e gloriando da victoria, porque lhes matáram mais de 150. Mouros, e quaſi todos os mais ficáram muito feridos, e maltratados.

Eſtas novas chegáram logo a Dio, e em poucos dias a Goa, porque eſta he a

na-

natureza das más, correrem com muita pressa; e dando-se ao Conde, que as sentio bem, despedio logo D. Alvaro de Menezes por Capitão Mór de sete navios, dos que estavam mais a ponto pera a Armada do Malavar com regimento que désse huma volta ao Norte, e trabalhasse muito por haver falla daquelles cossarios, e os fosse buscar onde quer que estivessem. E logo dahi a poucos dias despedio o Capitão Mór da costa do Malavar, pera que fosse esperar estes navios aos Ilhéos de Santa Maria, aonde costumam ir demandar, porque estava certo, tendo aviso dos navios de D. Alvaro de Menezes, voltarem logo pera o Malavar, e irem demandar aquella paragem, onde não podiam escapar. Esta Armada se fez á véla em treze de Novembro com as quatro Galés, de que, a fóra o Capitão Mór, eram Capitães D. Diogo Coutinho, que levava Provisão de Capitão Mór do cabo de Çomorim, D. Vasco da Gama, filho de D. Francisco de Portugal, e Diogo de Mello, filho de Francisco de Mello, d'alcunha o Roncador, filho de Tristão de Mello, irmão do Abbade de Pombeiro.

Nestas Galés hiam muitos Fidalgos por soldados, e dos que nos lembram são os seguintes. Na Galé do Capitão Mór, D. Balthazar, D. Manoel, e D. Antonio de Cas-

Caſtro, todos irmãos; D. Duarte Anriques, e D. Lopo ſeu irmão, Antonio Sobrinho de Azevedo, Miguel, Gaſpar, e Gomes Freire irmãos, D. Jorge de Caſtro, Gaſpar Tibao, Sebaſtião de Brito Falcão, Chriſtovão Rabello, Lourenço Guedes, filho de Pero Guedes, Triſtão, e Luiz Fernandes de Taíde irmãos, filhos de Nuno Fernandes de Taíde, Manoel de Oliveira de Azevedo, Ruy Mendes de Vaſconcellos, Domingos de Caſtilho, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Trajano Rodrigues, Antonio Botelho de Azevedo, Franciſco Sodré, Gonſalo Vas de Caſtello-Branco, Baſilio Taveira, D. Diogo Pereira, D. Manoel Maſcarenhas, D. Lopo de Almeida, Luiz de Antas Lobo, Diogo Botelho, Alvaro Teixeira Lobo, Pero Peixoto da Silva, Franciſco Homem, e outros muitos Fidalgos, que não viviam com ElRey, e muitos Cavalleiros, e ſoldados muito honrados: na Galé de D. Diogo Coutinho, D. Bernardo de Noronha, e D. Manoel de Noronha ſeu irmão, D. Alvaro da Coſta, D. Conſtantino de Menezes, Simão de Mello, Luiz Freire de Andrade, Franciſco de Souſa, Manoel Coutinho Pereira, André da Silva, Luiz da Gama, Gonſalo de Macedo, Sebaſtião Correa da Cunha, Martim da Cunha de Sá, Ruy Brandão, e Fernão

Bran-

Brandão irmãos, Gonſalo Falcão, filho de Aires Falcão, D. Gaſpar de Noronha, D. Jorge de Noronha, e Lourenço de Carvalho: eſtes tres me não lembra com quem hiam embarcados, nem de outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros principaes, que hiam eſpalhados por todos os navios, de maneira que hiam neſta Armada todos os appellidos do Reyno, e a mais luſtroſa ſoldadeſca da India.

Os navios de remo eram trinta e tres, cujos Capitães eram os ſeguintes. D. Manoel da Silveira, D. Alvaro de Tayde, Simão Ranjel de Caſtello-Branco, D. Rafael de Noronha, D. Luiz Lobo, filho de D. Diogo Lobo, D. Franciſco de Soto Maior, Antonio Furtado de Mendoça, Lourenço de Aguiar Coutinho, Manoel de Bendanha, D. Pedro Maſcarenhas, filho natural de D. Franciſco Maſcarenhas o Palha, que foi Capitão de Ormuz, D. Alvaro de Menezes, Jorge da Cunha, D. Lourenço da Cunha, Fernão Ortis de Tavora, Martim Gomes de Carvalho, Diogo de Miranda, filho de Manoel de Miranda, que foi Capitão de Dio, Franciſco de Mendoça, D. Chriſtovão de Noronha Villa Verde, D. Filippe de Souſa, Vaſco Gomes de Mello, Chriſtovão de Brito, D. Pedro de Noronha, Manoel de Barbuda, Antonio de Mi-

Miranda, Duarte Brandão de Lima, Manoel de Sousa, e outros a que não achei os nomes: nesta Armada foram mais de mil homens.

Poucos dias depois despedio o Conde Almirante a Luiz da Silva Capitão Mór do Norte com dez navios, os melhor petrechados, e da melhor soldadesca que se víram ha muitos annos naquella costa, de que eram Capitães D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór D. João de Menezes, Paulo Machado de Azevedo, Ruy Pereira, Ruy de Sousa de Larcão, Manoel de Cabedo, Gonsalo de Caldas, e Pero de Bendanha, e outros a que não soube o nome.

Depois destas Armadas partidas, chegou a Goa huma Zavra, que vinha de Ormuz sem trazer dinheiro, que o Conde esperava nella; mas trouxe novas de ser falecido Antonio de Azevedo, Capitão daquella Fortaleza. Pelo que o Conde despachou logo D. Antonio de Lima pera ir entrar nella; e nesta Zavra vieram cartas de ElRey por terra, em que dizia ao Conde, que se Antonio Giralte fosse ido pera o Reyno, ou fosse falecido, fizesse Veador da fazenda hum Fidalgo de idade, e experiencia, em que coubesse bem a serventia daquelle cargo, que foi a razão por

que

que o Conde fez Garcia de Mello, por concorrerem nelle as partes necessarias.

Os Paraos que tomáram os navios de Simão de Abreu de Mello fizeram por aquella costa mais algumas prezas, e o mais grosso, e importante dellas mettêram em hum dos navios, e despedíram-no pera o Malavar; e indo demandar a terra na paragem de Barcelor, encontráram huns navios de mercadores Portuguezes, que vinham de Cochim, e por cabeça delles hum Alvaro Rodrigues Negrão; e vendo o Parao, endireitáram com elle, e investíram-no, e tomáram-no com todo o recheio que trazia, porque os Mouros que vinham nelle se lançáram todos ao mar, e não tratáram de mais, que de salvarem as vidas. E com este navio por poppa entráram os nossos em Goa, que o Conde estimou muito, por se os Mouros não ficarem logrando daquellas prezas.

Tanto que o Conde acabou de escrever pera o Reyno, despedio as vias de cartas, papeis, e despachos pera Cochim, e ficou provendo nas mais cousas, que lhe parecêram necessarias, principalmente nas que pertenciam ao accrescentamento da fazenda Real, porque achou nella algumas desordens, e gastos superfluos, e desneccessarios, e entre ellas mandou suspender os Almo-

xa-

xarifes da artilheria, e munições que havia em todas as Fortalezas, por lhe parecerem desnecessarios, e que comiam os ordenados debalde, e passou Provisões pera os Feitores das Fortalezas servirem tambem aquelles cargos, e terem cuidado daquellas cousas, que eram fazenda de ElRey, e por isso lhes accrescentou mais quinze mil reis de ordenado; porque a fazenda de ElRey pera crescer ha de andar por poucas mãos, e quanto menos forem os Officiaes, tanto ella irá em mór crescimento. E esta he a razão que ElRey teve pera mandar muitas vezes, que não houvesse nas Fortalezas Veadores da fazenda, nem Provedores della, porque sempre são mais os gastos, e despezas que nellas fazem, que os proveitos que resultão de os haver: isto não quizeram os Viso-Reys nunca guardar por cousas que calo. E porque tambem o Conde foi informado, que as obras da fortificação da Cidade de Baçaim corriam muito devagar, estando applicado pera ellas dinheiro bastante, quiz prover nisso com muita pressa, pera o que fez Superintendente dellas a hum Fidalgo chamado Aires da Silva de Mello, que então era Vereador naquella Cidade, por ser pessoa de muita diligencia, e confiança, e deo-lhe poderes sobre os Officiaes, com que os muros daquella Cidade foram crescendo a olho.

CAPITULO IX.

Do que succedeo á Armada do Malavar: e do que o Capitão Geral tratou com ElRey de Cananor, e Çamorim, de que avisou ao Conde: e do que sobre isso assentou em Conselho: e de como a náo, em que Mathias de Alboquerque havia de ir, se queimou na barra de Cochim.

PArtido D. Luiz da Gama de Goa com toda sua Armada junta, foi visitando as Fortalezas do Canará, e provendo-as de todo o necessario; e chegando a Cananor, tratou com aquelle Rey algumas cousas importantes ao Estado, sobre o que achou alguns inconvenientes a lhe conceder quatro cartazes pera Meca, em que ElRey insistio muito, e lhe deo os mais que lhe pedio pera seus pagueis, respondendo a ElRey, que daria conta ao Conde Viso-Rey sobre o negocio dos cartazes, e que o que elle ordenasse, e assentasse, isso se faria: e nos cartazes que lhe concedeo dos pagueis achou tambem difficuldades nos moradores daquella Fortaleza; e passando por ellas, lhos concedeo por arrecear, que ficando os Mouros descontentes, se passassem muitos delles ao Cunhale, e o ajudassem na guer-

guerra contra o Camorim, e o Estado, porque esperava dos bons intentos com que o Camorim estava, segundo o informáram, de se effeituar aquella empreza com muita honra. E dalli avisou ao Viso-Rey de tudo o que tinha feito, e passou a Calecut, onde surgio, e mandou tratar sobre a guerra, que se havia de fazer ao Cunhale até derribar aquella Fortaleza, como estava obrigado pelos contratos das Pazes, que D. Alvaro de Abranches o verão passado fizera com elle; e assim lhe mandou pedir que entregasse todos os navios de cossairos que houvesse em seus portos, ou os inhabilitasse pera poderem sahir a roubar, e todas as mais cousas, a que não tinha dado execução, como estava obrigado, e tinha jurado nas Pazes.

A isto respondeo o Camorim, que elle não podia effeituar o negocio de Cunhale sem o Viso-Rey lhe dar trinta mil patacões pera as despezas daquella guerra, sem embargo de lhe não estarem promettidos no contrato, e que lhe mandasse algumas Companhias de Portuguezes pera o assalto daquella Fortaleza, porque os Naires não sabiam daquelle mister, e que daria a isso todos os refens, e seguranças que lhe pedissem, e que se obrigava a dar pera o Estado ametade de tudo o que se tomasse

na escala da Fortaleza, assim de thesouros, como de artilheria, navios, e mais cousas, affirmando que tudo o que pedia lhe promettêra D. Alvaro de Abranches de palavra.

Vendo o Capitão Mór que o Çamorim innovava muitas cousas fóra das que estavam nos contratos, entendeo que tudo eram dilações do Çamorim pera o entreter, porque estava já arrependido do que promettêra; e não concluindo em cousa alguma, escreveo ao Conde Viso-Rey tudo o que era passado, e o que imaginava daquelle negocio, pera que o avisasse do que devia fazer.

Com estas cartas ajuntou o Conde Conselho, e nelle as mandou ler, e de palavra lhes propoz outras cousas, como se em caso que fosse necessario fazer guerra ao Çamorim por quebrantador dos contratos, se seria licito fazer-se tambem a Cananor por razão do Estado, por se não proverem o Çamorim, e Cunhale por seus rios, como sempre costumáram. Sobre isto pedio a todos votassem livremente o que fosse mais serviço de ElRey; e debatido entre todos aquelle negocio, assentáram de commum parecer, que quanto ao dinheiro que o Çamorim pedia, não havia pera que tratar disso, ainda que com elle se comprasse a paz, se ella não havia de redun-

dar

dar na deſtruição de Cunhale, que era o que ſe pertendia, do que todos duvidavam havello o Çamorim de fazer pelo muito que intereſſava nas prezas, que os coſſairos que ſahiam dos portos de Cunhale faziam em todo o mar. Que pois o Çamorim faltava com o que promettêra, ſe lhe fizeſſe a guerra com lhe tomar as barras, e lhe defender os mantimentos, e ſe lhe fizeſſem todos os mais damnos que pudeſſem, aproveitando-ſe o Capitão Mór de todas as occaſiões que o tempo lhe offereceſſe; e que antes que ſe declaraſſem, mandaſſe recolher os Padres da Companhia que eſtavam em Calecut, e o Feitor, e Chriſtãos que houveſſe; e que os Portuguezes cativos, que lá eſtavam em Cunhale, ſe reſgataſſem, e deſſem em ſua recompensão hum Cutimuça, que eſtava em noſſo poder: e que com Cananor ſe diſſimulaſſe, poſto que o Capitão Mór ſoubeſſe que ſorrateiramente lançava fóra Paraos de ſeus portos a roubar, mas que ſe lhe limitaſſem os cartazes pera os Pagueis de feição, que não pudeſſem metter em ſeus portos mantimentos, que os que piedoſamente lhes baſtaſſe pera não proverem o Cunhale delles; e que quanto aos ſoldados que o Çamorim pedia pera o aſſalto da Fortaleza de Cunhale, ſe lhe não haviam de conceder, ainda que ſó com iſſo ſe contentaſſe,

por-

porque não era licito arriſcarem-ſe entre inimigos, que nunca guardavam palavra, nem verdade, e aonde tanto ſe haviam de temer, e arrecear dos que foſſem ajudar, como dos que foſſem commetter; porque ainda que o Camorim prometteſſe a ſeguridade que dizia, ſempre ſe havia de recear a pouca fé que tem os Mouros baixos, pelo odio antigo, em que ſe criáram contra o nome Chriſtão, porque havia muitos exemplos de grandes traições, que ſempre uſára com os noſſos: e que os refens que podia dar, que eram tres, ou quatro Naires, por muito honrados que foſſem, não valião tanto, como o ſomenos Portuguez que alli ſe arriſcaſſe. Eſta reſolução mandou o Conde ao Capitão Mór, e o aviſou muito largamente do que devia fazer, porque elle eſperava por horas; e entretendo-ſe por aquella coſta, e vendo o que ſe aſſentára em Conſelho, eſcreveo em ſegredo a Belchior Ferreira Feitor de Calecut, pera que o mais incubertamente que pudeſſe ſe recolheſſe com os Padres da Companhia, que lá eſtavam, a Chale, onde elle ficava eſpalmando a Armada: o que elle logo fez, e levou comſigo os Padres Jorge de Caſtro, e o Padre Antonino, e o Padre Franciſco da Coſta; e tanto que os lá teve, alevantou a guerra ao Camorim,

im, e lhe queimou alguns Pagueis, e avi-
ou aos Capitães de Cananor, Mangalor,
Barcelor, pera que fizessem o mesmo aos
que lá houvesse, ou fossem ter áquellas
Fortalezas. Feito isto, tomou o Capitão
Mór os portos, donde podiam sahir, e en-
trar Paráos, e lhes defendeo com isso o
Commercio, e Navegação, porque se não
provêssem de mantimentos, com que os poz
em muita necessidade delles.

Quasi neste mesmo tempo succedeo na
barra de Cochim o mór desastre que se vio,
que foi este. Estando a náo, em que havia
de ir Mathias de Alboquerque com toda a
carga, e fazenda dentro, e prestes pera se
partir dalli a dous dias, ou tres, quiz a
desaventura, que estando huma barcaça a
bordo della com huma grande caldeira de
breu breando algumas portinholas por
popa, que ventasse o vento Noroeste rijo,
com que o fogo em que a caldeira estava
alevantasse huma grande labareda que deo
no breu, de que logo sahíram medonhas
chammas, que pegáram na náo pelo leme,
e varanda, e della subio ás obras mortas
de sima, e em muito breve espaço foi to-
mando tanta posse da náo, que sem se lhe
poder pôr remedio ardeo toda, com tão
espantôso terremoto, e temoroso especta-
culo, que pasmáram todos os que o víram.
Per-

Perda muito notavel, porque se consumio nella mais de milhão e meio de ouro, e a gente se salvou em algumas embarcações que havia, ainda que não toda, porque alguma pereceo, que tinha já cumprido o termo da vida. Acudio a isto toda a Cidade; e Mathias de Alboquerque, que tinha nella toda sua fazenda, tirados alguns escritorios maneiros com seus brincos, e papeis, que tinha ainda comsigo em terra, vendo aquelle incendio tão supito, e que alli se lhe consumíra quanta fazenda tinha adquirido na India em seis annos que a governou, alevantou as mãos aos Ceos, e disse aquellas palavras de Job: *Vós o destes, e vós o levastes: sejais, Senhor, louvado pera sempre*, entendendo que fora aquillo castigo de seus peccados. E assim mostrou nesta desaventura grande animo, dizendo a todos os com que fallava nesta materia, que não sentia tanto a sua perda como a de ElRey, e a dos homens, havendo que ainda aquillo fora grande misericordia de Deos succeder em terra, porque se fora no mar, tudo se acabára.

Não deixarei aqui de contar huma cousa, que me aconteceo com o mesmo Mathias de Alboquerque, admiravel, e quasi profecia desta perdição: e o caso foi este. Estando eu hum dia com elle pouco antes

que

que o Conde vieſſe, tinha humas cartas na
mão, que áquella hora lhe vieram da Cor-
te do Mogor, que lhe eſcreveo o Padre
Jeronymo Xavier da Companhia de Jeſus;
homem tido por muito virtuoſo, e que ſe
hia parecendo com o Padre Franciſco Xa-
vier ſeu tio, que por ſua ſantidade lhe
podemos em certo modo chamar Apoſtolo
da India; e abrindo huma carta deſte Pa-
dre, que elle já tinha lido, me moſtrou
tres, ou quatro regras, que eſtavam no ca-
bo della, que diziam aſſim, ou outras pa-
lavras ſemelhantes: « Parece-me que eſta mi-
» nha carta tomará já a V. Senhoria entrou-
» xado, e negociado pera ſe ir pera o Rey-
» no, e he razão que vá já deſcançar de ſeus
» trabalhos: ſe tal he, lembro-vos, Senhor,
» que os Viſo-Reys da India não tem outro
» Preſidente, que lhes tome ſuas reſidencias,
» ſenão o Cabo de Boa Eſperança, por iſſo
» trabalhe V. Senhoria muito por ir tão le-
» ve, e deſcarregado, que não tenha que
» fazer com elle. » Juſto juizo de Deos, gran-
de mercê, e miſericordia ſua permittir elle
tomar-lhe a reſidencia no porto de Co-
chim, e não na guardar pera o Cabo de
Boa Eſperança, porque fora reſidencia
muito aſpera, e rigoroſa pera todos, em
que foram fazendas, vidas, e não ſei ſe
as almas de alguns, porque lhe quiz guar-

dar

dar eſtas pera outra hora melhor, como teriam.

Em fim vendo-ſe Mathias de Alboquerque caſtigado de Deos daquella maneira, eſcolheo a náo S. Martinho, de que era Capitão Chriſtovão de Siqueira, pera ſe embarcar nella, e em muito poucos dias ſe apercebeo de matalotagem, e de tudo o neceſſario abaſtadamente, que a Cidade, os Fidalgos, e moradores o provêram de muita roupa, gallinhas, carnes, e biſcouto, conſervas, e outras couſas, com que foi tão bem provído, como dantes eſtava; e aſſim ſe fez á véla a dezeſete do mez de Janeiro deſte anno de noventa e oito, em que com o favor Divino entramos, e com ambas as náos chegou a Lisboa ao primeiro de Agoſto. D. Affonſo de Noronha, Capitão Mór das náos, carregou em Goa, e deo-lhe o Conde muito bom aviamento, e fez-lhe muitas mercês em nome de El-Rey, e partio de Goa dia de S. Thomé, e chegou ao Reyno com Mathias de Alboquerque, porque ſe ajuntáram em Santa Elena. Neſte anno mandei a ElRey pelo meſmo D. Affonſo a minha quarta Decada da Hiſtoria da India, que logo ſe imprimio; e aſſim fui mandando pelos annos adiante outras Decadas, que ElRey noſſo Senhor faz mercê a todos os Portu-

tuguezes de mandar imprimir, já que as mandou fazer.

CAPITULO X.

Do que succedeo á Armada do Norte: e do encontro que teve com alguns Paraos de Malavares que tomou, e desbaratou: e do que mais succedeo á Armada do Malavar até se recolher.

PArtido Luiz da Silva pera a costa do Norte nos dez navios que dissemos, mas taes que valiam vinte, porque levava cada hum trinta, e trinta e sinco soldados dos escolhidos da India, e o mesmo era nos marinheiros, sem levarem moços, caixões, nem canastras, senão só quatro camizas, e muitas armas, e os navios tão lestes, ligeiros, e despejados, que por baixo dos bancos, em sima dos bizas dormiam os soldados embrulhados em suas capas, e com as camizas á cabeceira, porque o Capitão que quer tomar Paraos, assim ha de andar; e os que vam cheios de caixões, rapazes, e negros, não querem encontrallos, nem pelejar com elles, ainda que os encontrem, porque não pertendem mais que tirarem certidões, que foram por Capitães de navios, pera requererem serviços de

de Capitães. E já não querem acceitar feitorias, nem efcrivaninhas, que antigamente fe davam a outros mais bem nafcidos, e de mais merecimentos, fenão Fortalezas. E vieram a dar quafi todos nas de Mombaça, e Mafcate, ainda que faibam não entrar nunca, porque fazem conta que são os cafados da India tão nefcios, que como elles chegarem do Reyno com eftes defpachos, logo lhes darão em cafamento com fuas filhas oito e dez mil pardaos, que fe gaftão em dous annos em cavallos, e pagens, e tornão a ficar como na primeira innocencia, em que entráram na India. E certo que me aconteceo vir na Armada paffada hum homem defpachado com a Fortaleza de Mombaça, e moftrar-me a lifta da cafa da India dos defpachados diante delle, e tinha trinta e tantos homens, que vinha a fer mais de cem annos. Do que me efpantei, e lhe perguntei que determinava de viver pera entrar em feu defpacho, fendo elle de perto de quarenta annos? Ao que me refpondeo, que não faltaria hum nefcio, que lhe déffe fua filha com dez, ou doze mil pardaos, e que entre tanto comeria, e que como elle morreffe, morreffe com elle tudo. E como já no Reyno fabem como eftes defpachos eftão entulhados, dá-lhe pouco de lhe da-

rem

rem tudo o que pedem, porque em fim nada lhe dam, que bem nada he o que se não espera de lograr. Mas por irem entretendo os homens, e se não largar o serviço de ElRey, satisfazemo-nos com lhe darem o que pedem.

E tornando ao fio da historia, e aos navios de Luiz da Silva, além de elle ser Fidalgo curioso, e desejoso de ganhar honra, tambem o Conde Almirante, que não queria perder em seu tempo, tanto que estas Armadas se punham na barra, lhe hia elle em pessoa com os Officiaes da Matricola fazer os alardos, e corria todos os navios, e os fazia despejar de tudo o que levavam, que lhe podia fazer impedimento. Luiz da Silva foi correndo a costa, levando sinco navios ao mar, e outros tantos á terra, quasi á vista huns dos outros, pera assim lhe não poder escapar cousa alguma, porque hia desobrigado de dar guarda a Cafilas, cousa de grande pezo pera quem quizer buscar Paraos. E nesta ordem chegou a Chaul, onde não quiz entrar, por se lhe não desmandarem os soldados, cousa muito perjudicial ás Armadas, e em que muitos Capitães daquella costa tiveram pouco resguardo; porque de viçosos, e por se mostrarem, tomáram todas aquellas Fortalezas, em que se deti-

ve-

veram muitos dias, e nellas lhe ficáram muitos soldados, e não sei se folgáram com isso por pouparem os mantimentos.

Este Capitão não no fez assim, mas de fóra mandava buscar os provimentos que havia de mister, a que os Capitães mandavam só seus compradores a isso; e passando por Chaul, achou por novas que era passada huma grande esquadra de navios Malavares pera Dio, e sem se deter foi em seu seguimento; e chegando áquella Fortaleza, soube serem passados pera a costa de Pór, e Mangalór a esperar as náos, que naquelle tempo haviam de vir de Ormuz: e sem detença alguma foi logo após elles; e chegando á Ilha dos Sanguanes, soube que eram os cossairos havia muito pouco partidos dalli, o que Luiz da Silva sentio muito.

E porque aquella Ilha foi sempre huma ladroeira, e colheita de ladrões, e cossairos, determinou de castigar os da terra, pera o que desembarcou, e fez nella huma grande destruição, assim nos moradores, como em suas fazendas, mettendo o que achou vivo á espada, e a fogo, queimando-lhe todas as embarcações que achou no porto, e sem se deter alli mais, voltou pera a costa do Norte; e em Chaul, porque o navio em que hia era hum pouco pezado, largou-o,

gou-o,

goto, e passou-se a outro mais pequeno; mas muito ligeiro, onde fez embarcar trinta soldados dos seus os mais escolhidos, que não leváram comsigo mais que sós suas armas, e o esquipou de marinheiros todos Vogas mui forçosos, e bem dispostos, que faziam voar o navio; e passando pela costa abaixo tanto avante, como o rio de Chaporá, que são duas leguas de Goa, houve huma madrugada vista de quatro Paraos, tendo elle comsigo sós outros quatro, porque os mais da sua Armada andavam apartados, e com estes que tinha foi após os dos inimigos, que logo alcançou pela ligeireza dos seus navios; e o Capitão Mór, que foi o dianteiro, investio hum, e da pancada que deo, o virou logo, e arremettendo com outro, poz-lhe a proa, e lançou-se dentro com os seus soldados, e em breve espaço o rendeo á espada. Ruy de Sousa de Larcão, Capitão do outro navio, investio outro Parao, a que se lançou, e á espada o rendeo com morte de muitos Mouros, e os mais se salváram a nado, como o fizeram tambem os dos dous que Luiz da Silva rendeo. Pero de Bendanha endireitou com hum navio dos cossairos, que lhe foi fugindo, porque o medo que levava lhe deo azas á fugida, e em breve espaço o perdeo de vista, porque foi alijan-

jando todo o fato ao mar, e ainda os mesmos Mouros se lançáram a elle por se haverem por perdidos, e a nado se salváram em terra.

Luiz da Silva tomou os tres Paraos á toa, porque tornou a desalagar o primeiro que virou com a pancada, e foi-se pôr na boca do rio de Banda, e mandou dizer ao Tanadar que lhe mandasse entregar todos os Malavares que se tinham salvado em terra, conforme ao contrato das Pazes, porque se não havia de alevantar dalli sem elles. E por tal modo correo com este negocio, que obrigou ao Tanadar a mandar dar busca pelas aldeas, e ainda se ajuntáram perto de duzentos Mouros, que lhe trouxeram atados, e assim os entregou a Luiz da Silva, que logo mandou espetar pelas barrigas em Arequeiras altas na boca daquella barra, e aos mais fez outro tanto pela costa assima ao longo das povoações, enchendo aquella ribeira daquelles corpos; porque se por alli passassem os cossairos, vissem seus companheiros daquella maneira, pera que soubessem que o mesmo se lhes havia de fazer a elles, se os tomassem. E pela liberdade do Tanadar de Banda lhe deo Luiz da Silva huma peça de veludo cramezim, e outras de tafetá, e duas fermosas espadas; e os cascos dos navios mandou

pe-

pera Goa, porque alguma cousa tinham que os soldados as tomáram.

Feito isto, tornou Luiz da Silva pela costa assima, por lhe darem por novas serem passados outros paraos pera a enseada de Cambaya; e nesta volta lhe deo hum vento Sul mui grande, que lhe espalhou toda a Armada, que se recolheo aos portos, que cada hum dos navios pode tomar. Só o Capitão Mór foi correndo com aquelle tempo até Dabul; e ao outro dia que abonançou, houve vista de huma Galeota de Malavares que hia engolfada; e dando á véla, a foi demandar, e trabalhou tudo o que pode por lhe tomar o balravento, como fez, por ser o seu navio muito ligeiro; e disse aos soldados, que todos offerecessem aquella Galeota a N. Senhora, que ella lha metteria nas mãos; e deixando-se cahir sobre ella, sendo já perto, lhe deram huma boa surriada de arcabuzaria; e indo pera a investirem, lhe lançou hum soldado, que hia de proa, huma panella de polvora, que hum Mouro com muita destreza tomou no ar, e a tornou arremassar sobre os nossos, que se espedaçou nos bancos do navio dos nossos, e a labareda que fez, queimou Luiz da Silva, e dous soldados, hum chamado Foão de Quadros, e o outro Simão Pereira de Sousa.

E posto que os mares eram muito grandes, não deixou Luiz da Silva de investir a Galeota, a que se lançou logo com huma espada, e rodella, e os seus soldados com elle, que em breve espaço a rendêram com morte de muitos Mouros, que pelejáram como desesperados: tanto, que hum soldado Botelho d'Alcunha, tendo dado quatro estocadas a hum Mouro, que de todas o passou pelos peitos, assim traspassado, e espetado na espada, se liou com o soldado, e o levou ao chão, e com huma faca lhe deo sete facadas, quatro na cabeça, tres nos braços, partes que levava desarmadas, e todavia o Mouro ficou alli morto, e dos nossos alguns feridos.

Alcançada esta vitoria, tomou Luiz da Silva a Galeota á toa; e chegando ao porto de Chaul, a mandou de esmola a N. Senhora, e logo voltou em busca da sua Armada, que o mesmo dia encontrou; e divididos os navios em duas esquadras, tornáram pela costa abaixo até Tambona, e tanto avante houve a esquadra de Luiz da Silva vista de huma formosa Galeota de trequete, que hia ao mar, que logo foi demandar com os seus navios; e como o do Capitão Mór era mais ligeiro, chegou primeiro a ella, e commetteo-a com huma boa surriada de arcabuzaria; e querendo-lhe

lhe pôr a proa, vio-a tão alteroſa, que lhe não pareceo poſſivel abordalla ſem grande damno ſeu, e dos ſeus ſoldados; e além diſſo tinha em ſi mais de duzentos homens de peleja, e o Capitão della era hum valente Mouro ſobrinho do Cunhale, que ſahio do ſeu rio por Capitão Mór daquella eſquadra de navios que andavam fóra, de que Luiz da Silva lhe tinha tomado os navios havia pouco. Eſte vendo os noſſos navios, deo-lhe pouco delles, e deſparou tres, ou quatro peças de colher, que eram camelletes, e outros falcões; mas quiz Deos que todas ſobrelevaſſem, e não fizeram damno aos noſſos. Luiz da Silva foi-ſe por poppa mettendo debaixo da Galeota, donde o foi varejando com a eſpingardaria, e ella reſpondendo-lhe com a ſua ſempre á véla, arribando para a terra com a viração. Os noſſos deſejáram de a deſparelhar, e tiráram-lhe tantas vezes á relinga da véla, até que lha cortáram, e ficou empandinada. Neſte tempo chegou o navio de Paulo Machado, e aſſim á véla como hia, poz a proa na Galeota, e foi tão grande a pancada que lhe deo, que ſe virou o noſſo navio, e os ſoldados ficáram pelo mar apegados aos bancos, e taboas que acháram, em que dahi a dous dias foram a terra perigando alguns. Luiz

da Silva nunca largou a Galeota, por cuja poppa foi sempre matando gente, e os seus navios ao redor até chegarem á terra, e assim á véla varáram, e logo se lançáram a ella os Mouros, ficando a Galeota nas mãos dos nossos com todo o recheio que levava, que era muito, porque as prezas que os outros navios fizeram, foram despejar nella o mais substancial, por ser tamanha, que remava vinte e sinco bancos. Tirada a Galeota pera fóra, foi Luiz da Silva desalagar o navio de Paulo Machado, que se tinha alagado da pancada que deo, quando abalroou o do inimigo, que levou por poppa. Dos Mouros morrêram mais de cento, e dos nossos não houve mais de sete feridos, Pero Rodrigues Botelho de huma lançada pela barba, e outros, a que não soubemos os nomes, de espingardadas. Com este feito tão honrado se recolheo Luiz da Silva a Goa, que foi em Abril.

Fica-nos por dar conta da Armada do Malavar, de que era Capitão Mór D. Luiz da Gama, que depois de por ordem do Conde Viso-Rey levantar guerra ao Çamorim, e lhe fazer todo o damno que pode pela costa, recolheo todas as embarcações da China, Malaca, e Bengala que vinham pera Goa, e se veio com sua Armada, e avisou diante ao Conde Viso-Rey do dia

que

que chegaria á barra de Goa. No mesmo foi o Conde Viso-Rey á barra na sua Galé, e levou dezoito navios de chatins bem esquipados, e provídos de mantimentos, e munições pera hum mez, e nelles fez embarcar doze Capitães de navios da Armada com seus soldados; e nomeou por Capitão Mór destes navios D. Alvaro de Menezes, que despedio logo, e lhe deo por regimento que fosse correr a costa do Malavar, e fizesse no mar todo o damno que pudesse, sem desembarcar em terra, o que foi de grande effeito; porque como os moradores daquella costa víram passar a Armada na volta de Goa, por ser já fim de Abril, pareceo-lhes que estavam seguros de haver outra Armada, e que poderiam ir ao Canará buscar mantimentos pera passarem o inverno: e foi isto occasião de D. Alvaro de Menezes, com os navios de sua companhia, tomar muitas embarcações pequenas, e seis paraos de esporão, e huma Galeota, e matou, e cativou mais de trezentos Mouros sem perda alguma; e voltando a Goa em doze de Maio, da aguada avisou o Viso-Rey, que lhe mandou ordem pera entrar o dia seguinte, que era dia da Trindade, na maré da tarde, pera ajudar a festejar a entrada do Embaixador do Xá, de

de que daremos razão no Capitulo se-guinte.

CAPITULO XI.

De como o Conde Viso-Rey recebeo hum Embaixador que o Xá lhe mandou, e apparato com que foi recebido.

NO anno de 85. se embarcou em Cochim pera Portugal hum Embaixador de ElRey da Persia em companhia do Padre Fr. Simão de Moraes, Religioso da Ordem do Glorioso Padre Santo Agostinho, de tanta virtude, e partes, como temos dito na nossa decima Decada, quando elle passou á Persia, onde procedeo com tão geral satisfação, que em quanto durar a sua memoria entre aquelles infieis, serão respeitados os Religiosos de sua Ordem, como o são. Por se haver perdido a náo, em que vinha este Embaixador, entrou em grande desconfiança ElRey da Persia por não ter experiencia das cousas do mar, e ficou suspeitando que os Portuguezes lho matáram: e com esta imaginação não deferia bem ao que se lhe propunha por nossa parte.

E desejando ElRey nosso Senhor inteirallo na verdade, e persuadillo a fazer guer-

ra

...ra ao Grão Turco, deo ordem ao Conde Viso-Rey que procurasse dissuadillo desta imaginação, e obrigallo a que mandasse outro Embaixador a Hespanha. Em conformidade desta ordem despachou o Conde Viso-Rey de Moçambique Miguel de Macedo a Ormuz com cartas pera ElRey da Persia, e escreveo ao Capitão daquella Fortaleza despachasse com ellas hum homem de importancia, que persuadisse a ElRey da Persia a lhe mandar hum Embaixador pera tratar com elle cousas de muita importancia. Teve isto tão bom successo, que o Embaixador veio, e chegou a Goa em seis de Maio deste anno de 98. O Conde Viso-Rey o mandou agazalhar em humas casas boas no bairro de S. Pedro; e, como descançou, lhe limitou dia pera ir a elle: foi em huma Galé bem acompanhado; e indo pelo rio assima, entrou D. Alvaro de Menezes com os dezoito navios de sua Armada, e trazia nas vergas delles enforcados mais de duzentos Mouros, que havia tomado de preza, e com ordem que assim como os navios fossem passando pela Galé, cortassem as cordas com que vinham enforcados, pera que assim vissem os Persas o pouco que estimavamos aquella preza, e o castigo que davamos aos piratas. Quando desembarcou no caes, se lhe dispararam vin-

vinte peças groſſas de artilheria , e ali eſtavam eſperando o Capitão da Cidade, que era Luiz Pereira de Lacerda, e o Capitão da guarda do Viſo-Rey com duzentos alabardeiros veſtidos de libré; e o Tanadar Mór com ſeis mil homens da terra arcabuzeiros , e frécheiros com todos ſeus inſtrumentos militares. E as caſas do Viſo-Rey eſtavam bem concertadas, como convinha a tal acto ; e o Conde Viſo-Rey mandou agazalhar o Embaixador , e lhe mandou dar o provimento neceſſario em abaſtança. O Conde Viſo-Rey tratou com eſte Embaixador o que levava por ordem de S. Mageſtade; e ElRey da Perſia ſe perſuadio a mandar a Portugal o primeiro Embaixador pela via de Moſcovia, e veio a Roma, e dalli a Valhadolid, onde então eſtava a Corte , em Outubro de 601. e a eſſe tempo já ſe alli achou o Conde Viſo-Rey , e depois que deſpachou com S. Mageſtade, ſe veio embarcar a Lisboa.

CAPITULO XII.

Do que aconteceo ás náos Hollandezas na derrota até Bengala: e assim do que succedeo a Lourenço de Brito, e á Armada, em que o Conde Viso-Rey o mandou a Malaca.

JA atrás no Capitulo setimo fica dito, que Lourenço de Brito, Capitão Mór da Armada, que o Conde Almirante Viso-Rey mandou a Malaca em busca das náos Hollandezas, partio de Goa a vinte e quatro de Setembro de 97. Chegou a Malaca a salvamento com toda a Armada, salvo a Galeota, de que era Capitão Luiz Lopes de Sousa, que com o temporal que lhe deo, arribou a Manar, onde fez naufragio; mas o Capitão com todos os soldados se embarcou em huma náo, que dalli partio pera Malaca, e se metteo na Armada. Estando Lourenço de Brito com esta Armada em Malaca, soube de huma náo, que partio de Cochim mais tarde, que no cabo de Çamorim ficavam as duas náos Hollandezas; pelo que se ajuntáram a conselho Lourenço de Brito, Martim Affonso de Mello Coutinho, Capitão actual da Fortaleza; e Francisco da Silva de Menezes, que o havia sido com outras pessoas de ex-

experiencia ; e por todos foi aſſentado, e de commum parecer que Lourenço do Brito paſſaſſe com toda a ſua Armada á Sunda , e coſta da Jaoa , porque de poucos tempos áquella parte tinham os moradores della feito grande eſtrago nos Portuguezes , e Chriſtãos da terra, matando-os, e tomando-lhes ſuas fazendas , e que poderia perſuadir os Reys a não recolherem em ſeus portos nações eſtrangeiras da Europa : e que procuraſſe por haver dous , que ſe entendia haverem ficado em Bale, Inglezes, em refens de voltarem áquelle porto com cabedal pera carregarem drogas , e fazer tudo o mais que entendeſſe que era ſerviço de S. Mageſtade.

Eſta ordem ſe executou logo , e a Armada partio bem apercebida de todo o neceſſario ; e poſto que o Conde Viſo-Rey prevenio no regimento que deo a Lourenço de Brito , que não conſentiſſe fazer-ſe força , nem aggravo ás embarcações que encontraſſe , que navegavam pera a Sunda , e Jaoa , teve niſto tão pouco tento , que encontrando algumas de mantimento , de que teve neceſſidade , mandou tirar dellas o que lhe pareceo ſem lhos pagar. Eſtes foram dar rebate na Sunda , e coſta da Jaoa da Armada , e diſſeram a força que lhe haviam feito, com o que todos ſe pu-

ze-

zeram em armas. E Jorge de Lima, Capitão de huma Galeota, tomou huma Soma de Chincheos carregada de drogas, e o mesmo fizeram os Capitães das Galés a huma Soma de Chincheos carregados; e fazendo-se isto na Sunda, dissimuláram até colherem em terra alguns Portuguezes, e o Feitor da Armada: e não bastou este aviso, nem ver que indo o Almirante da Armada D. Luiz de Noronha com as barquinhas das Galés, e outras embarcações fazer aguada, lhes resistíram de terra; e por terem necessidade de agua, a foram as Galés tomar mais abaixo affastadas dos Galeões, e lhes sahíram ao encontro muitas embarcações de remo, que pelejáram com ellas: e pelas Galés irem mui empachadas com as fazendas que haviam tomado de preza nas Somas dos Chincheos, não pode jogar a artilheria, e cada huma dellas não levava mais de vinte soldados, pelos mais estarem em terra, e esses tão descuidados, que com facilidade os entráram os inimigos, e matáram os tres Capitães, D. Luiz, e D. Jeronymo de Noronha, e Ruy Dias de Aguiar Coutinho. O Capitão Mór Lourenço de Brito lhe não pode acudir, em quanto durou a briga, porque foi detrás de huma ponta em conjunção que enchia a maré, e ventava a viração tão

ri-

rija, que nem os Galeões, e Galeotas pudéram deſamarrar : e já havia dias que o Capitão Mór andava deſcontente dos Capitães das Galés, por lhe parecer que lhe não obedeciam com a promptidão que era neceſſario.

E porque neſta conjunção era monção pera Malaca, ao outro dia ſe fez á vela, ſem emendar, nem tomar ſatisfação naquelle porto, nem em outro nenhum daquelle Reyno, deſte aggravo, eſtando mui diſpoſta toda a coſta da Jaoa pera com o poder daquella Armada fazer nella bons progreſſos. Chegou a Malaca a dez de Julho de noventa e oito, e eſteve alli até primeiro de Janeiro, em que ſe embarcou pera Goa : e pudéra neſte tempo ir tomar os Hollandezes, em cuja buſca foi, que depois de darem muitas voltas, e andarem deſtroçados em huma ſó náo, por terem dado fundo á outra, ſe recolhêram ao porto de Quedá, que diſta de Malaca ſeſſenta leguas, aonde foi logo aviſo. E não baſtou requerer o Capitão da Fortaleza, e os Officiaes da Camara, que foſſem a Quedá tomar aquella náo, o não quiz fazer, nem outra nenhuma couſa das muitas que ſe lhe lembráram ; e ſendo o Conde Viſo-Rey aviſado diſto, antes de chegar a Goa Lourenço de Brito, porque veio mui devagar,

an-

antes de desembarcar lhe mandou dizer pelo Secretario, que se deixasse estar em sua casa até se descarregar de huns apontamentos que lhe mandou, tirados das cartas do Capitão, Ouvidor, Cidade de Malaca, e outras pessoas. E pera se verem os descargos, chamou o Conde Viso-Rey a Conselho, e mandou que se votasse sobre elles, porque desejou introduzir naquelle Estado, que as culpas dos Capitães commettidas no exercicio da guerra, se castigassem pelo Conselho, e não pelos Desembargadores; mas por respeitos particulares não quiz o Conselho vir nisso, sendo commua utilidade, e assentáram que se livrasse pelos termos ordinarios, e assim se fez; e foi condemnado pela Relação em pena de dinheiro em quantidade, que pagou antes de entrar na Fortaleza de Sofala, de que era provído.

CAPITULO XIII.

Das cousas que neste verão succedêram na Ilha de Ceilão: e da grande vitoria que os nossos alcançáram de ElRey de Uva: e dos Capitães do tyranno de Candea D. João.

DEsenganado o tyranno D. João de poder prevalecer contra os nossos pelas muitas vitorias que delle tinham alcançado, e a derradeira tinha sido o desbarate da sua gente em Corvite, como atrás dissemos, vendo que pelos presidios, e fortificações, que os nossos lhe tinham feito nas suas fronteiras das quatro Corlas, e Dinavaca, não podia por aquellas partes fazer o que tinha determinado, tomou outro modo, que foi, mandar commetter o nosso arraial, que andava nas partes de Galé, e Maturé, quarenta leguas destoutras tranqueiras, e do lugar em que o Geral sempre residia, parecendo-lhe que pela distancia do lugar não poderia soccorrer os nossos com tanta presteza, e cabedal, como convinha, por não andar naquelle arraial grande força, e quebrada ella, ficavam os nossos com menos pera o perseguir, e elle com mais animo pera levar sua tenção avante: contra quem despedio hum Principe cha-

chamado Madune Pandar, e Simão Correa alevantado, irmão de Domingos Correa Bicanarsinga, em que muitas vezes fallei, que D. Jeronymo de Azevedo tinha mandado justiçar, como no Capitulo do Livro da onzena Decada fica dito. Este Simão Correa tinha tomado o titulo de Rey de Seitavaca, a quem o tyranno deo hum arrezoado exercito de gente escolhida, e dos mais praticos Modeliares de seu Reyno, e entre estes haveria mil espingardas, e mandou fazer prestes o Rey de Uva com o resto do seu poder, pera lhe ir nas costas aos favorecer.

Partido este exercito, foi-se alojar seis leguas de Maturé, onde estava o nosso arraial, de que era Capitão Mór D. Fernando Modeliar, que hoje he Capitão da Cidade de Goa, e Salvador Pereira da Silva, Capitão do campo. Os inimigos pera se fortificarem, escolhêram hum sitio muito alto, onde se assentáram, e fortificáram á sua vontade, como quem estava em sua terra, e tinha muitos gastadores, e fabrica. E assim alevantáram em breves dias huma tranqueira de madeira com seis baluartes, e cavas ao redor, e cercada de muitos estrepes, e impedimentes, cousa muito defensavel, mais pelo sitio que pela arte, ainda que esta lhe não faltou pera tudo, por-

porque não podia ser batida com artilheria, nem se podia levar assima, por haver de passar por muitos alagadiços. E dalli determináram de senhorear aquellas terras, e fazellas rebellar contra os nossos por estarem á nossa obediencia; e como homens ardilosos tratáram de affugentar os Lascarins do nosso arraial, com quem trouxeram trato secreto, promettendo-lhes muitas cousas, pera assim, effeituando isto, desbaratarem mais a seu salvo os nossos.

Desta expedição, e designio foi logo avisado D. Jeronymo de Azevedo, pelo que com muita pressa despedio Simão Pinhão com seiscentos Lascarins de terra, e alguns Portuguezes com ordem pera tomar mais cem soldados da Fortaleza de Gallé, com o que se perfariam cento e sincoenta Portuguezes, e dous mil Lascarins, que era gente que lhe bastava pera commetter aquelle forte. D. Fernando Modeliar tanto que se esta gente ajuntou a elle, logo foi commetter os inimigos; e quando chegou assima, já elles estavam sobre aviso, e recolhidos no forte com mil espingardeiros, deixando emboscados nos matos dous mil Lascarins com os Modeliares de mór confiança, com ordem pera darem nas costas aos nossos, quando mais embebidos estivessem no assalto. D. Fernando não tratou

de

de dilatar o negocio, antes logo com muita determinação commetteo os inimigos, pera o que levava já muitos pavezes, mantas, e escadas; e ao abalroar das tranqueiras, deram nos eſtrepes em que ſe embaraçáram, e paráram, ficando deſcubertos á eſpingardaria dos inimigos, que nelles fizeram arrazoado emprego, cahindo alguns Laſcarins, e ferindo Portuguezes, em que entráram o Simão Pinhão, Pero de Abreu Modeliar, e outros. E todavia os noſſos paſsáram avante, e commettêram o forte com grande animo, encoſtando-lhes as eſcadas por onde alguns começáram a ſubir. E eſtando neſte fervor, arrebentáram os da Cilada com grande eſtrondo, e deram pelas coſtas aos noſſos, que em os ſentindo, deixáram o combate, e voltáram aos inimigos com grande furia, e deram nelles de feição, que com morte de muitos os fizeram recolher pera os matos, donde ſahíram.

Vendo D. Fernando Modeliar o ſucceſſo, e entendendo como prudente que apartando-ſe dalli ſe perderiam as terras, fortificou-ſe no meſmo lugar o melhor que pode, e mandou aviſar o Capitão Geral de tudo, e do modo em como os inimigos ficavam. Com eſte recado deſpedio elle logo ſeu irmão D. Manoel de Azevedo

 com

com algumas companhias de ſoldados, que mandou vir de Seitavaca, e dos preſidios das fronteiras de Dinavaca, do que logo o tyranno D. João teve aviſo: e com a meſma preſteza deſpedio o Rey de Uva com tres mil homens pera ſoccorrer os ſeus, e com ordem que primeiro que o ſoccorro chegaſſe aos noſſos, trabalhaſſe elle por ſe ajuntar, e ſalteallos, e desbaratallos, o que lhe ſeria facil, por lhe ficar o caminho mais perto. E aſſim chegou com muita preſteza, e ſe alojou tres leguas do noſſo arraial, donde mandou aviſar ao forte, e aos que eſtavam embrenhados em cilada, que eſtiveſſem preſtes pera ao outro dia darem ſobre os noſſos por todas as partes.

D. Manoel de Azevedo tambem ſe deo tanta preſſa, que chegou quaſi no meſmo tempo: a noite que chegou o Rey de Uva, ouvio o Modeliar D. Fernando muitas eſpingardadas; e parecendo-lhe o que era, deſpedio huma eſpia de recado, pera que foſſe tomar falla do que achaſſe, que brevemente tornou, e diſſe ſer o Rey de Uva, que ficava alojado pouco mais de legua; e dando conta de tudo a Salvador Pereira, e aos outros Capitães, foram todos de parecer que aquella meſma noite o foſſem commetter em ſeu alojamento

pri-

primeiro que ſe foſſe ajuntar com os mais. E logo deſpedio Simão Pinhão, e D. Henrique Modeliar com todos os Laſcarins da terra; e tanta preſſa ſe derão, que no quarto d'alva deram ſobre os inimigos, e os commettéram com grande determinação, e esforço; e como os tomáram deſcuidados, fizeram nelles grandes eſtragos; e não ſabendo o que era, eſtiveram pera ſe desbaratar de todo; mas tornando ſobre ſi, leváram as mãos ás armas, e começáram-nas a menear com grande animo, com que os noſſos Laſcarins eſtiveram poſtos quaſi em desbarato, ſenão fora o esforço de Simão Pinhão, que era mui temido dos Chingalas, que fez eſte dia tantas maravilhas, que poz o Rey de Uva em desbarato de todo, e lhe foi ſeguindo o alcance por grande eſpaço, em que lhe matáram muitos, e tomáram muitas armas, e deſpojos.

Com eſta vitoria ſe recolhêram os noſſos ao arraial, o que deo tanto animo aos mais, que logo foram commetter os da tranqueira, levando alguns cavalleiros de madeira, que pera iſſo tinham fabricado, pera de ſima com a eſpingardaria os combaterem, como fizeram tão determinadamente, e com tanto damno ſeu, que os puzeram em deſeſperação, por verem que

os noſſos não tratavam de os commetter por aſſalto, ſenão derriballos poucos, e poucos com ſua arcabuzaria até que os tomaſſem ás mãos; e vendo-ſe tão apertados, determináram de fugir huma noite com todo o riſco; e aſſim no primeiro quarto ſahíram da tranqueira com ſuas armas nas mãos, e como homens deſeſperados commettêram os noſſos pera ver ſe os podiam romper, e paſſar por entre elles, que não eſtavam tão deſcuidados, que logo os não ſentiſſem; e tomando-os em meio, fizeram nelles tamanho eſtrago, e deſtruição, que não eſcapáram mais que os dous Principes alevantados, que na revolta ſe treſmalháram, e com a eſcuridão da noite ſe foram embrenhando. Morreo aqui a flor da gente de Candea, e os principaes Modeliares, e que mais guerra faziam aos noſſos que todos. Ficáram no forte todas as armas, e deſpojos dos inimigos, que foram muitos.

Neſte feito ſe acháram Salvador Pereira da Silva, Capitão do campo, D. Manoel de Azevedo, Simão Pinhão, Antonio da Silva de Affonſeca, João Teixeira de Meirelles, João Serrão da Cunha, Filippe de Oliveira, Simão Rabello, Gregorio da Coſta de Souſa, hum Foão Pereira, Pero de Abreu Modeliar, D. Henrique Modeliar, e outros muitos que me não vieram á no-

noticia, e D. Fernando Modeliar por Capitão Mór, que todos fizeram grandes cavallarias. Succedeo iſto no mez de Outubro paſſado de noventa e ſete.

CAPITULO XIV.

De outra grande vitoria que os noſſos alcançáram em Ceilão.

ALcançadas eſtas vitorias deſte tyranno, mandou D. Jeronymo de Azevedo recolher o arraial ao forte de Batugedere, nas fronteiras de Dinavaca, de que foi por cabeça Salvador Pereita, e com elle Simão Pinhão, pera por aquellas partes fazerem toda a guerra que pudeſſem ao tyranno, aſſim nas ſete, como nas quatro Corlas, por onde o inimigo tambem tratou de fazer guerra por divertir o Capitão Geral da que lhe os noſſos faziam pelas partes de Maturé, onde ficou gente baſtante pera iſſo, havendo que as partes por onde o Geral mandava fazer eſta guerra eſtavam fracas, e com pouco poder. E deo-lhe animo pera iſſo huma vitoria, que alcançou da gente da terra da noſſa parte, o que foi cauſa de ſe rebellarem alguns vaſſallos daquellas partes de Seitavaca, e Cota; e eſtas terras que aſſim ſe rebelláram,

42725

ram, tratou o tyranno de ſuſtentar, e defender, pera o que mandou fazer hum forte nos confins das quatro Corlas, em que poz muita, e boa guarnição de ſoldados, e Modeliares. Tanto que o Geral teve eſte aviſo, mandou que toda a gente que trazia por aquellas partes ſe ajuntaſſe, e ſe fortificaſſe no lugar de Atanagale, em que eſtava por Capitão Franciſco Pimentel, por ſer lugar forte, e accommodado pera contraſtar os inimigos, e pera fazerem tornar á obediencia as terras rebelladas. Eſte forte foi fazer Simão Pinhão. Iſto ſentio o tyranno muito, e mandou que ſe proſeguiſſe naquella guerra com muito calor: pera ella ſe ajuntou todo o poder no forte de Atanagale, donde os noſſos fizeram alguns aſſaltos nas terras dos inimigos, em que matáram, e cativáram muitos; com o que parte das terras rebelladas tornáram á obediencia, e o tyranno ſe foi retirando, e os noſſos paſſando adiante mais huma jornada por ſe avizinharem a elle, porque deſejavam muito de o encontrar.

Vendo-ſe o tyranno tão perſeguido, mandou fazer hum bom forte em ſima de huma ſerra pegado á noſſa gente, e dentro nas noſſas terras, aſſim pera ſuſtentar as que eſtavam á ſua obediencia, como pera poder ſegurar melhor as ſuas, e o outro

fo-

forte, que tinha nos confins das quatro Corlas, que era o em que elles mais efcoravam que todos. Sabendo os noffos do forte que fe fazia pegado a elles em fima da ferra, o affaltáram primeiro que fe acabaffe, e o entráram com tanta determinação, e esforço, que com mortes de muitos dos inimigos o ganháram, e arrazáram de todo; e porque os que eftavam na tranqueira das quatro Corlas não fe queriam retirar de todo das noffas terras, antes eftavam confiados em as fenhorearem alli por algumas fortificações, que eftavam feitas por elles nos paffos, onde os noffos os podiam commetter, mandou o Geral que fe paffaffe lá o arraial; e em algumas efcaramuças que lá tiveram com os inimigos, os desbaratáram, e puzeram em fugida, e lhes ganháram todas as fortificações, com o que largáram as terras, e fe recolhêram aos limites de Seitavaca, e os noffos fizeram notaveis cruezas nos moradores das Aldeas, que fe rebelláram pera exemplo das outras.

Sabido ifto pelo tyranno, temendo que os noffos lhes foffem commetter o feu forte, e as fuas tranqueiras, quillos divertir diffo: pera o que mandou a mór parte do feu poder aos dous Principes das Corlas, pera que elles com os outros alevantados

fof-

fossem commetter as nossas tranqueiras pela banda de Chilao na fralda do mar pera chamar lá os nossos, e com isso segurar as terras que desejava. Disto teve o Geral logo recado, e avisou de tudo aos do arraial, pera que estivessem prestes, e de sobreaviso, pera que fossem dar nos inimigos de supito, ou commettessem entrar-lhes por suas terras pera os obrigar a desistirem daquelle pensamento; e porque a paragem em que elles tinham o seu arraial era longe dos nossos, no caminho havia grandes impedimentos de rios, alagadiços, os não poderiam tomar sem serem sentidos; pelo que pareceo melhor entrar-lhes por suas terras, e commetter-lhes a propria Cidade, cabeça das sete Córlas, onde os principaes alevantados residião, que áquelle tempo andavam fóra com todo o seu poder, fazendo guerra ás nossas terras, porque tinham naquella Cidade suas riquezas, mulheres, e filhos. E assim foram marchando apressadamente, sem descançarem de dia, nem de noite, pelejando com os inimigos, que estavam em guarda de alguns passos; e chegando á Cidade que hiam buscar, posto que a acháram fortificada de tranqueiras, e cavas, commettêram-na com tanta determinação, que a entráram com morte de hum Modeliar,

que

que alli ficou por Capitão, e de muita gente, e a Cidade foi logo mettida a fogo, e abrazada com todo o ſeu recheio, que era muito, por ſe não embaraçarem os noſſos com o ſacco.

Feito iſto, tornáram-ſe os noſſos a recolher com muito boa ordem, e deſviados do caminho por onde os Principes podiam ir ſoccorrer a ſua Cidade; e ainda pelos que ſe recolhêram, não deixavam de ter grande trabalho, porque todo hum dia paſſáram pelejando com guarnições, que os inimigos tinham em differentes paſſos, que ſempre deixáram eſcalavrados.

Sabido eſte negocio pelos Principes, que eſtavam fazendo a guerra dentro nas noſſas terras, deixáram tudo, e acudíram lá: e neſta jornada lhes ſahíram os noſſos, e deram-lhes nas guarnições que deixáram em ſuas tranqueiras, e com morte de huns, e fugida de outros os lançáram fóra das terras, e ainda entráram pelas dos inimigos, onde fizeram muitos damnos, e recolhêram muitos deſpojos. Succedeo iſto deſde Novembro paſſado até fim de Abril deſte anno, em que andamos de noventa e oito: o tyranno D. João ſentio eſtas couſas muito em extremo, porque além da reputação que perdia com os Chingallás, ficava menos temido dos noſſos, que lhe

ti-

tinham mortos os ſeus principaes Capitães, e Modeliares, de que os mais andavam tão aſſombrados, que já proſeguiam naquella guerra lentamente, e contra ſuas vontades, que eram novas armas, com que os noſſos ficáram pelejando com elles.

E porque ſe temeo o tyranno, que com o ſoccorro que veio da India, lhe ganhaſſem os noſſos o forte, que tinham nos confins das quatro Corlas, em que conſiſtia toda ſua força, e ſegurança daquellas comarcas, determinou de acudir em peſſoa áquelle negocio, aſſim pera prover melhor aquelle forte, como pera com ſua preſença dar calor áquella guerra, e provocar, e animar aquelles póvos, que eſtavam á noſſa obediencia, a ſe rebellar, e paſſarem a elle, pera quebrantar os noſſos, e divertir o Geral de lhe mandar fazer a guerra, que lhe fazia dentro em ſua caſa, e pera tambem livrar os ſeus dos males, de que andavam ameaçados com a affouteza, e vitorias que os noſſos cada dia alcançavam: o que lhe não ſuccedeo, como elle cuidava, porque trazia o Geral ſobre elle tantas eſpias, que não dava paſſo, nem praticava couſa, de que logo não foſſe aviſado: ao que acudia com a preſteza neceſſaria, porque nella eſtiveram ſempre as vitorias que alcançou; e pera o tyranno

effeituar o que pertendia, se foi pera Candea, e ordenou dous exercitos: hum de mil soldados escolhidos, que despedio pera as partes de Putalão, pera ajuntar toda a gente daquella comarca, e se irem contra Chilão pelas fraldas do mar; e outro de tres mil homens, que mandou que se fossem fortificar na nossa fronteira das sete Corlas: e assim o fizeram nas fraldas de huma serra, com desenho, que mandando o Geral commetter qualquer destes, assaltarem os nossos pelas espaldas, com que haviam teriam vitoria certa delles.

Sendo o Geral avisado de tudo, reformou o arraial com mandar acudir a elle toda a soldadesca da terra, que seriam perto de dous mil e duzentos soldados Portuguezes, de que era cabeça Salvador Pereira, e da gente da terra o Pinhão, e Francisco de Brito: e mandou que se fossem fortificar em hum lugar chamado Tranqueira Alanha, onde fizeram huma forte tranqueira de madeira com seus revézes, guaritas, e cavas, por ficar alli no meio destes dous exercitos dos inimigos em igual distancia de hum, e do outro, pera com isso enfrear os inimigos, e lhes fazer perder o orgulho, e as esperanças que tinham de prevalecerem contra nós, porque assim se não podiam soccorrer huns aos outros,

com

com o que as forças lhes ficavam divididas; e depois de bem fortificados, sahíram os nossos muito ufanos, deixando a tranqueira bem provída, e com grande brio foram commetter o arraial da banda das sete Corlas, em que deram no quarto d'alva tão de sobresalto, que os tomáram sem terem ainda acabado o forte que alli faziam, que era nas raizes de huma serra, de que tinham cortados os matos ao redor, não deixando mais entrada pera o forte, que a de dous boqueirões, que tambem tinham fortificados com fortes tranqueiras, e nellas dous mil homens; e o resto do exercito tinha em sima da serra com ordem, que sendo commettidos dos nossos, lhe sahissem por huma ilharga, e lhe dessem nas espaldas.

Tanto que os nossos chegáram aos boqueirões, logo commettêram os inimigos com grande determinação; mas elles descarregáram sua munição, com que derribáram alguns Lascarins dos nossos, e os mais se foram retirando, ao que acudíram os Portuguezes, e se passáram á dianteira, e commettêram os inimigos com tanto esforço, que a pezar da grão resistencia que nelles acháram, os entráram com morte de hum dos Capitães, ou Modeliares, e muita gente sua; e estando embaraçados

ins-

nesta vitoria, lhes sahio o alevantado Simão Correa, que era o que estava em sima da serra, e deo nos nossos pelas costas; mas como todos andavam com a mão folgada, viráram a elle com huma furia espantosa, e depois de durar a batalha grande espaço, puzeram os inimigos em desbarato, e fugida, e no alcance foram matando muitos, e com tamanha mercê de Deos se recolhêram carregados de armas, sem lhes custar mais que dous Portuguezes, alguns Lascarins da terra.

Alcançada esta vitoria, despedio Salvador Pereira da Silva, que era o Capitão Mór desta jornada, mil espingardeiros da gente da terra com alguns Portuguezes pera irem dar no arraial de Putalão, antes que tivesse o aviso do desbarato de estoutro; e chegando ao forte, que alli tinham feito, o commettêram com grandissima determinação; porque além do furor com que andavam, leváram armas de vantagem, porque dobráram a espingardaria com a que tomáram na vitoria passada, e còm a mesma facilidade entráram o forte com morte de muitos dos inimigos, em que entráram quinhentos Bagadás, gente da outra costa, homens de feito, que tinham ido de soccorro ao tyranno. O que causou tamanho medo nos mais, que tinham pas-

sa-

ſado áquella Ilha, e nos outros, quando lhes lá foi a nova da má hoſpedagem que os noſſos lhes fizeram, que não quizeram mais provar ventura debaixo da bandeira do tyranno: com eſta vitoria ſe tornáram os noſſos a recolher ao ſeu forte.

Chegadas eſtas novas ao arraial que ó tyranno tinha nas quarto Corlas, temendo-ſe que foſſem logo ſalteados dos noſſos, largáram tudo, e ſe recolhêram a Candea, porque parece que foram aviſados das intelligencias que o Geral trazia com aquelles póvos, pera ſe tornarem a reduzir á obediencia, de que ſe tinham rebellado por induſtria do tyranno D. João, ſobre o que já tinham vindo algumas peſſoas principaes a tratar eſte negocio com o Geral, que ſe effeituou, e os deſpedio em companhia de todo o exercito (por ſaber já das vitorias que os noſſos alcançáram) pera irem dar naquelle forte, que elles já tinham deſpejado, onde não houve que rebiſcar dos ſoldados, e todo o desfizeram; no que tiveram aſſás de trabalho, por ſer força grande, e de muita fábrica. Com eſtas vitorias ficou o inimigo mui derribado, e os noſſos com a mão folgada. Acháram-ſe neſtes ſucceſſos Filippe de Oliveira, João Serrão da Cunha, Gaſpar de Azevedo, Franciſco de Macedo, Franciſ-

co

co Gomes Leitão, filho do outro do mesmo nome, Antonio da Costa Monteiro, e outros Capitães de companhias, e estancias.

CAPITULO XV.

De como os Vereadores de Goa puzeram na Camara della o retrato do Conde Almirante D. Vasco da Gama, que descubrio a India: e da Oração que fiz aquelle dia em seu louvor a rogo da Cidade.

PArecendo aos Vereadores da Cidade de Goa que se devia naquella Camara lugar ao Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama, que descubrio a India, pois nella tinham os retratos de outros varões famosos, e benemeritos áquella Cidade, e a toda a India, como o do grande Affonso de Alboquerque, que ganhou a mesma Cidade, a de Malaca, e Ormuz; e a do valeroso Capitão, Governador, e Viso-Rey D. João de Castro por Libertador da India, e a do insigne Capitão, e Viso-Rey D. Luiz de Taíde, Conde da Touguia, que governou duas vezes a India por defensor da mesma Cidade, e de todo este Estado: vendo que não merecia menos que todos o valeroso Capitão, e Viso-Rey D. Vasco

da

da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante do mar da India, e por ser o primeiro descubridor della, cousa tão admiravel ao mundo, e que seu bisneto o Conde D. Francisco da Gama os começava a governar com tanta satisfação de todos, quizeram-lhe fazer este serviço, e favor. Pera o que o mandáram retratar pelo que já estava na casa dos Viso-Reys, e Governadores, que era feito muito ao natural; e porque a casa da Camara era pequena, e tinha huma parede de frontal nas costas da meza, em que os Vereadores se assentavam, a mandáram derribar, e estendêram a casa muito, ficando mui formosa, e muito mais depois que a ennobrecêram com outras casas que accrescentáram, coruchéos, e portal, como era razão tivesse a Camara de huma Cidade tão famosa no mundo, e cabeça de todo este Imperio Oriental, tão rica, prospera, ennobrecida com todos os appellidos illustres de Portugal, e das mais gerações de Cavalleiros, que sempre estavam com as armas prestes, e os cofres abertos pera tudo se empregar no serviço do seu Rey, em que se póde igualar com todas as do mundo.

E tendo tudo prestes, e preparado, me mandáram os Vereadores commetter quizesse celebrar aquelle Auto com huma Ora-

ção

ção em louvor do mesmo D. Vasco da Gama; porque queriam festejar aquelle dia com toda a solemnidade devida; o que eu acceitei, por ver que pediam justiça, e que tudo aquillo se devia áquelle valeroso Capitão. E preparando tudo com o mór apparato que podia ser, se ajuntáram todos os Vereadores e Cidadãos na Camara dia de Natal deste anno de noventa e sete, e mandáram recado ao Conde D. Francisco, pera que se fosse achar presente áquelle Auto, a que elle logo veio acompanhado de todos os Capitães, e Fidalgos: e entre elles, e os Cidadãos houve muitos colares de ouro, medalhas, plumas, pontas de rica pedraria, trajos custosos, e galantes, formosos cavallos, e muito ricamente ajaezados. O Conde se assentou na Camara em huma cadeira de veludo á mão direita dos Vereadores a huma ilharga da meza, e os Cidadãos, Fidalgos, e Cavalleiros em escabellos cubertos de ricas alcatifas, estando o retrato do Conde D. Vasco da Gama em hum painel, feito a oleo, do seu tamanho, muito bem retratado ao natural, com suas molduras douradas, com columnas pelas ilhargas tambem douradas, posto em sima de hum bofete encostado á parede, onde o haviam de pôr, e alevantar; e posto tudo em silencio, alevantei-me do lugar em que es-

estava na meza, e no banco do Escrivão da Camara defronte do Conde, e em voz alta, e intelligivel, que se ouvisse por toda a casa, que era grande, fiz a Oração seguinte.

ORAÇÃO.

» A Cousa de que se mais prezavam
» aquellas famosas Republicas Grega,
» e Romana, Illustrissimo Senhor, e Viso-
» Rey nosso, era de satisfazerem grandes
» merecimentos com publicos, e gera[illegible]
» galardões, dando a seus Famosos, ti[illegible]
» los, e sobrenomes grandiosos, e alevan-
» tados, a hum de Asiatico, a outro de
» Mermidano, outro de Africano, outro
» de Pai da Patria; em fim, outros muitos
» conformes aos feitos que commettêram,
» e acabáram: e não paravam aqui, mas
» ainda lhes alevantáram estatuas em os
» Senados, e lugares mais publicos de to-
» dos, pera com isso incitarem aos mais
» a obrarem cousas dignas de semelhantes
» galardões. Assim esta Republica de Goa,
» não menos ordenada que todas as do
» mundo, querendo imitallas em cousa tão
» justa, tratou de remunerar, e em parte
» satisfazer os grandes, e muito notaveis
» merecimentos deste valeroso Capitão D.
» Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidi-

» guei-

» guerra, e Almirante do mar da India
» voſſo Biſavô, pondo os olhos nos gran-
» des, e muito proveitoſos ſerviços que
» fez á Coroa de Portugal, e aó muito
» que eſte Eſtado lhe deve, por ſer o pri-
» meiro que nelle arvorou o real pendão
» da Milicia de noſſo Senhor Jeſu Chriſto,
» debaixo de cuja ſombra vemos hoje re-
» colhida huma innumeravel copia, e mul-
» tidão de Gentilidade: e o que por meio
» de ſeu invencivel animo rompeo as diffi-
» culdades que tantas centenas de annos
» eſtavam na memoria dos homens poſtas
» a eſta navegação: havendo huns que o
» mar não podia ſer navegado; outros,
» que por baixo da Equinoccial corriam
» rios de fogo; outros, que quem paſſaſſe
» o Cabo, não poderia tornar ao noſſo
» Portugal, e que por lá acabaria, e ſe
» conſumiria: em fim, outros faziam ou-
» tros medos, e carrancas tamanhas, que
» faziam recuar os homens, e não ouſar a
» commetter eſta tão difficultoſa, e teme-
» roſa navegação; pois todos elles teve eſte
» noſſo Capitão em tão pouco, que paſſan-
» do por todos, foi navegando por tão
» varios, e apartados climas, que até en-
» tão não tinhão chegado á noticia dos
» homens, vencendo neſta jornada não ſó
» os furioſos ventos, e arrebatadas, e fu-

H ii » pi-

» pitas tempestades, e as medonhas, e car-
» regadas ondas desse Oceano, mas ainda
» os feros, e indomitos focas, e monstros
» marinhos, de que o mar está cheio,
» abrindo por meio de todos novos, e não
» usados caminhos, pera que todos pudesse-
» mos vir buscar as riquezas deste Orien-
» te, com que não só o nosso Reino de
» Portugal, mas ainda todos os da Europa
» tanto se engrandecêram. E se hum caso
» tão espantoso como este acontecêra em
» tempo daquelles antigos poetas, com
» muita mais razão puderam collocar entre
» os signos, e planetas a famosa náo S. Ra-
» fael, em que este insigne Capitão nos
» descubrio tantas maravilhas, do que o fi-
» zeram áquella famosa Argos de Jasão,
» de que tantas cousas fabuláram. E se
» áquelle Americo Vespusio, que descubrio
» essas Indias Occidentaes, que se tem
» pela quarta parte do mundo, ficou nella
» tão famoso, que tomou delle o nome de
» America; com quanta mais razão esta
» parte da Asia, que este nosso insigne
» Capitão nos descubrio, se pudera chamar
» a *Gama*, conservando tão illustre appel-
» lido a memoria do mór feito que se
» fez, nem fará, em quanto o mundo du-
» rar; mas foi tal o descuido desta Cidade,
» que ha tantos annos lhe tinha negado o

» que

» que tanto merecia : o que não ſuccedeo
» em Portugal , onde ſe conſerva ſua me-
» moria na ampliſſima geração que delle
» procedeo , e na illuſtriſſima Caſa da Vi-
» digueira , de que Voſſa Senhoria he di-
» gniſſimo herdeiro , que tem lançado de
» ſi varões tão famoſos , que bem pudera
» eſte Eſtado andar ſempre em ſuas mãos
» muito ſeguramente.

» E querendo agora eſtes Padres Conſ-
» criptos remediar o deſcuido paſſado ,
» vendo que entre eſtes Illuſtres varões lhe
» era a elle com razão devido o primeiro
» lugar , ordenáram de lho dar , não ſó
» neſte Senado , mas ainda levantarem-lhe
» eſtatua na principal porta deſta Cidade ,
» pera que todos os que por ella entrarem
» ſe lembrem do muito que todos lhe de-
» vemos. E ainda que eſte auto ſe não fa-
» ça com as ſolemnidades que ſe devem a
» tão valeroſo Capitão , todavia he com
» tanto goſto , e alvoroço de todos eſtes
» Cidadãos , que não ha entre elles algum ,
» que não deſeje de ſer o author de ſerviço
» tão devido como eſte. E certo , que ſe eſ-
» te inſigne Capitão pudera fallar pela boca
» deſte retrato que o repreſenta , vendo o
» deſcuido que até agora houve neſta Ci-
» dade , pudera com muita razão dizer
» aquillo do grande Catão , quando en-
» tran-

» trando em o Senado, não vendo entre
» tantas eſtatuas alguma ſua, diſſe que
» antes queria que perguntaſſem porque
» não tinha alli Catão eſtatua, que não
» porque puzeram alli eſtatua a Catão. Mas
» porque eſte deſcuido não paſſe mais
» avante, levante-ſe logo com grande al-
» voroço de todos eſſe digniſſimo retrato
» no mais alto lugar deſſe capitolio, por-
» que menor mal he que ſeja eſta Cidade
» culpada de deſcuido, que de ingratidão.
» E por eſte ſerviço, e por todos os mais
» que eſtes Cidadãos vaſſallos de ſua Ma-
» geſtade pertendem de lhe fazer, aſſim a
» elle, como a Voſſa Senhoria, lhe pedem
» todos ponha os olhos no amor, e alvo-
» roço com que feſtejamos eſte Auto; por-
» que aſſim lembrando-lhe as obrigações
» em que fica a eſta Cidade, a queira hon-
» rar com lhe guardar ſeus foros, privile-
» gios, e liberdades, e com iſſo remune-
» rar, e em parte ſatisfazer os ſerviços dos
» Cavalleiros Cidadãos, que morrêram em
» ſerviço do ſeu Rey, remediando-lhe, e
» deſpachando-lhe ſuas filhas pobres, e or-
» fans, pera que aſſim vejamos todos que
» não foi eſte noſſo ſerviço feito em vão:
» e permittirá o Senhor por meio deſta
» obra tão ſanta dar a Voſſa Senhoria tan-
» tas, e tão inſignes vitorias, que por ellas

» me-

» mereça ser collocado á ilharga de seu » dignissimo Bisavô; e que me haja eu por » muito ditoso caber-me a sorte de escre» ver a historia da India, que me he en» commendada por sua Magestade, pera » que pelas grandezas que de Vossa Se» nhoria espero escrever, venha a ser tão » conhecido, e celebrado no mundo, co» mo foi Homero por escrever de Achi» les. »

Acabada a falla, alevantou-se logo o retrato no lugar que lhe estava ordenado, que foi já mão direita, entrando na casa diante do de Afonso de Alboquerque, no que se não bolio, porque puzeram este do Conde Almirante na parede que se accrescentou: o que se fez ao som de muitos instrumentos. Posto em seu lugar, primeiro que se alevantassem da meza, apresentárão os Vereadores ao Conde Almirante algumas petições de orfans pobres, filhas de Cavalleiros honrados, em que lhe pediam alguns cargos pera seus casamentos, que elle despachou com muito gosto, e dalli se recolhêrão pera os aposentos dos Viso-Reys, e lhe corrêrão ás carreiras no terreiro do passo com muito regozijo. E porque este Auto fosse de mór gosto, e mais celebrado, por não ser tudo temporal, fez o Conde outro espiritual nas mesmas Oitavas,

vas, que foi fazer Chriſtão o Principe de Pemba, e lhe poz nome D. Filippe da Gama, e ainda depois o caſou com huma mulher Portugueza, que tinha vindo do Reino no numero das orfans, a quem dotou honeſtamente.

Eſte retrato do Conde D. Vaſco da Gama, que aſſim ſe poz naquelle lugar com tanto alvoroço da Cidade, foi depois mudado não ſei por cuja ordem; porque os parentes de Afonſo de Alboquerque allegavam que o primeiro lugar daquella Camara lhes pertencia por Conquiſtador daquella Cidade; e porque ſe não fizeſſe aggravo a algum, paſſáram eſtes Capitães ambos pera a fronteria da caſa a de Afonſo de Alboquerque á mão direita, donde ſe aſſentão os Vereadores, e a do Conde Almirante á eſquerda; e na parede em que eſtavam ficárão os retratos dos dous famoſos varões D. João de Caſtro, e D. Luiz de Taíde defronte hum do outro, o que ſe fez em tempo do Viſo-Rey Aires de Saldanha.

CA-

CAPITULO XVI.

De como as náos Hollandezas, que andavam pela costa de Malaca, pelejáram com as náos que hião daquella Fortaleza pera a India: e do fim que estas náos tiveram, e de outras cousas.

ESTando ainda a armada de Lourenço de Brito na Sunda, não sabendo em Malaca das náos Hollandezas, que andávam já por aquella costa, preparou-se a frota, que havia de ir pera a India, que era esta: a náo de Miguel da Cunha, em que hia embarcado Francisco da Silva de Menezes, que acabára de ser Capitão daquella Fortaleza, que hia por Capitão Mór de todas aquellas náos: a náo da viagem da China, de que era Capitão Ruy Mendes de Figueiredo, e huma náo de Luiz de Mendoça, de que era Capitão hum seu cunhado: outra náo do mesmo Francisco da Silva de Menezes, que vinha da China, de que era Capitão Fernão de Almeida: dous juncos, e hum galeoto pequeno. E estando todas estas náos pera darem á véla dia de Reys, o dia dantes se fez João Gomes Fayo á véla, sem esperar pela mais frota, que ao outro dia se desamarrou; e quando foi aos nove, sendo trinta leguas

de Malaca na altura das ilhas de Pulo-parcelar, houve João Gomes Fayo, que hia diante, viſta das duas náos Hollandezas, que logo conheceo, pelo que voltou pera trás, e houve viſta da outra frota, e deſpedio hum balão a Franciſco da Silva de Menezes com recado em que o aviſava que eram as náos dos Hollandezes, e eſtes tanto que víram a náo do João Gomes Fayo, foram-na demandar mui determinados.

Chegado o balão com o recado, ajuntou Franciſco da Silva de Menezes na ſua náo todos os Capitães, e as outras, e lhes deo as novas, e lhes perguntou o que ſe devia fazer. Foi a nova cauſa de grande alvoroço em alguns, e as náos ſe começáram a deſordenar, e requererem algumas peſſoas a Franciſco da Silva de Menezes que tornaſſem a arribar a Malaca, que tinham pera lá vento que lhes ſervia, e que ſe não arriſcaſſem a ir pera a India, porque os inimigos os haviam de ir ſeguindo, e perſeguindo por todo o caminho; e ſegundo os noſſos eram deſordenados, eſtava certo irem tomando aquellas náos huma e huma. No meio deſta borborinha, que era grande, não faltáram homens amigos de honra que acudíram áquillo, e que diſſeram a Franciſco da Silva de Menezes, que não

não sós se poderia pelejar com as náos; mas que com sós os batéis dellas as podiam tomar, e desbaratar: que passasse adiante, que Deos lhe daria vitoria. Com isto, e com deitarem bem suas contas, que os podiam os inimigos alcançar primeiro que chegassem a Malaca, se preparáram pera pelejar com os inimigos.

Estavam as nossas náos surtas, e diante de todas a do João Gomes Fayo, que se viera recolhendo já ás bombardadas com os inimigos, que vendo a nossa frota, entendêram que era toda de mercadores, em que podiam ter muito proveito, e pouco perigo: determináram-se a commettellos, como fizeram, indo muito embandeirados de bandeiras brancas, e de formosos estendartes, e assim á véla chegáram ás nossas náos, e lançáram ferro junto da de João Gomes Fayo, e de huma das nossas náos lhe atiráram com huma espera, que deo por huma das inimigas, que lhe fez bem de damno, com o que abatêram as bandeiras brancas, e deitáram outras de seda, como que se faziam louçãos pera aquella batalha: e logo começáram hum furioso jogo de bombardadas, de que a náo de João Gomes Fayo recebeo a mór parte, que tambem lhe respondeo com outra salva mui arrazoada, andando sempre no convéz

fa-

fazendo laborar a artilheria. Das outras náos tambem lhes reſpondêram mui bem, e aſſim ſe travou huma batalha mui creſpa, que durou deſde pôr do Sol, em que começou, até ás oito da noite. E dalli até pela manhã gaſtáram os noſſos em preparar ſuas couſas, porque determináram de pelejar, e abordar as náos, por eſtarem já com mais animo; e aſſim ſe fizeram á véla mui ordenados, e os inimigos de envolta com elles pelas ilhargas, e oito dias continuos foram deſta maneira pelejando furioſamente, deſviando-ſe os inimigos por ſua ligeireza de as noſſas náos os poderem abordar. Em todas as náos houve algum damno, e feridos; e na de Franciſco da Silva de Menezes entrou hum pelouro pela camara, onde levava ſua mulher, e filhas, e lhe matou huma, que era a mais velha, e duas eſcravas. Os inimigos não hiam folgados, porque a artilheria das noſſas náos os deſtroçou por muitas partes, e lhes abrio buracos, que lhes dêram bem de trabalho. Determináram de inveſtir a náo de Luiz de Mendoça, que lhe ficava mais a geito, e vieram ſobre ella; mas as noſſas deixáram-ſe vir cahindo em favor ſobre as dos inimigos, em quem fizeram algum não pequeno damno, fuſtingando-os com a artilheria, e arcabuzaria de maneira que os fizeram deter.

Neſ-

Neste tempo aconteceo hum desastre; que foi tomar fogo a polvora que hia no convéz da Capitânia dos inimigos, que fez grandes estragos, queimando muitos, que foi causa de se retirarem quasi destroçados. João Gomes Fayo quiz avisar a Malaca daquelle negocio, e despedio hum soldado de recado, chamado Antonio Lopes de Almeida, com huma carta sua, e outra de Francisco da Silva de Menezes pera o Capitão, em que lhe davam conta de como hiam, e do que até então era passado. A nossa frota deixou-se ir seu caminho até Cochim. O Capitão de Malaca, tanto que chegou o Antonio Lopes de Almeida com estas cartas, de quem soube o que era passado, despachou logo dous balões mui ligeiros a saber das náos Hollandezas em que paragem ficavam. Estes balões foram até Pulobotum sem achar novas delles; e por não poderem ir até Nicubar, se tornáram sem novas delles. Com o que despedio logo outra embarcação maior pera ir á ilha Polvoreira, e até Nicubar a saber delles; porque se lhes ficassem desta banda, os ir buscar com tres náos, que ainda estavam no porto bem negociadas; e despedio huma embarcação pera a Sunda, em que mandava aviso a Lourenço de Brito do que passava. A embarcação, que o Capi-

pitão mandou até Nicubar, tambem tornou ſem nova alguma. Os inimigos ſe recolhêram ao porto de Quedá com muita gente morta, e os mais tão feridos, e desbaratados, que gaſtáram muito tempo em ſe reformarem: e pela falta de gente, que lhe os noſſos matáram, deixáram naquelle porto a náo de menos porte; e na outra, que era a Capitânia, embarcáram o que tinham, e ſahíram-ſe com muita preſſa, tanta, que deixáram em terra alguns feridos, porque os naturaes quizeram dar nelles, por algumas ſem-razões de que usáram com elles, e foram-ſe na volta de Bengalla; e pela paragem de Martavão na coſta de Pegu ſe perdeo naquelle Macareo.

CAPITULO XVII.

Do que fez D. Luiz da Gama no Malavar o reſto do verão: e de como D. Diogo Coutinho Capitão Mór do cabo Camorim recolheo as náos da China, e levou a Goa: e dos Capitães que o Conde deſpachou pera fóra: e do que proveo ſobre a feira de Cantão na China.

DEixamos atrás D. Luiz da Gama na coſta do Malavar continuando na guerra contra o Çamorim até Abril, que ſe re-

co-

cölheo a Goa, deixando providas as Fortalezas do Canará. Tanto que esta Armada chegou, vendo o Conde que a costa do Canará ficava desabrigada, e que aquelle era o tempo em que os Mouros do Cunhale se proviam de mantimentos por navios ligeiros, quiz-lhe defender isto, porque era a mór guerra que lhes podia fazer. Pera o que despedio logo D. Alvaro de Menezes com dezoito navios, e regimento que andasse por aquella costa até vinte de Maio, e partio de Goa a vinte e dous de Abril. Com esta Armada foi correndo aquella costa, e tomou nella huma galeota de Malavares, e outros dous navios mais, de maneira que não se provêram os Mouros desta vez como costumavam; porque o que governar o estado, não ha de poupar a fazenda de ElRey, porque nestas cousas he ella melhor despendida, que em todas as mais; porque se se gasta em huma Armada do Malavar sessenta, ou setenta mil pardaos pera sómente lhe tomar os portos, e defender os mantimentos, que razão darão pera depois deixarem a costa (donde se elles depois proviam á sua vontade) sem guarda alguma, porque só por este respeito se fizeram aquellas Fortalezas naquella costa pera nella ficarem navios da Armada do Malavar, guardando-a até entrar o in-

ver-

verno, e se recolherem a ellas: e assim ficam dous gastos baldados, o das Armadas do Malavar, e o das ordinarias daquellas Fortalezas; e tudo isto acontece de quererem poupar o que os navios (que alli era razão ficassem) haviam de gastar; e fazem alguns tão pouco caso desta obrigação, como se não montára tanto, como algumas vezes tenho dito.

Partindo D. Alvaro de Menezes, logo o Conde despedio D. Fernando de Noronha por Capitão Mór de dez navios, por recear que depois do inverno entrado se movesse alguma guerra contra ás Fortalezas de Barcelor, Mangalor, e Cananor pera as segurar, por não estarem providas como era razão estivessem, dando ordem a D. Fernando de Noronha pera deixar navios pelas Fortalezas do Canará, e elle invernar em Cananor, pera dalli sahir entrada de Setembro a tomar as barras a Cunhale por se não prover de mantimentos, porque pertendia proseguir na guerra contra elle até o destruir de todo, por ser cossairo quasi da porta, e que todos os annos fazia grandes roubos nos navios dos vassallos de ElRey, e enxovalhava ás nossas Armadas, cousa que além das perdas que dava, e reputação que tirava, enriquecia elle, e se fazia cada anno mais poderoso com

da-

damno, e affronta noſſa: e pera eſtas couſas tão neceſſarias nunca eſte Viſo-Rey poupou a fazenda de ElRey, porque ſabia que com a deſpender aſſim, creſcia ella, e a dos vaſſallos: e aſſim todo o ſeu tempo mandou invernar neſtas Fortalezas, navios, e ſoldados que ſahiam cedo a defender os provimentos aos Mouros, como ſe verá pelo diſcurſo deſta hiſtoria. Antes diſſo deſpachou o Conde alguns Capitães pera fóra, como foram, João Pinto de Morais no galeão S. João, pera ir fazer as viagens de Malaca com muitos provimentos, e munições pera elle, e nelle foi embarcado Ruy Gonſalves de Siqueira, provído da Capitanía daquella Fortaleza, por acabar ſeu tempo D. Julião de Noronha que nella eſtava.

Neſte meſmo tempo deſpachou tambem o Conde a D. Paulo de Portugal pera ir fazer tres viagens de Japão, que comprou, huma aos herdeitos de ſeu Pai D. Franciſco de Portugal, e outra ao hoſpital de Goa, que ElRey lhe mandou pera ſe renovar, e que precedeſſe a todas, e a terceira a S. João de Goa: ſeguiam-ſe huma á outra: pera o que comprou huma formoſa náo, em que partio mui bem petrechado, e provído do neceſſario. Neſtas náos paſſou o Conde Almirante huma Pro-

visão a requerimento da Cidade, em que mandava que o Capitão Mór da China, e Japão não impedisse por alguma via, nem por si, nem por interpostas pessoas, nem os moradores da Cidade Macao, aos mercadores da India irem a Cantão fazer suas fazendas livremente: e que o Capitão Mór não pudesse pôr em conselho a ida de Cantão; porque por respeito de seus interesses, e dos moradores daquella Cidade tomavam nos ditos conselhos determinações, de que resultavam grandes damnos aos rendimentos das Alfandegas pelas poucas fazendas que vinham a ellas; porque se tinha entendido que pera vir á India huma náo, ou junco diante, que commummente trazia fazendas de pouco porte, se abria preço á seda, e se compravam fazendas do Lanquim, o que era em grande perjuizo pera a feira do tarde, que se vai fazer a Cantão, pera quem fica sempre a mór parte do cabedal da India: pelo que defendia que não houvesse mais de huma feira da India, pera onde se partíram os mercadores della em Setembro, pera que pudessem empregar seus cabedaes com menos oppressão, e a preços mais moderados pera se tornarem cedo pera a India, e chegarem em Março, como sempre antigamente chegavam: e que á dita feira, chamada da India,

dia, não pudesse ir nenhum morador da Cidade de Macao; porque como eram mui interessados na viagem do Japão, não hiam a Cantão a mais que fazer seda pera levarem, ou mandarem, com o que a tiravam aos mercadores da India. Por este respeito havia dous annos que tinha vindo á India muito pouca seda, porque a levavam ao Japão, no que ElRey perdia muito em seus direitos, e com isso faziam a feira muito cara aos mercadores da India; e que os de Macao fossem áquella feira em Março pera fazerem as fazendas de Japão, e que a ella não iriam tambem Mercadores da India. Esta náo de D. Paulo de Portugal partio na entrada de Maio; e sendo tanto avante como Patane, lhe deo hum corisco no mastro, que lho quebrou, pelo que foi necessario fazer em Cochim alguma detença em se prover de outro.

D. Fernando de Noronha, que deixámos partido de Goa pera invernar em Cananor, foi seguindo sua jornada, e na costa Canará encontráram hum Parao de Malavares, que foi fugindo, e os nossos após elle até o fazerem varar em terra, donde o tiráram com todo o seu recheio: e assim encontrou por aquelles rios muitas embarcações pequenas, que estavam carregando de arroz, que logo largáram tudo, e se

acolhêram; e nas Fortalezas de Barcellor, e Mangalor deixou dous navios, de que eram Capitães Manoel de Oliveira de Azevedo, e Lopo de Andrade de Gamboa, e elle passou a Cananor, onde invernou com os mais navios.

D. Diogo Coutinho, Capitão Mór do Cabo Çamorim, recolheo as náos que dissemos de Malaca, que pelejáram com os Hollandezes, e as de Bengala, e navios da costa de Coromandel, e com huma grande cafila partio pera Goa, aonde chegou com toda a salvamento já depois de quinze de Maio.

CAPITULO XVIII.

Das razões que o Çamorim teve pera fazer guerra ao Cunhale: e das preparações que pera isso fez: e das Armadas que o Conde ordenou: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha, estando em Cananor: e das intelligencias que teve com o Çamorim sobre o que queria fazer ao Cunhale: e da descripção da costa do Malavar de Cananor até Cochim: e do sitio da Fortaleza do Cunhale.

PEra melhor entendimento da guerra, de que logo tratarei, contra o Cunhale, será razão dizer primeiro as occasiões que

que o Çamorim teve pera se mover a lha fazer em pessoa, que foram estas. Já ElRey seu tio, a quem o Çamorim succedeo, estava tão escandalizado das cousas do Cunhale, que antes que morresse lhe disse, que se queria reinar em paz, havia de fazer duas cousas: a primeira era ser sempre amigo dos Portuguezes; e a outra destruir o Cunhale, porque por tempos lhe não viesse a tomar o Reino, e a se fazer senhor de todo o Malavar. Isto teve elle guardado em seu peito sem o communicar a alguem, sómente em humas praticas que teve com o Padre Antonino da Companhia, Religioso de muito exemplo, bom Letrado, e Prégador, que hoje que isto escrevemos, he Preposito da Casa professa Bom Jesus desta Cidade de Goa, que então estava lá, e que mo contou a mim.

Succedêram este anno estas duas cousas: huma cortar este tyranno o rabo, ou a orelha a hum elefante, em que ElRey costumava a cavalgar, que foi tamanha affronta, como se o fizera ao mesmo Rey; a outra foi cortarem huns Mouros o membro genital a hum Naire, e metterem-lho na boca, que he a mór abominação que se podia fazer a esta casta, de que todos se queixáram ao Çamorim. E ajuntou-se mais a isto haver annos, que lhe não pagava os quin-

quintos das prezas que ſuas Armadas faziam, e com iſſo pôr-lhes penſões novas aos Gentios ſeus vaſſallos a hum tanto por cabeça; e ſobre tudo ter tomado tamanho brio, que ſe intitulava Rey dos Mouros do Malavar, e Senhor de todo o mar da India, o que trazia o Çamorim em tantos cuidados, que em humas praticas que teve com o Padre Antonino, lhe deo conta deſta ſua tenção; mas diſſe-lhe que não ſe atrevia a tomar a Fortaleza áquelle Mouro por eſtar poderoſo. Ao que lhe o Padre reſpondeo, dizendo-lhe, que como dizia aquillo, que quem tomou a Fortaleza de Chale aos Portuguezes, mais facil lhe era tomar aquella daquelle tyranno. A iſto reſpondeo o Çamorim: *Meu tio não lha tomou, tomou-lha a fome.* E aſſim lhe diſſe mais, que determinava de mandar chamar o Cunhale, e Cutimuça, e como os tiveſſe em caſa, mandar-lhes cortar as cabeças, e que com iſſo eſcuſava a guerra. Pedindo ao Padre que lhe déſſe ſobre aquillo ſeu parecer, o Padre como o negocio era couſa de morte, não lhe reſpondeo: ao que o Çamorim acudio, dizendo, que já ſabia o porque ſe calava; e então lhe perguntou ſe podia matar os ladrões? e dizendo-lhe o Padre que ſim, tornou elle que por iſſo queria matar aquelles, porque o eram; e

man-

mandando dahi a hum dia, ou dous chamallos, não quizeram ir, cousa que nunca fizeram, porque sempre foram a seu chamado, com o que o Çamorim se determinou a lhe fazer guerra, e logo fez ajuntamento de suas gentes, e preparou as cousas necessarias pera ella.

Estas novas chegáram a Cananor; e consultando-as D. Fernando de Menezes Capitão daquella Fortaleza, e D. Fernando de Noronha; e vendo o tempo disposto pera o que desejava, tratáram por cartas com o Çamorim, e com os seus Regedores sobre aquelle negocio, offerecendo por parte do Viso-Rey toda a ajuda, e favor por mar que lhe fosse necessario pera destruir aquelle tyranno; e avisáram logo ao Conde do estado em que aquellas cousas estavam, e mandáram prometter ao Çamorim que se lhe confirmariam as pazes, que estavam feitas com D. Alvaro de Abranches, indo sempre o D. Fernando de Noronha sustentando o Çamorim com esperanças, e promessas. O Conde andou todo o inverno occupado em reformar as Armadas, porque determinava de as deitar muito cedo fóra, e visitou muitas vezes as ribeiras dos navios, casa da polvora, e armazens, porque sobre tudo trouxe sempre grande vigilancia, e festejou os dias de

de S. João, e Sant-Iago, como lhe costume, vestido á Mourisca, com carreiras, e regozijos, cousas que alegrão muito aos homens, e os exercita; e como foi tempo, nomeou seu irmão D. Luiz da Gama por Capitão Mór do mar da India pera ir ao Malavar, e escreveo a Baçaim que se armassem seis Sanguiceis muito ligeiros pela ordem que désse Sebastião Botelho, que era muito experimentado naquelle mister, e que sahisse por Capitão Mór dellas em Setembro, o que elle fez muito bem feito, porque tudo vio com o olho, como soldado velho, e experimentado, e que tinha sido muitas vezes Capitão Mór dos navios. Isto mandou o Conde Almirante ordenar, por entender que as Armadas grandes não serviam de mais que de darem guarda ás cafilas, e que estes navios assim soltos eram os que podiam tomar Paraos, e navios de cossairos, que já com medo de nossas Armadas faziam outros navios pequenos, que eram os que roubavam toda aquella costa, porque fugiam a nossas Armadas, e chegavam aos navios de mercadores cada vez que queriam, e como Ginetes ligeiros entravam, e sahiam quando queriam, e contra elles mandou armar estes que dissemos, que os fizeram affugentar, como adiante veremos.

E

E porque desejava de dar fim á empreza de Cunhale, e lhe deram as cartas de Cananor do estado em que as cousas estavam, e de como o Çamorim se preparava pera o cercar, negociou com muita pressa alguns navios pera mandar a D. Fernando de Noronha, pera que com os outros que lá tinha se puzesse na barra de Cunhale, até chegar o Capitão Mór do Malavar. E pera isto começou em Agosto a pagar gente, e deitar navios ao mar, pera como o tempo désse lugar, os despedir com muita ordem, e presteza; e porque desejava de concluir o negocio de Cunhale, já que tinha o Çamorim tão disposto pera isso, por ser a mais importante jornada que então havia na India: e como as barras estiveram pera se poderem commetter em Agosto, despedio doze navios, de que foi por Capitão Mór, e cabeça delles Manoel de Barbuda, e dos mais foram Capitães D. Antonio Manoel, que neste verão em que escrevemos isto, acabou de servir a Capitanía de Damão D. Alvaro da Costa, Gaspar de Mello, Vasco Gomes de Mello, Antonio Botelho, João de Seixas, Diogo Ortiz de Tavora, e hum navio pera Belchior Ferreira de Cananor, e seis Piriches mais de Malavares; e quando estes navios chegáram, já D. Fernando de Noronha tinha

nha sahido de Cananor em sinco de Setembro com os navios que alli tinha, com que se passou á costa Canará, onde recolheo os que foram em Mangalor, e Barcelor, e alli se ajuntáram todos, com que se fizeram dezoito navios, com que D. Fernando de Noronha andou correndo aquella costa, porque os Mourós senão provessem nella de mantimentos: e dalli voltou pera Cunhale por ter recado do Çamorim pera começar a dar principio á sua empreza, deixando sobre a barra do Canharoto sinco navios pera impedirem a alguns Paraos que não sahissem, que estavam dentro. Chegado á barra de Cunhale, poz por derredor muita vigia, porque lhe não entrasse cousa alguma, e mandou dous Capitães Malavares, bons Cavalleiros, pera irem assistir com o Ariole, que ficava da outra parte do rio, fronteiro á Fortaleza, que estava da parte do Çamorim, por ser seu vassallo, pera dalli fazerem toda a guerra que pudessem. Tanto que o Çamorim vio D. Fernando de Noronha na barra, logo assentou seu exercito da parte de Leste, e da do Sul, pera assim ter o tyranno melhor cercado, e mais encurralado: e pera que se entenda melhor este negocio, farei huma breve descripção de todos os rios de Cananor até Cochim, que he a verdadeira costa do Malavar, pera se saber

ber a parte em que efte tyranno tinha a fua Fortaleza, e moftraremos o fitio, e fórma de fuas fortificações.

De Cananor ao ilheo de Tremapatão ha duas leguas, tem alli hum rio mui bom; delle ao rio do Sal ha meia legua, e legua e meia abaixo o rio de Maim; adiante huma legua a povoação de Chomamba, que tem defronte humas pedras; dahi a meia legua a povoação de Motangue, e outro tanto ao rio de Pudepatão, em efpaço de meia legua, que he onde o Cunhale tem fua Fortaleza, fobre quem deixamos D. Fernando de Noronha com fua Armada, e na barra tem efte rio hum ilheo; e entre a povoação de Motangue, e Pudepatão, em efpaço de meia legua, ficam eftas duas povoações, Coriare, e Baregare: adiante do rio de Cunhale duas leguas eftá a villa de Tiracole defta cofta, e dos mais foberbos Mouros della: outras duas leguas adiante vai a villa Coulete, ou Couleche, e huma legua avante o rio Capocate, e adiante outra legua a povoação de Pudiangare. Neftes portos, rios, e povóações fe armam todos os Paraos que fahem a roubar, e em todos haverá hoje perto de fetenta, pouco mais, ou menos, que fe repartem pera differentes partes a fua pilhagem, armados todos por differentes armadores. E das prezas que

todos fazem, tem o Çamorim huma boa quantidade, ſem elle metter cabedal algum; e poſto que eſtejam de paz comnoſco, não deixam eſtes coſſairos de ſahir fóra, e de o conſentir o Çamorim pelo proveito que diſſo tem, ſobre ſe ter obrigado em todas as pazes que tem feito com o eſtado, a não ſahirem de ſeus portos coſſairos, e de cortar os eſporões aos navios, e fazellos de carga. E os Viſo-Reys quando lhe concedem eſtas pazes, bem entendem que as não hão de cumprir neſte particular, mas diſſimulam por reſpeitos que tem pera iſſo, que eu não ſei quaes ſejam, porque com iſſo não poupam couſa alguma ao Eſtado, pois forçado por razão delle ſe ha de mandar áquella coſta todos os annos Armadas, em que ſe gaſtam mais de ſeſſenta mil pardaos, e arriſcam os vaſſallos, porque á conta das pazes navegam, e os tomam, cativam, ou roubam.

E certo que neſte paſſo me lembrou perguntar-me a mim qual he a cauſa, por que os Viſo-Reys não tomam deſtes ſeſſenta, ou ſetenta mil pardaos, que gaſtam todos os annos, vinte mil, e os repartem pelos Arioles, e Naires deſtes rios pera lhes queimarem todos os Paraos que nelles houver, o que ſe fará com muita facilidade, e ſem ſe ſaber: e ainda digo mais,

que

que os mesmos Çamorins os mandariam queimar, dando-lhes este dinheiro, porque cuido que nem ametade desta quantia lhes cabe do quinhão das prezas; e segundo elles são miseraveis, e cubiçosos, e interesseiros, cuido que com isto folgáram mais. E assim sem risco dos vassallos, que he bem que se estimem, e lhes poupem as vidas, e sem tantas perdas, e despezas, farão a todo o Malavar dentro em sua casa a mór guerra do mundo, só por imitarem o muito prudente Rey, que está em gloria, que tudo o que podia fazer, e acabar com dinheiro, não perdoava os gastos, e despezas, porque entendia bem que o officio de bom Capitão era trabalhar mais por vencer com estratagemas, e artificios, que com armas; porque quando os inimigos se temem disto, andam mais precatados, e timidos.

E tornando ao nosso fio, e ordem do que diziamos: de Pudiangare a Calecut ha huma legua, e duas dalli ao rio de Chale, e outras tantas á Cidade de Paranor, e as mesmas á de Tanor, e outras duas á de Paranora; e dahi a huma legua está o famoso rio de Panane, o maior daquella costa, e delle á barra de Paliporto nove leguas, e quatro ao rio de Cranganor, e delle a Cochim sinco. Eis-aqui toda a costa Mala-

var

var de Cananor até Cochim. Agora tornemos ao rio Pudepatão, onde Cunhale tem sua Fortaleza, e mostraremos o sitio, e fórma della. Pera o que se ha de saber, que o sitio em que está, he huma peninsula quadrada de tiro de falcão de comprido, e outro tanto de largo; entrando pela boca da barra, logo volta pera o Sul hum esteiro, que deixa huma lingua de arêa sobre a barra, que corre de longo hum tiro de falcão: até o meio podem entrar fustas, e dahi por diante só almadias. O rio principal vai subindo quasi ao Nordeste outro tiro de falcão, e faz volta ao Sul, e deixa feita aquella peninsula que disse, porque só se péga com a terra pela parte do Sul; e nesta volta que faz o rio está a Fortaleza principal, com que logo continuaremos. Aquella parte da terra, que não deixa fazer aquelle sitio ilha, fechou o Cunhale com huma grossa parede desde o esteiro debaixo até o rio grande; e ainda fez outra tranqueira por fóra de madeira muito grossa, e forte com suas guaritas, e revézes huma, e outra. O rio grande he de largura de tiro de espingarda, porque de huma parte, e de outra se ouve muito bem tudo; e cá em baixo perto da Fortaleza se aparta em dous ramos, deixando no meio aquella ilheta, que chamam do Chinalle,

que

que era hum Mouro, de que logo daremos razão. Era esta ilheta de meia legua em roda, e logo se torna a ajuntar o rio, e se aparta delle hum braço, que vai até Calecut, e Chale, que são nove leguas, e até tres leguas poderáõ navegar catures, e dahi por diante almadias. A Fortaleza he quadrada, e cada quadra he de sincoenta passos, e em cada huma tem hum baluarte amadeirados de traves grossas, e debaixo delles casas pera armazens. As paredes da Fortaleza são de quatro passos de largura: em meio da Fortaleza está huma casa forte, que serve de masmorra, em que mettem os Portuguezes cativos, e por nossos peccados está poucas vezes vasia. Tem esta Fortaleza mais dous cavalleiros, que respondem de revéz hum ao outro, que descobrem todo o sitio, e povoação que fica dentro das tranqueiras. Os muros tinham seus parapeitos, bombardeiras, e setteiras com muita, e boa artilheria, e não tinha mais de huma só porta detrás de hum revéz de hum dos baluartes. A tranqueira de pedra, que fecha este sitio, tinha no cabo sobre a barra hum formoso baluarte com muita artilheria, que defendia a entrada com huma guarita pera a parte de Norte. Por todas estas fortificações tinha o Cunhale repartidos mil e qui-

quinhentos Mouros eſcolhidos, a fóra quinhentos de ſerviço, e na Fortaleza tinha comſigo duzentos dos principaes, e de mór confiança. No baluarte de ſobre a barra eſtava por Capitão Cutimuça, caſado com huma tia do Cunhale, que foi o que tomou a galé de D. Fernando Lobo defronte de Coulão: no baluarte da tranqueira de pedra eſtava Calvaca, valente Mouro: na tranqueira de madeira eſtava Canatale, ſobrinho do outro, que foi grande coſſairo: nas guaritas eſtavam repartidos eſtes Capitães, Cunhimai, Nonomai, Cutimai, Cutimurça Marca, Bácca Mamede, Bacla Cutiali ſeu irmão, Canatale, Cana Acam, Tampocare, e outros, todos eſtes armadores de navios de ſeis, ſete, e oito cada hum, que eſtavam mui ricos de prezas, e o Cunhale mais rico que todos, e tão ſoberbo, que tinha concebido em ſeu penſamento fazer-ſe Rey de todo o Malavar. E quando elle eſtava mais alevantado da fortuna, e cheio de vitorias contra nós, deſandou ella ſua roda, e deo com elle no pelourinho de Goa, onde lhe cortáram a cabeça, como em ſeu lugar diremos.

CA-

CAPITULO XIX.

De como o Bispo da China D. Luiz de Sirqueira da Companhia de Jesus, e o Padre Alexandre de Valignano foram a Japão: e de como aquelle Emperador falleceo: e do que lhe succedeo por sua morte.

NO fim da onzena Decada deixamos dito que tinha partido pera a China a náo da viagem de Japão, de que era Capitão Mór Nuno de Mendoça, onde foram embarcados o Bispo D. Luiz de Sirqueira, Religioso da Companhia de Jesus. Foi eleito pera a India pera Bispo do Japão pera por morte do Bispo D. Pero Martins, tambem da Companhia, lhe succeder no Bispado; porque como aquella Christandade era ainda nova, e muito tenra, arriscava-se muito se ficára alguns annos sem Bispo. E por isso ElRey de Portugal provêo nesta fórma, por ser em extremo zeloso do augmento da Santissima Fé Catholica. Hia tambem embarcado o Padre Alexandre de Valignano, Visitador da Companhia, que já o fora da India, e agora levava o mesmo cargo pera a Ilha de Japão; e fazendo sua viagem, tomáram Malaca, e dalli passáram á China, onde se

ſe detiveram, eſperando pela monção pera a Ilha de Japão, que he em Julho, depois de S. João, donde partíram já em nóventa e oito, e chegáram entrada de Agoſto, e os Padres da Companhia começáram a exercitar ſeu officio, e correr com ſuas obrigações no miniſterio da converſão das almas.

Eſtava neſte tempo muito mal o Taicozama, Emperador de todas aquellas Ilhas, e quaſi no cabo; e ſobre aquella herança havia entre os ſenhores Japões grandes pertenções, e deſavenças, porque pelas idolatrias, e peccados daquella Ilha nunca de quinhentos annos a eſta parte ſuccedeo filho a pai, nem neto a avô, nem ainda algum, a quem por linha direita ſuccedeſſe naquella herança; porque o derradeiro Emperador, em que aquella ſucceſſão ſe acabou, foi reteudo, e foi prezo por hum Governador ſeu, que ſe lhe alevantou com o Imperio, deixando-o na Cidade de Meaco em huns paços muito ricos, onde aſſim elle, como todos os que lhe ſuccedêram por linha direita eſtiveram até hoje como eſtatuas, ſem eleição de querer, nem com mando algum, ſómente tinham authoridade pera confirmar os Reynos aos tyrannos, e a todos os mais daquella Ilha; e com viverem aſſim privados

de

de seu Imperio, eram muito ricos por pensões que lhes davam, e na authoridade, serviço, e riquezas eram outros Emperadores. E estes seus herdeiros, que assim lhe succediam por linha direita, não perdêram nunca o titulo de Daires, ou Voo, que he o mesmo que de Emperador; e o que os tyrannos tomáram de Taicozama he mais humilde por encubrirem sua tyrannia, que tanto quer dizer como do Imperio.

Pelo alevantamento do primeiro tyranno, que desapossou o derradeiro Daire, se dividio aquelle Imperio em sessenta e seis Reynos distinctos, que são os seguintes.

Faremos primeiro huma descripção destas Ilhas por esta maneira. Tomada esta terra a vulto, affirmam que tem quatrocentas leguas de comprido; mas o que he na realidade, não passa de duzentas, quanto á propria Ilha de Japão. Nasce isto de ser esta grande terra repartida em muitas Ilhas juntas, que fazem parecer hum grande continente. As maiores, e mais principaes Ilhas, são tres. A primeira se chama Chimo, e por outro nome Xaicocu, que tem estes nove Reynos, scilicet, Figen, Bungo, Funga, Bonzumi, Cucuma, Fingo, Chicugen, Chicungo, Unigen.

A segunda Ilha se chama Xicocu, que quer dizer quatro Reynos, por outros tantos

 que

que tem, que são estes, Tosa, Aba, Sanoqui, e Lijo.

A terceira, e mais principal, he a que propriamente chamamos Japão, que tem em si estes quarenta e sete Reynos, scilicet, Nangato, Inami, Sura, Juxomim, Aqui, Foqui, Bingo, Ineba, Bichum, Mima, Zaca, Farima, Tanquima, Viger, Tambá, Tango, Bacasa, Xama, Xiro, Xamalo, Inzuno, Quij, Liquigem, Bomi, Inga, Xima, Ixe, Mino, Canga, Noto, Jetehic, Fitachi, Ximano, Boari, Micava, Cai, Jenchingo, Devá, Bencuque, Toutomi, Fugara, Ixu, Meaxi, Ximonu, Xieque, Sangami, Ximoneza, Findeaqui, Bonju, Bandou. A esta Ilha principal se ajuntam outras seis, que são estas. Sado, Voqui, Couxima, Iqua, Abangui, Iniunoxima, que são outros seis Reynos. Estes são os sessenta e seis Reynos do Japão. E entre quarenta e sete da Ilha principal ha sinco, que se chamam Tecão por hum nome só; e quem for senhor delles, he Emperador de toda a Ilha.

Já que temos visto a grandeza deste Imperio, tornemos a continuar com o discurso que levavamos da doença do Taicozama. Este vendo-se no cabo, andou discursando como poria na cadeira daquella Monarquia hum filho que tinha, de idade

de

de ſinco annos ; porque ainda que era tyranno , e tinha tomado o eſtado alheio, não deixava de ver, e entender que o que elle fez ao filho alheio, lhe podiam outros fazer ao ſeu ; e vendo que não tinha outro remedio ſenão fiar-ſe de alguem , quillo fazer antes do Rey de Bandou, chamado Yaya Su, por ſer muito valeroſo, de quem ſe receava mais que de todos os outros Reys, que por ſua morte lançaſſe mão daquella Monarquia , e quillo levar por termos de muita confiança que delle fazia com lhe entregar ſeu filho ; porque pela ventura que com iſſo o quietaria, e ſuſtentaria ſeu filho menino naquelle eſtado. Chegado eſte Rey a elle , tendo comſigo muitos dos ſeus Grandes , lhe fez eſta breve falla :

» Bem ſei que não poſſo eſcapar deſta
» enfermidade, porque vejo em mim ſinaes
» de ſer chegado o meu termo : não ſinto
» morrer , porque ſei mui bem quão certa
» a morte he a todos , ſó ſinto deixar
» meu filho de tão pouca idade , que não
» he capaz de lhe entregar eſte Reyno ; e
» já que aſſim he, correndo pela memoria
» a quem com mais confiança podia entre-
» gar eſte menino, e eſta coroa, que tiveſ-
» ſe valor , e poſſe pera o ſuſtentar nella,
» e defender de ſeus inimigos ; e que co-

» mo

» mo chegar a idade de poder governar,
» lho entregue, em todo este Imperio não
» achei outro, senão vós, que tenha pera
» isto as partes que quero, pelo que com
» muita segurança vos entrego este filho, e
» todo este Imperio; e pera que esta con-
» fiança, que de vós tenho, se acabe de
» mostrar a todos, vos rogo que caseis
» este menino com vossa neta; pera que
» assim sendo vós avô de sua mulher, se-
» jais tambem pai deste meu filho. » E
mandando vir o menino, lho entregou, e
lho poz nos braços, onde elle o agaza-
lhou com mostras de muito amor, e cor-
tezia, e com isso respondeo a Taicozama
estas palavras:

» Eu, Senhor, quando morreo o Empe-
» rador Nabunango não possuia mais que
» o Reyno de Micava; e como vós, Se-
» nhor, succedestes nesta Monarquia, com
» vossa ajuda, mercês, e favores conquis-
» tei outros tres Reynos. E depois pera
» me honrardes mais, e alevantardes, me
» déstes oito Reynos em o de Bandou a
» troco dos quatro que possuia: pelo que
» eu, e toda a minha geração estamos obri-
» gados a servirmos, e amarmos ao Prin-
» cipe vosso filho, e a todos os seus des-
» cendentes com risco das fazendas, vidas,
» e estados. E sem vós, Senhor, mostrar-
» des

» des tanta confiança de mim, tinha eu
» obrigação, e estava mui apostado a pôr
» todas minhas forças, e industria, pera
» que o Principe vosso filho ficasse seguro
» em seu Imperio. Mas agora que sobre
» tantas honras, e mercês, como são todas
» as que me tendes feito, me fazeis esta
» de novo, que passa por todas as outras,
» de me entregardes vossos Reynos, e
» vosso filho por genro, fico tão cativo
» de V. Alteza, e prezo com tão fortes
» cadeias de amor, que determino de fa-
» zer todo o possivel pera cumprir tudo o
» que me deixais encommendado. »

Acabado isto, mandou trazer sua neta, que era de dous annos, e alli os despofáram logo com as ceremonias do Japão, com muito gosto, e applauso de todos; e o Taicozama deo juramento ao Rey do Bandou de governar seus Reynos em paz, e justiça, até seu filho ser de idade pera lhos entregar. E o mesmo fez a todos os Grandes que estavam presentes, de serem fieis a seu filho, e procurarem conservallo em sua Monarquia. Acabado aquelle acto, logo alli mandou trazer grande somma de joias, e riquezas, e as repartio por todos, pera com isso os obrigar mais.

E porque naquelles Reynos de Tencanão havia mais de quatro Governadores,

accrescentou-lhe mais hum chamado Asonodario, e este como Presidente dos outros, e que estes todos ficassem subditos de El-Rey tutor de seu filho, e lhe obedecessem como a sua propria pessoa, se fora vivo; e pera que estes sinco ficassem mais unidos, e conformes, fez casar os filhos de huns com as filhas dos outros.

Havia muitos annos que este barbaro Taicozama andava com imaginação de se fazer adorar por Deos, pera o que tinha na sua Fortaleza de Fuximi (que era cousa muito notavel) ordenado hum certo lugar de grande recreação pera nelle alevantar, e pór sobre altar sua estatua; e porque este peccado de quererem os homens usurpar, e tomar pera si o que a só Deos he devido, he o que elle mais castiga que todos, o quiz fazer a este tyranno logo, tanto que entrou naquella imaginação, e mostrar-lhe grandes sinaes de sua justa indignação, pera ver se com elles entrava em si, e se apartava de seu máo proposito. E assim a vinte e dous de Julho de noventa e seis, andando elle occupado no lugar em que queria depositar sua estatua, appareceo sobre a Cidade de Meaco hum grande Cometa que durou alguns dias; e logo dahi a poucos choveo grande quantidade de cinza, e na Cidade de Osaca tam-

tambem choveo arêa; e depois disto na entrada de Dezembro seguinte foram tantos, e tão grandes os terremotos, e tremores da terra na mór parte do Japão, que cahio pelo chão toda a Fortaleza, e paços de Fuximi, onde aquelle tyranno queria pôr sua estatua, que elle tinha fabricados com excessivas despezas, e o tyranno escapou com o filhinho de tres annos nos braços, e na terra de Frenoxa cahíram grande quantidade de templos dos seus idolos, onde morreo muita gente; e em outro mui grande templo de Meaco se fizeram todos os idolos que havia, em pedaços. Os mesmos damnos acontecêrão nas Cidades de Osaca, e Sacai, e dellas pera Meaco ficáram tão grandes aberturas na terra, que os tremores della abríram, que se não podia passar pera aquella Cidade sem grandes rodeios.

Além destes males da terra, fez o mar outros maiores, que foi sahir de seu curso com duas correntes caudalosissimas, huma que foi caminho da Cidade Meaco, alagando, e destruindo todos os lugares, e villas inteiras que havia, em que pereceo grande numero de gente, e outra que foi pera o Ximo, e Reyno de Bungo, que tambem assolou muitos póvos inteiros, porque entrou vinte leguas pela terra dentro, cousa

nun-

nunca viſta, nem ouvida no mundo depois do diluvio geral. E toda eſta inundação procedeo de hum eſtreito que faz o mar entre duas Ilhas defronte do porto de Ximonoxeque; e foi eſte diluvio tamanho, que depois de paſſados alguns dias, ficou neſte Reyno do Ximonoxeque ſobre o mais alto monte delle perto de vinte braças de agua; e aſſim morreo naquella parte tanto numero de gente, que ſe não pode eſtimar, ſem eſte barbaro ſe mover, nem tirar de ſeu máo propoſito; e tanto foi perſeverando nelle, que tornou logo a reedificar a Cidade de Fuximi com móres gaſtos, e deſpezas; e o lugar em que havia de alevantar ſua eſtatua, ornou-o com mais riquezas; e aos dezeſeis de Setembro faleceo eſte tyranno, e ſeu corpo foi mettido em huma caixa mui rica, e bem guarnecida, pelo elle aſſim mandar, ſendo coſtume dos Japões queimarem-ſe: foi levado com grande mageſtade ao lugar que elle tinha ordenado, e logo lhe alevantáram a ſua eſtatua, que tinha feita, com hum letreiro que dizia *Xinfaquiman*, que quer dizer Deos das guerras, como aquella antiga gentilidade tinha alevantado outra a Deos Marte. E eſte lugar, em que foi depoſitado, era hum jardim de grandes recreações, e freſcuras, e ſua alma foi parar en-

entre grandes ſuſpiros, tormentos, e fogo eterno, que dura em quanto Deos durar, que ſerá pera ſempre, que he o que ſó ſe ha de adorar. Com ſua morte tomou o Rey de Bandou, tutor do filho do Taicozama, poſſe do Imperio ſem contradicção alguma, porque nenhum dos outros Reys quiz contender com elle, por ſer de grande valor; mas tambem uſou o meſmo que o Taicozama, que tem hoje eſte Principe, com ſer ſeu genro, como eſtatua, e pertende pôr naquella cadeira hum filho que tem; mas não faltará quem lhe faça outro tanto por ſua morte.

Com eſtas couſas tornáram os Padres da Companhia a resfolegar, e tomar alento, e aquella grande Chriſtandade a ir por diante, e reedificarem-ſe Templos, e Seminario: e tanto foi Deos noſſo Senhor cumprindo os bons intentos deſtes Obreiros Evangelicos, que os mais dos Reys lhe offerecêram lugares pera Igrejas, chamando-os cada hum pera ſi, porque folgavam de communicar com homens de tanta virtude, e exemplo. E iſto lhes ſuccedeo ſempre, depois de eſtarem neſtas Ilhas, que com andarem muitos, e ſós, e apartados no miniſterio da converſão das almas entre moças muito formoſas, que as ha naquellas Ilhas, tanto como as da Europa, até ho-

hoje, por miſericordia de Deos, ſe não achou Padre nem de Miſſa, nem Leigo comprendido em hum máo exemplo, nem eſcandalo: e aſſim por ſua limpeza fertilizáram ſeus campos, e ſuas ſementeiras, como o grão do ſanto Evangelho.

DECADA DUODECIMA

Da Hiſtoria da India.

LIVRO II.

CAPITULO I.

De como eſte anno de noventa e oito não partíram náos do Reyno: e do Forte que o Conde Almirante ordenou ſobre a barra de Goa: e do que proveo ſobre o governo do Reyno de Ormuz.

DEpois que o Conde Almirante deſpedio os navios pera D. Fernando de Noronha, ficou eſperando pelas náos do Reyno pera ſaber novas do que lá hia, que não partíram eſte anno por eſtar a barra de Lisboa impedida com huma Armada de Inglaterra, que eſteve ſobre ella todo o mez de Março; e vendo o Conde Almirante que lhe tardavam até todo Setembro, parecendo-lhe que poderiam ir tomar Cochim, começou a entender nas couſas que havia de mandar pera fóra, e a primeira foi deſpedir o galeão dos provimentos pera Ceilão, e nelle D. Pedro Manoel, irmão do Conde da Atalaya, primo

mo com irmão do mesmo Conde, pera Capitão de Columbo, por acabar seu tempo Thomé de Sousa de Arronches que nelle estava, que partio na entrada de Outubro; e porque entre as instrucções que ElRey mandou a este Estado o anno passado, achou hum Capitulo de huma que dizia assim: « E porque sou informado que será » de muito effeito pera guarda da barra » dessa Cidade, principalmente pera os » navios de remo, que por ella intentassem entrar, fazer-se outra Fortaleza na » ponta do palmar de Gaspar Dias, que » está fronteira á de Bardes, vos encommendo que ouvindo sobre isto o Engenheiro » que ficou, em lugar do que pera cá se » embarcou nas náos passadas, e as mais » pessoas que nessa materia possam dar voto, deis ordem com que se faça. » E como o Conde desejava de cumprir todos os regimentos, e instrucções de ElRey, em que consiste o bom governo deste Estado, ajuntou a Conselho os Fidalgos velhos, e as pessoas que mais lhe parecêram, e propoz aquelle negocio, e mandou ler a instrucção.

E examinadas entre todos as razões que havia pera se haver de fazer aquella Fortaleza, não só pera contra os navios pequenos, mas ainda pera contra náos Hollan-

landezas, e quaesquer outras que cá passassem, assentou-se que era mui necessaria; porque como a entrada desta barra de Goa tem dous canaes, hum mais pequeno capaz só de Fustas, que passa ao longo da ponta de Bardes, onde está fundado o Mosteiro dos Reys Magos da Ordem do Padre S. Francisco, pera cuja defensão o Viso-Rey D. Affonso de Noronha mandou fazer aquella Fortaleza, que já dissemos; e ao pé della, que está em hum alto, fundou o Governador Manoel de Sousa Coutinho huma Couraça ao longo da agua, que péga na Fortaleza com boa artilheria, que o Conde Almirante Viso-Rey acabou com mandar fazer casas pera gazalhado do Capitão, que não tinha, e não ficar acabada, que defende bem a entrada da barra, em especial o canal pequeno; e por ficar defronte da ponta do palmar de Gaspar Dias, com o Forte que o Conde Almirante alli fundou, se assegurava o canal maior, e pela mesma razão ambas as entradas que ha da barra pera o rio de Goa, e por este canal maior entram as nossas náos do Reyno descarregadas, e a banda, por ser capaz de entrarem por elle náos de grande porte. Aqui onde agora está o Forte, que o Conde mandou fazer, poz o Viso-Rey D. Luiz de Taíde, a primeira vez que o foi,

foi, hum Alcaide das ſacas pera buſcar todas as embarcações que alli ſurgiſſem, aſſim á ida, como á vinda, que não aproveitou mais que ao homem que alli poz. E eſta entrada por eſta parte não podia defender a artilheria da Fortaleza, e Couraça de Bardes, por ſer a largura do rio de mais de tiro de camelete, era neceſſario haver alli alguma defensão, porque a India nunca ſe temeo, ſenão de Galés de Rumes, que nunca ſe imaginou que pudeſſem Armadas de inimigos da Europa paſſar a eſtas partes; como depois vimos, contra quem foi remedio muito principal eſta Fortaleza, que o Conde aqui principiou; porque ſegundo os Hollandezes, que depois vieram a eſta barra muitas vezes, ſe moſtráram atrevidos, por ſem dúvida tenho que ſe determinaſſem commetter a entrada por eſte canal, ſenão víram aquellas duas Fortalezas, porque as couſas da India foram ſempre mais encaminhadas por Deos, que pelos homens.

Em fim, tomando o parecer, e feito o aſſento delle, foi o Conde Almirante ver aquelle ſitio com os Vereadores, levando comſigo Julio Simões Engenheiro, que ficou em lugar de João Baptiſta Milanés, que ElRey mandou cá vir, e reformar todas as Fortalezas; e notado bem o ſitio, fez o Engenheiro a traça con-

conforme a elle, e ficou a obra á conta dos Vereadores, pera se fazer do dinheiro do hum por cento, que os moradores de Goa tinham applicado nos direitos de suas fazendas, pera a obra das fortificações de Goa; e cuido que este dinheiro de hum por cento rende cada anno mais de vinte mil pardaos, e á obra deo o Conde logo principio, e depois foi correndo com tanto vagar, como vam todas as mais cousas da India; porque não ha Governador, nem Viso-Rey que queira proseguir obra, que outro comece, por boa que seja, e ainda neste inverno de seiscentos e onze, em que escrevo isto, estará pouco mais de braça craveira de altura; pois na guarda, e provimentos desta Fortaleza, e das mais da outra banda, e de todas as da India, não convem tratar dos grandes descuidos dos Viso-Reys, e Governadores, porque he bem se não saibam; e passando daqui, vamos ás cousas de Ormuz, em que o Conde proveo.

D. Antonio de Lima, que, como atrás dissemos, foi entrar na Capitanía de Ormuz, achou as cousas daquelle Reyno mui arruinadas, e arriscadas a se perderem todas as Fortalezas, que aquelle Rey tinha, assim da banda da Persia, como da Arabia, em grande perjuizo do estado da India: a ra-

razão era, porque aquelle Rey, que era Ferugoxa, eſtava já na idade decrepita, e determinava largar o governo ao filho ſegundo, chamado Mamedexa, que era filho de huma irmã do Guazil, e tirallo ao filho mais velho, chamado Feruxá, que era mais pera iſſo, e eſte negocio favorecia o Guazil, por ſer o outro ſeu ſobrinho; ſobre iſto havia em Ormuz grandes revoltas.

Diſto tinha D. Antonio de Lima aviſado o Viſo-Rey em Abril paſſado, que vendo agora que ſe vinha chegando a monção pera aquella Fortaleza, poz aquelle negocio em Conſelho de Capitães velhos; e debatidos os inconvenientes, aſſentou-ſe que o Capitão de Ormuz obrigaſſe aquelle Rey a ter ſuas Fortalezas mui bem provídas, e guardadas, até ſobre iſſo lhe ſocreſtar ſua fazenda, pera della ſe proverem, e correr com elle com todas as execuções neceſſarias; mas que não foſſe privado do Reyno, em quanto não houveſſe mais cauſa pera iſſo; e que o Viſo-Rey o perſuadiſſe por cartas, que deixaſſe governar ſeu filho mais velho por elle; e que trabalhaſſe pelo caſar com huma filha do Guazil, porque aſſim ſe comporiam as couſas melhor; mas que ou ſe effeituaſſe eſte caſamento, ou não, ſe todavia ElRey quizeſſe que ſeu filho mais velho governaſſe por

el-

elle, pois tinha mais partes necessarias pera isso, que o fizesse; e que o Capitão o mettesse de posse do Reyno, mostrando primeiro instrumento público de renunciação, que seu pai fazia nelle. Assentado isto desta maneira, passou o Conde suas provisões ao Capitão, e o traslado do assento do Conselho, pera que o effeituasse, e escreveo a ElRey, e ao Guazil sobre aquelle negocio.

CAPITULO II.

Das Armadas que o Conde Almeirante despachou pera fóra: e do que succedeo a D. Fernando de Noronha na barra de Cunhale, e a Sebastião Botelho, Capitão dos Sanguiceis, na costa do Norte: e de como D. Alvaro de Abranches foi entrar nas Fortalezas de Çofala, e Moçambique.

JÁ démos conta de como o Conde Almeirante mandou ao Norte fazer seis Sanguiceis pera ir contra os navios ligeiros dos Malavares, e encommendou esta obra a Sebastião Botelho, que os foi fazer a Taná os melhores que se víram daquelle toque na India, que em Setembro poz no mar, e pagou soldados mui conhecidos, e ma-

marinheiros efcolhidos entre muitos, e a dez de Setembro fahio de Taná mui bem negociado, e petrechado de tudo, porque tudo vio com o olho, e fó de fi o fiou. Os Capitães que o acompanháram, foram D. Rodrigo Pereira, filho de D. Manoel Pereira, D. Manoel Mafcarenhas, filho natural de D. Gilianes Mafcarenhas, a que chamavam o Langará, Antonio Barbofa, D. Luiz de Menezes, e Gafpar Pacheco de Mefquita; e todos juntos, e com grande defejo de acharem coffairos, foram mui conformes; e delles trataremos depois, e continuaremos com a Armada de D. Luiz da Gama, a que o Conde deo a mór preffa que pode, e em Dezembro a fez á véla, a melhor provída de Fidalgos, Capitães, e foldados que fe vio ha muitos annos.

Foi a Armada de tres galés, de que eram Capitães, a fóra elle, D. Francifco Pereira, irmão de D. João Pereira, Conde da Feira, e D. Vafco da Gama: as fuftas eram perto de vinte, cujos Capitães eram D. Manoel de Noronha, filho de D. Thomaz de Noronha, D. Chriftovão de Noronha, Lourenço Guedes, filho de Pero Guedes, Diogo de Miranda, filho de Martim Affonfo de Miranda, Ruy de Soufa de Larcão, D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór D. Jorge de Menezes, D. Francifco

de

de Soto-maior, Alvaro Velho, Gaſpar de Abreu Mouſinho, Triſtão de Taíde, filho de Nuno Fernandes de Taíde, Manoel de Bendanha, e outros a que não achámos os nomes, e em quanto eſta Armada vai ſeu caminho, daremos conta das couſas que ſuccedêram a D. Fernando de Noronha ſobre a barra de Cunhale.

Eſte Capitão depois que ſe poz com ſua Armada ſobre Cunhale, deixou-ſe eſtar nella, dando calor ás couſas do Çamorim, pera com mais ſegurança aſſentar o cerco ſobre aquella Fortaleza, como fez muito de vagar, tendo-lhe a noſſa Armada ſeguro o mar, por onde ſe podia prover aſſim de mantimentos, como de ſoccorro, que eſta he a guerra que elle mais ſentio, que a que lhe o Çamorim fazia por terra, e aſſim o puzeram em eſtrema neceſſidade; e depois do Çamorim ter aſſentadas ſuas eſtancias, e ſe fortificar á ſua vontade, e dar princípio á guerra, ſe levou D. Fernando de Noronha de ſobre a barra com toda a Armada, e foi dar huma viſta pela coſta, em que encontrou huma galeota, e dous paráos, a que deo caſſa, até os fazer varar na coſta brava, onde ſe fizeram em pedaços, e a gente ſe ſalvou em terra com bem grande trabalho; e por outra vez tomou dous paráos ligeiros ao mar, por não

po-

poderem fugir pera a terra, e os Mouros delles foram todos mortos, e cativos, e assim tomou outras duas embarcações de mantimentos, e a outro paráo fez varar em terra.

E por ter aviso que em alguns rios se faziam prestes cossairos pera sahirem ás prezas, os foi tomar, e na barra do rio Canharoto achou quatro paráos ao mar, que estavam esperando que daquelles rios sahissem outros, pera todos juntos passarem ás prezas do Norte, que foi demandar; e como estavam encevados de novo, e eram muito ligeiros, tanto que víram a nossa Armada, voltáram a terra perseguidos sempre dos nossos, até se recolherem naquelle rio, onde D. Fernando os teve de cerco até os fazer desarmar; e depois de fazer isto, voltou outra vez pera a barra do Cunhale, pera favorecer o Çamorim, e alli esteve até chegar D. Luiz da Gama; correndo com o Çamorim sempre muito particularmente, segurando-lhe que aquella jornada teria muito bom fim, e aquelles inimigos de seu Estado se extinguiriam, e que o Conde lhe mandava conceder as pazes muito a seu gosto; com o que foi entretendo o Çamorim, e obrigando a proseguir o cerco, onde o deixaremos por contarmos o que aconteceo á Armada do Norte.

Dei-

Deixamos ſahido Sebaſtião Botelho de Tanà com os ſeis Sanguiceis que diſſemos, com que ſe foi mettendo na enſeada de Cambaim, onde os coſſairos são mais continuos, e pelas muitas prezas que della levam lhe chamam elles o rio do ouro, como já algumas vezes diſſe, e a foi atraveſſando até a Fortaleza de Dio, onde tomou falla, e achou por novas ſerem paſſados quatro, ou ſinco navios pera a coſta de Por, e Mangalor, e enſeada de Jaquete, onde tambem achavam em que ſe empregaſſem com grandes proveitos; e paſſando em buſca delles, foi correndo todos os portos, levando-os ſempre diante de ſi, até haver viſta delles huma tarde, a tempo que ſe hiam affaſtando da terra, e já muito emmarados, por ſerem aviſados da noſſa Armada. Sebaſtião Botelho os foi ſeguindo até anoitecer; e entendendo que haviam de ir na derrota da coſta do Canará, por terem já feito algumas prezas, até onde determinou de os enſacar, como fez por eſpaço de ſinco, ou ſeis dias, ſem haver viſta delles, ſenão já na outra coſta; e como hiam muito adiantados, nunca os pode entrar. E vendo-ſe elles tão acoçados dos noſſos, endireitáram com a terra, e recolhêram-ſe no rio Sanguicer, que he huma grande colheita deſtes coſſairos, que commum-

mummente se chamam do nome daquelle rio. Sobre elle se deixou ficar Sebastião Botelho alguns dias, com o que os obrigou a se desarmarem de todo, porque dos navios deste toque tem elles tão grande medo, como do diabo.

Dalli se fez Sebastião Botelho á vela na volta da costa do Norte, e defronte do rio Tambona acháram hum Parao de Malavares, que logo investíram, e rendêram, ficando todos os delle mortos á espada, tirados alguns, que os soldados cativáram por lhes parecerem bem; e como correo pela costa a fama da ligeireza destes navios, todos os cossairos que por ella andavam, se affugentáram, e se recolhêram a seus portos, e assim andou esta Armada sem achar cousa em que se empregasse, até o Conde lhe mandar recado que se fosse ajuntar com D. Luiz da Gama pera se achar com elle na guerra do Cunhale, como logo fez. O Capitão Geral foi com sua Armada correndo a costa do Canará, visitando por ella todas aquellas Fortalezas, e provendo-as até chegar ao rio de Cunhale, aonde D. Fernando de Noronha lhe entregou a Armada, e lhe deo a informação do estado em que as cousas estavam: e pelo Capitão Mór mandou o Viso-Rey dizer a D. Fernando de Noronha que se ficava fazen-

zendo prestes huma galé, que lhe havia de mandar pera elle andar nella aquelle verão; e não se satisfazendo disto D. Fernando, sem pedir licença ao Capitão Mór, se foi pera Goa, e indo pera fallar ao Conde Viso-Rey, lhe mandou o Conde perguntar se vinha com licença do Capitão Mór; e respondendo que não, sem o ver, nem ouvir, o mandou pelo Ouvidor Geral levar prezo ao forte de Agaçaim, onde esteve mais de dous mezes; e a galé que mandou apparelhar pera elle deo o Conde Viso-Rey a D. Alvaro de Menezes. O Çamorim mandou logo visitar ao Capitão Mór; e o Padre Francisco Rodrigues veio á galé a isso, e lhe deo relação do modo de como o inimigo estava cercado, e da constancia que o Çamorim tinha de estar sobre elle até o destruir de todo. A' visita lhe mandou o Capitão Mór responder com grandes cumprimentos, e agradecimentos do seu procedimento: e que vinha alli com aquella Armada, e com muita gente, que logo chegaria pera o ajudar a destruir aquelle inimigo, que tanta posse queria tomar de seu Reyno; e aqui o deixaremos até tornar a elle.

Partido D. Luiz da Gama de Goa, entrou o Conde no despacho de D. Alvaro de Abranches pera ir entrar na Capitanía de

de Çofala, e Moçambique, por acabar ſeu tempo Nuno da Cunha que lá eſtava. Partio eſte Fidalgo de Goa a quinze de Janeiro deſte anno de noventa e nove, em que com o favor Divinò entramos, e na meſma monção mandou dous navios de remo, Capitão Ambroſio Leitão, pera ir até Moçambique, e Antonio Colaço pera Melinde a ſaberem novas de náos Hollandezas, e pera outras couſas do ſerviço de ElRey, que levavam por regimento. E porque neſta viagem não houve couſas dignas de contar, concluiremos com eſtes navios aqui, com dizer ſó que foram, e tornáram em Maio a ſalvamento, e D. Alvaro de Abranches chegou a Moçambique, e tomou poſſe da Fortaleza; e Antonio Collaço, e Ambroſio Leitão em Setembro com as náos do Reyno.

CAPITULO III.

De como o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, da Ordem do Padre Santo Agoſtinho, partio de Goa pera ir viſitar os Chriſtãos das ſerras do Malavar: e do que fez na barra do Cunhale: e do aſſento que tomou com o Capitão Mór, e mais Capitães ſobre o modo de como ſe commetteria aquella Fortaleza.

DEpois do Conde Almeirante deſpedir a Armada do Malavar, como deſejava de dar fim áquella empreza do Cunhale, ficou tomando todas as informações que lhe parecêram de homens de experiencia pera aviſar a ſeu irmão D. Luiz da Gama; como fez por muitas vezes. E porque o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes tratava de ir viſitar a chriſtandade das ſerras do Malavar, por ſer morto o ſeu Biſpo, e o Summo Pontifice lhe ter eſcrito que trabalhaſſe tudo o que pudeſſe por trazer todos aquelles Chriſtãos á obediencia da Santa Igreja Catholica Romana, o negociou, e lhe deo pera ſua embarcação huma galé, de que foi por Capitão D. Alvaro de Menezes, com ordem pera tanto que deixaſſe o Arcebiſpo em Cochim, voltaſſe logo pera o Cunhale pera ſe achar naquelle nego-

gocio em companhia de ſeu irmão : e ao Arcebiſpo encommendou muito ſe detiveſſe ſobre aquella barra, e tomaſſe informação do modo em que o Cunhale eſtava, e do em que o Çamorim o tinha cercado, e por onde ſe poderia commetter a eſcala daquella Fortaleza, e de todas as mais couſas que entendeſſe convinha ao fim, que ſe pertendia, e que de tudo o aviſaſſe pera mandar a ſeu irmão a reſolução do que havia de fazer, porque entendia que o Arcebiſpo faria naquelle negocio tudo o que o meſmo Conde poderia fazer, ſe ſe achaſſe lá em negocios de Conſelhos, e de advertencias.

Pelas Oitavas do Natal ſe fez o Arcebiſpo á véla, e com vento proſpero foi ſurgir ſobre a barra do Cunhale, onde D. Luiz da Gama o eſperou com toda ſua Armada embandeirada, e poſta em ordem, e o recebeo com grandes ſalvas de artilheria, e de arcabuzaria, e logo ſe foi ver com elle, e lhe deo conta do eſtado em que as couſas eſtavam, e de como o Çamorim proſeguia no cerco contra aquella Fortaleza, com muito rigor, aſpereza, e firmeza, e que tinha moſtrado de ſua parte haver de cumprir o que tinha promettido. O Arcebiſpo lhe moſtrou as inſtrucções do Conde Almeirante, e por virtude dellas

las ajuntou logo Conſelho geral de todos os Capitães, a quem o Arcebiſpo propoz a tenção do Conde Almeirante, principalmente ſobre o modo que ſe teria na deſembarcação daquella Fortaleza, pera primeiro que ſe effeituaſſe, o aviſarem, pera no Conſelho de Goa ſe verem as razões em que ſe fundavam, pera com iſſo mandar a ſeu irmão a ultima reſolução ſobre aquelle negocio; e praticado o caſo, e examinados os inconvenientes que ſe offerecêram ſobre a materia da deſembarcação, iſto he, por qual das partes ſe faria, ſe entrando pela barra, ſe deſembarcando na terra do Ariole, e depois de muito altercado tudo, vieram a concluir todos, ou os mais, que o melhor, e mais ſeguro ſería entrar toda a Armada pela barra, tiradas as galés, e deſembarcarem dos navios em terra, e pôrem ſuas eſtancias, allegando pera iſſo muitos proveitos que reſultariam diſſo; porque poſto que na entrada houveſſe algum riſco, ſem que ſe não fazia nunca guerra, todavia depois de eſtarem dentro os navios, ficariam os noſſos mais ſeguros, e deſembarcariam em terra com melhor ordem, e menos oppreſsão, porque os noſſos navios varejariam a ribeira com ſua artilheria, e fariam a deſembarcação mais franca; e que ficando os navios com as

proas

proas em terra, teriam os nossos mais á mão os provimentos de munições, e de todas as mais cousas, porque ficariam sendo armazens de tudo o de que tivessem necessidade pera o escalar da Fortaleza, porque não era possivel irem todos tão providos, que lhe não viessem a faltar as cousas; e com isso serviriam de recolherem os feridos, e de costas aos nossos pera pelejarem mais affoitos, tendo-as seguras; e que acontecendo hum desastre, teriam onde se recolher, e repairar; e que vendo-se o inimigo cercado pelo rio, sem dúvida se entregaria logo, porque lhe não ficava outro remedio, porque só nelle tinha suas esperanças; e debatidas todas estas, e outras cousas, vieram a concluir que entrasse no rio com toda a Armada, e que dos navios fizessem prestes pera desembarcarem os nossos a pé enxuto.

Disto se fez hum assento assignado por todos, que o Capitão Mór despedio, e mandou ao Conde por hum navio ligeiro, escrevendo-lhe elle, e o Arcebispo a disposição em que as cousas ficavam, affirmando-lhe que convinha ao Estado destruir aquelle inimigo; porque segundo estava poderoso, se se dissimulasse com elle, viria em pouco tempo a ser senhor do mar, e os Portuguezes a ficarem encurralados em

suas

ſuas Fortalezas ; e que ainda aſſim no eſtado em que eſtava , vivia tão poderoſo, e ſoberbo , que ſuas Armadas já não eſtimavam as noſſas ; nem os noſſos navios tantos por tantos ouſavam a ſe encontrar com os ſeus, e aſſim como ſenhor do mar da India eſtava muito rico de theſouros, pelas grandes prezas com que todos os annos ſuas Armadas ſe recolhiam, e por eſſe reſpeito dobrava todos elles a cópia de navios, e gente.

Deſpedido o recado , depois do Arcebiſpo fazer na barra de Cunhale todas as diligencias que lhe parecêram neceſſarias, ſe foi pera Cochim , e com elle continuaremos depois. O recado que o Capitão Mór deſpedio ao Conde Almeirante chegou a Goa em poucos dias ; e vendo elle o eſtado em que aquellas couſas eſtavam, por tão verdadeira informação , como era a do Arcebiſpo, e o aſſento que ſe lá tomou ſobre a deſembarcação, convocou Conſelho geral , e nelle moſtrou as cartas , e papeis que lhe vieram , e propoz os termos em que a guerra ficava, e a ſegurança com que o Çamorim continuava no cerco contra o Cunhale, e o que ſe determinou ſobre a deſembarcação, e todas as mais couſas que lhe parecêram ſobre o que ſe devia votar , o que tudo fez com muita cla-

clareza, destreza, e sufficiencia, pera que não ficasse cousa, que causasse dúvida aos que haviam de votar, nem de que lançassem mão, que lhe ficára por inadvertencia; porque em todas as materias estava muito resoluto, e debatido tudo pelos do Conselho; e vistos os proveitos que os Capitães, que estavam sobre Cunhale, apontavam, entrando pela barra, como homens que estavam com as mãos na massa, votáram que os navios entrassem pelo rio dentro, e que com as proas em terra ficassem sendo Fortaleza aos nossos, em quanto commettessem a Fortaleza; e que se corresse com o Camorim tão pontualmente, e com tantos respeitos, que não viesse a cahir em alguma desconfiança, que fosse occasião de se perder aquella jornada, e que se lhe promettessem, e fizessem as pazes que pedia com todos os favores possiveis. Sobre estas diligencias fez o Conde outras da sua parte, como quem desejava daquelle negocio ir muito bem encaminhado, e ter o fim que se desejava, assim pelo que cumpria ao serviço de Deos, de ElRey, e do bem commum, como pelo seu particular, pois commettêra aquella empreza a seu irmão, inquirindo de homens velhos, e que sabiam do negocio da guerra, e do Malavar o que lhe pareceo necessario pera o avi-

aviſar , porque lhe não ficaſſe couſa alguma por fazer ; e eu cuido que ſobre iſſo lhe dei hum papel com a deſcripção daquelle rio , aſſim como aqui a pintei , e ſitio daquella Fortaleza , e por onde ſe podia commetter , e eſcalar , que me deo hum Pero de Braga , que eſteve muitos annos naquella Fortaleza feito Mouro , e tão valído do Cunhale , que era a ſegunda peſſoa diante delle ; e por eſſe reſpeito lhe chamavam Cunhale pequeno , que depois fugio com riſco ſeu , como o eu conto na undecima Decada , no tempo do Governador Manoel de Souſa Coutinho.

Em fim , depois do Conde Almeirante fazer todos os bons officios que lhe parecêram ſobre aquelle negocio , e reſoluto em mandar aſſaltar aquella Fortaleza , elegeo a Luiz da Silva , irmão do Regedor , pera Capitão Mór da dianteira , que elle pedio , e ſolicitou , por ſer hum Fidalgo de grande brio , e deſejoſo de ganhar honra , que logo ſe fez preſtes com dous navios armados á ſua cuſta , a quem acudíram muitos Fidalgos , e ſoldados , parentes , e amigos , e criados.

E parecendo que feriam neceſſarias algumas barcaças pera bater a Fortaleza , mandou apreſtar duas , e huma dellas encarregou a Belchior Calaça , Capitão velho ,

e de muita experiencia; a outra deo a Manoel Froes, homem do mar, mas de muita confiança, e experiencia. Diogo Moniz Barreto, que fe quiz achar naquella empreza, foi n'hum navio á fua cufta, com quem fe embarcáram muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que continuamente tinha em fua cafa, e affim fe fizeram preftes alguns Fidalgos, em navios ás fuas cuftas, para irem de foccorro com muitos Fidalgos, e foldados; e fó me lembra de D. Bernardo de Noronha, e de D. Manoel de Lacerda, que todos partíram em companhia.

Quafi no mefmo tempo chegou a Goa Sebaftião Botelho, Capitão Mór dos Sanguiceis da cofta do Norte, que o Conde tinha mandado chamar pera o mandar de foccorro a feu irmão, em cuja companhia vieram muitos Capitães em navios feus ás fuas cuftas, pera fe acharem naquella occafião, que foram D. Luiz Lobo, D. Manoel, e D. Rodrigo de Caftro, feu irmão, filhos de Baçaim, Salvador de Sampayo, filho de Heitor de Sampayo, Antonio Pereira Coelho de Damão, e outros que me não vieram á noticia; e eftando todos embarcados efperando na barra recado do Conde pera fe partirem pera Cunhale, foi D. Manoel Pereira vifitar feu filho D. Rodrigo, que era hum dos Capitães da Armada

de

de Sebaſtião Botelho; e ao tempo de darem á véla, eſtando no navio do filho, ſe deixou ficar, dizendo-lhe que ſe calaſſe, que elle havia de ir achar-ſe naquella empreza, e aſſim ſe foi com elle com ſó o fato que levava veſtido no corpo, e com que andava na Cidade, ſendo de mais de ſeſſenta annos, e tendo ſido Capitão de Baçaim; o que fez ſó por envergonhar alguns Fidalgos mancebos, que ficavam paſſeando em Goa. Eſtas novas chegáram ao Capitão Mór, que elle recebeo com muita honra, e alvoroço; e quando vio D. Manoel Pereira, velho daquella maneira, e com aquelle zelo, levou-o pera a ſua galé, e lhe mandou dar fato, e armas, e tratou-o com muito reſpeito, como era razão: e aqui os deixaremos, por darmos conta do que o Arcebiſpo paſſou em Cochim, e do ſoccorro que aquella Cidade mandou.

CAPITULO IV.

Do que o Arcebiſpo fez em Cochim com aquelle Rey: e do ſoccorro que aquella Cidade mandou a D. Luiz da Gama.

CHegado o Arcebiſpo a Cochim, foi recebido daquella Cidade com muitas feſtas, e alegrias, indo-o buſcar ao caes o

Bispo, Cabido, Vereadores, e todo o mais povo, como era razão se fizesse áquelle Prelado de tantas partes, e sangue: e logo tratou com a Cidade o soccorro, pera mandar a D. Luiz da Gama, que os Vereadores já tinham prestes, que eram tres navios mui cheios de soldados, e munições, de que elegêram por Capitão Mór D. Lourenço Correa da Franca, Fidalgo do habito de Christo, dos Francas de Tangere, que todos foram muito bons Cavalleiros, como o elle era, e os Capitães dos outros dous navios foram D. Gaspar de . . . . , e Francisco Botelho Cabral, filho de Manoel Botelho Cabral, hum Fidalgo velho, que fora Escrivão da Matricula geral, e Secretario do Estado, e o Arcebispo negociou a galé em que foi, em que tornou D. Alvaro de Menezes com muitos soldados, e outro catur, em que metteo criados seus, homens, e bons soldados: e porque havia pouco chegára de Ceilão André Pereira Coutinho, filho de Jorge Pereira Coutinho, Capitão que foi de Chaul, que se foi apresentar áquella Fortaleza, por hum degredo que tinha, e sabendo daquella occasião, fretou hum navio, e ajuntou muitos soldados pera irem com elle. D. Francisco de Sousa, filho de D. Pedro, tambem nesta occasião era chegado a Cochim de Ceilão,

on-

onde se fora appresentar por ter certos annos de degredo pera aquella Ilha, e com licença do General della vinha buscar sua casa, tambem fretou outro navio com soldados, e se foi ao soccorro de Cunhale.

E juntos todos estes navios, deram á véla, e em poucos dias chegáram a Cunhale. Vendo ElRey de Cochim aquellas preparações, e o animo com que o Çamorim estava pera destruir aquelle inimigo, deram-lhe os ciumes, e houve que ficando o Çamorim por esta via amigo do estado, ficava elle abatido, e acanhado; porque todo o seu poder, riqueza, e estado consistia na amizade dos Portuguezes: pelo que lhe vinha bem vellos travados em guerra com o Çamorim pelos bens que disso lhe resultavam; porque além do proveito em que sempre trazia o olho, tanto mais se hia alevantando em poder, quanto mais via o Çamorim (que era seu inimigo capital) abatido; porque havendo guerra entre elle, e os Portuguezes, sempre o estado o havia mister, e com pazes temia vir a menos, e perderem-lhe o respeito; e pera estorvar estas allianças, e que o negocio do Cunhale não fosse por diante, e se estorvasse aquella liga, usou destes ardís, de que estes Gentios são mestres. Mandou por João Pereira de Miranda dizer ao Arcebis-

po, que elle como irmão em armas de El-Rey de Portugal, e como tão obrigado por quantas honras, e mercês, como tinha recebido dos Portuguezes, o mandava avisar debaixo de todo o segredo do mundo, que elle tivera cartas de pessoas de confiança, que assistiam no Conselho do Çamorim, em que lhe affirmavam, que aquella guerra do Cunhale tudo eram traças do Çamorim, ordenadas antre elle, e o Cunhale pera ao tempo do assalto virarem todos as armas contra os Portuguezes, e matarem-nos em satisfação de quantos aggravos, e damnos tinham delles recebido: que lhe mandava pedir escrevesse ao Capitão Mór que sobreestivesse naquella execução, e que por nenhum caso commettesse a desembarcação, e dissimulasse o melhor que pudesse ser com aquelle negocio.

E depois de sobre isto fazer grandes medos a João Pereira, e muitos espantos, lhe disse que daquelle recado, que mandava ao Arcebispo por elle, e da resposta que lhe désse, lhe passasse huma certidão pera mandar a ElRey seu irmão, porque depois se não queixasse o Viso-Rey, que não tivera quem o avisasse. João Pereira, como homem, que creo o que lhe ElRey disse, representou ao Arcebispo o seu recado com exteriores de homem, que atalhava tanto

da-

damno, quanto ſe apparelhava aos Portuguezes. O Arcebiſpo ficou algum tanto embaraçado, por ter muito conhecimento da pouca fé, verdade, e lealdade deſtes Reys Gentios, principalmente do Çamorim, que nunca guardou juramento, nem contrato das pazes, cujo antiquiſſimo odio era tal, que ſe podia ſuſpeitar aquillo delle; e ſobre tudo ter tanto conhecimento de ſua miſeria, e cubiça que era ſempre tal, que ſe o Cunhale lhe déſſe dinheiro, quebraria ſua lei, quanto mais ſua palavra.

E conſiderando aquellas couſas comſigo, que eram de qualidade que podiam dar muito em que cuidar por ſerem de tanta importancia, e fazendo ſobre ellas muitos diſcurſos, e praticando-as com D. Antonio de Noronha, Capitão daquella Cidade, com Manoel de Lacerda, e outros Fidalgos velhos, inſpirou-lhe Deos no coração hum não ſei que, com que ſe determinou a crer que tudo aquillo eram artificios, e invenções de ElRey de Cochim, cahindo no porque o faria, porque ao meſmo Çamorim lhe convinha dar fim áquella empreza, e deſtruir aquelle Mouro, contra quem tinha mettido tanto cabedal, e deſpendido tanto dinheiro, e dado claros ſinaes de ſua fé, e moſtrando tanto animo, e zelo pera ir com eſte negocio ávante;

por-

porque ficando aquelle Mouro em pé, estava certo alevantar-se de todo, e tomar aquelle Reyno, porque bem sabia o Çamorim quão falsos, enganosos, e traidores eram estes Mouros, de quem nunca já se havia de fiar, nem o Cunhale delle; e resolutos nisto, mandou o Arcebispo responder a ElRey de Cochim, que lhe agradecia muito aquelle aviso, que bem via proceder de sua muito antiga lealdade, e do muito que lhe os Portuguezes sempre merecêram; mas que naquelle negocio não havia pera que tomar outra determinação, porque estavam os Portuguezes resolutos em se fiarem do Çamorim, porque pera isso havia causas mui licitas, e que convinha aquelle negocio muito ao mesmo Çamorim; e que em penhor de sua fé offerecia as pessoas principaes, e de mór estimação do seu Reyno pera segurança dos nossos; e que quando houvesse algum engano, ou de huma parte, ou da outra, quaesquer que ficassem vivos dos nossos bastavam pera vingar tamanha traição, e as mortes dos parentes, amigos, e companheiros.

E certo que nisto se vio bem quanto Deos nosso Senhor queria que este tyranno se acabasse, e pagasse as mortes de tantos Portuguezes, quantos por seu mandado fo-

foram martyrizados, de cujo sangue aquellas praias estavam banhadas, pedindo a Deos vingança; porque se não acudíra com sua misericordia em tirar da imaginação do Arcebispo, que tudo aquillo eram invenções, e estratagemas de ElRey de Cochim, e avisára disso ao Capitão Mór do Malavar, e se espalhára pela armada, sem dúvida que aquella empreza se não effeituára, e aquelle Mouro ficára em pé, porque já se não haviam de fiar do Çamorim.

Ouvindo ElRey de Cochim a resposta do Arcebispo, não deixou de entender que aquelle remoque do engano de huma parte, ou da outra dizia por elle, e dissimulou o melhor que pode; mas vendo que por alli não pegára sua pertenção, discursou outro modo, por onde pudesse estorvar aquella jornada, e offereceo-lhe o diabo o melhor que podia ser, que foi fazer guerra ao Caimal da Carugueira, vassallo, e alliado do Çamorim, de quem tinha alguns aggravos, e metter-lhe muita gente por suas terras, porque estava certo deixar o Çamorim o cerco, e acudir ao soccorrer, porque lhe não entrasse pelas do mesmo Çamorim, e logo mandou pôr em campo sessenta mil Naires, pera com aquelle negocio poder atemorizar-se o Çamorim, e deixasse tudo por acudir ao seu. Disto foi logo

go avisado o Arcebispo; e entendendo à malicia daquelle Rey, e o damno que faria, se sahisse com seu intento até o cabo, em humas vistas que com elle teve lhe pedio muito que dilatasse aquella expedição, que queria fazer contra aquelle Caimal, pera depois do negocio de Cunhale concluido, e que alli lhe ficava tempo largo pera pôr por obra o que pertendia; que ElRey de Portugal seu irmão o estimaria muito, e sentiria em extremo o contrario, porque sería aquillo occasião de se perder aquella empreza, em que tanto cabedal se tinha mettido: e por taes termos levou este negocio, que lho não pode ElRey negar, e assim cessou por então daquella guerra.

CAPITULO V.

Do conselho que o Capitão Mór tomou sobre o modo de como se commetteria a Fortaleza: e das preparações que pera isso fez: e de como alguns Fidalgos seus amigos lhe fizerão mudar o parecer.

CHegados todos os soccorros, cartas, e advertencias, que o Conde Almeirante mandou a seu irmão, convocou elle a Conselho geral todos os Fidalgos, Capitães, e Cavalleiros principaes da Armada,

e

e moſtrou-lhes as cartas do Viſo-Rey, e a determinação que ſe tomou no Conſelho de Goa ſobre o modo de como ſe commetteria a Fortaleza do Cunhale, e lhes pedio que por ſima de tudo tornaſſem a votar livremente ſobre aquelle negocio, porque eſtavam alli muitos, que ſe não acháram nos Conſelhos paſſados, e era bem que pois viam com o olho o eſtado em que aquellas couſas eſtavam, que ſe ouviſſem tambem ſobre ellas; e debatido de novo o caſo, tornáram a votar que ſe commetteſſe a Fortaleza, entrando pela barra dentro todos os navios deſemmaſtreados, como já eſtava aſſentado, porque era negocio mais ſeguro, e de menos riſco, dando pera iſſo quaſi as meſmas razões paſſadas.

Reſumido o Conſelho, mandou o Capitão Mór logo deſemmaſtrear os navios, e fazer as preparações que lhe parecêram neceſſarias, e nomeou os navios, que haviam de acompanhar a Luiz da Silva na dianteira; e porque o rio eſtava impedido com maſtros lançados no fundo, encommendou aquelle negocio a Sebaſtião Botelho, a André Rodrigues Palhota, Franciſco Pays, e Pero Rodrigues o Malavar, que de noite no mór ſilencio della entráram o rio em almadias pequenas, levando comſigo mari-

rinheiros, e mergulhadores, que andáram por baixo da agua trabalhando até arrancarem hum maſtro grande, que eſtava prezo com huma cadeia de ferro, e a argola de ſima, em que ficava prezo, acháram quebrada, que lhes pareceo que fora alguma bombardada que lhe deram, arrancando eſte maſtro, que Franciſco Pays tirou, e levou á barcaça onde o amarrou, ficando trabalhando tudo o que puderam por tirar os mais; mas não lhes foi poſſivel, por eſtarem pregados com prégos mui groſſos ſobre cabeças de grandes eſtacas mettidas no lamarão dentro na vaſa; mas todavia com aquelle maſtro que tiráram lhe ficava hum canal pelo meio, por onde todos os navios podiam entrar largamente: neſte canal acháram braça e meia de agua em baixa mar de todo.

Em fim, feitas todas eſtas diligencias, e preparadas as couſas pera aquella entrada, e aſſalto, que havia de ſer de madrugada da terça feira que vinha, que eram tres de Março, mandou o Capitão Mór aviſar o Çamorim, e pedir-lhe os refens, que lhe elle logo mandou, que foram Uniaré Chararé, o Principe de Tanor, e outros Regedores, e Principes do ſangue, que ſe mettêram na galé em lugar ſeparado por ſerem Gentios, onde foram tratados muito

hon-

honradamente; e como os lá teve, mandou á parte do Çamorim Belchior Ferreira por Capitão Mór de trezentos homens, pera por lá assaltarem as tranqueiras, e ir-se ajuntar na povoação com a mais gente, que havia de desembarcar pelo rio, a quem o Çamorim tinha promettido seis mil Naires com todos os machados, alavancas, escadas, e mais cousas que lhe fossem necessarias.

Passada esta gente ao Çamorim, deo o Capitão Mór ordem á desembarcação, como já estava assentado, que era levar Luiz da Silva a dianteira com seiscentos homens com os Capitães, que adiante nomearemos, na desembarcação; e com elle o Sargento Mór D. Antonio de Leiva, Portuguez, soldado velho, e muito experimentado, que se tinha achado na batalha naval na galé do Senhor D. João d'Austria; e pelo que nella lhe vio fazer, lhe deo o Dom, e o habito da cavalleria de Calatrava; e estando tudo preparado, mandou o Capitão Mór recado ao Çamorim, que ao outro dia no quarto da alva lhe mandaria fazer hum sinal com huma lança de fogo no ar, pera que ao mesmo tempo commettessem por lá a Fortaleza, como os navios haviam de fazer por estoutra parte, e pera este negocio se gastou todo aquelle dia

em

em ſe confeſſarem os ſoldados da Armada; porque ainda que antre elles ha muitas ſolturas, e devaſſidões de mancebos, e gente que milita, neſte negocio da chriſtandade, e temor de Deos são extremados ſobre todos, porque nunca tiram ſuas contas das mãos, nem deixam de ouvir todos os dias ſua Miſſa, quando póde ſer, com outras couſas deſte toque muito pera eſtimar nelles; e á volta diſto alimpáram ſuas armas, fizeram ſeus pelouros, e ordenáram ſuas eſpingardas.

Eſtando tudo preſtes, parece que entendêram alguns Fidalgos que o entrar pela barra era de muito riſco, e perigo, por cauſa do baluarte que eſtava ſobre ella; porque delle poderiam muitos navios ſer mettidos no fundo. Ajuntáram-ſe ſinco, ou ſeis aquella noite, e foram-ſe á galé do Capitão Mór, e mettidos na ſua camara, o começáram a perſuadir que mudaſſe o Conſelho, porque tinham todos aſſentado que o entrar pela barra, como eſtava determinado, ſería perdição daquella Armada, porque lhe poderiam metter tantos navios no fundo, que lhe não ficaſſe poder pera darem o aſſalto; e que qualquer deſaſtre que ſuccedeſſe, quebraria os corações aos homens de maneira, que ficaſſem amedrentados; e que ſuccedendo o que elles temiam, quan-

quando os navios quizessem tornar a sahir pera fóra, correriam o mesmo perigo, e que pela informação que tinham, no canal não havia agua pera poderem entrar os navios dentro, senão lançados á banda, no que diziam muitos, que se enganáram, ou se quizeram enganar por darem melhores côres ás razões com que quizeram persuadir ao Capitão Mór a mudar o assento, que se tinha tomado no Conselho, que entrassem os navios pela barra dentro. Em fim, persuadíram ao Capitão Mór, que se se commettesse aquelle negocio pela banda do Ariole, sería de mais effeito, e de menos perigo, e risco, porque o rio não tinha mais largura que de hum tiro de funda; que em jangadas, que se podiam fazer muitas, se passaria toda a gente a outra parte, e desembarcariam em terra á sua vontade, e sem o perigo de provarem primeiro a furia da artilheria do baluarte branco (que assim se chamava o de sobre a barra) e tantas razões lhe deram sobre aquelle negocio, que o rendêram a lhe parecer que o aconselhavam como amigos, e sem respeito algum, e assim tiveram depois alguns pera si, que parecia conselho acertado, e só se póde reprender o Capitão Mór de mudar o conselho, e ordem do Viso-Rey, no que elle não deixou de ca-

cahir; mas por lhe parecer que ſe aquillo, que lhe facilitavam, ſuccedeſſe bem, o deſculparia de tudo, não lhe lembrando que melhor he perder-ſe hum Capitão na guerra por cumprir os mandados do ſeu Rey, ou Viſo-Rey, que ganhar-ſe deſobedecendo; e ſe não, vede quantos Conſules caſtigou o Senado Romano por vencerem fóra do ſeu regimento, e o outro, que mandou cortar a cabeça ao filho por acceitar o deſafio do Francez, com elle o matar no campo, porque foi ſem ſua ordem; porque aqui não ſe tem reſpeito á vitoria, ſenão á deſobediencia, porque a obediencia faz os exercitos poderoſos, e os ſoldados esforçados, e a boa diſciplina na guerra he princípio de vitoria.

E tornando ao fio da hiſtoria, reſoluto o Capitão Mór em commetter o aſſalto pela parte do Ariole, mandou recado a Luiz da Silva, e mais Capitães que ſobreeſtiveſſem, e não buliſſem comſigo até o outro dia, que lhe daria razão de ſi. Eſta mudança correo logo pela Armada, que muitos ſentíram, por entenderem que ſe encaminhava tudo a huma grande deſaventura, como aconteceo, e não deixáram muitos de murmurar; e ainda houve peſſoas, que ſe deſordenáram, e deſcompuzeram em palavras contra os que mettêram, e foram

ram cauſa de ſe não guardar o que ſe aſſentou em Conſelho, e quem eſtes foram logo ſe ſoube: em fim elle ficou aſſentado pera o outro dia, em que ſe paſſáram pera a parte do Ariole pera ſe ordenarem as jangadas, pera que ſe tomáram muitas almadias, que havia por aquelle rio, e juntas de duas em duas atraveſſáram por ſima alguns barrotes bem amarrados, com o que ficáram capazes de poderem paſſar de dez homens, e algumas de vinte, porque as almadias eram mais de ſeſſenta, em que ſe orçou poderem paſſar ſeiſcentos homens, que era a cópia que o Capitão Mór tinha nomeado a Luiz da Silva pera a dianteira.

CAPITULO VI.

De hum maravilhoſo ſinal que appareceo no Ceo: e de como os noſſos commettêram a deſembarcação: e de como Luiz da Silva foi morto ao chegar da terra.

TOdo aquelle dia gaſtáram os noſſos em fazerem jangadas, e em ſe prepararem pera o aſſalto: por eſta ordem o fez Belchior Ferreira, que eſtava da parte de Çamorim com trezentos homens, cujos Capitães eram D. Pedro de Noronha, Lopo de Andrade de Gamboa, Lourenço Cal-

deira, os dous irmãos Castros de Baçaim; Salvador de Sampayo, Protasio Matoso, Antão Fernandes, que andava em hum navio de D. Fernando de Menezes, Capitão de Cananor, Manoel de Miranda de Torres, que tinha a Fortaleza de Maluco, e Antonio Coelho Malavar: estes com sua gente haviam de commetter as tranqueiras do Cunhale; e tanto que as entrassem, irem marchando até o terreiro da Fortaleza, onde achariam Luiz da Silva com toda a gente da dianteira pera commetterem a Fortaleza; e que todos a hum tempo commetteriam o seu cerco, tanto que vissem na barcaça fazer sinal com huma lança de fogo, que sería no quarto da alva.

E como este negocio de commetterem a desembarcação em jangadas era a total perdição dos nossos, parece que os quiz Deos avisar com hum sinal maravilhoso, que lhes mostrou aquella noite no Ceo, que os pudéra fazer tornar sobre si, e verem com o olho sua perdição; mas os peccados da India fechou os olhos aos que foram occasião de tão grande damno, e destruição: o sinal foi este: a noite da quarta feira quatro do mez de Março, no quarto da prima, víram correr da parte de Leste hum raio de fogo, como huma grande bomba, que parando sobre a nossa Armada,

da, ſe desfez entre eſtrellas, ou faiſcas em breve eſpaço, com grande eſpanto, e admiração dos noſſos, e não menor alegria do Cunhale, porque teve aquelle ſinal por bom prognoſtico pera elle, e pera os noſſos por muito infelice, como foi. Não ſei de que qualidade eſte ſinal ſeja, ſenão ſe lhe chamarmos trave de fogo, a que os Gregos chamam Docci; mas algumas ſe víram já deſtas, que não deitáram faiſcas, como deita hum foguete, que ſe arremeſſa por eſſes ares. Ser eſtrella errante, tambem não póde ſer, porque eſtas não moſtram nunca tamanha claridade. Se lhe quizermos chamar cometa, ſerá erro grande, porque eſtes tem outros effeitos muito differentes, e ſempre apparecem á parte de Oeſte, e durão muitos dias, e não tem mais que relampadejar, e lançar pera ſima huma eſpadana, ou huma coma, por onde me parece que foi raio; porque muitas peſſoas me affirmáram, que ao desfazer-ſe ſentíra André Rodrigues Palhota quebrar-ſelhe a eſpada, que tinha na cinta, em tres pedaços, que he o meſmo effeito de alguns raios, ſegundo ſe lê na materia delles.

Em fim, preparados todos, repouſáram de noite pouco, e eſtiveram vigiando o ſinal que eſtava encommendado a Belchior Calaça, que parece que ſe enganou nas eſ-

trellas, por onde ſe governão os quartos; que ſe vigiam nas Armadas; e parecendo-lhe que era o da alva, fez o ſinal pouco mais de meia noite; e tanto que foi viſto de Belchior Ferreira da parte do Çamorim, abalou logo com a ſua gente, e quatro, ou ſinco mil Naires do Çamorim, ſem lhe elle dar as eſcadas, e mais petrechos, que tinha promettidas, e com grande determinação commettêram as tranqueiras de madeira, a que puzeram fogo por algumas partes; mas como os Mouros eram muitos, logo o apagáram, e ſobre iſto houve muitas eſpingardadas, ſettadas, e outros generos de morte, que cahíram ſobre os noſſos, de que perecêram Manoel de Miranda, Antonio Coelho Malavar, e vinte e ſeis ſoldados mais, que fizeram maravilhas por cavalgarem as tranqueiras, e ficáram, a fóra eſtes, feridos os nove Capitães de todos os navios, de eſpingardadas; e a Belchior Ferreira deram ſinco nas armas, que por fortes o não matáram; mas de huma, que lhe deo por hum braço, ficou muito ferido, e do fogo que os Mouros lançáram de ſima ſobre os noſſos, que era muito, foram alguns bem queimados; e por não particularizarmos iſto, foram feridos de eſpingardadas cento e vinte e ſeis ſoldados, e nem com iſſo ſe affaſtáram das

tran-

tranqueiras, antes trabalháram tudo o que pudéram pelas entrar; e aqui os deixaremos, por continuarmos com Luiz da Silva.

Este Capitão teve tento nas horas; e posto que vio o sinal que se fez na barcaça, não se governou por elle pera se abalar, por ver que não era aquelle o tempo, em que ficou assentado que se fizesse; mas tanto que foi o quarto da alva, o fez, sem se saber da parte donde elle estava o que passavam os da companhia de Belchior Ferreira nas tranqueiras, e em sessenta jangadas atravessou Luiz da Silva o rio, indo elle n'uma embarcação pequena com alguns que escolheo, levando ordem pera desembarcar bem ao pé da Fortaleza, porque com o muro ficavam abrigados da artilheria delle, e com a escuridão da noite poderiam fazer a desembarcação mais a seu salvo; e que de longo do muro fossem demandar o terreiro da Fortaleza, aonde se lhe iria ajuntar Belchior Ferreira, e juntos commetteriam pela porta, que se arrombaria com vaivens, que haviam de levar pera este effeito.

Indo Luiz da Silva demandando a terra com alguns que hiam na sua embarcação, o primeiro que saltou nella foi Bento Correa, criado do Conde da Feira, que logo morreo abrazado da polvora; e a embar-

barcação com a pancada que deo em terra, tornou a recuar pera trás: e quiz a desaventura que no mesmo tempo dessem a Luiz da Silva huma mosquetada pela testa, de que logo cahio morto. Antonio Dias, o Tormenta, que levava a sua bandeira, vendo-o daquella maneira, tirou-a da hastea em que hia, e cubrio-o com ella; e tornando a embarcação a chegar a terra, Antonio Dias, e outros se mettêram nella com o corpo de Luiz da Silva, e o leváram á outra banda, de cuja morte se não soube, que foi bem grande mal; porque se se soubera, e fora á noticia do Capitão Mór, por sem dúvida se tem que todos se tornáram pera elle, e fora melhor, porque então passára elle em pessoa, e concluira-se o negocio; mas como todos os que hiam nas outras jangadas cuidavam que hia Luiz da Silva diante, e não souberam de sua morte, investíram com a terra, e pojáram na parte que cada hum pode tomar, por alcançar a gente da companhia de Luiz da Silva; e o primeiro que dellas saltou em terra foi Luiz Fragoso, que encontrou com hum cardume de Mouros, com que peleijou mui esforçadamente, e logo lhe deram huma espingardada por hum braço, e assim ferido foi seguindo os companheiros.

As

As mais jangadas puzeram as proas onde melhor pudéram, que tudo foi quaſi ao meſmo tempo, e todas ao pé dos muros, onde os que eſtavam em ſima os ſervíram com muitos generos de tiros, e couſas de fogo, de que muitos ſahíram mui eſcalavrados; e como eſtas jangadas pojáram em differentes partes, não ſe pode averiguar quem foſſe o primeiro de todos; ainda que alguns dizem, que a primeira que chegou a terra foi huma, em que hia Luiz de Almeida, ſoldado, e Capitão, muito bom Cavalleiro, a quem antes que puzeſſe os pés em terra deram humâ eſpingardada no lado direito; e cuidando elle que era mortal, quiz ir acabar em terra entre os inimigos, a que ſe arremeſſou, dizendo aos companheiros, que já que havia de acabar, queria primeiro vingar ſua morte.

As outras jangadas, em que hiam D. Fernando de Noronha, D. Chriſtovão ſeu irmão, que ambos hiam juntos em huma, Ruy de Souſa de Larcão, Manoel de Bendanha, e outros, cada hum n'uma, foram varar pera a banda do baluarte do Cutimuça ao pé da Fortaleza, onde havia huma barranceira que os Mouros tapáram com huma eſtacada de tranqueira de pedra até o canto da Fortaleza, e os primeiros que ſahíram em terra da jangada de D. Fernando

do de Noronha, foram Thomé Diniz, e após elle Simão Rabello de Castello-branco, e Francisco Borges; e ao desembarcar achou o Thomé Diniz huns poucos de Mouros, que acudíram a lhe tolher a desembarcação, com quem se baralhou de feição, que veio a braços com hum que matou ajudado de Simão Rabello. Ruy de Sousa de Larcão, Manoel de Bendanha, D. Manoel Mascarenhas, André Rodrigues o Palhota, e outros desembarcáram todos quasi ao mesmo tempo, que acháram na borda da agua hum esquadrão de Mouros divididos em magotes, que chegáram a lhe defender a desembarcação, e afferrárão das jangadas, com quem os nossos foram peleijando valerosamente: e na força desta briga, em que se assignalou muito Ruy de Sousa de Larcão, lhe cortáram a mão direita, ao que lhe acudio Simão Rabello; e por ficar inhabilitado por falta da mão, que tinha cortada, o embarcáram os seus em huma almadia, e passáram-no á outra parte, onde chegou ao Capitão Mór com a mão dependurada, em cuja presença se destemperou em palavras contra os que não hiam soccorrer os que andavam peleijando. O Capitão Mór sentio muito ver aquelle Fidalgo daquella maneira; e muito mais por não ter embarcações, em que po-

poder mandar ſoccorrer os noſſos; porque como Luiz da Silva morreo, não houve quem governaſſe aquellas couſas. Porque D. Antonio de Leiva, que levava ordem do Capitão Mór pera ſucceder a Luiz da Silva, acontecendo-lhe algum deſaſtre, deſembarcou longe delle, ſoube tão tarde de ſua morte, que tratando de pôr os ſoldados em ordem, foi logo morto; e ſabendo-o o Capitão Mór, mandou paſſar D. Franciſco Pereira, irmão do Conde da Feira, a quem tanto que poz os pés em terra, deram huma eſpingardada na cabeça, de que ficou ſem ſentido; que vendo-o os ſeus ſoldados daquella maneira, mettêram-no na barquinha da ſua galé, que por carregar muita gente ſe virou, e quaſi todos os que hiam nella ſe affogárão.

Sabendo o Capitão Mór da morte de D. Franciſco Pereira, mandou ordem a Belchior Calaça, ſoldado velho, e Capitão experimentado, pera governar os ſoldados; mas tratando de os pôr em ordem, lhe deram huma moſquetada pelo hombro direito, de que o derribáram; e ficou de modo, que os ſeus ſoldados o embarcáram, e paſſaram á outra banda; e por acontecerem eſtes deſaſtres aos Capitães que o Capitão Mór foi nomeando, ficáram os ſoldados ſem quem os governaſſe, e reſpeitaſſem,

que

que foi a occaſião principal da perdição dos noſſos; porque os que peleijáram o fizeram de modo, que os Mouros affirmáram depois que nunca os víram peleijar com mór esforço; e bem ſe vio, porque em tão pequeno eſpaço matáram mais de quinhentos Mouros, e fizeram o eſtrago que he notorio na ſua povoação; e ſem falta ſe alcançára a vitoria por noſſa parte, ſe tornáram a mandar ao Capitão Mór as embarcações pera paſſar com o reſto da gente que tinha comſigo; o que o deſviou pela ordem que Luiz da Silva deo aos marinheiros dellas, e das jangadas, que não voltaſſem ſem ordem ſua, porque cuidava poder tomar a Fortaleza ſem a ajuda do Capitão Mór; e queria mandar-lhe as embarcações, e jangadas, depois que eſtiveſſe de poſſe da Fortaleza, parecendo-lhe que ſe antes paſſaſſe o Capitão Mór, lhe ficava toda a honra, e gloria do ſucceſſo. Erro he eſte, que não aconteceo ſó a eſte Fidalgo, nem foi o primeiro que deſta qualidade houve neſte eſtado, porque as Chronicas eſtam cheias de muitos ſemelhantes, porque ſe deixáram de alcançar grandes, e importantes vitorias com perda de muita gente, e reputação, que ſe deve ſentir ſobre tudo: ſer a inveja, e ambição tão poderoſa, que ſendo eſtes effeitos tão di-

gnos

gnos de louvor, ficão eſcurecidos por acontecerem a animos nobres, e generoſos.

O Capitão Mór eſtava a eſte tempo muito triſte, e deſconſolado pela morte de Luiz da Silva, cujo corpo mandou deſembarcar com muito ſentimento de todos; e fez embarcar na ſua manchua Sebaſtião Botelho com os ſoldados que nella couberam pera ir ſoccorrer os noſſos: e aſſim tanto que chegava alguma jangada, logo a enchia de gente, e a tornava a deſpedir, ao que os ſoldados hiam de má vontade; porque a morte do Luiz da Silva, e muitos que viam recolherem-ſe feridos da outra banda os amedrentou de feição, que não havia podellos fazer embarcar, nem ainda com o Capitão Mór ſe metter pela vaſa pera os obrigar, e forçar a iſſo. Já a eſte tempo andavam pelo rio nadando muitos, huns affogados, e outros trabalhando por ſe ſalvarem; e pera acabar de os amedrentar a todos, ſe alevantou huma voz de *traição*, *traição*, que ferio as orelhas dos noſſos, com que ſe houveram por perdidos, e não ſe ſoube donde ella ſahio; mas eu preſumo que foi artificio do Cunhale pera deſanimar nos noſſos. Algumas peſſoas me affirmáram, que quando o Capitão Mór víra aquelle deſarranjo, e medo nos homens, fora a ſua paixão tamanha,

nha, que foi neceſſario acudirem-lhe alguns amigos, e tirarem-no da vaſa, onde eſtava mettido a fazer embarcar os ſoldados : e aſſim deixaremos iſtó por tornarmos aos que andavam em terra : o que faremos neſtoutro Capitulo por não enfadarmos a quem iſto ler com tanta couſa mettida em hum ſó.

CAPITULO VII.

Do que ſuccedeo aos que deſembarcáram em Cunhale : e de alguns caſos notaveis que alli paſſáram até ſe desbaratarem por ſi meſmos.

OS noſſos que deſembarcáram em terra, em differentes partes, em todas acháram Mouros, que os ſahiam a receber, e a defender a deſembarcação. D. Antonio de Leiva, Sargento Mór, andava como hum leão bravo em buſca de Luiz da Silva, porque não ſabia de ſua morte, e foi por onde a ventura o guiou, peleijando valeroſamente por ſer muito animoſo; e achando tudo deſordenado, ſem huma bandeira, a que os homens acudiſſem, e ſem huma cabeça, por quem ſe governaſſem, trab-lhou tudo o que pode pelos ajuntar a ſi, e fazer hum corpo de gente com que commetteſſe os inimigos, e ſe defendeſſe delles,

les, porque cada vez ſe hia o poder engroſſando mais, e aqui o matáram de huma eſpingardada, como fica dito no Capitulo atrás. O que agora digo he, que eſte homem fez couſas, que por muito que diga delle, e faça de ſuas couſas muitos, e mui grandes Capitulos, em tudo ficarei atrás do que merece por ellas. Manoel de Mendanha, Fidalgo muito bom Cavalleiro, moſtrou bem neſte dia os quilates de ſeu esforço, peleijando com os inimigos com tanto valor, que ouvi dizer a muitos dos noſſos, que ſe podia igualar com todos os esforçados, porque por onde paſſou, foi deixando grande roſtalhada de Mouros mortos, e eſpedaçados; mas como tinha já alli o termo da vida acabado, faltou-lhe primeiro que o esforço, porque foi morto de muitas feridas, deixando de ſi memoria, que ſe pudéra engrandecer muito mais do que o eu faço. Muitos outros Fidalgos, e Cavalleiros fizeram aqui grandes feitos nas armas; eſtes foram tantos, que ſe não podem particularizar, nem todos ſouberam dar razão delles, porque o negocio andava tão embrulhado, que fazia muito o que ſoubeſſe dar fé de ſi.

D. Fernando de Noronha, e ſeu irmão D. Chriſtovão, o Palhota, Simão Rabello, Franciſco Borges, e outros na parte em

que

que desembarcáram achoram a resistencia que dissemos, e assim foram de longo do muro peleijando com muito valor, pera irem demandar o terreiro, onde cuidáram achar Luiz da Silva, de quem tambem não sabiam; e sahindo ao largo, deram a D. Christovão huma espingardada n'um braço, e huma lançada no rosto, e outra adiante na cabeça, de que cahio; mas acudio-lhe logo Thomé Diniz, que já hia bem ferido, porque sempre foi envolto com os Mouros, e se poz sobre elle pelo defender, que o não matassem; e tanto fez, que o tornou a alevantar, e o fez recolher a huma embarcação, e quasi no mesmo lugar deram huma fréchada pelas pernas a seu irmão D. Fernando de Noronha, de que foi necessario obrigarem-no a recolher-se; e André Rodrigues Palhota, que peleijou valerosamente, recebeo outra espingardada pelas pernas, que lhas passou ambas, que foi forçado recolherem-no, e passarem-nos todos á outra banda, que isto era o que mettia mór temor nos soldados, e em outros que o não eram. Hum Joáo do Amaral, muito bom soldado, ao desembarcar se metteo no meio de huns poucos de Mouros, com quem elle, e outros seus companheiros peleijáram com muito valor; e assim andava o Amaral furioso, que se liou

com

com hum Mouro, que lhe metteo os dentes em huma orelha que quaſi lha cortou, e elle afferrou com os ſeus os narizes do Mouro de maneira, que lhos lavou em ſangue; e neſte conflito lhe acudíram alguns ſoldados por recreſcerem os Mouros, e antre elles foi hum de alcunha o Troviſcada, grande Cavalleiro, que fez bem de eſtrago nos inimigos; e chegando ao Mouro com que o Amaral eſtava liado, deolhe com hum gris que o paſſou, e derribou morto, e dizem que com a furia que levava, ferio tambem o Amaral, que já trazia outras feridas dos Mouros, como o Troviſcada, que nunca ſe reſguardou delles, antes ſempre ſe achou nos lugares mais perigoſos, onde as recebeo: eſta arma *gris* he propriamente dos Jáos, he de dous palmos, ou dous e meio de comprido, tem quaſi dous dedos de largura, tem os córtes de ambas as partes em voltas, como eſpada columbrina, e alguns ſão untados com peçonha.

Henrique da Silveira de Menezes, que não foi dos derradeiros ao deſembarcar, peleijou muito bem: deram-lhe huma eſpingardada n'uma mão. André da Silveira andou entre os inimigos peleijando valeroſamente, até que depois de fazer muitas, e grandes cavallerias, e eſcalavrar muitos

Mou-

Mouros, o matáram. Balthazar Pereira, Capitão de hum navio, tambem se assignalou bem até lhe darem huma espingardada n'um hombro. Hum João Borges Picoto, da obrigação de D. Theotonio de Bragança, Arcebispo de Evora, tambem fez muitas maravilhas até o matarem: hum João Borralho, soldado valeroso, mostrou aqui bem que o era, até que o queimáram, e abrazáram. Belchior Calaça com ser de sessenta annos fez taes cousas, que pudéram envergonhar muitos mancebos, e todos os que o víram peleijar: hum João Machado de Cochim fez cousas mui notaveis de esforço, e escandalizou bem aos inimigos, com quem sempre andou misturado, até que o matáram de huma espingardada. D. João Tello, filho do Alferes Mór, e D. Manoel de Noronha cumpríram aqui bem com a obrigação de filhos de seus pais, imitando-os no esforço, e cavalleria, que os inimigos sentíram bem em suas carnes até os matarem. Lourenço Guedes foi aqui morto, depois de ter bem cumprido com as obrigações de quem era. Diogo de Miranda tambem deo boas mostras de seu esforço até chegar a perder a vida no meio dos Mouros; e por não relatarmos tantas miudezas, baste saber-se que todos os que tinham sangue, e honra, foram sempre por diante fazen-

zendo maravilhas, e todos apertáram com os Mouros de feição, que os obrigáram a se recolherem na mesquita, que estava defronte da Fortaleza, que estava entulhada de povo miudo: e trabalháram os nossos tudo o que puderam pela entrar, mas não lhes foi possivel por ser forte; e porque o tecto era cuberto de folhas de palma seccas, bradáram os que estavam á porta por lanças de fogo, e foi logo correndo por ellas ás embarcações hum soldado da obrigação de Luiz da Silva, chamado Simão Pereira; e tomando tres, tornou a voltar, e no caminho encontrou com Pero Fernandes de Carvalho, e Antonio de Magalhães, que neste feito fizeram muitas cavallerias, e cada hum lhe tomou a sua, e foram-se á mesquita, e deram fogo as lanças, e com ellas o puzeram ás olas: outros dizem que hum João Pinto, natural de Bemfica, foi o primeiro que lhe poz o fogo. A este tempo chegou Sebastião Botelho, que tinha feito muito, e com elle huma companhia de seus soldados; e vendo o trabalho em que os nossos estavam de pôr o fogo ao tecto da mesquita, tomou humas lanças que levava comsigo, que tinham nas pontas mui bem atadas huns cornos de bois com pontas pera baixo, e os vãos pera sima, todos

cheios de polvora, de feição que sobejavam por fóra em cada huma hum palmo de ferro, pera tanto que o fogo se acabasse, pelejarem com ellas. Artificio foi este, que elle inventou pera trazer nos Cotacoulões, em que elle andava por Capitão. Eram estas lanças de tanta efficacia, que huma só bastava pera axorar, e desbaratar hum Parao; e dando-lhe fogo por sima, lançáram grandissimas labaredas com temerosos terremotos, e com ellas ajudou a pôr o fogo á mesquita: e tinham estas lanças outra cousa, que de mais de duas braças affastadas, lançavam as chammas de fogo aonde queriam. Os Mouros que estavam na mesquita, tanto que as olas tomáram fogo, que começou a cahir sobre elles, arrebentáram alguns pela porta fóra, e como desatinados arremettêram com os nossos, e quasi que os fizeram desmandar. Ao que acudio Domingos de Castilho, natural de Ceita, com outros companheiros, e se oppuzeram aos inimigos, e apertáram com elles de feição, que foram fugindo pera a Fortaleza, aonde se recolhêram por huma porta que se servia por baixo de hum arco de abobada, que alguns dos nossos quizeram commetter; mas deixáram de o fazer por se temerem de minas.

A

A este tempo sahio do baluarte de sobre a barra hum esquadrão de Mouros, que vinham em favor dos seus; e correndo a voz de *Mouros*, *Mouros*, foi tão grande o desmancho dos soldados communs, que andavam espalhados, que perto de cento e sincoenta delles se acolhêram pera debaixo das galeotas, que estavam varadas dos inimigos á borda do rio, sem verem, pelos não deixar o medo com que hiam, quão perigoso era o lugar que escolhiam; porque mais seguro lhes era fazerem-se em hum corpo, e pelejarem em defensão de suas vidas, quando por honra o não quizessem fazer, ou pela Fé de Christo, que eram respeitos que os engradeciam mais.

Os nossos que estavam derredor da mesquita, vendo recolherem-se aquelles fracos soldados pera os navios, bradáram que os fossem alguns fazer recolher, onde todos estavam, pera juntos resistirem aos inimigos: ao que foi Sebastião Botelho, e com elle hum Padre de S. Francisco, que se chamava Fr. Francisco Baptista da Recoleta dos Descalços, que já fora cativo em Cunhale, e começáram a persuadillos que se fossem ajuntar com os que estavam na mesquita, lembrando-lhes que eram Portuguezes, e que não quizessem abater,

e affrontar ſua nação, que tão temida fora ſempre em todas as partes do mundo. Ás voltas diſto alevantou o Padre no ar hum devoto Crucifixo, e lhe diſſe: *Eia, ſoldados de Chriſto, e esforçados cavalleiros, ſegui eſte Capitão, e eſta ſua bandeira, que certa eſtá a vitoria em quem á ſua ſombra quizer pelejar.* Com eſta exhortação ſe foram os ſoldados ſahindo de debaixo dos navios, como homens que queriam ſeguir tão formoſo eſtandarte; e cuidando o Sebaſtião Botelho, e o Padre Fr. Franciſco Baptiſta, que vinham apôs elles, começáram a andar; e virando pera trás, os víram lançar todos ao mar pera ſe paſſarem á outra banda, não lhes deixando ver ſua covardia, que ſe fugiam de huma morte, hiam dar em outra mais affrontoſa, e de mór vituperio; e que já que haviam de morrer, fazendo-o com a eſpada na mão, ficavam vivendo no Ceo por gloria, e na terra pela fama que de ſi deixavam; e aſſim arriſcáram todos as vidas, e não ſei ſe as almas, por tomarem morte por ſuas proprias vontades, e deſtes ſe affogáram a mór parte. Os que pelejavam junto á meſquita defendêram-ſe dos inimigos com muito valor, e esforço com verem tudo perdido; e o que os acabou de desbaratar, foi a meſma voz de

trai-

traição, *traição*, como da outra banda; que causou nos peitos dos que pelejavam grande terror.

Luiz de Almeida, que já tinha as duas feridas que disse, indo com hum matalote seu, chamado João da Cunha, e com alguns companheiros mais, foram pelejando valerosamente, fazendo sempre rosto aos inimigos, até que deram ao Luiz de Almeida outra lançada por baixo do braço direito, que passou á outra parte, e huma cutilada por huma perna, de que cahio, tendo a rodela, chuça, e morrião, com que sempre pelejou, tudo feito pedaços; porque daquella feita que recebeo estas feridas, teve o encontro a dous façanhosos Mouros rodeleiros, que derribou a seus pés mortos. O João da Cunha, que tambem tinha imitado ao companheiro, vendo-o cahido, alevantou-o com os outros, e foram-se recolhendo com elle pera as embarcações, indo perseguidos de alguns Mouros; mas soccorreo-os outro amigo, chamado André Simões com alguns soldados, que arremettendo com os Mouros, os escalavráram, e fizeram fugir, com o que tiveram tempo de pôr em salvo o Luiz de Almeida, e passaram-no á outra banda; e dahi foi levado á Galé Capitânia aonde foi curado, e viveo: e ainda se achou na to-

ma-

mada daquella Fortaleza em companhia de André Furtado, onde fez outros feitos, que em seu lugar se contaráõ.

Já neste tempo era tudo perdido, e no mar havia alguns corpos mortos; e alguns dos nossos, que ainda estavam em terra por primor, se não quizeram lançar ao mar, como foi D. Antonio de Leiva, Sargento Mór, que vendo aquelle negocio concluido, e de má maneira, foi-se recolhendo pera as embarcações; e não achando alguma em que se metter, não se quiz lançar ao mar, assim pela affronta que nisso recebêra, se o fizera, como por fugir á morte, que lançando-se ao mar, tinha certa, por ir todo armado de armas inteiras, tanto que até grevas levava nas pernas. Pelo que tornou a voltar aos inimigos, que já não eram tantos, e arremessou-se entre elles, como hum leão, fazendo nelles bem grande estrago; e depois de andar já muito cansado, e não poder bracejar, cahio morto de muitas espingardadas. Simão Rabello, em quem já fallei, pelejou este dia valerosamente; e depois de tudo perdido, vendo-se ferido de muitas feridas, se foi recolhendo pera a praia, pelejando sempre de rosto com os inimigos até chegar á borda da agua; e não achando embarcação em que se recolhesse, passando-lhe

pe-

pela memoria a affronta que feria morrer affogado, disse a alguns companheiros, que o seguiam, que tratassem de se salvar, porque elle não havia de morrer affogado no mar, senão entre Mouros na terra; e lançando-se em meio delles, que o seguiam, fez tantas maravilhas até que cahio morto.

O Padre Fr. Francisco Baptista andou sempre com o Crucifixo alevantado no meio da briga animando aos nossos, e pedindo a Deos misericordia; e vindo hum pelouro de espingarda encaminhado por vontade de Deos, deo em hum braço do Crucifixo, e quebrou-lho, ficando dependurado pelo outro. O que visto pelo Padre, alevantou a voz, dizendo: *Ah cavalleiros de Christo, vingai esta offensa feita a vosso Deos pelos móres inimigos que tem, e ha do seu Santo Nome*; e abraçando-se com o Crucifixo, dizendo muitas lastimas, e derramando muitas lagrimas pelo ver assim tão mal tratado, e abraçado com elle, o matáram: e de crer he que iria sua alma direitamente á gloria a receber a coroa do martyrio.

Os que puderam alcançar jangadas salvaram-se nellas. D. Francisco Pereira, irmão do Conde da Feira, de quem ha pouco fallámos, vindo ao longo da praia com al-

alguns companheiros, lhe deram huma espingardada na cabeça, de que ficou sem sentido; e achando os companheiros a barquinha da sua galé, o mettêram dentro: foi tanta a gente que se metteo na bateira, que se virou, e morreo affogado aquelle mancebo, que tinha dado de si muitas, e mui grandes esperanças do que ao diante houvera de ser; mas atalhou-lho a fortuna invejosa do seu valor, porém não lhe tirára a fama que de seu esforço lhe dará esta nossa escritura; e ao virar da bateira acudíram alguns Mouros em embarcações pequenas, depois de verem tudo perdido, pera andarem á pescaria dos nossos que andavam no mar, e fisgavam-nos como se foram peixes, e os alanceavam com tanta crueldade, como he a que os Mouros costumam ter contra Christãos. Mas hum Luiz Cardoso, bom soldado, que alli hia, acertou de haver huma lança ás mãos; e cavalgado na quilha da bateira, defendeo com muito esforço, ainda que com grande trabalho, quantos estavam afferrados na bateira até se salvarem. Eis-aqui tudo perdido, e desbaratado; mas todavia não foi tanto a salvo dos Mouros, que não ficasse o campo sem haver quem nelle pelejasse, porque a mór parte dos seus aventureiros, que sahíram aos nossos, foram mortos, e fer-

Bel-

Belchior Ferreira, que deixamos com a tranqueira pelejando com os inimigos valerosamente, bem sentio o desbarate dos nossos nos gritos, e alaridos que ouvio; e porque já era perto do meio dia, e tinha a mór parte dos seus soldados feridos, foi-se recolhendo com muito boa ordem pera o Çamorim, que lhe pezou bem do desbarate dos nossos; e alguns que se acolhêrão pera aquella parte, mandou curar, e agazalhar. D. Luiz da Gama sentio em extremo aquella desaventura, e muito mais ver que o enganáram os que o aconselháram que mudasse a ordem que tinha do Viso-Rey, em que não póde ter desculpa. E arrebentava de pezar, e mágoa de não poder mandar soccorrer os nossos; porque se já no cabo passáram quatrocentos homens, sem dúvida a Fortaleza se perdêra, porque não ficou ao Cunhale gente com que a poder defender: o que se deixou de fazer, assim pelos homens estarem quebrantados, como por não haver embarcações; e quando chegáram os derradeiros dos nossos, já o acháram quasi só, porque muitos o desampararám: por lhe dizerem alguns dos que hiam do desbarate que se recolhesse que já não havia que fazer, o fez logo, que até nesta hora de tanta importancia lhe faltáram amigos. E como

este Fidalgo não estava muito bem quisto, alevantáram-lhe aleives, porque a soldadesca da India he nisto muito livre, e pouco escrupulosa. E não era muito que este Fidalgo se recolhesse daquella maneira, porque aquella desaventura bastava pera derribar o animo de hum homem que estivesse muito folgado, quanto mais o de hum Capitão, que toda aquella noite, e dia gastou em governar, lidar com tantas cousas, e gritar; porque em hum conflicto, e transe destes, e tal qual este foi, mais se peleja com o espirito, que com as armas.

CAPITULO VIII.

Da gente que de ambas as partes morreo nesta desembarcação: e de como o Capitão Mór se foi pera Cochim, e deixou D. Francisco do Sousa sobre a barra de Cunhale.

ESta foi huma das móres desaventuras, e affrontas que os Portuguezes passáram na India, porque nella se desbaratáram quasi por vontade, e por si mesmos. Esta miseria ha entre esta nossa nação, que assim como no commetter excede no primeiro impeto a todas as outras, assim no des-

desordenar, e recolher tem o mesmo extremo. Dissemos que succedeo isto quasi por vontade, deixando o que he mais certo, que he ser por peccados, porque por vontade podemos dizer que foi não verem com os olhos da razão quantos damnos nascêram de não entrar a Armada pela barra, como estava assentado no Conselho, e mandado pelo Viso-Rey. E já que pareceo aos que inquietáram este Capitão, melhor o seu conselho, que o que estava tomado, não sei que razão houve pera depois de toda a gente estar da banda do Ariole, não mandar entrar a Armada no rio; porque ainda que nisso corrêram alguns navios risco, pouco damno era; porque se se isso fizera, muito poucos dos nossos se perdêram, antes posso affirmar que se ganhára a jornada, porque não vejo nenhuma razão de se poder perder, estando os navios com as proas em terra; e depois de Luiz da Silva ser da outra parte, pudera tornar a ametade delles a passar a gente com mais segurança, e os homens pelejáram com mór animo, sabendo que tinham os navios á mão, pera se valerem delles se se víram em algum grande aperto. E quando não leváram a Fortaleza nas mãos do primeiro commettimento, levara-se do segundo, ou do terceiro, porque

nos

nos navios tinham onde se recolher, e refazer do que lhes fosse necessario pera tornarem ao assalto. Nisto se vio bem claro quanto importa hum bom conselho, pois he causa de se alcançar huma grande vitoria; e o máo de se perder, e de muitos outros damnos que acontecem, quando se não alcança.

Perdêram-se neste negocio duzentos e trinta homens dos nossos; e alguns que dizem que mais, enganáram-se; porque eu tive o rol dos que morrêram, que não passáram dos que tenho dito, e deste numero morrêram alguns affogados no rio. Perda foi esta muito grande pera o Estado, e digna de grande sentimento, não porque não houvesse já nelle outras em alguns recontros, em que se perdêram móres quantias de homens; mas esta foi de dobrado sentimento, por se ter por mui certa a vitoria, que nos Deos tirou das mãos; por se não entrar nos navios pela barra, e por não voltarem as jangadas, e embarcações a buscar o Capitão Mór, como elle tinha mandado, por morrerem Luiz da Silva, e os mais que o Capitão Mór nomeou pera acaudilharem a gente, o que tudo pende de segredos, que só a Deos são manifestos, e elle sabe o porque dilatou esta vitoria, havendo-se pelos antecedentes

por

por tão certa, que ninguem duvidava della: e assim o fora, se a nação Portugueza obedecêra ás ordens dos Generaes, como o fazem as outras.

As pessoas conhecidas que se aqui perdêram, posto que já tenho nomeado algumas, tornarei a fazer outra matricula dellas, as quaes foram D. Francisco Pereira, irmão do Conde da Feira: D. João Tello de Menezes, filho do Alferes Mór: Manoel de Mendanha: Diogo de Miranda: Lourenço Guedes: D. Antonio de Leiva, Sargento Mór: D. Manoel de Noronha: Manoel de Barbuda: Paulo Leitão: Gaspar de Mello: Nuno Fernandes Cabral: Goterre de Monroy, sobrinho do outro Goterre de Monroy de Béja, filho de seu irmão Simão Rangel de Castello-Branco, filho de hum irmão de Fernão Rodrigues de Castello-Branco: Gomes, Miguel, e Gaspar Freire, todos tres irmãos, e do mesmo appellido: Ruy Brandão: D. Manoel de Azevedo: Manoel de Sousa Chichorro: Alvaro Teixeira Lobo, Fidalgo filho de Manoel Lobo Teixeira, casado em Goa: Pero Borges de Castello-Branco: Antonio d' Affonseca: hum Foão Ortis: Luiz Sardinha de Santarem: Mathias de Abreu de Abrantes, e outros. Houve desta parte quasi sincoenta feridos, e da de Belchior

Fer-

Ferreira cento e vinte e ſeis , a fóra os mortos, que já nomeámos em outra parte.

Dos Mouros morrêram ás mãos dos noſſos mais de quinhentos eſcolhidos , e aventureiros. Os Capitães Móres de Armadas , e peſſoas principaes, foram eſtes. Cutimai , Cutimuça , Marca Cacá , Cotiſe Marca , Bava Mamede , Bava Cutiale ſeu irmão, Canatale, Cunhimais: Connas Nonomai , Tampocara, e outros, que o meſmo Cunhale , e Chinale me deram a rol, eſtando prezos no tronco, onde os fui ver. O Capitão Mór mandou o corpo de Luiz da Silva pera Canânor, aonde o enterráram com a mór pompa que a terra podia fazer-lhe ; e depois o mandou o Regedor ſeu irmão levar pera o Reyno ; e das primeiras couſas que o Capitão Mór tambem fez , foi mandar D. Luiz Lobo pera Goa em hum catur ligeiro com cartas ao Conde Almirante pera , como teſtemunha de viſta, lhe dar relação daquella jornada; e em ſua companhia ſe foram em outros navios alguns Fidalgos ſem lho fazer a ſaber.

E depois de deſpedir iſto , tratou de ſe ir pera Cochim com todos os feridos pera lá ſe curarem , porque em Cananor não havia pera iſſo commodo; e querendo deixar huma galé com alguns navios naquel-

quella barra pera com elles entreter o Çamorim, que havia de ficar ſobre o Cunhale, ſem ſe affaſtar delle, e pera defender que lhe não entraſſem provimentos, pera o que commetteo alguns Capitães que ſe lhe eſcuſáram. O que elle ſentio muito por ſe ver deſamparado de todos, ſómente D. Franciſco de Souſa lhe acceitou a empreza: do que deo conta a Belchior Ferreira, que mandou chamar á ſua galé, e lhe diſſe de como determinava ir a Cochim a couſas que importavam. Ao que Belchior Ferreira lhe atalhou, dizendo, que cuidára que o mandava chamar pera ſe fazer outra vez preſtes pera tornarem a commetter a Fortaleza de Cunhale: ao que o Capitão Mór lhe diſſe, que mal poderia aquillo ſer, pois todos os homens eſtavam taes do trabalho paſſado, que não podiam comſigo; e outros tão amedrontados, que aquella noite ſe lhe foram alguns pera Goa ſem o elle ſaber, pelo que não podia, nem tinha com que tornar a provar ventura. O Belchior Ferreira lhe reſpondeo, que não havia que fazer naquillo, que ſe houveſſe por deſgradecido, pois até os homens que lhe tinham mais obrigação o deixavam, e deſamparavam naquelle tempo, que viſſe o que queria delle, porque pera tudo eſtava preſtes. Então lhe diſſe o

Ca-

Capitão Mór, que deixava sobre aquella barra D. Francisco de Sousa na galé de D. Francisco Pereira, que lhe pedia quizesse ficar com elle até tornar de Cochim: o que Belchior Ferreira acceitou: e ainda fez mais, que se offereceo a ficar só, quando outros Capitães dos navios se escusassem. E todavia acceitáram tambem a ficar alli Gaspar Tibao, Gaspar de Abreu Mouzinho, D. Alvaro da Costa, Gaspar de Mello, Alvaro Velho, e tres Piriches de Malavares.

E porque os homens estavám cançados, e quebrantados da guerra, vendo que o Capitão Mór se hia pera Cochim, muitos dos soldados se lançáram ao mar, e se passáram aos navios que hiam com elle: o que tambem quizeram fazer alguns da galé de D. Francisco, do que elle foi avisado; e chamando pelo Patrão, lhe disse muito alto, que lhe fizesse prestes a bateira; e que todo o soldado que se quizesse passar pera os navios, que hiam pera Cochim, os levasse nella, porque elle não queria que o acompanhassem por força na galé, que com quaesquer que lhe ficassem defenderia aquella barra. Estas palavras ditas assim em público fizeram tal impressão nos que se queriam lançar a nado, que desistíram de sua determinação, e se deixáram ficar tão corridos daquelle nego-

cio,

cio, que todo o mais tempo estiveram sobre as mantas da galé, sem ousarem de ver o rosto a D. Francisco de Sousa.

O Capitão Mór se fez á véla pera Cochim, e chegou áquella Cidade, onde já se sabia o caso; os Vereadores acudíram á Armada com muitas embarcações, e visitáram o Capitão Mór, e o consoláram, e desembarcáram todos os feridos; e os Fidalgos, e Capitães se repartíram pelas casas dos moradores, onde foram servidos com muitos regalos, e curados com muito cuidado, e todos os mais foram levados ao Hospital, onde foram muito bem curados. Sabendo o Capitão Mór que o Arcebispo estava em Vaipim, sem aguardar por sua visita, o foi buscar; e lhe deo conta do successo, e lhe pedio conselho sobre o que faria. O Arcebispo, que já tinha bem sentido, e chorado tamanho desastre, consolou-o, e mandou recado a D. Antonio de Noronha Capitão de Cochim, ao Bispo, e aos Fidalgos velhos, e diante delles deo o Capitão Mór outra vez relação de suas cousas: certificou-lhe que sempre o Çamorim usaria de muita verdade, e fidelidade naquelle negocio, pelo que lhe nisso hia, e que com a mesma ficava com todo o seu poder sobre o Cunhale, affirmando-lhe que se não alevantaria

dalli até o destruir de todo, que lhes pedía o aconselhassem no que devia fazer. E praticado o caso entre todos, vieram a concluir, que era muito licito que se concedessem as pazes que o Çamorim pedia, pois tinha tambem satisfeito com sua obrigação, e pera com isso o terem mais obrigado pera o verão seguinte, em que o Conde Almirante forçado havia de ir, ou mandar concluir aquelle negocio; porque o tyranno estava em estado que facilmente se desbarataria, por lhe ficar morta a frol da sua soldadesca, e de seus Capitães.

Assentado isto, capituláram as pazes, e despedíram hum catur ligeiro com cartas ao Conde Almirante, e que o Capitão Mór fosse esperar a resposta dellas á barra de Cunhale pera dalli assentar, e jurar as pazes com o Çamorim. Feito isto, partio-se o Capitão Mór pera lá, e despedio de Cochim a D. Vasco da Gama com a sua galé, e oito, ou dez navios mais pera ir ao cabo Çomorim recolher as náos da China, Malaca, e outras partes, como fez em Abril, e as trouxe a Cochim, onde ficáram invernando dous galeões de Maluco carregados de cravo, por não terem tempo pera passar a Goa; e em quanto D. Luiz da Gama não chega a Cunhale, contaremos o que alli aconteceo a D.

Fran-

Francisco de Sousa, que ficou sobre sua barra.

CAPITULO IX.

Do que aconteceo a D. Francisco de Sousa sobre Cunhale: e de como chegáram a Goa as novas desta perdição: e do que fez o Conde Almirante.

DEpois de D. Luiz da Gama partir pera Cochim, vendo o Cunhale aquella Armada que lhe ficava sobre sua barra, o sentio em extremo pela grânde necessidade, e falta que tinha de mantimentos, e lhe era necessario mandallos buscar, primeiro que o Capitão Mór tornasse. E pera isto buscou todos os meios que pode, ainda que fosse com grande risco: pera o que assentou com os seus Capitães lançar todas as suas galeotas ao mar, que eram treze, e provellas muito bem de artilheria, e soldados pera mandar pelejar com a nossa Armada. Estes apercebimentos fez com grande estrondo, pera que chegando as novas á nossa Armada, que havia que não esperaria, se fosse logo pera Cananor, e lhe ficasse lugar pera mandar navios a Mangalor a buscar provimentos; e que quando a Armada se não quizesse re-

colher, então a commettessem, porque havia que tinham certa a vitoria. D. Francisco de Sousa foi logo avisado pelo Çamorim da pressa que se dava áquellas galeotas, e do grande cabedal que o Cunhale mettia nellas; e vendo que tinha pouca Armada, e pouca gente pera esperar tantas, e tão possantes galeotas, usou de hum ardil de bom Capitão pera embaraçar o Cunhale, que lhe succedeo bem. Este foi mandar de noite a Pero Luiz com os Piriches, e duas fustas mais que se-afastasse ao mar, e que no quarto d'alva viesse demandar a barra, como que era soccorro que vinha de fóra, e que na chegada fizesse grande estrondo com a artilheria, disparando-a muitas vezes, e com se tocarem os tambores com grandes carrancas, e som de guerra, e toda a gente pelas perchas dos navios com armas, e seus barretes vermelhos: pera o que lhe deram todos os que havia na Armada, pera de mais longe os divisarem melhor, e avultassem mais; e que depois de darem esta mostra, pera que se ouvissem na Fortaleza, se tornasse a affastar ao mar, e se puzesse em parte donde os vissem da Fortaleza, o que elle fez muito bem; e ouvindo o Cunhale aquelle estrondo no quarto d'alva, e descubrindo a manhã, vendo

a-

aquelles navios surtos ao mar com tantos barretes vermelhos , e tanta soldadesca posta em armas , porque se puzeram, como disse , em parte donde da Fortaleza os divisavam mui bem , embaraçou-se o Cunhale. E o Çamorim mandou perguntar a D. Francisco que estrondo de artilheria era a que ouvio , e que navios eram aquelles que appareciam ? A isto lhe respondeo D. Francisco de Sousa , que vinham de soccorro, e que surgíram alli por esperarem por outros que vinham atrás.

Estas novas corrêram logo pelo arraial, e foram ter a Cunhale ; e pera mór ajuda desta invenção, succedeo virem no mesmo tempo alguns navios de mercadores de Cochim com fazendas das náos da China, e Malaca, que D. Francisco fez surgir junto da Armada, com que representava mór poder. Estas novas chegáram a Cunhale, que tambem vio tudo ; e não querendo arriscar sua Armada , que era todo o seu remedio, porque perdida ella, não lhe ficava cousa em que pudesse ter esperança de se salvar , levou mão do negocio , e tornou a varar as galeotas. Do que D. Francisco de Sousa teve logo aviso , e ficou desalivado ; e quando lhe era necessario prover-se de agua, a mandava de noite buscar a Coriche pelos navios que hiam

de

de dous em dous a trazella : e assim foi entretendo o tempo, e ao Cunhale o melhor que pode. O Çamorim estava muito maguado da perda dos nossos, mais pelo que lhe relevava a elle, que pelo que nos hia a nós.

E porque não podia já levar mão daquella guerra pelo risco, é perigo em que se punha daquelle tyranno se alevantar, e lhe tomar o Reyno, sabendo a miseria em que estava, e a muita gente que os nossos lhe matáram, determinou de commetter a Fortaleza com todo o seu poder, e trabalhar pela levar nas mãos : e póde muito bem ser que tivesse o olho nas grandes riquezas que cuidava achar, de que se queria lograr só, e que não tivessem os nossos nenhuma parte nellas, porque entendeo que havia o Conde Almirante de metter todo o resto do poder da India contra aquelle inimigo, e que ficaria elle com menos quinhão. E disto que tinha determinado mandou dar conta a D. Francisco de Sousa, e pedir-lhe que o dia que lhe fizesse final, se chegasse com toda sua Armada á boca da barra, e esbombardeasse os Fortes dos inimigos com grande terror pera com isso os divertir, e elle ter tempo de dar por lá na Fortaleza mais folgadamente. O que D. Francisco fez ao final que lhe fizeram,

che-

chegando-se quasi ao rolo do mar, e dalli bateo as fortificações com grande terror. O Çamorim ao mesmo tempo commetteo a Fortaleza com mais de vinte mil homens, e trabalhou por entrar as paredes, sobre o que houve huma grande batalha, em que os Mouros se defendêram valerosamente; e depois de gastada toda huma manhã nesta referta, se affastou a gente do Çamorim com algum damno, não ficando os Mouros com pouco. E com isto parâram as cousas, e o Çamorim se deixou estar no lugar em que sempre esteve com todo o seu poder, e assim os deixaremos, por darmos conta das novas que chegáram a Goa.

Não deixava o Conde Almirante de estar com grandes sobresaltos esperando o successo do Cunhale, quando começou a correr huma nova surda, que D. Luiz da Gama era perdido com todos os seus, que o Conde engulio, e calou com muita dor sua, sem se mostrar triste, nem melanconizado aos homens, porque as não houvessem por certas; e porque as más pela mór parte, ou quasi sempre o são, quando foram quinze de Março chegou a certeza dellas por cartas do Capitão Mór, que D. Luiz Lobo levou, que fizeram tão grande abalo na Cidade, que sahíram os homens de

ſuas caſas, como deſatinados, a ſaber dellas, e as mulheres pelas janellas com grandes prantos a eſperar as novas dos maridos humas, outras dos filhos, e irmãos que lá tinham. O Conde Almirante, como a quem lhe hia mais que a todos naquelle negocio, ſentio-o mais que todos; mas porque lhe era neceſſario moſtrar grande animo pelos homens ſe não deſanimarem, moſtrou-ſe-lhes com menos triſteza, da que tinha em ſeu coração; e ao outro dia mandou chamar a Conſelho todos os Fidalgos velhos, e nelle lhes diſſe que havia tres dias que tinha aquellas triſtes novas, e que não havia mais que fazer por então, que dar graças a Deos, a quem ſe não podia perguntar pela razão das couſas que permittia, e ordenava, e que àquelles eram os ſucceſſos da guerra, que muitas vezes não aconteciam as couſas como ſe deſejavam: e que o que por agora era neceſſario, era prover-ſe naquelle negocio com prudencia, e bom conſelho, que eſſe lhes pedia pera ſaber o que devia de fazer. E logo mandou ler a carta de ſeu irmão pelo Secretario; e porque nella ſe reportava a D. Luiz Lobo, foi logo chamado, pera que referiſſe todo o ſucceſſo, e os votantes conforme a elle deſſem ſeus pareceres, o que D. Luiz Lobo fez como

lhe

lhe pareceo. Depois de ouvida a relação; que deo do ſucceſſo, pedio o Conde a todos que votaſſem ſobre ſe ſeria licito ir elle logo em peſſoa a Cunhale, porque ſegundo aquelle tyranno ficava quebrado, e desbaratado, facilmente lhe tomaria a Fortaleza, e reſtauraria o credito do Eſtado, porque eſtava mui preſtes pera aquella jornada, pera que tinha tudo de ſobejo.

Sobre eſta propoſta votáram todos os do Conſelho, que não era bem que a Peſſoa do Viſo-Rey da India ſe abalaſſe com aquella preſſa, porque primeiro havia de pedir ajudas a todas as Fortalezas, pera o que já não havia tempo, ainda tendo tudo preſtes, por ſer mais de meiado Março, quanto mais a perceber-ſe de novo, que lá vinha o verão ſeguinte, em que ſe podiam fazer aquellas couſas muito bem feitas: que ſe o Cunhale ficava quebrado, tambem o tinha o Çamorim tão rodeado, e cercado com ſeu exercito, que ſe não podia prover nem de gente, nem de mantimentos. E que pera aquelle Rey continuar no cerco que lhe tinha poſto, lhe concedeſſem pazes, e lhe fizeſſem todos os mimos, e vantagens que pediſſe, e que o que reſtava do verão, ficaſſe huma Armada ſobre aquella barra; e que como foſſe tempo, ſe recolheſſe a invernar a Ca-

na-

nanor, pera no veranico de Agosto se tornar a pôr sobre a mesma barra; porque segundo aquelle Mouro estava falto de mantimentos, não tinham dúvida a se entregar logo a qualquer Capitão que fosse no verão acabar aquella empreza.

Assentado isto, despedio o Conde recado a seu irmão, e ao Arcebispo, que em Cochim com D. Antonio de Noronha, Capitão daquella Fortaleza, capitulassem as pazes que se haviam de fazer ao Çamorim; e que o Capitão Mór D. Luiz da Gama as fosse jurar com aquelle Rey, e se recolhesse a Goa como fosse tempo, deixando sobre Cunhale a Armada que lhe parecesse bem, pelo modo que se assentou no Conselho, cujo traslado lhe mandou pera se reger, e governar por elle.

Este recado tomou a D. Luiz da Gama sobre a barra de Cunhale, e logo despedio hum navio ligeiro com as cartas do Conde pera o Arcebispo, e D. Antonio de Noronha, que tomáram o Arcebispo no lugar de Molandur dos Christãos de S. Thomé, que logo se foi pera Cochim, onde com o Capitão, e Bispo fez os capitulos das pazes conforme ao tempo, e as occasiões delle, e as tornáram a enviar a D. Luiz da Gama, que por via do Padre Francisco Rodrigues se deo conta daquelle nego-

cio

cio ao Çamorim, e lhe mandou os capitulos das pazes, que elle eſtimou muito, por ſerem á ſua vontade, e tratou logo de ſe jurarem: e por inconvenientes que houve, não foi a iſſo o Capitão Mór, e em ſeu lugar mandou D. Fernando de Noronha mui bem acompanhado de Fidalgos, e Cavalleiros. E o Çamorim diante de ſeus Regedores, e Peſſoas principaes jurou as pazes, e ficou de mandar ſeu ſobrinho Uniare Chararé, e outras peſſoas a Goa no verão ſeguinte a vellas jurar pelo Viſo-Rey.

Feito iſto, ſe recolheo o Capitão Mór a Goa, e deixou ſobre aquella barra o meſmo D. Fernando de Noronha com doze navios mui bem provídos, e com a melhor ſoldadeſca da Armada, cujos Capitães eram, D. Lourenço da Cunha, Lourenço de Aguiar Coutinho, D. Antonio Manoel, Gaſpar de Mello, Diogo Ortiz de Tavora, Antonio Botelho, Lançarote de Seixas, Lopo de Andrade de Gamboa, e outros, de que me não lembram os nomes. E pera a paga deſta Armada, aſſim de ſoldados, como de marinheiros, pera mantimentos, e outras deſpezas, mandou o Conde muito dinheiro; porque lhe não faltou nunca pera eſtas couſas, porque o buſcava ſobre ſeu credito quando faltava, e iſto fez muitas vezes.

CA-

CAPITULO X.

Do contrato das pazes que ſe fizeram com o Çamorim: e do que ſuccedeo a D. Fernando de Noronha ſobre Cunhale, e D. Luiz da Gama chegou a Goa: e dos provimentos que o Conde mandou a Maluco, e Embaixadores do Achem que deſpachou.

PRometteo o Çamorim licença pera em todos os ſeus Reinos, e ſenhorios, e nos de ſeus vaſſallos deixar prégar o ſanto Evangelho, e ſe fazerem Chriſtãos todos os que quizeſſem, de qualquer ſorte, e caſta que foſſem, ſem por iſſo perderem ſeus officios, dignidades, honras, e preeminencias que antes tiveram, nem couſa alguma de ſuas fazendas, que poderiam deixar livremente a ſeus herdeiros, ou a quem lhes pareceſſe, aſſim como ſe coſtuma entre Chriſtãos, ſem niſſo ſe poder entremetter El-Rey, ou Regedor algum, nem entrar El-Rey alguma hora em parte de ſua herança.

Obrigou-ſe a dar chão neceſſario pera edificação de todas as Igrejas em todos ſeus Reinos, e ſenhorios, e nos de ſeus vaſſallos nas partes que lhe pediſſem os Miniſtros da Chriſtandade: e que eſtas Igrejas feriam couto, e valeriam a todos os homiſiados nas couſas, e delictos em que el-

ellas costumam a sello áquelles que a ellas se acolhessem, como se guarda entre os Christãos. E os Padres que nellas residem, teriam poder sobre os Christãos pera fazerem justiça conforme á Ley da Christandade, sem nisso lhes irem á mão, nem lhes pôrem impedimento algum ElRey, ou seus Regedores, ou pessoa alguma.

Prometteo mais que estes mesmos privilegios, e izenções teriam as Igrejas dos Christãos de S. Thomé que estivessem em suas terras, e nas de seus vassallos, e nas que de novo se edificassem, pera o que dava livremente licença. E os Cassanares, e Vigairos que nellas residem, teriam a mesma jurisdicção sobre seus Christãos, que os Padres Portuguezes tem nas outras Igrejas, e nas mais cousas que os Christãos de S. Thomé costumavam ter nas terras dos outros Reys Malavares.

Obrigou-se mais a não consentir em tempo algum ser recebido entre os Christãos de S. Thomé, que morão em suas terras, e de seus vassallos, Bispo, ou Prelado algum, senão o que viesse por ordem do Papa, e de ElRey de Portugal deste Estado, e do Arcebispo de Goa: e que entrando outro algum nellas, o prenderiam, e entregariam ao Feitor de Calecut, ou em qualquer das

For-

Fortalezas do Eſtado pera ſe mandar ao Arcebiſpo de Goa.

Prometteo mais que todos os Portuguezes, e Chriſtãos que a ſuas terras foſſem ter cativos por qualquer caſo que foſſe, de os entregar ao Capitão, ou Feitor de ElRey de Portugal, que com elle eſtiveſſe.

Prometteo de entregar ao Feitor que eſtiveſſe em Calecut ſinco peças de artilheria, que foram da Fortaleza de Chalé; a ſaber, dous Camelletes, hum Falcão, e dous Berços, que eſtariam depoſitadas na feitoria até haver Fortaleza em que ſe metteſſem. E em nenhum tempo o Çamorim, ou ſeus deſcendentes as poderiam tirar, nem ſervirem-ſe dellas pera outro effeito.

Prometteo que não deſiſtiria do cerco de Cunhale até o verão ſeguinte vir a Armada.

Iſto que ſe agora ſegue he o que o Eſtado prometteo ao Çamorim.

OBrigou-ſe o Eſtado a haver ſempre Igrejas, e Padres em Calecut. E aſſim de fazer alli a Fortaleza, e ter alli Officiaes, e feitoria: e de favorecer a todos os Portuguezes, e Chriſtãos, que alli quize-

rem

rem morar, e fazer alli a povoação: pera o que dará o Çamorim lugar particular junto da feitoria.

Obriga-se mais a dar cada anno sinco cartazes pera sinco náos de Méca. Quatro que estavam promettidos nas pazes que fez D. Alvaro de Abranches, e hum mais que agora se lhe accrescenta, por se não fallar em algum tempo, nem pedir que o Estado não dê cartazes a outra alguma pessoa no Malavar, como se lhe prometteo nas pazes que lhe fez o Viso-Rey Mathias de Albuquerque: e destas náos as duas poderám ser de porte de até seiscentos candis; e as outras tres de até quinhentos, e pagará por cada hum destes cartazes trezentos fanões; e pedindo algum cartaz pera Bengala, ou pera o Achem, se lhe dará, não trazendo, nem levando cousas defezas: e pera Barcelor, Mangalor, e mais partes, onde costumavam navegar, se lhe dariam os cartazes costumados, que se houverem de passar aos vassallos do Çamorim, e moradores de suas terras, que contém de Paliporto até Pudepatão, se lhe entregariam a elle na sua mão, ou a seus Regedores pera elles os repartirem, excepto os do Reyno de Tanór: e estes cartazes seram passados pelo Capitão, ou Feitor que estiver em Calecut na fórma, e ordem em

que

que o Estado os costuma passar, e conforme ao Regimento que o Viso-Rey lhe der, sem se nisso entremetterem os Capitães de Cochim, e Cananor: e por cada hum destes cartazes pagará o Çamorim treze fanões, que he o preço antigo; e costumado.

Os cartazes que se houverem de dar aos Arioles, dallos ao Feitor de Calecut; ou nas suas proprias mãos, ou ao Çamorim, conforme aos contratos que entre si tiverem feito, em quanto elles estiverem concertados com o Çamorim.

A pimenta que se comprar pera as náos do Reyno, se pagará pelos preços ordinarios da terra, e se receberá pela ordem de Cochim, sem por isso se alterar cousa alguma.

Da fazenda que comprarem, e venderem os Portuguezes, e Christãos nas terras do Çamorim não lhe pagaráõ direitos alguns, salvo os costumados nas terras de El-Rey de Cochim.

Havendo algumas brigas entre os Portuguezes, e Naires, cada hum castigará os seus: nem o Çamorim, e seus Regedores se entremetteráõ em cousa tocante á justiça dos Portuguezes, ou Christãos, e seus familiares, porque isso pertencerá ao Feitor, que estiver em Calecut, ou a quem o Viso-Rey ordenar.

Obri-

Obrigou-se o Estado, que fazendo algum dos inimigos guerra ao C,amorim pera lhe entrar por suas terras, e jurdição, ou de seus vassallos, não dar favor, nem ajuda alguma, nem tão pouco favorecer ao dito C,amorim, querendo entrar pelas terras dos outros Reys amigos do Estado.

Tendo o C,amorim guerra com os Arioles, e estando elles em amizade com o Estado, não favorecerá, nem ajudará alguma das partes, mas a todos tratará como amigos, trabalhando pelos compôr, sem se aggravar das ditas guerras.

Obrigou-se o Estado a não tirar de Calecut as peças de artilheria, que foram tomadas na Fortaleza de Chale; mas sempre estarão na feitoria até se pôrem na Fortaleza, que se fizesse nas terras do C,amorim, que o Estado deseja que se faça em Calecut, havendo commodidade pera isso, e podendo ser; mas não se obriga a fazella, senão onde for mais accommodada no tempo que lhe parecer mais conveniente.

Juradas estas pazes, partio-se D. Luiz da Gama pera Goa, deixando D. Fernando de Noronha, como dissemos, sobre aquella barra; e chegando a Goa, deo razão de si ao Conde Viso-Rey, que o despachou logo pera ir entrar de serventia na capitanía da Fortaleza de Ormuz, que estava vaga

por falecimento de D. Antonio de Lima, Capitão della, e não hia entrar nella por virtude da sua Patente, por ter ainda por cumprir algum tempo.

Partido D. Luiz da Gama pera Ormuz, ficou o Conde despachando huns Embaixadores, que lhe tinham vindo do Achem, que elle recebeo mui honradamente em sala paramentada com todos os Fidalgos, e Capitães, que se acháram naquelle tempo em Goa, e os aposentou muito bem, mandando-os prover de todo o necessario até ser tempo de se tornarem, em que os despachou com satisfação. E os pontos principaes que vieram tratar, eu os não soube, porque os não achei na Secretaria, onde era razão que se isto achasse; mas sei que foram satisfeitos: e o Conde Almeirante os mandou embarcar no galeão da carreira de Maluco, de que Luiz Machado Boto era Capitão, e os mandou prover muito bem do necessario pera a viagem: e mandou ao Achem hum arrezoado presente em retorno de outro, que os seus Embaixadores trouxeram, e deram á véla aos tres de Maio deste anno de 99. e de sua viagem adiante daremos razão.

CA.

CAPITULO XI.

De huma fragata de Hespanhoes de Manilha, que foi ter á China pera assentar pazes com os Chins, e fazer feitoria em hum de seus portos: e do que D. Paulo de Portugal sobre isso fez.

JÁ démos conta no Capitulo XVI. do primeiro livro de como D. Paulo de Portugal partio pera a China, agora continuaremos com elle. Chegou este Capitão ao porto de Macao em Outubro passado, e logo dahi a quinze dias aportou á Cidade de Cantão huma fragata das Manilhas, de que vinha por Capitão hum D. João de Samudeo, e com elle dous Religiosos da Ordem de S. Francisco, que elle logo despedio pera a Cidade de Macáo com duas cartas pera o Capitão que alli estivesse. Huma dellas de D. Francisco Tello, Governador da Manilha, e outra sua; e o Governador dizia na sua, que elle mandava aquella embarcação a buscar chumbo, ferro, e munições pera o serviço das Armadas, que ElRey D. Filippe trazia naquellas partes Filippinas: que lhe pedia désse ordem com que pudesse haver aquellas cousas, e favorecesse o Capitão que hia a isso, pois todos eram vassallos de hum Rey,

e a voltas diſſo muitos cumprimentos, de que os Caſtelhanos não ſão nada avaros. A carta de D. João de Samudeo continha o meſmo, e pedia-lhe licença pera fazer o negocio a que hia, e que o favoreceſſe naquellas couſas como era razão, e com iſto tambem ſeus offerecimentos.

Vendo D. Paulo de Portugal as cartas, e que a fragata paſſára logo a Cantão ſem tocar naquella Cidade, logo lhe pareceo artificio, e reſpondeo ao Samudeo que ſe elle trazia Proviſões de ElRey de Portugal, que aquelle porto, ſua caſa, ſua fazenda, e tudo o daquella Cidade eſtavam muito preſtes pera ſeu ſerviço; e ſe as não trazia, que entendeſſe que lhe não havia de conſentir couſa alguma daquellas, antes lhas havia de eſtorvar por todos os modos, e meios que pudeſſe, por ElRey lhe ter defendido que os Caſtelhanos das Filippinas não foſſem perturbar aquella terra, nem o commercio que os Portuguezes alli tinham; e o meſmo diſſe de palavra aos Padres, que lhe leváram as cartas, e com iſſo os deſpedio. E logo os moradores da terra entendêram que aquella fragata vinha negociar algum porto novo naquelle Reyno, pera nelle fazerem ſeu negocio, como logo antes de muitos dias ſe declaráram; e que vinham com intenção de á força de

di-

dinheiro fazerem o que pertendiam ; porque este Castelhano começou a tratar seu negocio com os Mandarins, fazendo-lhes grandes promessas de muitos, e mui grossos proveitos, concedendo-lhes porto, em que elles estivessem, pera o que lhes deo muitas peças ricas, e curiosas que pera isso já levava, que estas sam as chaves mestras, com que se abrem todas as portas do mundo.

D. Paulo de Portugal teve logo aviso daquelle negocio; e entendendo que sería de grande perjuizo assim do serviço de ElRey, como do meneio, e proveito daquelles moradores, e ainda dos mercadores de toda a India, despedio hum Tabellião com hum protesto, e notificação ao Castelhano Samudeo, em que lhe dizia, que se trazia Provisões de ElRey pera poder vir áquelle porto, em contrario de outras, porque o defendia com graves penas, que as mostrasse pera se trasladarem; e não sendo assim, que soubesse que lho havia de defender: e com isso lhe escreveo huma carta muito cortez, que mandou que se lhe désse primeiro que o protesto; e que se não defirisse a ella, então fizesse as diligencias que levava a cargo. E o que dizia na carta era pedir-lhe assim da parte de ElRey, como da sua, que não quizesse ir perturbar aquel-

aquelle commercio, nem inquietar áquella terra, apontando-lhe todos os inconvenientes que havia, e as perdas, e damnos que as alfandegas da India receberiam, e o trato dos vassallos de ElRey D. Filippe, que era Senhor de ambas aquellas Coroas: e com isto despedio tambem hum Mathias Pinella, homem velho, e antigo naquelle porto, e muito conhecido dos Mandarins, pera que os persuadisse a lhe entregarem aquella fragata, ou lhe dessem licença pera elle a ir tomar; e que lhe fizesse muitos cumprimentos, e promettesse grandes dadivas. Quando este homem chegou, já os Castelhanos tinham feito seu negocio, e alcançado a licença que queriam á força de dinheiro; porque de Cantão mandou o D. João de Samudeo dous Castelhanos com huma petição ao Aitão, que era Governador daquella Provincia, em que lhe dizia que elle chegára alli com tempo fortuito, que pedia lhe désse licença pera no porto do Pinhal, que era .... leguas de Macáo, pudesse fazer feitoria, e pagar direitos a ElRey da China de suas fazendas. Disto avisou logo Mathias Pinella a D. Paulo de Portugal, que fez junta de todos os moradores, e lhes pedio que lhe dessem seus pareceres sobre o que faria naquelle negocio, e todos affirmáram que não era pos-

possivel darem os Chins porto aos Castelhanos, por ser cousa que encontrava suas leis, de que elles se mostravam, e eram tão observantes; mas que por lhe estorvarem carregarem fóra, como já acontecêra outra vez, estando alli D. Francisco d'Eça, fazendo a viagem de Japão, á outra embarcação, como aquella que foi alli ter das Manilhas, que se mandassem dous homens a Cantão com credito, e dinheiro pera alcançarem daquelle Governador que lhe mandasse entregar os Castelhanos, ou os deitassem fóra do seu porto. Pera este negocio escolhêram por eleição hum Domingos Carvalho, e Antonio Carvalho de Araujo, que achâram em Cantão tão trastornado, tudo da parte dos Castelhanos, que lhes não respondêram a proposito, porque já os Castelhanos estavam de posse do porto do Pinhal. No que se vê claramente quão grande he a força da cubiça, e interesse, que faz que estes tão inteiros na guarda de suas leis, as quebrem com tanta facilidade pelo interesse que esperavam dos Castelhanos.

Com esta certeza que D. Paulo de Portugal teve, assentou de ir áquelle porto em busca dos Castelhanos, e trazellos ao de Macao, e mandallos prezos á India, pera que o Conde Viso-Rey os mandasse

pre-

prezos ao Reyno, com os autos de ſuas culpas, e proteſtos que primeiro lhe fizeram; porque ſe ſenão fizeſſe iſſo aſſim, perder-ſe-hia aquelle commercio, e não tinham os Portuguezes pera que morar naquella Cidade, nem os mercadores da India a que ir lá com ſuas fazendas; e aſſim ſe começou a preparar, e negociar os batéis das náos, que alli eſtavam pera ir ſobre elles.

Iſto ſe ſoube logo em Cantão, e os Mandarins deſpedíram com muita brevidade hum proteſto a D. Paulo de Portugal, em que lhe requeriam que não foſſe inquietar os eſtrangeiros, que eſtavam nos portos de ElRey da China, que lhe pagavam direitos de ſuas fazendas: o que mandáram fazer com grandes ameaças, e logo ſe começáram de enxergar ſombras dellas, porque começáram de ir faltando os mantimentos, e outras couſas que havia ordinariamente na terra: pelo que foram os moradores que alli havia com grandes requerimentos a D. Paulo de Portugal, pedindo-lhe que deſiſtiſſe daquella jornada; porque ſe o não fizeſſe, eſtavam arriſcados a lhe acontecerem grandes males, pois viviam n'uma terra toda aberta, e ſem defensão alguma; e todas as vezes que os Chins quizeſſem, os tomariam ás mãos ſem

lho

lho poderem defender, nem contradizer; e que aquelles homens eram muito ciosos de sua liberdade, e de lhe quebrarem os mandados do seu Rey; e que indo a seus portos fazer guerra aos estrangeiros que nelles estavam, além da desobediencia em que incorriam, estavam arriscados a outro não menor perigo: era este virem as Armadas da China em favor dos Castelhanos, contra quem fora caso gravissimo peleijar os Portuguezes. Com isto que os moradores Portuguezes daquella Cidade disseram a D. Paulo de Portugal, cessou dos apercebimentos que hia fazendo, e desistio da jornada que queria fazer contra os Castelhanos. Elles ficáram por então carregando á sua vontade; e como levavam muitos reales, e gastavam largo, compráram a seda, peças, e mais cousas de brincos, e fazendas com tanta largueza, que subíram os preços de maneira, que não ousáram os mercadores da India a empregar seus cabedaes; e assim partíram as náos esta monção pera a India quasi vasias destas cousas que costumavam levar.

Por estas mesmas náos avisou D. Paulo de Portugal de tudo isto ao Conde Viso-Rey, que chegáram a Goa no fim de Abril, e o Conde propoz em Conselho o aviso que D. Paulo lhe mandou dos Caste-

telhanos; e aſſentou-ſe nelle que ſe eſcreveſſe a D. Paulo, que conforme as ordens que tinha de Sua Mageſtade, em que prohibia paſſarem Caſtelhanos á China, lho impediſſe, e os lançaſſe fóra, ſe ainda lá eſtiveſſem. E por virtude deſta ordem foi D. Paulo de Portugal no anno ſeguinte contra os Caſtelhanos, que eſtavam no porto do Pinhal, e os lançou delle á força de armas, e não tornáram lá mais.

DE-

DECADA DUODECIMA

Da Hiſtoria da India.

LIVRO III.

CAPITULO I.

Do que neſte verão aconteceo na conquiſta da Ilha Ceilão: e das vitorias que os noſſos alcançáram do Tyranno de Candea: e da fermoſa tranqueira que D. Jeronymo mandou fazer no lugar de Manicravaré.

ALcançadas as vitorias que diſſemos nas ſete Corlas, e desfeitas as tranqueiras dos inimigos, determinou o Geral D. Jeronymo de Azevedo de mandar fazer huma tranqueira em Manicravaré, por ficar mais vizinha ao Reyno de Candea, pera dalli o poder conquiſtar, e fazer naquella tranqueira armazem, e aſſento de guerra, e ficar dalli como preſidio, e caſtello contra as quatro Corlas. Eſta tranqueira determinou que foſſe de pedra pera mór fortificação, e ſegurança da gente, que nella havia de eſtar: pera o que ajuntou grande número de gaſtadores, e of-

officiaes, e todas as achegas, e materiaes neceſſarios pera aquella fábrica, que encarregou a Salvador Pereira da Silva, que partio com grande cópia de Laſcarins, e os mais ſoldados Portuguezes que ſe pudéram ajuntar; e huma legua antes de chegar ao forte de Manicravaré, em Setembro paſſado de noventa e oito, alojou ſeu campo, em que eſteve alguns dias, em que ſe recolhiam as couſas neceſſarias pera a obra que hia fazer, pera no meſmo dia que chegáſſem fazer tudo; porque ſuſpeitava que tratava o tyranno de ſaltear os noſſos a noite que chegaſſem, primeiro que ſe fizeſſem fortes, por impedir aquella obra, que lhe ficava ſendo de grande damno, e perjuizo, por lhe taparem com ella as portas do Reyno de Candea, onde ficaria encurralado. Juntas as achegas, partíram os noſſos pera o lugar, onde a Fortaleza ſe havia de fazer; e em chegando a elle, logo ſe fortificáram; e quando foi a noite ſeguinte, em que os inimigos tinham determinado de os aſſaltar, eſtava já feito hum forte de madeira defenſavel, e os noſſos dentro nelle mui ſeguros, e os inimigos fruſtrados em ſeu deſenho ſem ouſarem a bulir comſigo.

Os noſſos foram logo pondo as mãos á obra da Fortaleza de pedra, em que gaſ-

tá-

táram eſpaço de quatro mezes com grande cuſto, e trabalho; e com terem eſta, não deixáram de fazer algumas entradas nas terras do tyranno, de que ſempre ſe recolhêram vitorioſos.

Vendo o tyranno que não podia eſtorvar aquella obra, determinou de divertir o Geral, pera o que ſe paſſou com ſeu exercito ás fronteiras de Dinavaca, por onde começou a fazer muita guerra por aquellas terras, que eram noſſas; ao que o Geral acudio com outro exercito, que formou de ſoldados que tirou dos preſidios, que tinham por partes, deixando-os ſempre com guardas, de quem mandou por Capitão Salvador Pereira da Silva pera contraſtar os inimigos, como fez, tendo com elles alguns recontros, em que os desbaratou. A Fortaleza de Manicravaré foi-ſe continuando até de todo ſe acabar com ſeus muros, baluartes, e huma torre no meio de dous ſobrados, obra tão bem acabada, e forte, que ſe teve por inexpugnavel pera aquella Ilha, pera onde ſe paſſou o meſmo Geral com o reſto do exercito em principio de Janeiro paſſado de noventa e nove, e alli fez apercebimentos pera mandar entrar pelas Corlas.

Iſto entendeo logo o tyranno; e vendo quanto lhe importava ſuſtentar aquellas Corlas,

las, assim as quatro, como as sete; porque se se perdessem, ficava o Reyno de Candea aberto, desabrigado, e diminuido nas forças: passou-se áquellas partes com todo seu poder, e do de ElRey de Huva, em que havia perto de sinco mil homens, e foi-se assentar nas sete Corlas, e dellas despedio hum Capitão com parte da gente, pera que se fosse vizinhar ás nossas Fortalezas fronteiras. Ao que o Geral acudio com mandar Salvador Pereira da Silva com duzentos Portuguezes, e dous mil Lascarins, que foi marchando ao longo de hum rio, que divide as sete Corlas do Reyno da Cota, e Ceitavaca; e ao outro dia passou parte da gente á outra banda, pera que fosse reconhecer o sitio mais accommodado, pera formar nelle alojamento pera todo o arraial, em quanto se alimpava, e roçava o mato pera elle. Andando os nossos nesta obra, os commettêram os inimigos por muitas partes; mas como os nossos estavam em contínua vigia, e andavam sempre com as armas nas mãos, resistíram-lhe valerosamente; e depois de terem huma arrezoada batalha, puzeram os inimigos em desbarato com morte, e cativeiro de muitos, de quem souberam como o Rey de Huva se avizinhára com o nosso arraial, e ficava delle menos de meia legua, com

ten-

tenção de defender aos noſſos a paſſagem do rio, pera que não foſſem aſſentar ſeu exercito no lugar de Adegalitota, donde podiam fazer muito damno. Os noſſos aviſáram logo deſtas couſas ao Geral, que mandou com muita preſſa abalar toda a mais gente, e por Capitão della . . . . que foi caminhando, e de paſſagem ganhou tres tranqueiras, que os inimigos tinham feitas em partes eſtreitas, e nellas matáram muitos dos inimigos. E os que eſcapáram, foram dar rebate ao Rey de Huva, que logo ſe abalou do lugar em que eſtava, e formou ſeu exercito, e ſe poz em campo aberto pera eſperar os noſſos, que cuidáram achallo deſcuidado. E quando apparecèram, víram-ſe ſobreſaltados, e embaraçados, porque o inimigo logo os commetteo com grande furia; e como os noſſos hiam já com as armas nas mãos, reſiſtíram-lhe com tanto valor, e esforço, que em pouco eſpaço lhe desbaratáram a vanguarda, e os arrancáram do campo com bem de damno. E conhecendo a vitoria, que lhe Deos dava, foram dando nelles, e fazendo tão grande deſtruição, que matáram mais de duzentos, e neſte alcance chegáram ao corpo do exercito, onde eſtava o Rey de Huva; e inveſtindo huns, e outros, fez a noſſa eſpingardaria bem ſeu

of-

officio, com que os inimigos paráram até se tornarem a ajuntar a seu corpo. Os da vanguarda, que foram fugindo juntos, volitáram com tão espantosa furia, que se víram os nossos perdidos; mas entendendo que o remedio de suas vidas estava no valor, e esforço de seus braços, mostráram o ultimo de seu esforço, e como desesperados se mettêram entre os inimigos, em quem fizeram tantas cruezas, que lhes voltáram as costas postos em desbarato, e nellas lhe foram os nossos dando, como quem já os levavam de vencida, fazendo nelles muito grande estrago. Neste encontro se perdêram duzentos dos inimigos, e muitos Modeliares, e ganháram os nossos muitas armas, e outros despojos, e se recolhêram ao sitio de Adegalitota, onde alevantáram suas tranqueiras, e fortificações á sua vontade, e sem impedimento. Succedeo isto no fim de Janeiro passado de noventa e nove.

CAPITULO II.

De huma alteração que houve entre os soldados da conquista sobre suas pagas: e do soccorro que o Conde lhe mandou por D. Francisco de Noronha: e do que lhe succedeo na viagem.

PAssadas as vitorias, que atrás contámos, com tanto risco dos soldados, entráram em outro maior, e mais pera temer, e arrecear, que foi a fome, e falta de pagas, porque os soldados que militam, e andam nesta conquista (que eu tenho pelos mais exercitados, e affoutos que ha na India) como estam fartos, commetterám sem temor todos os perigos do mundo, e peleijarám com elefantes bravos. E esta falta de pagas, por que o Geral esperava da India, soffrêram tão mal, que muitos delles se alvoraçáram, e se foram pera as serras, onde se fizeram fortes, e sahiam em magotes a buscar de comer pelas Aldeas. Disto teve logo aviso o Conde Viso-Rey por cartas de Ceilão; e vendo que lhe era necessario acudir áquelle negocio, sabendo que no porto de Goa estava huma náo de Thomé de Sousa de Arronches, Capitão de Columbo, mandou logo embarcar nella cento e sincoenta soldados, vinte mil par-

pardáos em dinheiro, muitos mantimentos, munições, lanças, e espingardas, e elegeo por Capitão della pera fazer esta jornada D. Francisco de Noronha, que se fez á véla já quasi aos vinte de Abril deste anno de 99. em que andamos. E além dos soldados que se pagáram, mandou o Conde embarcar muitos, que estavam no tronco sentenceados a degredo; e assim se embarcáram alguns Fidalgos: huns que hiam a servir, e outros a cumprir seus degredos, e apresentar-se. E dos que pude saber foram André Pereira Coutinho, Luiz de Lacerda, D. Manoel, e D. Rodrigo de Castro, ambos irmãos, e filhos de Baçaim, a que na India chamam os Mangaritos, Ruy Quadrado de Almadão, e outros.

E seguindo este Capitão sua derrota, estando tanto ávante como Cananor, tiveram os degradados tomado o batel pera se acolherem. No que se vê quanta força tem a perda da liberdade, que no que estes queriam fazer em fugir, tinham por menor mal arriscarem-se a tão conhecido perigo, como era metterem-se n'um batel em tempo tão perigoso do inverno, que irem a Ceilão contra sua vontade, sendo huma terra pera onde tantos folgavam de ir servir ElRey por seu gosto, pela prosperidade, frescura, e abundancia que tem, e

em-

em que muitas vezes ha occasiões, em que os homens enriquecem.

Desta alteração, e determinação destes homens teve D. Francisco de Noronha rebate, a que logo acudio, mandando metter homens de sua obrigação no batel, que levou sempre grande resguardo. E passado o Cabo C,amorim, atravessou aquelle golfo com tempo muito rijo, que lhe durou até haver vista da terra de Gale, e alli surgíram duas leguas ao mar, sem saberem onde estavam. E por se arrecear de dar á costa por razão de andar o mar muito grosso, e o vento tezo, e o tempo tão carregado, que hia mostrando, e dando sinaes do inverno, que he alli mui perigoso, esteve D. Francisco de Noronha mui indeterminado no que faria, porque havia hum reboliço nos soldados, que desejavam de arribar a Tutocori; ao que elle acudio, e atalhou, dizendo-lhes, e affirmando a todos que ainda que se perdesse, havia de ir a Ceilão pela grande necessidade, em que aquella conquista estava daquelle soccorro; porque entendia mui bem que se fosse a Tutocori, nenhum daquelles soldados que levava lhe havia de ficar, e que todos os provimentos, e munições se haviam de damnar, e consumir. E que pela confiança que o Viso-Rey delle tinha, o elegêra pera

aquella jornada, que elle por nenhum caſo havia de deixar de fazer, e levar aquelle ſoccorro a Columbo, ainda que ſe arriſcaſſe a todos os perigos até perder a vida, porque com elles ficava ElRey melhor ſervido, e elle ſatisfazendo a ſua obrigação. E tão reſoluto eſtava niſto, que mandou metter o dinheiro, as eſpingardas, e munições em pipas, e quartos, e aboiar tudo com viradores groſſos, e fortes pera o tempo da neceſſidade. E diſſe aos Officiaes, que quando não houveſſe outro nenhum remedio, varaſſem com a náo naquella terra que apparecia, em parte que ſe pudeſſe ſalvar a gente, e o cabedal; que elle ſe obrigava a pagar de ſua fazenda a náo a ſeu dono. E por lhe não ficar couſa nenhuma por fazer, vendo que apparecia huma fermoſa praia de arêa, mandou chegar o batel a bordo, e o eſquipou mui bem de remos, e marinheiros, e pedio a hum daquelles Fidalgos que com elle hiam, que ſe embarcaſſe nelle, e foſſe demandar a praia que apparecia, e trabalhaſſe por haver ás mãos algum Piloto, que os guiaſſe a *porto ſeguro*, do que o Fidalgo ſe eſcuſou; e havendo entre elle, e o Capitão *algumas razões*, ſe offereceo hum Alvaro de Barros, ſoldado velho, bom cavalleiro, que hia provído da Capitanía do porto de

Ca

Calteturé, e diſſe a D. Franciſco de Noronha, que elle iria no batel a fazer aquella diligencia, e que eſperava em Deos que a havia de fazer muito bem, o que lhe o Capitão acceitou, e mandou embarcar com elle alguns companheiros, dando-lhe por regimento que foſſe demandar aquella praia; e que ſe achaſſe alli alguma povoação, trabalhaſſe por negociar hum Piloto, ou dous, pera o que lhe deo dinheiro; e como os Chingalas por elle venderám mulher, e filhos, ſe os alli houvera, não deixáram de vir.

Depois de partido eſte batel, appareceo huma almadia, que tinha ſahido de Gale, e capeando-lhe veio á náo, e dos que vinham nella ſouberam a paragem em que eſtavam, que era entre Gale, e Beligão. E por não vir nella quem os ſoubeſſe guiar, e encaminhar, deſpedíram a almadia com huma carta pera o Capitão de Gale, em que o Capitão da náo lhe dava conta do eſtado em que ficava, e lhe pedia o mandaſſe ſoccorrer com Pilotos, que os recolheſſem em algum porto ſeguro.

Tal diligencia poz Alvaro de Barros naquelle negocio, que lhe encommendáram, que chegou á terra, e nella negociou logo dous Pilotos, que mandou no batel, que D. Franciſco de Noronha feſtejou bem,

e lhe perguntou onde sería melhor recolherem-se, se em Gale, ou Beligão, e se se atreviam a metter aquella náo em qualquer daquelles portos? e ambos disseram que em Beligão era melhor, porque a sua barra tinha de maré cheia de quatro pera sinco braças de agua, e que elles trabalhariam pela metter dentro; mas que se não obrigavam a cousa alguma.

Fazendo D. Francisco de Noronha seus discursos, assentou de commetter a barra de Beligão, ainda que a náo se arriscasse; porque como salvassem a gente, dinheiro, e munições, de tudo mais lhe dava pouco. E determinado nisto, mandou aos Pilotos que fossem a Beligão, que Deos, em quem confiava, os ajudaria. E assim deram á véla, e chegáram defronte da barra a tempo que estava a maré meia cheia, com que commettêram a entrada, e foram por sete braças; e logo mais dentro deram em quatro, e mais adiante em tres e meia, com o que D. Francisco se houve por perdido. E como levava todas as cousas aboiadas, e postas no convés pera as baldear no batel, mandou-o levar a bordo, e deixou-se ir. E quiz Deos por sua misericordia, que das tres braças e meia deram logo em sinco, e depois lhe foi crescendo mais o fundo, e os da náo alegrando-se, e feste-

jan-

jando muito , e assim foram surgir perto da terra. E esta foi a primeira náo que entrou neste porto , e ficou dalli adiante facil a todos.

D. Francisco de Noronha mandou desembarcar tudo o que levava , e em terra fez suas estancias , e se fortificou mui bem , e despedio recado a Gale , pera que lhe mandassem servidores que acarretassem aquella fabrica. Ao que acudio D. Fernando Modeliar com muita gente da terra , com que D. Francisco de Noronha começou logo a marchar com muito boa ordem , e recado. E nos lugares , em que se haviam de alojar pera jantarem , ou dormirem , em breve espaço se fortificáram á roda ; porque como os servidores eram muitos , e os matos grandes , e espessos , facilmente se fazia tudo. E por esta razão alguns alevantados que encontrou , não ousáram aos commetter. Nesta ordem chegou a Columbo a salvamento , onde foram muito festejados , e o Geral teve já com que pagar , e quietar os soldados , com que tornou a proseguir na guerra , como logo diremos.

CAPITULO III.

De outras vitorias que os noſſos alcançáram em Ceilão em differentes partes.

ENvergonhado o Rey de Huva de ſer tantas vezes desbaratado, temendo-ſe do tyranno D. João, deixou-ſe ficar nas ſete Corlas bem alongado das eſtancias, em que os noſſos ficavam, e da terra de Galitota, e alli tornou a recolher a mór parte da gente, que lhe eſcapou daquelle desbarato. O tyranno D. João tanto que vio perdida aquella jornada, em que elle tinha grande confiança, determinou de ajuntar ſuas gentes, e tornar a proſeguir a guerra por aquella parte, o que não pode fazer; porque andavam os ſeus tão medroſos daquelles ſucceſſos, e tão enfadados daquella guerra, que não quizeram acudir, ſobre o que o tyranno uſou grandes crueldades com elles, mandando deſcabeçar muitos, e mandou chamar o Rey de Huva que acudio, e andou em peſſoa por ſuas terras ajuntando gente até formar hum arrezoado exercito, com que tornou a deſpedir aquelle Rey com ordem que ſe affaſtaſſe dos noſſos, e foſſe impedir os deſenhos de D. Jeronymo, que eram obrigar os naturaes das Corlas a ſe reduzirem á obedien-

cia,

cia, em que lhe dantes eſtavam, pera com iſſo poder mais facilmente commetter a conquiſta do Reyno de Candea, e metter-lhe a guerra dentro em caſa, pera aſſim o encurralar de feição, que ou deixaſſe as terras, ou o perſeguiſſe tanto até o matar, ou haver ás mãos; o que o tyranno entendeo bem, e trabalhou tudo o que pode pelo divertir. E pera iſſo teve intelligencias ſecretas com os Laſcarins do noſſo excercito, que eſtava nas fronteiras de Dinavaca, e a poder de peitas os fez paſſar a ſi, com o que aquellas terras fizeram mudança.

Tanto que os noſſos víram os Laſcarins paſſados pera o inimigo, recolhêram-ſe aos fortes de Corvite, e Batugedere, aonde ficáram cercados por terem tudo contra ſi. Eſtava o Geral neſte tempo nas fronteiras de Candea penhorado com a conquiſta, que queria fazer por aquelle Reyno, com o que os inimigos tiveram lugar de cobrar animo, e fazerem alguns damnos em noſſas terras, e entrarem por ellas até defronte da tranqueira Malvana. Do que ſendo D. Jeronymo aviſado, proveo a tranqueira de Manicravaré, em que eſtava, de tres companhias de ſoldados, de que eram Capitães Thomé Coelho, que era cabeça de todos, João Serrão da Cunha, e Dio-

go

go de Araujo, e de mantimentos, e munições pera muitos dias. E elle com huma companhia de ſoldados, e oitocentos Laſcarins ſe paſſou á Cidade de Seitavaca por eſtar no meio de todo o Reyno, e mais vizinha á fronteira de Dinavaca, onde os inimigos andavam; contra quem deſpedio Simão Pinhão com outra companhia de ſoldados, e oitocentos Laſcarins, que os encontráram no lugar de Sofragão; e depois de terem com elles hum bem porfiado recontro, os arrancáram os noſſos do campo, deixando muitos mortos, que por elle ficáram: e aſſim teve o Simão Pinhão tempo de viſitar as Fortalezas de Corvite, e Batugedere, em que ſe tinham recolhido os que andavam nas partes de Dinavaca, como diſſemos, que proveo muito bem de tudo.

Daqui mandou o Geral que paſſaſſe o Pinhão pera as terras vizinhas da Malvana, onde já eſtavam os rebellados, e principaes cabeças daquelle alevantamento. E o meſmo Geral tambem ſe abalou por outra parte, de maneira que os colhêram em meio, e os cercáram em fórma, que por não terem remedio ſe entregáram, e vieram á obediencia, e o Geral mandou cortar as cabeças aos que o foram daquelle alevantamento: e depois foi pouco, e pouco

co justiçando os mais culpados, com o que apagou de todo aquella labareda, que lhe abrazava a terra. O tyranno foi mettendo todo seu cabedal pelas Corlas, pera dar em que entender ao Geral, e divertillo de seu intento; pelo que lhe foi necessario mandar outra vez o arraial contra aquelle inimigo, e em muitos recontros que lá tiveram com suas gentes, sempre os nossos ficáram com vitoria, e se recolhêram com muitos cativos, e prezas. O nosso arraial, que estava na tranqueira de Balitote, tambem não esteve neste tempo ocioso, porque o mandou o Rey de Huva commetter com mais de seis mil homens; mas o Capitão Salvador Pereira, que já estava avisado daquillo, primeiro que chegasse, lançou os Lascarins da terra fóra das tranqueiras em cilada nos matos, pera ao tempo que o commettessem, lhe darem pelas costas, e os desbaratarem, do que se elles temêram, e por isso não quizeram investir a tranqueira, antes estiveram dez dias sobre ella commettendo-a por escaramuças, de que sempre se recolhêram escalavrados.

E por não ficar ao tyranno de Candea cousa que não commettesse por divertir, e embaraçar ao Geral, mandou ao mesmo tempo commetter a tranqueira de Manicravaré com hum Capitão de quatro mil homens,

mens, como fizeram com grande determinação; e por espaço de meio dia tiveram com os nossos huma grossa escaramuça de arcabuzaria, de que lhe ficáram muitos estirados no campo; e tão mal os hospedáram os nossos, que no mesmo dia se recolhêram, ficando o campo semeado de muitos corpos espedaçados.

O Rey de Huva, que estava sobre o nosso forte de Balitote, vendo que gastava o tempo sem proveito, e que estava arriscado a ser salteado, e desbaratado dos nossos, retirou-se; porque tambem soube que o Geral mandava soccorrer aquella tranqueira, e dalli se passou ás terras de Chilao, deixando huma legua daquella tranqueira de Balitote hum corpo de mil homens, os mais delles de espingardas, em huma tranqueira que fez n'um passo, pera que ajuntando-se alli a gente das aldeas vizinhas, impedissem as entradas aos nossos por aquellas partes, porque de todas se arreceavam. Do que avisado o Geral, mandou dar nelles hum Capitão com sincoenta Portuguezes, e trezentos Lascarins, que os puzeram em desbarato, entrando-lhes a tranqueira com mortes de muitos. Com este successo se retirou logo o Rey de Huva das partes de Chilao, pera onde se passou, assim porque tambem lá foi mal agazalhado

do dos nossos, como por se recear que mandasse o Geral outro poder sobre elle.

Vendo o tyranno de Candea quão mal lhe succediam todos os seus ardís, e quanta gente tinha perdida por aquelles assaltos, attribuio tudo á covardia do Rey de Huva, pelo que o mandou recolher a Candea; e o seu cargo, que era de Capitão geral do campo, deo a hum Principe do sangue dos antigos Reys, mancebo havido por atrevido, que querendo mostrar ao tyranno que não ficava enganado naquella eleição, se abalou logo com todo o arraial, e gente que trazia o de Huva contra a Fortaleza de Balitote, que já o Geral tinha soccorrido com gente, e munições, que accommetteo com algumas escaramuças de espingardaria. E vendo Salvador Pereira, Capitão della, que o inimigo o não ousava a investir, lhe sahio com hum corpo de gente, e remetteo a elle com tanta furia, que em breve espaço o poz em desbarato, com morte de mais de cento, ficando este Principe no primeiro assalto que commetteo, tão mal afortunado, como o Rey de Huva, porque se metteo pelos matos tão atemorizado como o outro: e os seus que escapáram, foi tal o seu medo, que não paráram senão dentro em Candea. Com isto ficáram as Corlas despejadas, fican-

cando só o Principe nos confins dellas, duas leguas do nosso arraial, sem ousar de ir diante do tyranno. O que sabido pelos da tranqueira da Balitote, sahíram de noite em boa ordem, e no quarto da alva deram nelle com tanto estrondo, que o puzeram em fugida, e o tornáram a metter pelos matos, e o foram seguindo, e queimando muitas aldeas, povoações, e pagodes: com o que desenganados os pόvos das Corlas de o tyranno os poder defender, sujeitáram-se á obediencia.

CAPITULO IV.

Das razões que movêram ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a ir visitar os Christãos de S. Thomé: e de huma breve relação das cousas deste Santo Apostolo.

AGora que he tempo do inverno, que estam paradas as cousas do Governo, daremos razão do que moveo ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes pera ir visitar a Christandade das serras do Malavar, pera onde o deixámos partido: o que trabalharemos pelo fazer brevemente, porque a historia não soffre tanto, e sam cousas essenciaes deste tempo do Conde Almeirante, pois nellas trabalhou com ajuda, e

fa-

favor; e he bem que de quando em quando passemos da terra ao Ceo, e do politico ao Divino: e começaremos pela entrada do Santo Apostolo na India, conforme ao que se acha escrito nos livros Caldeos desta Christandade, onde ha muitas cousas, de que a sua lenda não trata.

Pelo que se ha de saber que estes Christãos tem por tradição desde o tempo deste Santo Apostolo até agora, que por morte do Filho de Deos Christo Jesus Senhor, e Redemptor nosso se repartíram os seus doze Discipulos pelo mundo a prégar a Lei da Graça. E que andando este Santo Apostolo em companhia de S. Judas Thaddeo, pelas partes de Mesopotamia, sabendo que passavam huns mercadores pera a India, desejando de se embarcar pera aquellas partes, onde havia tamanha fama daquella Gentilidade, apartou-se do Apostolo S. Thaddeo seu companheiro, segundo sua lenda, na Cidade de Edessa. E os livros Caldeos da Serra dizem, que vendeo seu corpo a hum daquelles mercadores, ou se concertou com elle pera o servir naquella jornada, e assim se embarcou com elle sem dizer pera onde; e a náo em que hia tomou a Ilha Çacotorá, onde ficou prégando á gente daquella Ilha, pelo que tenho dúvida na venda, que de si fez o Santo Apos-

to-

tolo; porque se tal fora, não havia de deixar o dono de seu corpo, antes houvera de seguir seu amo, como seu cativo; senão se o mercador vendo sua muita virtude, e doutrina, de sua livre vontade lhe désse licença pera ficar alli. Em fim, como quer que fosse, o Santo Apostolo converteo a mór parte dos moradores daquella Ilha, e lhes fez hum Templo, em que adorassem a hum só Deos, em que havia de deixar alguma Cruz, porque então não tinha outro retabolo, e com isso lhes deo ordem, e regimento de vida, e lhes deixaria escritos os mandamentos; porque os Santos Apostolos assim como entendiam, e fallavam todas as linguas, verosimil he que tambem as soubessem escrever, e conhecessem seus caracteres. Em fim, ordenando alli as cousas, que lhe parecêram necessarias pera bem, e conservação daquella Christandade, se embarcou pera a costa de Melinde, e Cafraria, onde havia fama haver tamanho número de idólatras. E dizem os livros Caldeos, que chegou ao Reyno de Paces, que parece ser de Ampaza, pela semelhança do nome: e dalli á outra Provincia chamada Zarique, que não sei qual seja, senão se for Moçambique, que sempre foi escala daquella costa toda, que era mais conhecida, e sabida pelas Armadas de Salamão,

que

que andáram por alli commerceando o ouro, e madeira preta pera o Templo.

Dalli se passou o Santo á Provincia Marhozaya, que o Bispo da Serra D. Francisco Rodrigues, com quem communiquei isto, affirma ser Malaca. O que fallando com toda a modestia, me parece que não póde ser pelo apartamento destas Provincias, e nunca navegarem os mercadores de Moçambique, nem da costa de Melinde pera aquella parte, e assim o tenho por certeza; porque o Santo tornou a visitar aquella Christandade primeiro que passasse á India, e de Malaca não podia tornar a Sacotora. E faz esta minha opinião mais verdadeira escreverem muitos Authores graves, e cuido que tambem o dizem os livros da Serra, que passou o Santo Apostolo á Persia, e de lá á Provincia Camarcant, que hoje he a Usbequia, por ser caminho mais ordinario de cafillas, e mercadores de todas aquellas partes, donde parece que tornou a Sacotora, e se embarcou naquella embarcação, que trata sua lenda, que n'uma noite fora aportar á terra do Malavar. E sobre qual foi a primeira parte que tomasse, ha entre aquelles póvos grandes contendas; porque os Christãos chamados *Cortali*, da provincia Paru, junto de Coulão, affirmam que a pri-

meira terra que o Santo tomou, foi hum lugar chamado Mogodover Patana, que quer dizer cidade grande Idolo, que então tinha hum porto mui continuado de mercadores Persas, e Arabios, onde, conforme ao que se escreve nos Actos dos Apostolos, Abdias Discipulo deste Santo Apostolo converteo hum filho do Rey do Malavar, que deve de ser o de Paru, aonde aportou, e aonde ainda hoje ha muita Christandade. Ou pela ventura que a primeira Cidade que tomasse, fosse Calecut, aonde dizem os livros Caldeos, que converteo o Christão Perimal, Emperador de todo o Malavar. E entre os Reys que o Santo deixou escritos naquella pedra milagrosa, que elle converteo, he elle hum destes, e que depois em Meliapor convertêra hum filho seu. No que se vê claramente que aquella dignidade dos Perimaes, de que no Capitulo X. do X. Livro da minha setima Decada dei larga relação, he tão antiga, que já havia muito antes da vinda de Christo. Mas não he este o derradeiro Perimal, que eu alli digo, que se foi fazer Christão a Meliapor, e o que os Mouros Arabios affirmam que não foi senão pera Meca a se fazer Mouro por acreditarem sua abominavel, e maldita seita, succedendo isto muito antes que Mafame-

de.

de nascesse, como o tenho provado claramente na mesma Decada assima allegada. E o que affirmam os do lugar de Parú, que o Santo aportou primeiro a elle, e que deixára Igreja alli feita pera os Christãos que converteo, não tira esta opinião; porque o Apostolo correo todo o Malavar, e cada hum quer a honra de aportar primeiro a seu porto. Ora que elle deixasse alli Igreja, se prova por hum campo que alli mostram, chamado Paripalamba, que quer dizer o Campo da Igreja; e por outro lugar chamado Palimoe, que em lingua antiga quer dizer o Canto da Igreja. Mas o mais averiguado he aportar á Cidade Mogodover Patana, por sua muita antiguidade; que he tanta, que se tem perdido as escrituras, que tratam de sua fundação. E só da de Coulão tem memoriaes de setecentos annos a esta parte, porque em todo o Malavar contam suas eras, como os Romanos pela fundação de Roma; e antes disso contavam estes Malavares a era pelo curso do Planeta Jupiter, que he de doze em doze annos, como os Gregos pelas Olympiadas de quatro em quatro: e os Christãos de S. Thomé em suas escrituras põem primeiro a era de Patana, e depois a de Coulão, como antes da vinda de Christo contavam nas

ſuas eſcrituras pela era da creação do mundo, e de Ceſar.

Aqui em Mogodover Patana, onde o Santo primeiro aportou, que he o mais certo, e não em Cranganor, como outros affirmam, ſuccedeo aquelle milagre da mão, por eſta maneira. Celebrava aquelle Rey humas bodas a hum filho ſeu, a que concorria infinita gente, e entre eſta foi huma moça, que era Judia de nação, que dançava, e cantava em lingua Hebrea couſas da Lei de Deos, e das maravilhas que fizera com os filhos de Iſrael, milagres de ſeus Profetas, e outras couſas deſta ſorte, com que o Santo Apoſtolo (que foi convidado pera aquellas vodas) ſe enlevou tanto na contemplação daquellas couſas, que ficou em extaſe: e vendo-o hum daquelles miniſtros que ſerviam, aſſim arrebatado, e como fóra de ſi, deo-lhe huma bofetada diante de ElRey, o que o dos Ceos permittio, pera que o ſeu Santo Apoſtolo ſe pareceſſe com elle n'outra, que lhe deram em caſa de Caifás. Ao que o Santo alevantou as mãos, e diſſe ao que lhe fizera aquella affronta: *Filho, pera que no outro mundo não pagues com penas eternas iſto que aqui me fizeſte, neſte te caſtigará Deos com a brandura, e miſericordia que ſua condição lhe pede.* E aſſim aconteceo, que

pri-

primeiro que o banquete ſe acabaſſe, ſahio eſte homem a buſcar agua a huma fonte, que devia eſte banquete de dar-ſe em alguma quinta, e encontrou com hum tigre, que ou vieſſe á fonte a beber, ou foſſe ordenado por Deos aquelle encontro, pera moſtrar a virtude do ſeu Servo no ſoffrimento da affronta que ſe lhe fez; e arremettendo o tigre com o pobre homem, lhe levou na boca aquella ſacrilega mão com que deo a bofetada, e lha cortou pelo pulſo, e deixou-a cahir no chão. Vendo-ſe o triſte homem ſem mão, foi-ſe muito de preſſa pera onde as bodas ſe celebravam, todo enſanguentado; e eſtando dando conta da ſua deſaventura, entrou hum cão com a ſua mão na boca; e compadecido o Santo Apoſtolo do pobre homem, alevantou-ſe, e tomando a mão, que eſtava ainda freſca, applicou-a ao braço, e no meſmo inſtante ſe lhe ſoldou como d'antes era. O que viſto pelos convidados, admiráram-ſe do caſo, que foi occaſião de muitos ſe converterem á Fé de Chriſto.

Eſte milagre he ainda hoje mui celebrado entre os Gentios de Meliapor, e trazem-no pintado em ſeus paineis, como o eu vi em alguns. E não ſei qual he a razão, por que os Eſcritores modernos tem por apocryfos eſtes milagres, pois não repu-

pugnão á razão; nem o Santo pedio á Deos castigasse aquelle homem, nem lhe desejou ver aquelle mal, e ainda que o pedíra a Deos que por honra sua o castigasse. Porque do Profeta Eliseu lemos, que amaldiçoára os meninos, que lhe chamáram calvo por vituperio, a quem logo sahíram huns ursos do íntimo do mato, e os fizeram em pedaços. Da casta destes Judeos, e destas moças Judias, que se acháram nestas bodas, ha ainda hoje muitos por todo o Malavar; e affirmam alguns ficarem nellas daquelles, que vieram nas Armadas de Salamão, que vinham a estas partes buscar cousas pera o Santo Templo: e em Cochim ha huma Judiaria delles, e conservam ainda a sua antiga linguagem. E tambem eu cuido que procedêram dos que escapáram da destruição de Jerusalem, e que foram cativos pera a Persia, donde se passariam á India.

Estes, e outros milagres obrou o Santo por todas estas partes, e converteo grande número de idólatras á lei de Christo. E suas escrituras affirmam que o Santo se passára dalli ás terras do Mogor, e á Provincia Industan, onde reinava aquelle Rey chamado Chsetrigal, que tambem está nomeado na pedra do milagre entre os que elle converteo. Tambem dizem passou á

Chi-

China, e China grande, onde fizera muita Chriſtandade. Eſtas partes entendo eu pela Provincia da China, e Catayo, que he a China grande, por eſtar mais alevantada pera o Norte que a outra da China, aſſim como os Coſmografos fazem differença da India menor, e India maior. E poſto que deſta Provincia do Catayo tenho já fallado no Capitulo . . . do . . . Livro da minha quarta Decada, adiante com o favor Divino, quando tratar do Principe de Badaxa, que ſe fez Chriſtão em Ormuz, darei melhor relação della pelo muito que hoje eſtá mais deſcuberto pelos Padres da Companhia, que penetrám até o ultimo da China, e Catayo, aonde Portuguez algum já mais chegou, ſenão aquelle Embaixador, que Fernão Peres de Andrade mandou ao Rey da China, que foi até á ſua Corte, ſem ſaber dar razão daquella Provincia, nem de outra alguma; porque os Chins que o levavam o divertíram por differentes jornadas, em que lhe fizeram gaſtar muitos mezes, aſſim por não ſaber dar razão de couſa alguma, como pera lhe moſtrarem a grandeza daquelle imperio.

E tornando ao Santo, depois de ter viſitado todas eſtas Provincias, voltou pera a India; parece que veio viſitando a Provincia Tebet, onde fez muitos Chriſtãos,

de que ainda hoje ha nella, e se veio descendo até o Reyno Canará, até parar na Cidade Meliapor, onde fez aquelle grande milagre daquelle façanhoso madeiro, de que fabricou a sua Igreja, que ainda hoje está parte della em pé. E estando nesta Cidade orando em hum oratorio, que tinha naquelle monte, de que já fallei no Capitulo V. do X. Livro da minha Decada, foi morto pelos Bragmenes Gentios de huma lançada, que lhe deram por huma fresta, que foi aos 27. annos depois da morte de Christo, parecendo-se até nisto com seu Mestre, e nosso Redemptor, que tambem foi ferido com aquella cruel lançada, que lhe os Judeos deram, com que lhe atravessáram o coração. E conforme a computação dos mesmos Canarás, conformão com esta conta; e dizem mais que foi morto aos trinta annos do reinado de ElRey Xaga, que o Santo Apostolo tinha convertido. Foi seu corpo enterrado na sua Ermida, onde se acháram suas reliquias em tempo do Governador D. Duarte de Menezes, Senhor da casa de Tarouca, que por mandado de ElRey D. Manoel as mandou buscar. E posto que seu Discipulo Abdias diga que seus companheiros lhe leváram suas reliquias pera a Cidade de Edessa, isso não tira ficarem muita parte dellas na

sua

ſua propria ſepultura, porque forçado haviam de deixar nella ſua memoria. Eſta Cidade de Edeſſa he Metropoli da Meſopotamia; e alguns tem que he a antiga Raquis, donde Tobias o velho mandou a ſeu filho a buſcar os dez talentos de prata, que Gabello ſeu parente lhe devia. Eſta Cidade ſe converteo á Fé de Chriſto pela prégação do Apoſtolo S. Thaddeo ſeu companheiro, e ſempre nella houve Biſpos, cujos ſuffraganeos foram os Biſpos da Serra de Meliapor, que dalli ſe proviam até entrarem os da maldita ſeita de Neſtor.

CAPITULO V.

Das couſas que mais acontecêram a eſtes Chriſtãos: e dos Prelados que tiveram até eſte tempo: e dos Reynos em que hoje moram.

POr morte do Apoſtolo S. Thomé ficou toda aquella Chriſtandade deſtas partes do Malavar, e Meliapor ſuſtentando-ſe com os Prelados, que lhe mandavam os Biſpos de Edeſſa até lhe virem os de Babylonia Neſtorianos, que como peſte contamináram todas aquellas partes com ſuas hereſias, e perverſa doutrina. Succedeo depois da morte do Santo ha mais de trezen-

zentos annos haver no Reyno de Bisnaga grandes guerras, e fomes, e tantos terremotos, e sinaes do Ceo, que affirmam suas escrituras que junto de Meliapor choveo terra, e assolou huma povoação, com o que se despovoáram muitas terras daquellas, e os Christãos se espalháram pera differentes partes, e muitos por falta de doutrina tornáram á Gentilidade de seus passados. E ainda hoje em Bipor na costa da Pescaria ha muitos que procedem destes a que chamam Taridascal Naique mór, que quer dizer, os da casta dos antigos Reys; porque muitos dos que alli paráram eram do sangue dos Reys, que o Santo Apostolo fez Christãos; mas a mór parte delles se acolhêram aos matos, e serras, que sam os que passáram em Jodamalla, a que os naturaes chamam Xaber, que quer dizer gente antiga, e outros se espalháram por esta costa Malavar, onde fundáram Templos; e ainda daqui se acolhêram pera as serras, depois que os Mouros entráram na India, por muitas avexações que lhes faziam, cuja cabeça foi sempre a Cidade Patana, onde o Santo Apostolo aportou a primeira vez áquella Cidade: esta depois por tempos se destruio de todo por guerra.

Depois dahi a muitos annos aportou áquelle porto de Patana huma náo, em

que

que vinha hum Armenio Christão, chamado Thomé Cananeo, homem muito rico; e vendo-se com aquelle Rey, lhe deo conta de si, e elle deo o lugar de Patana pera se aposentar com os seus, que traziam suas mulheres, e depois lhe deo o mesmo Rey o chão de Cranganor, onde agora está a nossa Fortaleza, onde o Thomé Cananeo mandou fazer a Igreja no lugar, em que hoje está da invocação do mesmo Apostolo; e depois fez outras duas: huma do Orago de nossa Senhora, e outra de S. Cyriaco Martyr. E porque a doação destes chãos, que lhe ElRey mandou passar, he notavel, e declara muitas cousas dignas de se saberem, me pareceo bem pollas aqui de *verbo ad verbum*, segundo se acháram em humas pastas de cobre, que eu refiro na minha setima Decada, que desapparecêram da Feitoria de Cochim, e dellas infiro que este Rey era Christão, e chamava-se Cocurangon.

Cópia da doação que ElRey do Malavar fez a Thomé Cananeo.

COcurangon seja prosperado, e tenha longa vida, e viva cem mil annos, divino servo de Deos, forte, verdadeiro, cheio de boas obras, racionavel, podero-

so

ſo ſobre toda a terra , ditoſo, vencedor, glorioſo , proſpero no miniſterio de Deos direitamente. No Malavar na Cidade do grande idolo, reinando elle em tempo de Mercurio, no dia ſetimo do mez de Março antes da Lua cheia , o meſmo Rey Cocurangon, eſtando em Cornelur , chegou Thomé Cananeo, homem principal, em huma náo com determinação de ver a derradeira terra do Oriente; e vendo-o chegar alli , deram recado ao Rey , que o mandou ir perante ſi , fallou com elle amigavelmente, e lhe deo o ſeu proprio nome, chamando-ſe dalli por diante Cocurangon Cananeo, a quem ElRey deo a Cidade Patana pera todo ſempre. E eſtando eſte Rey em ſua grande proſperidade, foi hum dia á caça , e mandou cercar o mato, tendo comſigo o Thomé Cananeo , e fallou El-Rey com hum grande Aſtrologo , que lhe aconſelhou que déſſe todo aquelle mato, que era grande , ao Cananeo, como fez, que elle mandou logo roçar , e alimpar. Foi iſto no meſmo anno, em que alli aportou aos onze dias do mez de Abril. E neſte mato mandou logo o Cananeo fabricar huma Igreja, em que ElRey lançou a primeira pedra, e aſſim fundou alli huma mui arrezoada Cidade, e deo a ElRey muitos, e mui ricos preſentes; pelo que o Rey lhe

con-

concedeo mais ſete modos de inſtrumentos muſicos, e todas as honras que ſe faziam ao meſmo Rey. E concedeo-lhe mais poder pera em ſuas bodas poderem as mulheres fazer certo ſinal com o dedo na boca, que ſó as mulheres dos Reys podem fazer. Concedeo-lhe mais pezo diſtincto ſobre ſeu real, e todas as mais, como a ſua propria peſſoa, e que pudeſſe pôr tributos a ſeu povo. As teſtemunhas que eſtavam aſſignadas neſtas paſtas ſam as ſeguintes: Cadaxericandi, Cheracaru, Putanchate, Comeſe, porteiro mór de ElRey, Arcunden Coundem, do ſeu Conſelho, Amenate, Condem, Gerulem, Capitão do campo, Chiranmala Portati Reſvoramem, Regedor da banda do Oriente no Malavar, e outros muitos que deixo por fugir proluxidade.

Foi a vinda deſte homem quaſi nos annos do Senhor de 811. ſegundo ſe acha nos livros Caldeos deſtes Chriſtãos; e por muitas conjecturas me parece que eſte he o regulo, que Santo Antonino eſcreve na ſua hiſtoria, que mandava todos os annos hum preſente de pimenta ao Summo Pontifice; porque naquelle tempo era mui continuado dos Chriſtãos da Europa o ſepulcro do Santo Apoſtolo, e por elles lhe mandaria o Thomé Cananeo aquelle preſen-

ſente; de maneira que a primeira Igreja, que o Santo Apoſtolo fez, foi no lugar de Patana, que depois ſe deſtruio pelas muitas, e grandes guerras que houve naquelle tempo, e depois o Thomé Cananeo a tornou a reedificar, como diſſemos, e dahi a muitos tempos ſe mudou pera Paru. E a ſegunda Igreja que ſe fez no Malavar, eſte Cananeo a fez (como já diſſemos) e foi em Cranganor; e por eſta obra o puzeram aquelles Chriſtãos no catalogo dos ſeus Santos, e rezáram delle.

Das gentes que com elle vieram, procedem os Chriſtãos de Diamper, Cortate, e Cartute, que ſem dúvida ſam de caſta Armenios, e o meſmo ſeus filhos, porque trouxeram ſuas mulheres; e depois os que procedêram delles ſe caſáram na terra, e vieram a ſer por tempo todos Malavares. Os Reynos, em que hoje ſe conſervam eſtes Chriſtãos de S. Thomé, ſam os ſeguintes: No Reyno dos Maleas vinte e ſeis leguas das terras de Madure. No Reyno de Turubuli ſeu vizinho. No Reyno de Maota. No Reyno de Batimena. No Reyno de Porca. No Reyno de Travancor. No Reyno de Diamper. No Reyno da Pimenta. No Reyno dos Tetancutes. No Reyno de Paru; e ultimamente no Reyno de Cortute.

To-

Todos estes Christãos, depois que se lhes acabáram os Prelados Catholicos, que lhes vinham da Cidade de Edessa, vivêram muitas centenas de annos naquella fé que lhes seus pais, e avós ensináram até quasi os annos do Senhor de 730. antes que o Thomé Cananeo alli aportasse. E poucos annos depois da fundação da Cidade de Coulão, deste fundamento, como já disse, contam os Malavares suas eras; e nesta de 1611. em que escrevo isto, sam de sua fundação a de 722. por onde vai a nossa conta diante 889. annos, em que foram ter áquella Cidade dous Caldeos de Babylonia, chamados Mar Xabio, e Mar Prod, sequazes da seita Nestoriana, que foram bem recebidos daquelles Christãos, e estimados daquelle Rey, por mostrarem muita santidade, que governáram aquella Christandade não sei se com nome de Bispos, ainda que cuido que isto he o mais certo, e que repartíram toda aquella Christandade em dous Bispados, em que alevantáram muitos Templos; e vivêram com tanto exemplo entre elles, que por suas mortes foram havidos por santos; e postos nos seus catalogos, rezavam delles em seus breviarios. Donde o Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes, visitando aquellas Igrejas, os mandou borrar pelos ter por hereges scis-

ſciſmaticos, por virem de Babylonia por ordem do Patriarca Grego.

Com eſtes homens creſceo eſta Chriſtandade tanto, e vieram a ter tanta poſſe, que alevantáram entre ſi Reys, por quem foram muitos annos regidos, e governados, ſem ſe quebrar a direita ſucceſsão, e veio aquelle Reyno ao Rey de Diamper. Com elle paſſou ao de Cochim por perfilhação que tinha feito com aquelle Rey, como temos bem moſtrado no noſſo Epilogo das couſas da India: e eſta he a razão, por que eſtes Reys de Cochim pertendem ter mais poder, e ſenhorio que os outros Reys ſobre eſtes Chriſtãos.

Depois de falecidos eſtes Caldeos, mandáram a Babylonia pedir Biſpos, por não terem commodo pera mandarem a Roma, porque por morte deſtes lhes ficou ſó hum Diacono, que tomou por ſi o officio de Sacerdote, ſem ſer ordenado, e o exercitou, cuidando que o podia fazer, que tão ignorantes eſtavam todos. Com eſte recado os proveo o Patriarca Grego de hum Arcebiſpo, chamado Mar Joanna, e de dous Biſpos ſuffraganeos ſeus Coadjutores, e futuros ſucceſſores. Eſte Arcebiſpo ordenou o Breviario Caldeo, de que até agora uſava eſta Igreja, e fez ſeu aſſento em Cranganor. Por morte deſtes Arcebiſpo, e

Biſ-

Bispos succedeo outro chamado Mar Jácob, que tinha vindo tambem de Babylonia, que governou muitos annos, e faleceo quasi no de mil e quinhentos. E logo no de mil quinhentos e dous, chegando á India a segunda vez D. Vasco da Gama, primeiro Almirante, e Conde da Vidigueira, e indo a nova a estes Christãos da grande Armada com que este Capitão estava em Cochim, lhe mandáram Embaixadores a lhe fazer a saber como eram Christãos, e que estavam mui avexados daquelles Reys vizinhos: que lhe pediam os amparasse, e defendesse delles: que daquelle dia em diante se faziam vassallos de ElRey de Portugal: e em final desta vassallagem lhe mandavam o Sceptro de que seus Reys usáram, que lhe os Embaixadores entregáram, que era huma vara vermelha guarnecida de prata nas pontas, e na cabeça tres campainhas, que o Conde Almirante recebeo com grande apparato, e náos embandeiradas, e a mais lustrosa gente na sua, e os mandou salvar com toda a artilheria, de que elles ficáram assombrados, por não terem ouvido nunca aquelle estrondo. E á Embaixada respondeo aos Christãos com grandes offerecimentos da parte de ElRey de Portugal, em cujo nome lhes disse, que acceitava aquelle Sceptro, assegurando-os que elle

mandaria Armadas mais possantes, e mais poderosas que aquella com que os libertasse das sujeições dos vizinhos; e aos Embaixadores mandou dar peças ricas, e curiosas, com que foram muito satisfeitos. E não acho se mandou o Almirante com elles alguns Religiosos dos que hiam na Armada pera os doutrinar, e ensinar nos costumes Romanos; porque nestas, e outras cousas de tanta importancia foram os nossos Escritores mui remissos, e descuidados.

E tornando aos Prelados: por morte do Arcebispo Mar Jacob veio outro chamado Mar Joanna, segundo deste nome, que está enterrado na Igreja de Diamper, e a este lhe veio de Babylonia outro chamado Mar Janabo, e assim foram succedendo outros Arcebispos até quasi os annos de 1556. em que o Papa Paulo IV. succedeo na Cadeira de S. Pedro, que confirmou em Patriarca da Abassia a D. João Bermudes, como na minha quinta Decada fica dito, em cujo tempo foram a Roma Simão Sulaca Bispo de Caeremit, Cidade cabeça da Mesopotamia, e com elle outros dous Bispos, hum que se chamava Mar Elias, e outro Mar Josef, que ambos deram obediencia ao Summo Pontifice por si, e por seus subditos, e elle os confirmou, e ao Simão Sulaca em Patriarca de

Mu-

Musal, e aos outros em seus Bispados suffraganeos a elle: e ao Mar Josef, que tinha o titulo de Bispo de Ninive, mandou que fosse governar os Christãos das serras do Malavar; e com elle o Bispo D. Ambrosio Monte-cœli, Frade Dominico, por seu Coadjutor, e futuro successor, e assim ficou aquelle Patriarcado dividido em dous, hum Catholico, e outro herege; o Catholico na Cidade de Musal, e o outro em Antioquia; mas o Catholico viveo pouco, porque logo foi morto por ordem do herege. E os Bispos Mar Josef, e D. Ambrosio, que ainda estavam com elle, tiveram modo pera fugirem por se arrecearem doutro tanto, e foram ter a Ormuz, e nas náos que partíram pera a India se embarcáram, e não acho se tomáram Goa, ou aonde fossem aportar. Basta que passáram ás serras do Malavar, onde aquelles Christãos os recebêram muito bem, e o Mar Josef tomou posse do Bispado, em que ordenou muitas cousas mui boas. O D. Ambrosio parece que não vio aquella terra conforme a sua vontade, foi-se pera Cochim, e dalli pera Goa, e no Convento de S. Domingos leo a Sagrada Theologia aos seus Frades com muita satisfação por ser muito douto; e indo-se embarcar a Cochim pera o Reino no anno de 1557. fa-

leceo naquella Cidade, e jaz nella enterrado no Mosteiro de S. Domingos, como já temos dito no Capitulo I. do I. Livro da setima Decada.

E tornando ao Mar Josef, como elle vinha inficionado, e contaminado da peste Nestoriana, começou a semealla pelo seu Bispado; e ainda por alguns moços que tomou em Cochim pera seus pagens. O que sabido pelo Bispo daquella Cidade D. Jorge Temudo da Ordem de S. Domingos, deo conta disso ao Viso-Rey, e ao Arcebispo de Goa, que escrevêram ao Capitão de Cochim que prendesse logo ao Mar Josef, e o embarcasse pera o Reino nas náos que lá estavam tomando a carga pera partir; o que elles fizeram, porque o houveram ás mãos por manha. Por sua ida mandáram os Christãos a Babylonia a pedir Bispo, donde lhe mandáram hum Mar Abrahão, que em trajos de marinheiro entrou naquella serra, onde foi [illegible] bem recebido; e logo na volta das náos, em que embarcáram a Mar Josef, tornou elle a vir muito favorecido do Cardeal D. Henrique, e da Rainha que então governavam, porque assim soube attrahir os corações destes Principes, que lhe concedêram tudo o que pedio, com prometter de reduzir todos aquelles Christãos á obediencia da

San-

Santa Igreja Catholica Romana; e chegando a seu Bispado, foi recebido de alguns póvos, e de outros não, por estarem affeiçoados a Mar Abrahão, e assim houve entre elles scisma. Ao que acudíram o Viso-Rey, e o Arcebispo; e tal manha tiveram, que houveram ás mãos o Mar Abrahão, e embarcaram-no pera o Reyno por ser herege refinado; e a náo em que foi arribou a Moçambique, donde em hum pangaio se passou a Ormuz, e dalli á Babylonia a dar razão de si áquelle Patriarca, e a pedir-lhe Breves pera tornar a seu Bispado. Mas entendendo bem que se não fosse por ordem do Papa, não poderia ser admittido a elle, mudou o conselho, e passou a Roma, e deo relação de suas cousas ao Papa, que era então Pio IV. e diante delle anathematizou seus erros, e fez profissão da Fé Catholica Apostolica Romana, e prometteo de reduzir aquella Chris[illegible]de á Santissima Fé Catholica da Igreja Romana: pelo que o Santo Pontifice lhe passou Breves Apostolicos, em que o confirmava em Bispo daquelles povos Christãos. E porque até então não era legitimamente ordenado, nem tinha Ordens algumas, o mandou ordenar desda primeira Tonsura até ás Ordens de Missa: e passou Breves ao Patriarca de Veneza pera o sa-

ſagrar em Biſpo ; e deo-lhe cartas pera o Viſo-Rey da India, Arcebiſpo de Goa, e Biſpo de Cochim, em que lhe pedia o deixaſſem paſſar a ſeu Biſpado de Veneza, onde ſe ſagrou, paſſou por terra a Ormuz, e dahi a Goa, e apreſentou ſeus Breves ao Arcebiſpo D. Gaſpar, que examinando-os bem, achou que eram ſubrepticios, e paſſados com falſas informações, pelo que o fez deter em hum dos Moſteiros de Goa até informar a Sua Santidade da verdade, e foi poſto em S. Domingos, onde eu fallei com elle muitas vezes: dalli teve taes intelligencias, que quinta feira de Endoenças, eſtando os Religioſos occupados naquelles piedoſos, e devotos Officios, cheios dos Myſterios que nelles ſe celebrão, fugio, e ſe paſſou pera as terras do Idalxa, e dahi ao ſeu Biſpado, onde já não eſtava o Mar Joſef, porque o tinham embarcado nas náos paſſadas pera o Reino por Breves da Sé Apoſto[illegible] cartas de ElRey, e Cardeal, por ſerem informados que era herege pertinaz, e não cumprio o que prometteo ao Papa. Entrando o Mar Abrahão na ſerra, e achando ſeu competidor auſente, foi logo recebido de todos por ſeu Prelado ; e por ſe recear que o Arcebiſpo de Goa, e Biſpo de Cochim o tornaſſem a haver ás mãos

ſe

ſe metteo muito pelo certão. O que ſabido pelos noſſos Prelados, trabalháram pelo colher, e aviſáram de tudo ao Summo Pontifice, que paſſou Breves o anno 78. dirigidos ao meſmo Biſpo Mar Abrahão, em que lhe mandava deixaſſe prégar a Lei de Chriſto em todo o ſeu Biſpado: e que dalli em diante ſe achaſſe em todos os Concilios que em Goa ſe celebraſſem: e que guardaſſe ſeus decretos, e ſe ſujeitaſſe a elles: e que pera ir a Goa lhe dava ſeguro Apoſtolico. E aſſim ſe achou no Concilio que celebrou D. Fr. Vicente da Fonſeca; o que fez por não ſer de todo reprovado, e havido por herege. E depois de acabado o Concilio, ſe foi pera ſeu Biſpado, e nada cumprio do que prometteo, e jurou no Concilio.

Eſtando aſſim as couſas deſtes Chriſtãos neſte bem ruim, e deſaventurado eſtado com a falſa, e perverſa doutrina, que eſte hereg[illegible]eava, chegou áquella ſerra hum Mar Simeão, que diſſe ſer mandado pelo Patriarca de Babylonia pera ſucceder naquelle Biſpado, que a Rainha da Pimenta agazalhou, e favoreceo, e ſe fez cabeça de todos os Chriſtãos daquelle Reino, e de outros que tambem lhe obedecêram, e poz ſeu aſſento no lugar de Cartute, onde começou a exercitar o officio de Biſpo,

or-

ordenar, crismar, e outras cousas, de que informados os Prelados da India, o houveram ás mãos, e o embarcáram pera o Reino, e delle se passou a Roma, onde foi examinado por mandado do Papa Xisto V. e foi achado hum fino herege Nestoriano, e que não só não era Bispo, mas nem ainda Sacerdote: pelo que foi sentenceado que não usasse mais da dignidade, nem da Ordem.

Com esta ida de Mar Simeão pera o Reyno ficou o Mar Abrahão quieto em seu Bispado, onde não teve emenda, antes foi por diante com seus erros, e costumes Nestorianos. E sendo chamado a Goa no anno de 1590. pelo Arcebispo D. Fr. Mattheus pera Concilio que queria celebrar, não quiz acudir, por se temer que o prendessem, como já fizeram da outra vez. Pelo que o Arcebispo escreveo ao Summo Pontifice dos máos costumes deste homem, que mandou passar hum Breve [illegible]o ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando veio pera a India no anno de 95. em que lhe mandava que inquirisse das culpas deste homem; e que achando ser Nestoriano, o prendesse, e provesse aquelle Bispado de Governador; e não consentisse mais entrar nelle Bispos de Babylonia, senão os que fossem por ordem da Igreja Romana.

E

E tirando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes inquirição deste Bispo, achou ser herege, e culpado em gravissimos erros; e porque estava já em idade tão decrepita, que se não alevantava de huma cama. E sabendo que tinha mandado a Babylonia pedir successor, dissimulou com elle, e mandou em Ormuz ter tantas intelligencias, e nos portos da India, pera que não passasse áquella Christandade nenhum Bispo de Babylonia, que vindo hum a succeder ao Mar Abrahão, parece que foi avisado deste negocio: pelo que houve por mais acertado conselho tornar-se pera Babylonia. O Mar Abrahão faleceo logo envolto em seus pestilenciaes, e abominaveis erros, e ficou aquelle Bispado entregue ao Arcediago, que tambem era tocado da mesma lepra. E o Arcebispo com muita prudencia o mandou confirmar até que elle fosse pessoalmente tomar posse daquella Igreja, conforme aos Breves que pera isso tinha do Papa; e escreveo ao Arcediago fizesse Profissão da Fé, e reconhecesse a Igreja Catholica. E esta foi a causa que moveo ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a fazer esta jornada com tantas despezas de sua fazenda, e tão grande risco, e perigo de sua vida, só pelo aproveitamento das almas de tantos fieis, quan-

tos

tos os malditos Bispos hereges tinhão apartado da Igreja Romana.

CAPITULO VI.

Dos erros em que viviam estes Christãos: e de como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes os reduzio á obediencia da Santa Igreja Romana: e do Synodo Diocesano que celebrou, em que tirou muitos erros, e abusos.

JA' que démos relação desta Christandade, pareceo-me que convinha tratar tambem dos erros em que viviam, pera se saber o damno que lhe tinham feito os Bispos Babylonicos, e o fruto que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez em os visitar. Pelo que se ha de saber, que aquelle maldito herege Nestorio concorreo quasi nos annos do Senhor de 440. e depois nos de quatrocentos e [illegible]ta e hum, que sua peçonha hia já lavrando pelo mundo, foi necessario ao Summo Pontifice Celestino I. ajuntar em Efeso Concilio contra elle, em que se acháram duzentos Bispos, onde condemnáram este perverso heresiarca, e se queimáram todos os livros dos Maniqueos; e naquella envolta foi tambem condemnado por herege Dioscoro

Bis-

Biſpo de Alexandria, que ſeguia a Euthichio.

Condemnado Neſtorio por herege, não deixou de ir com ſua protervia, e pertinacia por diante, com que fez tantos males no mundo, e levou apôs ſi caminho do inferno tantos mil milhares de almas dos malditos que os ſeguíram. E de maneira ſe eſtendeo, e dilatou ſua falſa doutrina, que chegou a peçonhentar eſtes pobres Chriſtãos lá mettidos nas mais eſcondidas matas, e nas mais fragoſas ſerras do Malavar, enſinando-lhes ſeus Biſpos a ſua falſa doutrina, com que deſtruiam a verdade da Encarnação do Verbo Divino, e ficavam particulares offenſores da ſacratiſſima Virgem Maria ſua Mãi, e Senhora noſſa, negando-lhe a principal honra que tinha, que era ſer verdadeira, e natural Mãi do Filho de Deos, com outras hereſias contra a limpeza, e pureza do parto virginal da meſma Senhora. Não admittiam nas Igrejas Imagens nenhumas mais que a Cruz. Affirmavam que as almas dos Santos não haviam de ver a Deos, ſenão depois do juizo Univerſal. Dos Sacramentos não tinham eſtes Chriſtãos mais que os do Baptiſmo, da Ordem, e da Euchariſtia. E ainda no do Baptiſmo tinham tanta confuſão na fórma delle, que cada Caſſanar,

ou Clerigo baptizava como lhe parecia, e usavam nelle diversas fórmas com que não ficava verdadeiro Sacramento. Não usavam de Oleos santos, nem os conheciam; mas porque ouviam fallar nelles, untavam os baptizados com azeite de coco, e gergilim, sem benção alguma; o que geralmente se usa neste Malavar, porque os alimpa, e lhe dá forças, e saude corporal. Tinham particular odio, e aborrecimento ao Sacramento da Confissão: só em algumas Igrejas, que estavam perto das nossas, se confessavam poucos, porque o viam fazer aos Portuguezes; e todos os mais em lugar de confissão de peccados, punham huns grandes brazeiros no meio das Igrejas aos Domingos, onde lançavam muito incenso, e os rodeavam, e tomavam aquelle fumo, lançando-o com as mãos pera os peitos, havendo que com aquelle fumo se hiam seus peccados, e frequentavam o Sacramento da Communhão sem outro apparelho mais que irem em jejum. As Missas que diziam, tinham muitos erros que accrescentou Nestorio. E antes de lhes lá ir vinho de Portugal, consagravam em vinho de palma deitado em passas seccas, e as Hostias eram bolos feitos com azeite, e sal até o tempo de Arcebispo Mar Josef, que por se accommodar aos nossos costumes

con-

conſagravam em Hoſtias como as noſſas, e vinho de Portugal.

No Sacramento da Ordem eram muito dados, tanto que havia poucas caſas, onde não houveſſe algum ordenado; porque como nada impedia antre elles os exercicios ſeculares, muitos ſe ordenavam pera uſarem de huns, e outros, e aſſim o faziam de dezeſete, dezoito, e vinte annos, e os mais delles caſavam depois de Sacerdotes, e muitos viuvos já com mulheres viuvas; e tantas quantas vezes viuvavão, tantas tornavam a caſar, ſem ſe conhecer antre elles a irregularidade da bigamia, nem terem algum apartamento das mulheres, quando haviam de celebrar. E acontecia muitas vezes haver n'uma meſma Igreja pais, filhos, e netos todos Sacerdotes, e todos miniſtravam nellas. Eſtas ſuas mulheres ſe chamavam Catatiaras, ou Caſſaneiras, que quer dizer, mulheres dos Caſſanares, que são os Sacerdotes, e aſſim por iſſo eram as mais honradas do povo, e traziam pera iſto hum certo ſinal, porque eram conhecidas. E em todos eſtes Sacramentos eram publicos ſimoniacos, porque os não davam ſenão por preço certo. No do matrimonio tinham muitos abuſos, porque baſtava darem-ſe por caſados pera o ſerem, e alguns o ficavam com lançarem hum fio

do

do ſeu peſcoço ao da noiva. Quando as mulheres pariam, guardavam o coſtume da lei velha, que ſendo macho não entravam na Igreja, ſenão aos quarenta dias; e ſe era femea, aos oitenta. A ſua agua benta não tinha mais ceremonias, que lançarem-lhe huma pequena de terra dos lugares por onde o Santo Apoſtolo andou, e huns grãos de incenſo. Uſavam muito de ſortes, e feitiços, porque tinham hum livro chamado Pareſmão, que quer dizer medicina Perſica, donde tiravam os dias fauſtos, ou infauſtos pera fazerem ſuas couſas. Finalmente outros cem mil abuſos, erros, hereſias, e ritos gentilicos que deixo, porque a hiſtoria não ſoffre tanto.

Todos eſtes abuſos, e outros muitos que tinham, tirou o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, e emendou todos aquelles povos, e os reduzio a huma vida politica chriſtã, e lhes fez fazer Profiſsão da Fé Catholica, e dar obediencia ao Summo Pontifice; e mandou baptizar de novo muitos povos, que não eram canonicamente baptizados. E em todas eſtas couſas foi muito ajudado de Franciſco Rodrigues Padre da Companhia, que hoje he Arcebiſpo daquella ſerra, e Chriſtandade, e de outros Padres da meſma Companhia, que antes, e então trabalhåram, e roſſáram aquelles

matos bravios, e os foram diſpondo, e habilitando pera receberem com facilidade a ſemente do ſanto Evangelho. E tendo já o Arcebiſpo eſte fruto aſſazonado pera acabar de cumprir de todo eſta tão grande obra, celebrou Concilio Provincial no lugar de Diamper com a mór ceremonia, e mageſtade que pode, que ſe começou na terceira Dominga depois do Pentecoſte, que cahio a vinte de Junho deſta era em que andamos. Acháram-ſe nelle o Capitão da Cidade de Cochim, Vereadores, e outras peſſoas principaes, e os Padres Franciſco Rodrigues, e Jorge de Caſtro da Companhia de Jeſu, e o Confeſſor do Arcebiſpo, que era Religioſo da Ordem do glorioſo Padre Santo Agoſtinho, que ſe chamava Fr. Braz. Nelle ſe ordenáram couſas muito ſantas, e boas; e os Procuradores dos povos, Parocos, e Vigairos fizeram Profiſsão da Fé Catholica. Com o que aquella Chriſtandade tornou a renaſcer por graça: o que Deos noſſo Senhor confirmou com alguns milagres, que ſua miſericordia quiz obrar pera moſtrar quanto aquella obra lhe agradava, e era acceita.

Depois de acabado o Concilio, viſitou o Arcebiſpo as terras dos Chriſtãos, e todas ſuas Igrejas com grande deſpeza da fazenda, e riſco de ſua vida; porque algumas

vezes tratáram de o matar; mas de todas o livrou Deos quasi milagrosamente. Os Decretos do Synodo se enviáram depois ao Summo Pontifice Romano, que os approvou, e estimou muito aquella obra, havendo-a por cousa a que o Espirito Santo assistíra, e proveo logo aquelle Bispado de Bispo Catholico, que foi o Padre Francisco Rodrigues da Companhia, em quem concorriam muitas partes pera o cargo que lhe davam; porque além de o merecer naquella jornada, em que sempre acompanhou ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, sabia muito bem a lingua Malavar, e Caldea: e agora ao presente que escrevemos isto governa este Arcebispado com muita satisfação, e tem aquelles Christãos tão differentes do que eram antigamente, que parece que foram creados de meninos com o leite da Santa Fé Catholica. Demos relação destas cousas, assim por serem da gloria de Deos nosso Senhor, como por succederem neste tempo do governo do Conde Almirante, de quem escrevemos, que deo tres mil pardaos pera ajuda de custo ao Arcebispo pera esta jornada, e huma galé pera irem, e tornar.

CAPITULO VII.

De como ElRey de Portugal mandou passar Carta de Irmão em Armas a ElRey da Gundra, que lhe o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes passou, conforme á ordem que lhe deo o Conde Almirante Viso-Rey: e das obrigações que lhe poz: e de como renunciou seus Reynos nas mãos do Arcebispo, que lha acceitou em nome do Conde Viso-Rey.

HAvia muitos annos que ElRey da Gundra no sertão de Coulão andava em requerimento com ElRey nosso Senhor, que Deos tem na gloria, acceitallo por seu irmão em Armas, que he a mór honra, e mercê que os Reys de Portugal sempre fizeram aos Reys da India, que por obras lho merecêram: ao que ElRey o quiz satisfazer. E nas náos passadas, de que veio por Capitão Mór D. Affonso de Noronha, em huma instrucção que veio ao Conde, lhe mandava ElRey que passasse Carta de Irmandade com as clausulas, e condições acostumadas, e áquelle Rey escreveo cartas de honras, e mimos. E querendo o Conde cumprir a vontade de ElRey, quando o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se embarcou pera ir visitar os Christãos de

S. Thomé, como já dissemos, entre muitas cousas que lhe encommendou, foi esta deste Rey da Gundra, a quem escreveo, e lhe mandou a carta de ElRey. E estando o Arcebispo nas terras da Rainha de Changarnate visitando a Igreja de Talevacare, que he das mais antigas daquella Christandade, onde lhe mostráram tres laminas de cobre de dous palmos de comprido, e quatro dedos de largo, em que estavam abertas ao boril differentes letras, e caractéres, que continham os privilegios, doações, e rendas que o Rey de Coulão concedeo áquella Igreja, quando alli edificáram os dous Babylonicos Mar Xabro, e Mar Podde que atrás tratámos. Estas tres laminas tinham estes Christãos dalli em grande veneração, e estima. Assim que estando o Arcebispo visitando esta Igreja, mandou recado ao Rey da Gundra, pera que se vissem onde elle ordenasse, porque importava assim ao serviço de ElRey de Portugal, e honra sua. A este recado mandou ElRey responder que seria com elle, mandando-lhe nomear o lugar, que era dalli perto em hum campo raso entre grandes matas de arvores carregadas de pimenta. E ao dia assinalado partio o Arcebispo muito bem acompanhado de todos os que o seguiam, que era gente graúda, e muito lustrosa,

e

e achou aquelle Rey esperando-o naquelle lugar acompanhado do Principe Herdeiro, e de seus Regedores, e Naires Principaes, e da gente miuda muito grande copia; e depois das palavras geraes daquella primeira vista, que foram assentados em cadeiras de veludo, que o Arcebispo pera isso mandou levar, lhe disse, que ElRey de Portugal lhe tinha concedido a mercê que havia tantos annos pertendia, que era recebello por irmão seu em armas, mercê que os Reys de Portugal concediam a poucos, por ser a maior, e de mór estima que todas as que faziam aos que lho bem mereciam, como o elle sempre fez nos favores que deo ás Igrejas do seu Reyno, e Christãos delle; e a pimenta que de suas terras passava pera a Feitoria de Coulão, que tudo isto eram merecimentos pera lhos ElRey de Portugal agradecer, como o fazia naquella honra que lhe dava. E logo lhe entregou a Carta de ElRey, e lhe passou alli a de irmão em armas, ou a levou feita de Cochim; e porque me não lembra que João de Barros escrevesse a fórma dellas, me pareceo bem polla aqui *de verbo ad verbum*, assim como está na Torre do Tombo de Goa no livro das Pazes, e Contratos folh. 146.

» ElRey de Portugal, &c. Faço saber

» aos que esta minha Carta virem, que
» considerando eu a grande obrigação que
» tenho de trabalhar muito, porque se di-
» late a nossa Santa Fé Catholica, ensina-
» da por Jesu Christo nosso Senhor, o que
» com seu favor tenho feito nos Reynos,
» e Estados de minha Coroa, á imitação
» dos Senhores Reys de Portugal meus
» predecessores; e tendo respeito a que pera
» este meu intento convem muito a paz, e
» união dos Reys das partes da India, pera
» que os Ministros do Santo Evangelho
» obrigados com esta paz a possam melhor
» prégar, chamando por este caminho aos
» infieis ao gremio da Santa Madre Igreja
» por meio do santo baptismo. E porque
» sou informado de pessoas zelosas do ser-
» viço de Deos, e meu, que ElRey da
» Gundra Topa Muta Pandara pertende
» ha muitos annos que eu, por lhe fazer
» mercê o acceite por meu irmão em ar-
» mas a elle, e a seus successores, a que
» me tem obrigado com muitos serviços;
» e pedindo-me o mesmo por suas cartas
» escritas, assim a mim, como aos meus
» Viso-Reys do meu Estado da India. Pelo
» que eu por folgar de lhe fazer mercê,
» respeitando a instancia com que me faz
» este requerimento, hei por bem, e me
» praz de o tomar a elle, e a seus succes-
» so-

» fores, que forem Reys do dito Reyno,
» por meus Irmãos em armas, e quero
» que gozem de todos os privilegios,
» liberdades, franquezas, e mais mercês
» de que gozão femelhantes Reys meus ir-
» mãos em armas: pera o que lhe faço
» mercê de huma bandeira Real, pera que
» por ella feja conhecido por tal, e meus
» Capitães o feguirem em fuas guerras,
» em que feram ajudados com as armas
» da India, e por terra com meus vaffal-
» los todas as vezes que diffo eftiverem
» neceffitados, e pedirem. E mando aos
» Capitães de Coulão que da publicação
» defta por diante façam muitos favores
» aos vaffallos do dito Rey da Gundra,
» não confentindo fer-lhes feito aggravo
» algum. Pera que em nenhum tempo fe
» ponha em efquecimento a obrigação que
» fica ao dito Rey, e feus fucceffores pera
» effeito da confervação defta paz, e ir-
» mandade, mandei ajuntar a efta Carta as
» coufas que prometteo, e fica obrigado
» a cumprir, que são as feguintes.

» Primeiramente dará licença, pera
» que em fuas terras fe façam Igrejas, e
» fe alevantem Cruzes naquellas partes
» que aos Miniftros que andarem na Chri-
» ftandade, parecerem mais accommodadas
» pera haver Chriftandade, não impedindo
» fa-

» fazerem Christã toda a sorte de pessoa, » de qualquer estado, e condição que seja; » e o que se fizer Christão, não perderá » por isso o officio, ou dignidade que ti» ver, nem sua fazenda, ou alguma parte » della, e por sua morte a poderáõ testar » em seus herdeiros; e não nos tendo, a » deixaráõ a quem quizerem, conforme ao » que usam os Christãos, que se contém » em minhas Ordenações. E deste favor » gozarám tambem os Christãos de S. » Thomé, que morarem em suas terras, » sendo em tudo ajudados, e favorecidos » dos ditos Reys.

» Mandará o dito Rey, que junto ás » ditas Igrejas se não façam de novo Mes» quitas de Mouros, nem Esnogas de Ju» deos, nem Pagodes de Gentios, nem » ainda consentirá habitarem nenhumas » das ditas gentes perto das Igrejas, pelo » que se deve á veneração dellas, e pera » nada ser estorvo ao conteudo no Capitu» lo precedente: e assim que as ditas Igre» jas sejam couto aos que se a ellas aco» lherem, como he costume entre os Chri» stãos; e os Padres que andarem no mi» nisterio da Christandade poderáõ entrar » seguramente pelas terras do dito Rey, » posto que esteja com outro de guerra, » levando comsigo a companhia que lhe

» for

» for necessaria com a guarda devida, sem
» serem obrigados a pagarem pensões, ou
» outro algum tributo; e teram jurdição
» nas Igrejas pera poderem constranger aos
» Christãos com os castigos que lhes pare-
» cer, a guardar as cousas de *sua Lei*, *sem*
» lhes a isso ser posto impedimento algum.

» Será o dito Rey, e seus successores
» amigo dos amigos do Estado da India,
» e inimigo de seus inimigos, pelejando
» todas as vezes que for necessario em
» defensão da Fortaleza de Coulão contra
» quem com ella tiver guerra, achando-se
» nisso com sua pessoa, e vassallos: e da
» mesma maneira pelejarem contra os
» Reys, que tiverem guerra com Estado nas
» partes em que puder, entregando os
» inimigos que se acolherem a suas terras
» pera se fazer delles justiça. E assim mais
» será obrigado a não dar mantimentos,
» nem consentir que passem por suas ter-
» ras pera os inimigos do Estado, ou os
» que com elle tiverem guerra.

» Serão obrigados a fazer que pelos
» portos seccos de seu Reyno não passe
» pimenta alguma, obrigando a seus vas-
» sallos que tragam a que tiverem ao pezo
» de Coulão, onde se lhes comprará pelo
» preço ordinario, sendo-lhes isto pedido
» pelos Portuguezes. »

Nes-

Neſte contrato, e obrigação ſe aſſignou ElRey da Gundra com o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, e o traslado deram áquelle Rey pera ſua guarda, e ſe publicou na Fortaleza de Coulão pera ſer notorio a todos.

Acabado aquelle Auto da bandeira das Armas de Portugal ao Rey da Gundra, mandou ElRey affaſtar a gente toda, tirado o Principe, e Regedores, e então deo ao Arcebiſpo particular conta das couſas de ſeu Reyno, repreſentando-lhe a idade tão decrepita em que eſtava, e que cada dia eſperava pela morte, e que depois della ficava ſeu Reyno arriſcado a ſe perder, ſenão tiveſſe quem o defendeſſe dos Reys vizinhos, que eram mais poderoſos que elle. E vendo o Arcebiſpo aquella porta que ſe lhe abria pera tratar do que mais convinha ao Eſtado, reſpondeo áquelle Rey: » Que já que elle era irmão em » armas de ElRey de Portugal, não po» dia deixar de lhe dizer o que lhe con» vinha.» E lhe diſſe mais: » Que elle eſ» tava informado que o Rey de Travan» cor não eſperava mais que falecer elle » pera logo ſe ſenhorear do ſeu Reyno, » por dizer que pertencia á Rainha de » Changarnate ſua ſobrinha, que o tinha » perfilhado: e que ſoubeſſe que ſe eſte

» vi-

» vizinho mettia o pé em ſeu Reyno, *ha-*
» via de roubar, maltratar, e avexar ſeus
» vaſſallos, e governallo por ſeus Naires. »
Eſte diſcurſo do Arcebiſpo tinha o Rey
já concebido, porque receava muito que
fazendo-ſe o Travancor Rey daquelle Rey-
no, ficava a Fortaleza de Coulão cercada
por todas as partes, couſa muito perjudi-
cial ao Eſtado, porque eſtava certo tolher-
lhe os mantimentos, e o trato da pimen-
ta: e por iſſo fez ao Rey ſobre iſto aquel-
las carrancas, que o amedrontárão tanto,
que reſpondeo ao Arcebiſpo que todas as
couſas que lhe tinha dito ſabia elle mui-
to bem. Ao que lhe o Arcebiſpo replicou
com lhe dizer, que ſe quizeſſe tomar ſeu
conſelho, que lhe daria ordem pera com
muita facilidade ſe livrar daquelles males,
que tanto temiam. Ao que ElRey, e to-
dos os do ſeu Conſelho reſpondêram, que
de muito boa vontade o tomariam. Então
ſe declarou o Arcebiſpo, e lhe diſſe, que
renunciaſſe o Reyno nas mãos de ElRey
de Portugal ſeu irmão, que elle o entrega-
ria da ſua mão a Rey que o defendeſſe
com a ajuda dos Portuguezes do poder
do Rey de Travancor, e de todos ſeus
inimigos. A iſto deo o Rey da Gundra, e
todos os do ſeu Conſelho a orelha, e diſſe
que já elle diſcurſára em ſeu penſamento
en-

entregar aquelle Reyno a ElRey de Cochim, pera que o defendesse, por ser Rey poderoso, e ter sempre ajuda dos Portuguezes, e que elle o não quizera acceitar, por estar o seu Reyno muito desviado. E já que assim era, que elle entregaria o Reyno nas mãos delle Arcebispo em nome de ElRey de Portugal seu irmão, pera que elle o désse a quem o defendesse, com tal condição que jurasse primeiro na Cruz, e livro dos Christãos, que o não entregaria senão a quem elle, o Principe, e seus Regedores lhe parecesse bem, e que elles todos jurariam de entregar o Reyno a quem elle com seu consentimento nomeasse. O que o Arcebispo logo fez sobre hum Missal com hum Crucifixo posto em sima, na maneira seguinte.

» D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo
» Metropolitano de Goa, Primaz da India,
» e partes Orientaes, do Conselho de S.
» Magestade, &c. Por este me obrigo em
» nome de S. Magestade, e do Estado da
» India de entregando-me ElRey da Gun-
» dra o Reyno de S. Magestade pera pôr
» nelle a pessoa que mais conveniente for
» ao serviço do dito Senhor, bem do Es-
» tado da India, e do mesmo Reyno da
» Gundra, Principe do Reyno, e seus Re-
» gedores; e em especial tratarei de o

» en-

» entregar a ElRey grande de Cochim, ou » ao Principe grande do dito Reyno, ou » a ElRey Nambiari de Porcá, qual me» lhor parecer ao Eſtado, com obrigação » de defenderem o dito Reyno de ſeus » inimigos, e o manterem em paz, juſtiça, » amizade, e ſujeição dos Portuguezes, e » da Mageſtade de ElRey de Portugal noſſo » Senhor, e mais condições que o Eſtado » lhe puzer. O que tudo juro de cumprir, » e guardar quanto em mim for, aos Santos » Evangelhos de Jeſu Chriſto noſſo Se» nhor, em que ponho minhas mãos, e » por minha conſagração; e por me o dito » Rey da Gundra pedir eſte, o fiz, e aſſig» nei preſente o dito Rey, Principe, e » mais Regedores. » Eſte juramento eſtá no Livro dos Contratos que tenho na Torre do Tombo a folh. 146.

E logo o Rey, Principe, e Regedores fizeram juramento conforme a ſeu coſtume, na maneira ſeguinte. » Nós ElRey de Gun» dra com a Rainha Herdeira, Principes » Herdeiros Brama, e Ramorma, com to» dos os do noſſo Conſelho, e Governo, » confiados na Mageſtade de ElRey de » Portugal, lhe entregamos o Governo, e » as terras, e vaſſallos, e tudo o mais por » meio de D. Aleixo de Menezes, Arcebiſ» po Metropolitano, Primaz da India, pera

» o

» o governar com justiça, e defender os
» nossos Reynos, e Senhorios; e porque
» nunca haja quebra, e desunião entre El-
» Rey de Portugal, e nós, poderá pôr
» huma pessoa daquellas que o Arcebispo,
» e nós temos praticado. » Este juramento, e obrigação está no mesmo Livro dos Contratos a folh. 149.

Feitos estes juramentos, disse o Arcebispo a ElRey, que bem sabia que os Reys, que no Malavar eram amigos dos Portuguezes, que tivessem terras mais perto daquelle Reyno da Gundra, eram o de Cochim, Porcá, e o de Cale Coulão, que destes tres escolhessem hum a que aquelle Reyno se entregasse. E logo alli assentou ElRey com seus Regedores que commettessem primeiro com elle a ElRey de Cochim; e que não no querendo elle, o entregassem ao de Porcá. E deste seu consentimento se fez outro Auto assignado pelo Rey da Gundra, Principe, e Regedores, e assentáram que o Regedor Mór fosse com o Arcebispo a Cochim a se achar presente á acceitação do Reyno a hum daquelles dous Reys nomeados. E com isto se despedíram, dando o Arcebispo peças, brincos curiosos áquelle Rey, Principe, e Regedores, porque todos estes Reys do Oriente em todos negocios que te-

temos com elles, eſtão com o olho no que eſperam daquelles com quem negoceam.

CAPITULO VIII.

Da Fortaleza que o Rey de Travancor foi alevantando com diſſimulação: e do que paſſou em humas viſtas que teve com o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes.

ELRey de Travancor, cujo Eſtado jaz de Coulão até o Cabo de Çomorim, que antigamente foi cabeça de todo o Malavar, e ainda da Ilha de Ceilão (como já em outra parte moſtrei) ſempre, depois que tivemos aquella Fortaleza em Coulão, lançou mão de pequenos bicos pera quebrar a amizade com o Eſtado, e fazer guerra áquella Fortaleza, como pelo diſcurſo das minhas Decadas tenho eſcrito, por ſer natureza de todos eſtes Reys gentios não terem Lei, nem Fé; e neſte tempo em que agora andamos, andava quaſi alterado, e com elle a Rainha de Changarnate, Senhora das terras de Coulão ſua vizinha, e vaſſalla, e com penſamentos de maldades, como logo moſtrou; porque começou com grande diſſimulação a fazer huma arrezoada Fortaleza junto á Igreja dos Chriſtãos de S. Thomé, que eſtá affaſtada da Fortaleza

za diſtancia de duzentos paſſos, donde lhe ficava em bateria; e lançou fama que era hum pagode que alevantava á honra dos ſeus idolos, que era o peior, e mais máo de ſoffrer; porque ſe o fizera com nome, e titulo de Fortaleza, ſó ficava ſendo affronta do Eſtado ſoffrer-lha; mas com nome de pagode, como elle dizia, e tão perto do Templo dos Chriſtãos, era odio da noſſa Religião, porque Deos, e Baal não podem caber em hum Altar; e aſſim por todas as razões era o Eſtado obrigado a acudir logo a iſſo, como o Conde Almirante pertendeo fazer; porque o anno em que aconteceo o deſaſtre do Cunhale tinha mandado a ſeu irmão D. Luiz da Gama, que dando-lhe Deos vitoria, paſſaſſe a Coulão a desfazer aquella Fortaleza: o que não teve effeito, por chegar a Chocim quebrado, e com muita gente morta, e ferida; e depois que André Furtado de Mendoça acabou aquella empreza do Cunhale, lhe eſcreveo o Conde a Cananor, como adiante veremos, que com toda ſua Armada paſſaſſe a Coulão, e desfizeſſe aquella Fortaleza, o que deixou de fazer por ſer já tarde.

E aſſim trazia o Conde iſto na imaginação, que quando o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes foi pera Cochim, o

que

que mais lhe encommendou, e encarregou foi este negocio: e que visse, e notasse o sitio daquella Fortaleza, e que avisasse a seu irmão D. Luiz da Gama a Cunhale pera se lhe Deos désse vitoria, passar a concluir aquillo: e como o Arcebispo levava isto tão encommendado do Viso-Rey, andando visitando as Igrejas de Coulão, chegou áquella dos Christãos junto donde aquelle Rey tinha feito aquella Fortaleza, e com dissimulação a andou notando, e mandou medir o espaço della.

Tinha neste tempo a Fortaleza fechada huma grande quadra com sete Baluartes mui bem ordenados, e o que ficava sobre o mar era o maior, e mais forte de todos. Porque como logo se temeo de nossas Armadas, prevenio-se contra ellas de maior defensão; e depois de tudo muito bem notado, e entendido o perjuizo que fazia á nossa Fortaleza, avisou a do Luiz da Gama, estando sobre a barra de Cunhale, como lhe o Conde Viso-Rey encommendou, pera que se pudesse acudir lá, o fizesse. Mas não pode ser pela razão que já disse assima, que não foi pequena perda, porque em nenhum tempo se pudéra aquillo fazer melhor, e a menos custo do Estado, que naquelle, por andar aquelle Rey embaraçado, e travado em guerras com os

vi-

vizinhos, e na Fortaleza não havia mais que os officiaes, e poucos olheiros, e menos defensores: e assim o escreveo ao Conde Almirante, que logo tratou de reformar a nossa Fortaleza, de que a mór parte estava no chão: o que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez com muita prudencia, e dissimulação.

E porque se receava da Rainha de Changarnate vizinha da casa, que lhe quizesse impedir a obra, deo em muito segredo dinheiro aos moradores, de quem se fiou, pera que comprassem pedra, e cal com fama de reformarem suas casas, como sempre faziam todos os verões: e desta maneira recolhêram huma grande quantidade destes materiaes, com que se começou a pôr as mãos á obra, pera que o Conde Viso-Rey lhe tinha mandado dar dinheiro em abastança: e primeiro que tudo se fez hum formoso baluarte na parte principal da defensão daquella Fortaleza, e corrêram juntamente com hum panno de muro de boa grossura até outro baluarte que já estava feito; e ao que se fez de novo, puzeram os moradores o nome do Arcebispo em sua memoria.

E o mesmo descuido que havia com esta Fortaleza (como já disse em outras partes da minha historia, e não deixarei

de

de dizer até que me oução) ha em todas as mais da India; porque he muito antigo nella não acudirem ás cousas, senão quando não tem remedio: e ainda então o fazem, porque mais não podem, e despendem em seu concerto dez vezes dobrado do que se houvera de gastar, acudindo a tempo; porque os mais dos Viso-Reys estão com o intento em se irem pera o Reino, e deixam os trabalhos disto ao que lhe succede, que tambem o fez como elle, e assim de descuido em descuido se viráõ a perder as mais das Fortalezas, como se perdêram as de Tidoro, e Amboino, que des que se fizeram até gora não houve Viso-Rey que de proposito as mandasse reformar, e renovar. Mas que he de espantar nestas que estam tão apartadas da India, se as de Diu, e Ormuz, que são as mais importantes della, estam arriscadas a se vir ao chão; e se ainda estas estam apartadas, as de Onor, e Barcelor, e Mangalor, e Cananor, estando tanto á porta, estam quasi derribadas por muitas partes, sem lhes acudirem, e tudo por pouparem a fazenda Real, que nunca he melhor gastada, que na reedificação, e provimentos de suas Fortalezas; e se se perder huma destas quatro, que quasi são curraes, corre a fama pelo mundo, que tomáram na India huma Fortaleza a ElRey;

e quando me dizem o eſtado em que eſtam, certo que cuido que as ſuſtenta Deos noſſo Senhor pelas orações que ha nos Templos, e Moſteiros dos Religioſos que nellas ha.

E tornando a noſſo fio, eſte Rey de Travancor, depois que fez eſta Fortaleza pera nos ter com ella enfreados, parece que andava neſte tempo com imaginação de lhe pôr cerco no inverno; e temendo-ſe dos ſoccorros que lhe podiam vir de Cochim por dentro dos rios, determinou de os impedir com mandar fazer outra Fortaleza defronte de huma boca que alli faz o rio, que vem de Cochim ſahir ao mar huma legua abaixo de Coulão, e a eſta Fortaleza poz nome *Mamuge*; ou porque ſe chamaſſe aſſim aquella parte em que a fez, ou porque tiveſſe aquelle nome alguma ſignificação. Deſta ſe reſentíram mais os moradores dalli, que da outra tão vizinha, porque totalmente lhe tolhia a paſſagem daquelle rio, que era o mór ſerviço que tinham pera Cochim.

Tanto que o Arcebiſpo ſoube deſta Fortaleza, e lhe deram relação della, mandou-ſe queixar a ElRey, que mandou ter com elle algumas ſatisfações, e por ſima dellas determinou de ſe ir ver com elle dentro na noſſa Fortaleza, confiado que do Arcebiſpo podia mui bem confiar ſua peſ-

ſoa,

soa, e assim partio pera lá acompanhado de alguns seus Grandes; e chegando á Fortaleza, quando se vio da porta pera dentro, parou hum pouco, e ficou muito pensativo sem dizer cousa alguma, e logo disse: *Nenhum homem se aventurará ao que meu hoje aventuro*; e movendo o passo pera diante, disse: *Ora sigamos a ventura*; e assim muito inteiro, e seguro foi entrando, e o Arcebispo o foi tomar hum pouco já de dentro, e ambos se abraçáram com mostras de amizade, e subidos assima se assentáram: e depois das palavras geraes daquella visita, lhe disse ElRey que naquella demonstração que fizera em se vir metter naquella Fortaleza, veria quanto confiava delle, e dos Portuguezes, de quem sempre fora muito bom vizinho, e grande amigo; e que isso mostrára sempre no favor que dera ás Igrejas, e Christãos, que estavam em seu Reyno, como elles diriam; e que as duas Fortalezas, de que se lhe mandára queixar, elle as não fizera com tenção de molestar o Estado, senão pera se defender de alguns inimigos: a de Mamuge pera contra o Naique de Maduré, e que a outra, que alli estava mais perto, perá contra o Rey de Cale Coulão; e que se esta Fortaleza dava algum pezadumbre ao Estado, que mandasse metter nella soldados Portu-

guezes, e que se apossassem de hum dos baluartes pera sua segurança; e que jurava por sua lei, que quando a fizera não tivera intento algum de offender a nossa Fortaleza, nem aos Portuguezes com quem sempre desejava de ter paz, e amizade; e que não tivesse outra cousa pera si; que elle estava prestes pera fazer todas as demonstrações do que dizia, como elle quizesse, pera segurança de sua verdade. O Arcebispo teve com elle muitos cumprimentos, e lhe agradeceo aquella vontade que lhe mostrava, e que se iria pera Goa confiado em sua fé, e palavra, porque os Reys não podiam enganar ninguem: e assim se despedíram muito satisfeitos, e o Arcebispo mandou dar pressa á obra da Fortaleza, que logo se acabou.

CAPITULO IX.

De como o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se passou a Cochim, e entregou o governo do Reyno da Gundra a ElRey de Porcá: e dos contratos que com elle fez.

DEpois do Arcebispo concluir com as cousas de Coulão, e acabar de visitar suas Igrejas, e deixar nellas ordem, e regi-

gimento a ſeus Curas pera ſe governarem em politica chriſtã, e bons coſtumes, tirando-lhe alguns, que tinham cheios de abusões, logo ſe paſſou á Cidade de Cochim, onde entre muitos negocios que alli tratou, conforme as lembranças que tinha do Conde Almirante, o principal foi na entrega do Reyno da Gundra a ElRey de Porcá, porque em nenhum tempo foſſe á mão do Rey de Travancor, de quem ſe não fiava por mais cumprimentos, e ſatisfações que com elle tivera: porque bem entendia quanto havia de trabalhar por ſe fazer ſenhor daquelle Eſtado, pera ficar ſopeando todos os Reys vizinhos: e aſſim mandou primeiro offerecer aquelle Reyno a ElRey de Cochim, mandando-lhe dar razões pera o haver de acceitar, de que ſe elle por ſima de todas ellas eſcuſou daquella obrigação. Pelo que o Arcebiſpo com conſelho do Capitão, Vereadores, e Cidadãos principaes fez entrega daquelle Reyno a ElRey de Porcá na Cidade de Cochim, e diſſo lhe paſſou carta patente em nome de ElRey de Portugal, cujo theor he o ſeguinte:

» ElRey de Portugal, &c. Faço ſaber a
» quantos eſta minha Carta de entrega do
» Reyno da Gundra virem, que tomando
» eu por meu irmão em Armas a Muta

» Pan-

» Pandará Rey da Gundra por muitos ser-
» viços que me tinha feitos, e de outros
» que delle esperava me fizesse: e man-
» dando fazer as Capitulações das pazes,
» e irmandade por D. Fr. Aleixo de Me-
» nezes, Primaz da India, e do meu Con-
» selho, o dito Rey Muta Pandará com
» seu Principe, Regedores, e Pessoas do
» seu Conselho me entregáram o dito Rey-
» no da Gundra, de que passáram Ola ao
» dito Arcebispo Primaz, pera que elle em
» meu nome entregasse o dito Reyno, e
» mettesse de posse delle a pessoa que mais
» conveniente fosse a meu serviço, bem do
» Estado da India, e do dito Reyno da
» Gundra, pera que o defendesse de seus
» inimigos, e o mantivesse em paz, e jus-
» tiça, e bem dos vassallos do dito Rey-
» no. E considerando eu os serviços que
» me tem feitos Cheba Cherida Bearidem,
» Rey de Porcá, e aos que espero ao dian-
» te me faça; e havendo outro si respeito
» ao ter tomado por meu irmão em Armas,
» por lhe fazer mercê, e confiar delle que
» cumprirá com todas estas obrigações, e
» se não apartará nunca de meu serviço;
» lhe entrego por esta minha Carta a posse
» do dito Reyno, pera que elle seja Rey,
» reservando pera mim o senhorio do dito
» Reyno. E pera reconhecimento desta
» vas-

» vaſſallagem, ſerá o dito Rey obrigado
» a me pagar de pareas oitenta bares de
» pimenta poſtos á ſua cuſta no meu pezo
» de Coulão em cada hum anno no tempo
» que ſe coſtuma pezar a pimenta no dito
» pezo. E aſſim mais ſerá obrigado acudir
» com ſua peſſoa, e vaſſallos á Fortaleza
» de Coulão todas as vezes que diſſo tiver
» neceſſidade, ou eſtiver de guerra, e lhe
» mandar todos os mantimentos neceſſarios
» pelos preços convenientes. E todas as
» mais capitulações aſſim tocantes á Chri-
» ſtandade, como ao Eſtado da India, que
» com o dito Rey da Gundra tinha capi-
» tulado, que todas elle dito Rey, e ſeus
» ſucceſſores ſeriam obrigados a guardar,
» e cumprir, aſſim como ſe nelles contém.
» E mando aos meus Viſo-Reys, e Gover-
» nadores do Eſtado da India, e aos Ca-
» pitães das minhas Fortalezas de Cochim,
» e Coulão dem todo o favor, e ajuda, pe-
» ra que o dito Rey de Porcá pacifica, e
» livremente poſſua o dito Reyno da Gun-
» dra com as condições, e pareas aſſima
» declaradas. »

E logo o dito Rey fez hum aſſento de como tomava poſſe daquelle Reyno com as condições declaradas na Carta patente aſſima, em que confeſſa a dita vaſſallagem, e pareas a que ſe obrigou. Eſta entrega do di-

dito Reyno ao dito Rey fez o Arcebifpo D. Fr. Aleixo de Menezes por ordem de D. Francifco da Gama, Conde Almirante, e Vifo-Rey da India, que lhe concedeo poderes pera em todas aquellas coufas em feu nome affignar nellas: e juntamente no mefmo dia, que foram aos finco de Outubro de noventa e nove, paffou o Arcebifpo Carta de irmandade em nome de El-Rey de Portugal ao mefmo Rey de Porcá na fórma da que paffou ao Rey da Gundra com as obrigações, e claufulas, que todas tenho em meu poder no livro dos Contratos folh. 151. e 152. E aos Capitulos feitos com o Rey da Gundra fe accrefcentáram mais ao Rey de Porcá os que fe feguem.

» Que ferá obrigado a não dar manti-
» mentos, nem confentir que fe façam em
» fuas terras, nem paffem por ellas pera
» os inimigos do Eftado que com elle ti-
» verem guerra.

» Quando houver guerra com algumas
» das Fortalezas do Malavar, de Cananor
» até Coulão, as ajudará, e foccorrerá to-
» das as vezes que for requerido pelos
» Capitães de ElRey de Portugal, dando
» por terra ao menos vinte mil homens,
» e pelos rios cento e fincoenta embarca-
» ções com fua artilheria, e munições.

» Não

» Não consentirá nos portos do mar
» de seu Reyno morarem Mouros, por se-
» rem publicos inimigos do Estado, nem
» se poderáõ recolher nelle embarcações
» algumas dos inimigos do Estado; e aco-
» lhendo-se, os mandará entregar.

» Estando alguma das nossas Fortalezas
» do Malavar de cerco, as soccorrerá com
» os mantimentos que houver nas suas ter-
» ras pelo preço conveniente.

» Não deixará passar por suas terras
» Mouros, nem esquipações pera navios
» pera as terras, onde fizerem guerra ao
» Estado. » E porque este auto, e contrato foi feito em Outubro que vem, depois das náos do Reyno serem chegadas a Goa, por não largar das mãos as cousas que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes fez em Cochim, me pareceo bem mettellas aqui todas juntas pelas não dividir: e não me arguão de contar assim algumas cousas antes, e fóra do tempo em que succedêram, porque o discurso da historia me dá lugar a isso, e ser cousa que alguns historiadores graves usão.

CA-

CAPITULO X.

Das Armadas que partíram do Reyno este anno de 1599: dos Capitães que o Conde despachou pera fóra: e de outras cousas em que proveo.

PElas novas que houve em Portugal, que em Hollanda se aprestavam dez náos pera passarem a estas partes da India, como fizeram, de que trataremos em seu lugar mais largamente, ordenou o Conselho de mandar este anno a ella huma boa Armada, a qual foi de sete náos, de que elegeo por Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho. E quando foi entrada de Fevereiro de 99. deo o Capitão Mór á véla com quatro náos, porque se não puderam aviar todas pera partirem no mesmo tempo. Na náo S. Roque hia embarcado o Capitão Mór: Diogo de Sousa, a que cá chamavam o Gallego, hia na náo S. Simão: Sebastião da Costa na Conceição: e João Pais Freire na náo Paz. Com o Capitão Mór se embarcou João Rodrigues de Torres, que havia de servir o cargo de Veador da fazenda de Goa, a quem ElRey fez muitas honras, e mercês por isso.

Depois de partida esta Armada, logo no Março seguinte de 99. se fizeram á véla

as

as outras tres náos da companhia de D. Jeronymo Coutinho. Destas tres náos hia por Capitão Mór Simão de Mendoça, hum Fidalgo casado na India, que foi embarcado na náo Castello. Nas outras duas hia João Soares Anriques em S. Martinho, e na náo S. Mattheus hia Gaspar Tenreiro, que hia despachado com a Fortaleza de Mascate. Estas tres náos haviam de ficar na India. Ambas estas Armadas se ajuntáram em Moçambique, e todas estas náos surgíram juntas na barra de Goa, tirando a náo Castello, que se perdeo no parcel de Çofalla junto de Quilimane defronte do rio Licumbo sessenta leguas de Moçambique. Depois de Simão de Mendoça, que era o Capitão, estar em terra com toda a gente, morreo elle, e outros muitos.

Nesta Armada vieram novas ao Conde Viso-Rey da morte de seu filho D. Vasco, que não tinha outro, que elle sentio muito. Tambem vieram novas do falecimento de ElRey D. Filippe o Prudente, cujas exequias celebrou o Conde Almirante com grande ostentação, e ceremonias.

E acabadas ellas, entrou logo o Conde no aviamento das Armadas que havia de mandar pera fóra. E porque os soldados que vieram do Reyno, andavam desagazalhados, lhes mandou o Conde dar tres,

ou quatro mezas até se embarcarem nas Armadas, que he hum dos mores serviços que se faz a Deos, e ao Rey; porque muitas vezes os vi andarem pedindo esmolas pelas portas com grande escandalo, e affronta nossa, por chegarem a pedillas pelas dos Mouros, e Gentios, de que a alguns Viso-Reys dava bem pouco. E despachou o Conde a D. Francisco de Noronha pera ir entrar na Capitanía de Baçaim, e a Garcia de Mello pera Capitão, e Veador da fazenda de Cochim, por ser falecido D. Antonio de Noronha. E despedio tambem no mesmo tempo o Galeão dos provimentos pera Ceilão, de que foi por Capitão Manoel Rodrigues Genões, e mandou nelle duzentos homens de soccorro: e por Capitão mór delles D. Bernardo de Noronha, e repartida a gente por quatro Capitães, que foram Simão Ferreira do Valle, Pero Peixoto da Silva, Luiz de Antas Lobo, e Balthazar Pereira de Castel-branco. E porque D. Pedro Coutinho tinha vindo do Reyno despachado com Capitanía de Ormuz pera logo entrar, sabendo que estava naquella Fortaleza D. Luiz da Gama de serventia, por não poder entrar nella por virtude da sua Patente, por ter por obrigação servir mais, pedio licença ao Conde pera o mandar citar, que lhe elle

deo,

deo, por não negar justiça até contra seu proprio irmão. Alcançada ella, despedio logo D. Pedro Coutinho hum navio ligeiro com as provisões que pera isso foram necessarias, que lhe o Conde deo, e mandou passar.

E porque o Conde andava com hum desejo mui vivo de pessoalmente ir tomar satisfação da quebra que o anno atrás teve no Cunhale, com que não quietava, nem descançava em solicitar o modo de como isto se faria, sobre o que teve alguns conselhos; e pera este negocio convocou a ajuda de todas as Cidades da India, e pedio com cartas que escreveo a pessoas particulares, que tinham posse pera o acompanharem em navios a suas custas, e começou a preparar a Armada pera o Malavar, pera o que tinha feito eleição de André Furtado de Mendoça, e pera a do Norte de Goterre de Monroy de Béja; e primeiro que tudo despedio huma Galé, e alguns navios mui bem providos de tudo, pera se irem ajuntar a D. Fernando de Noronha, que havia de sahir de Cananor, onde invernára em principio de Setembro, pera tomar a barra ao Cunhale, pera que se não provesse de cousa alguma. E logo o Conde começou a pagar gente, e lançar navios ao mar, assistindo elle pessoalmente a to-

todas estas cousas; e andando nesta occupação, lhe deram novas que pera a costa do Norte eram passados dezeseis navios, de cossairos, em que entravam algumas galeotas de traquete; e como o Conde tinha hum animo affervorado pera estas cousas, e entendeo bem que se tomasse aquelles navios, ficaria o Cunhale tão quebrado, que houvesse muito pouco que fazer com elle, e que começaria nelles a tomar satisfação da nossa gente que pereceo em Cunhale, foi-se logo pôr na ribeira das Armadas, e em espaço de vinte e quatro horas poz no mar outros dezeseis navios dos melhores, que se negoceávam pera ambas as Armadas, e elegeo pera Capitão Mór delles a André Furtado de Mendoça, por lhe pertencer aquella jornada, por ser contra Malavares, e Mouros de Cunhale, de cuja empreza estava nomeado por Capitão, do que se queixou Goterre de Monroy, que estava nomeado pera o Norte, havendo-se por aggravado do Conde, e offendido de André Furtado por acceitar entrar na sua jurdição, o que o Conde temperou.

Esta Armada sahio de Goa na entrada de Outubro; e não nomeio os Capitães dos navios, porque os mais delles eram da Armada do Malavar, o que ao diante se fará. André Furtado foi correndo a costa

até

até ás Ilhas das Vacas na costa de Salsete de Baçaim, onde foi avisado que sós seis Coutacoulões do rio Canharoto eram até então passados pera aquella costa, e que da outra Armada não havia novas se havia tal, porque não estava o Cunhale em estado de tirar de si navios, e gente em tempo que elle esperava que os Portuguezes fossem tomar satisfação dos damnos que alli recebêram, porque bem sabia elle delles, que não dissimulavam com affrontas. E não ha dúvida, senão que estas novas se alevantáram em Goa por quebrantarem o Conde, porque nunca faltão homens que usam destas invenções, quando andam queixosos; mas todavia he bom acudir, como o Conde fez a isto, porque vejam os inimigos que a todo o tempo que houver novas delles, os hão de ir buscar. E isto de que estes usam por quebrantar os Viso-Reys, he muito em perjuizo do serviço de ElRey, porque lhe fazem despender sua fazenda mal, e sem razão.

E tornando a André Furtado, tanto que soube o que era, e que os Cotacoulões em sabendo delle, se recolhêram, foi visitar as Fortalezas, e nellas solicitou com os Capitães, Cidade, e moradores ajuda pera aquella jornada, sobre o que o Con-

Conde já tinha feito ſuas diligencias; e ajuntando os navios que haviam de ir pera Goa, levou-os comſigo até áquella Cidade; e quando chegou a ella, já o Conde tinha negoceado a Armada do Norte, e deſpedio logo Goterre de Monroy com doze navios, em que entravam ſinco Sanguiceis, de que, a fóra elle, eram Capitães D. Alvaro da Coſta, filho de D. Fernando da Coſta, D. Franciſco de Soto-Maior, Martim da Cunha d'Eça, Triſtão de Ataíde, Gaſpar Tibao, e Franciſco Homem. Dos Sanguiceis foram por Capitães Heitor de Valladares, Franciſco de Chaves, Giraldo Pinto de Siqueira, Maximiliano de Mendoça, e Pero Fernandes de Carvalho, e no meſmo tempo deſpedio o Conde a Armada de D. Jeronymo Coutinho, pera ir tomar a carga a Cochim, onde eſtava preſtes, e ficou dando preſſa á Armada do Malavar, que foi fazer á véla a tres de Dezembro, que era de duas Galés, vinte e dous navios, e ſinco Manchuas, que em Goa chamam muito ligeiras, com arrombadas pera entrarem pelo rio de Cunhale dentro, e lançarem gente em terra. E aſſim levou mais oito Periches pera o meſmo effeito, e a elle ſe havia de ajuntar a Armada de D. Fernando de Noronha, que era huma Galé, e dezenove navios,

Os

Os Capitães que acompanháram André Furtado; a fóra elle, que hia n'uma galé, foram D. Francisco de Sousa na outra, D. Filippe de Sousa, D. Pedro de Noronha, Francisco de Macedo, D. Lopo de Almeida, Pero de Goes, Nicoláo Pereira de Miranda, Antonio Furtado de Mendoça, Pero de Mendanha, Jeronymo Botelho, D. Rodrigo Pereira, D. Luiz de Menezes, D. Luiz Lobo, e outros que no cerco nomearemos. Partida esta Armada, ficou o Conde despachando as náos do Reyno pera irem a Cochim a tomar a carga. E porque Gaspar Tenreiro, Capitão da náo S. Mattheus, ficava na India, deo o Conde a Capitanía della a D. Vasco da Gama, seu primo com irmão; e depois destas sinco náos partirem pera Cochim, ficou o Conde Almeirante escrevendo pera o Reyno, e dando despachos ás listas, papeis, e mais cousas que pertenciam á informação do governo da India. E depois de tudo feito, despachou huma galé pera Cochim, de que foi por Capitão D. Christovão de Noronha com regimento, que como entregasse os saccos das vias aos Capitães das náos, assistiria com André Furtado de Mendoça na guerra contra o Cunhale.

CAPITULO XI.

Do que aconteceo a D. Fernando de Noronha sobre Cunhale: e de como o Arcebispo se vio com o Çamorim: e das cousas que passáram.

PRimeiro que continuemos com André Furtado de Mendoça, convem darmos relação de D. Fernando de Noronha, que deixámos invernando em Cananor, donde reformou os seus navios o melhor que pode, e em Agosto fez paga aos soldados. E no primeiro dia de Setembro se foi pôr sobre a barra de Cunhale; porque teve aviso no inverno, que nos primeiros dias do verão esperava aquelle tyranno por soccorro de gente, e mantimentos; e logo tratou com o Çamorim por via do Padre Francisco Rodrigues, da Companhia de Jesus (que todo aquelle inverno tinha feito com o Çamorim todos os bons officios, que pode pelo sustentar naquella guerra) pera que o fosse conservando naquelle proposito que tinha; e por apertarem o tyranno por todas as partes, mandou D. Fernando de Noronha a Pero Luiz Malavar com a gente do seu Periche, e de outros pera assistirem da banda do Oriole, e defenderem que se não provesse pela parte de ter-

ra,

ra, com o que puzeram aquelle tyranno em extrema necessidade. D. Fernando de Noronha ficou tendo tantas intelligencias na terra, que não dava nella passo que não soubesse; e sendo avisado que o Cunhale esperava por hum paráo carregado de mantimentos, teve nelle tal vigia, que o tomou com todo o recheio, com o que alguns Mouros, que eram fóra a buscar provimentos, se recolhêram a outros portos. Isto poz o Cunhale em tanta desesperação, que determinou de mandar peleijar com a nossa Armada: pera o que deitou ao mar as galeotas que tinha varadas, e outras embarcações, que todas proveo da melhor soldadesca que tinha. Desta sua determinação foi D. Fernando de Noronha avisado por via do C,amorim, e do Padre Francisco Rodrigues, e daquelle negocio deo conta aos Capitães, pera que estivessem sobre aviso, e lhes pedio parecer sobre o que faria; a que todos respondêram conformes, que fizesse querena de commetter a entrada do rio, e ir dentro peleijar com os seus navios; o que D. Fernando de Noronha fez.

Tanto que o Cunhale vio esta determinação nos nossos, tornou a recolher as galeotas, e varallas, porque nellas tinha todo o seu remedio, como já disse. E tão apertado se vio este Mouro dos nossos, que

constrangido da necessidade, mandou quinhentos Mouros dar hum assalto nos nossos, estando fazendo aguada no lugar de Coriché, hum quarto de legua do rio de Çunhale, do que D. Fernando não teve aviso pela má vigia que os Naires do Camorim tiveram. Os quinhentos Mouros, que o Cunhale mandou pera darem o assalto, se emboscáram de noite alli perto; e tanto que os nossos marinheiros foram fazer agua, lhes sahíram da emboscada com tanta pressa, que não foram vistos senão pegados ás proas dos nossos Sanguiceis, que eram os que tinham os esporões em terra: e assim se determináram, que dizem alguns que entráram em hum periche, e leváram delle hum berço de metal. Vendo D. Fernando de Noronha a revolta, acudio a recolher alguns soldados, que andavam em terra, e com a artilheria, e arcabuzaria fez nos Mouros tal emprego, que lhes matáram o Capitão, e cem Mouros dos mais atrevidos; com o que houveram por seu partido recolherem-se á Fortaleza com aquelle damno, e tão pouco nosso, que só houve tres mortos, e alguns feridos.

Passado este negocio, deixou-se D. Fernando de Noronha ficar sobre a barra com os navios estendidos pela praia do seu destricto, pera que nem huma almadia lhe

pu-

pudesse passar. Com todas estas diligencias não deixáram seis paráos carregados de mantimentos de vir commetter a terra pera os lançarem nella, tendo já aviso do Cunhale que acharia gente, que em breve espaço despejassem tudo. Mas foi tal a vigia dos nossos, que logo houveram vista delles; e indo a elles, não pudéram tomar mais que hum, e fazer varar outro em terra, perdendo-se tudo o que levava; e os quatro sentindo a revolta, foram-se acolhendo, o que pudéram fazer por ser noite escura: com isto ficou o inimigo desenganado de poder ser soccorrido de nenhuma parte.

E porque a necessidade o apertou muito, foi-lhe necessario arriscar algumas almadias, pera irem buscar algum arroz, porque por pequenas podiam chegar a toda a parte, e lançar em terra os fardos de arroz, que trouxessem pera serem logo recolhidos. Disto tambem foi D. Fernando de Noronha avisado, e armou-lhe com outras almadias, em que metteo pessoas de recado: e assim tomáram duas almadias dos Mouros com todo o arroz que traziam, e as mais varáram em terra em parte que tudo se perdeo, com o que o Cunhale acabou de desesperar.

Acabado isto, houve D. Fernando de No-

Noronha duas eſpias, de quem ſoube que eſtavam muitos Mouros, pera ſe ſahirem da Fortaleza por pura neceſſidade, e falta de mantimentos. Pera o que poz hum Capitão em terra com ſua gente, e alguns Naires do Ç,amorim, a quem peitou, por quem mandou ſeguro a todos os que ſe quizeſſem ſahir da Fortaleza pera qualquer parte que quizeſſem. O que foi de muito effeito; porque os mais dos que eſtavam dentro ſe abaláram a iſſo, e ſe ſenão sahíram, foi pela grande vigia que o Cunhale tinha nelles.

Eſtando as couſas neſte eſtado, lhe chegou a dous de Novembro a galé, e os navios que o Conde Almeirante lhe mandou, e elle ſe paſſou á galé, e ficou com maior poſſe pera tudo o que ſe lhe offereceſſe; e ficou continuando na guarda daquelle rio, em que conſiſtia a vitoria, que ſe eſperava alcançar daquelle coſſairo, e grande tyranno. Neſte tempo appareceo a galé, em que o Arcebiſpo vinha de Cochim, que hia de largo com determinação de paſſar adiante. Diſto teve o Ç,amorim logo aviſo, e com muita preſſa deſpedio huma manchua ligeira, em que hia o Padre Franciſco Rodrigues, e hum ſobrinho do Ç,amorim, chamado Uniaré Cheraré, e pedia-lhe que ſe viſſe com elle, que importava

aſ-

assim ao serviço de ElRey. Era este sobrinho do Çamorim Christão, que o baptizou secretamente o Padre Francisco Rodrigues, depois de o ter catequizado, e assim favorecia muito a parte dos Portuguezes: e na galé o crismou o Arcebispo na sua camara, e a esse fim quiz ir com o Padre Francisco Rodrigues.

Com este recado voltou o Arcebispo pera a terra, e foi surgir na barra de Cunhale, onde D. Fernando de Noronha lhe fez suas fainas, e abateo sua bandeira; e alli concertáram verem-se na praia de Coriché, pera onde o Arcebispo foi, e desembarcou em terra acompanhado de muita gente da Armada; e ao pôr os pés em terra, desparou toda a Armada sua artilheria, e os soldados deram sua salva de arcabuzaria. E antes de chegar a huma tenda de brocado, que o Çamorim tinha no lugar, em que se haviam de ver, sahio elle fóra, e na porta o esperou mui cheio de joias riquissimas, e o recebeo com muita honra, e levou pera dentro, onde estavam duas cadeiras de veludo, em que se assentáram, e fez assentar o Padre Francisco Rodrigues nas alcatifas, e mandou ao Principe herdeiro que fosse fazer sua reverencia ao Arcebispo, que elle fez ao nosso modo, por saber mui bem a lingua Portu-

tu-

tugueza. Depois disto o mandou o Camorim com todos os Regedores, que fosse vigiar os Naires, e soldados Portuguezes, pera que não houvesse entre elles algumas destemperas, ficando elles sós com o Padre Francisco Rodrigues, que havia de ser o Interprete.

E alli depois de passados seus cumprimentos, lhe disse o Camorim, que elle estava apostado, e resoluto em ser muito grande amigo dos Portuguezes, esquecido de todos os damnos que elle, e seus antecessores tinham delles recebido. E que pera lhes mostrar aquella verdade, sustentava aquelle cerco contra aquelle alevantado com muito grandes despezas de sua fazenda: e que não no abalava pera o deixar de fazer terem-lhe dito algumas pessoas, que depois daquella Fortaleza ganhada, se haviam os Portuguezes de ficar nella, e dalli lhe fazerem toda a guerra que pudessem; porque bem sabia elle que a verdade, e fé dos Portuguezes se não havia de quebrar por trezentas Fortalezas. Posto que o Rey de Cochim lhe tinha sobre isso escrito algumas vezes, fazendo-lhe muitas carrancas, e lembranças que se não fiasse dos Portuguezes, bem entendia que lhe nascia tudo aquillo de inveja de o ver amigo delles; e que alguma cousa o pu-

de-

dera mover a crer algumas daquellas cousas aquelle dia que os Portuguezes commettêram a Fortaleza, antes do sinal que lhe tinham dado; querendo-lhe persuadir muitos que pertendêram tomar aquella Fortaleza sem sua ajuda pera a pertenção, que já lhe tinham dito de se fortificarem nella. E que o ruim successo, que elles tiveram naquelle negocio, lhe diziam alguns fora querellos Deos castigar por aquella tenção com que commettêram aquella Fortaleza, tão longe da sua verdade, e obrigação; mas que sempre elle estivera firme na verdade dos Portuguezes, em que não podia haver engano: e que posto que não foi sua a vitoria, todavia bem víram todos o animo com que os mais delles peleijáram, tomando tanta satisfação dos Mouros, que bem mostráram o seu antigo valor, e esforço.

Espantou-se muito o Arcebispo daquelles termos, com que ElRey de Cochim queria divertir, e estorvar aquelle negocio: e disse áquelle Rey, que os Portuguezes costumavam fazer guerra a seus inimigos, quando lho mereciam, com armas, e não com enganos, porque os não sabiam usar: que aquellas invenções de ElRey de Cochim eram muito conhecidas de todos, pelo muito que sentia verem-no amigo com

o Estado; e que do mesmo artificio usára com elle Arcebispo, quando fallando ambos nestas materias lhe dissera, que nos não fiassemos do C,amorim; porque fora avisado de pessoas do seu Conselho, que estava elle C,amorim determinado de dar nos Portuguezes, como os vissem desembarcados em terra, e vingar-se desta maneira das injurias que delles tinha recebido; e que como elle entendêra aquellas meadas, e artificios, dissimulára com elle por entender a causa donde nasciam.

Mas que porque elle C,amorim entendesse o bom animo, e lealdade dos Portuguezes, e que nunca tal (como lhe tinha dito) lhe entrára no pensamento, lhe jurava por aquelle livro, em que estava toda a Lei dos Christãos (pondo a mão sobre o Breviario) que nunca entrára no pensamento aos Portuguezes tal cousa, como a que lhe tinham dito. Este juramento fez diante do Principe, e Regedores, que pera isso se chamáram. E acabando o Arcebispo de jurar, lhe disse o C,amorim, que com aquillo lhe tirára hum grande pezo, e nuvem que trazia no coração, e que por amor delle hia com aquella guerra tanto a medo; mas que dalli por diante, confiado naquelle juramento, apertaria mais o cerco. E então tratáram do modo que se havia

de

de ter nelle, e do poder que eſperava de Goa, pera ſe concluir com aquelle negocio: e aſſim proſeguio dalli por diante na guerra com differente calor, e animo; e deſpedido delle, fez o Arcebiſpo véla pera Goa, ficando o Ç,amorim muito quieto, e ſatisfeito em ſeu animo; no que o Padre Franciſco Rodrigues, que foi o Interprete, foi muita parte pera ſe ordenarem aquellas couſas, como adiante veremos; e com iſto damos fim a eſte terceiro Livro.

DE-

DECADA DUODECIMA
Da Hiſtoria da India.

LIVRO IV.

CAPITULO I.

De como André Furtado de Mendoça chegou á barra de Cunhale, e ſe vio com o Çamorim: e das couſas em que aſſentáram.

DEixámos partido de Goa André Furtado de Mendoça com a ſua Armada, que chegando a Mangalor, ſe vio com o Rey de Bangel grande amigo do Eſtado, e jangada daquella Fortaleza, a quem o Capitão Mór fez grandes gazalhados; e depois de brevemente tratarem algumas couſas do ſerviço de ElRey, e bem do Eſtado, ſe deſpedio delle, dandolhe algumas peças, que pera iſſo levava. E a Rainha de Olala o mandou viſitar por hum Embaixador, por quem lhe mandou dar conta de algumas differenças que tinha com o Rey de Bangel ſeu vizinho, dando-lhe dellas ſatisfações, por ſer amigo do Eſtado. Ao que lhe o Capitão Mór mandou

dou refponder com offerecimentos, e que da torna-viagem os comporia; e tambem lhe mandou peças, que he o com que fe negocea com todos os Reys do Oriente; e dando á véla, chegou á barra de Cunhale, aonde D. Fernando de Noronha lhe fez hum grande recebimento, e entregou aquella Armada, e deo relação do eftado em que aquellas coufas eftavam.

No mefmo dia fez André Furtado de Mendoça huma junta dos Capitães, e tratou com elles fobre o modo que teria naquella guerra; e entre todos fe affentou que até virem os foccorros, foffem continuando na guarda daquelle rio, porque lhe não entraffem provimentos alguns, que era a mais crua guerra que por então fe lhe podia fazer. E logo repartio toda a Armada, e fez tres efquadras, que poz ao longo daquella ribeira com que a cingio toda; e quafi no rolo do mar furgíram as fuftas, e as galés hum pouco affaftadas; e a Pero Luiz, que eftava na banda do Ariole, mandou mais Lafcarins Malavares dos que andavam nos periches, e elle em peffoa na manchua, que levava pera feu ferviço, roldava todas as noites a Armada, pera ver a vigia que tinham. E affim em Cananor, onde deixou muitos fefteiros, como nas terras do Camorim, mandou fazer

mui-

muitos. festões fortes de bambús pera as estancias que determinava plantar em terra; e que se cortassem muitas palmeiras pera se serrarem, e fazerem escadas; e tambem mandou serrar todo o taboado, que lhe pareceo necessario pera tilhas sobre que a artilheria havia de jogar.

O C,amorim mandou logo visitar o Capitão Mór pelo Padre Francisco Rodrigues, da Companhia de Jesus, e seus Regedores; em cuja companhia foi tambem Antonio Matoso, casado em Cananor, que o Conde tinha mandado em fórma de Embaixador ao C,amorim, em cuja companhia andava, pera o fazer proseguir na guerra, por ser muito seu amigo, e conhecido, e prático nas cousas do Malavar. A estes Embaixadores recebeo André Furtado de Mendoça honradamente, e respondeo á visita com palavras de muita satisfação, e os despedio com lhes dar peças ricas, e curiosas. E nesta visita tratáram sobre as vistas, que o Capitão Mór havia de ter com o C,amorim; e ficou assentado o dia, e o lugar em que havia de ser. E em sua companhia mandou Sebastião Tibao (cuido que Framengo de nação) grande Engenheiro, pera da parte do C,amorim reconhecer a disposição da Fortaleza, do sitio, e tranqueiras, com quem tambem foi Bernardo Soares,

sol-

soldado destro, de experiencia, e que sabia bem notar as cousas, o que elles fizeram muito de vagar, e á sua vontade, e de tudo deram distincta relação ao Capitão Mór, com o que se houve por satisfeito da que já tinha. E porque se receou que pelo rio de Tremapatão em algumas almadias pequenas, como já algumas vezes commettêram, se provesse, mandou a Belchior Rodrigues, casado em Chaul, bom cavalleiro, e de muita experiencia, pera que com quatro navios se fosse pôr sobre aquella barra, pera que por ella não sahisse cousa alguma, o que elle fez com muito cuidado; de maneira que proveo em tudo com muita ordem, sem lhe ficar cousa por fazer, e todas endereçadas, e encaminhadas ao fim que determinava, e pertendia levar naquelle cerco.

Chegado o dia das vistas, que foi aos dezeseis de Dezembro, abalou-se o Capitão Mór com toda a Armada mui fermosamente embandeirada, e tocando muitos instrumentos alegres, e bellicosos, foi demandar a praia de Coriché, aonde já estava o C,amorim; e chegando ao posto com toda a Armada, ordenou que em quanto estivesse em terra, ficasse estendida de longo daquella praia com as proas em terra, e a artilheria muito lestes pera poder

la-

laborar, se fosse necessario, e elle se metteo em huma manchua, e saltou na praia muito galantemente vestido ao modo militar, em corpo, com seu bastão na mão, rodeado de sincoenta espingardeiros, soldados velhos, e escolhidos entre todos, de que tinha mór confiança, muito bem trajados, e por baixo mui bem armados de boas armas: e ao pôr os pés em terra, disparou toda a Armada sua artilheria, e os soldados todos estendidos pelas perchas dos navios, deram tambem sua salva de arcabuzaria, estando todos postos em armas: e causou isto hum mui grande terror, e espanto não só nos inimigos, mas ainda nos amigos.

Tanto que o Camorim teve recado que o Capitão Mór partia da galé, abalou-se donde estava, e foi tomar o Capitão Mór quasi á borda de agua, onde se abraçáram com grandes mostras de cortezia. Era este Rei homem grande de corpo, bem disposto, de pouco mais de trinta annos, e bem parecia Rey entre os mais. Trazia sobre si muitas riquezas, nos braços tanta copia de manilhas de pedraria, que lhos enchia desde sima dos cotovellos até os pulsos, com o que lhe ficavam tão pezados, que era forçado virem dous pagens sustentando cada hum o seu. Do pescoço pendia hum

co-

colar de ineſtimavel valor. E nas orelhas, orilheiras do meſmo toque de fermoſos rubins, e diamantes, cujo pezo lhas eſtendia até os hombros, de maneira que trazia ſobre ſi huma grande riqueza. Vinha nú da cinta pera ſima, e derredor della cingido com hum panno de ouro, e ſeda, que lhe dava algumas voltas por derredor, que chegava até meia perna; e por ſima huma cinta de pedraria de largura de quatro dedos, riquiſſima, e de grande valor. Detrás delle vinha o Principe herdeiro, moço gentil-homem, e bem arraiado, que lhe levava a ſua eſpada alevantada com a ponta pera ſima; e detrás delle todos os ſeus Regedores principaes, e Punicaes; e quaſi pegado a elle hia o Padre Franciſco Rodrigues, e Antonio Matoſo.

Ao aſſomar do Çamorim diſparou outra vez toda a Armada a ſua artilheria, e os ſoldados a arcabuzaria, e após iſſo começáram a tocar os inſtrumentos de alegria; e os Naires do Çamorim tambem fizeram ſuas fainas, e déram ſua ſalva a ſeu modo. ElRey tomou o Capitão Mór pela mão, e levou-o a huma tenda, que alli tinha armada, a cuja viſta eſtava toda a ſua gente eſtendida em fórma de Lua, que cingia todo aquelle campo. Alli ſe aſſentáram em cadeiras; e depois das palavras formaes da vi-

visitação, e cumprimentos de parte a parte, praticáram sobre o modo que se teria naquella guerra, em que o C,amorim prometteo de proseguir com dobrado animo, e calor. E disse ao Capitão Mór, que tanto que o Cunhale víra sobre seu rio a potencia daquella Armada, e que soube ser elle o Capitão Mór della, e General tão conhecido, e temido dos Mouros, logo lhe mandára commetter que se queria entregar, com condição que lhe désse a vida a elle, e a todos os Mouros, que tinha comsigo; e que fosse elle C,amorim á porta da Fortaleza a tomar entrega delle, pera o segurar dos seus Naires, o que lhe elle tinha concedido com tenção de o matar como o colhesse á mão; porque com traidores este he o primor de que se ha de usar, principalmente quando sam taes, que se não póde esperar delles deixarem de o ser todas as vezes que tiverem occasião pera o ser. E que ao tempo, em que se havia de entregar, mandára hum seu mestre de esgrima com alguns Naires pera o receberem; e que vendo o Cunhale que elle C,amorim não hia em pessoa, tendo-o a máo final, mandára sahir os Mouros aos Naires, e entre todos se ateára huma grande briga, e travára huma aspera batalha, em que houve feridos de ambas as partes,
e

e que já se não havia de fiar hum do outro : pelo que era necessàrio continuar na guerra contra aquelle tyranno, e que pera ella offerecia todas as cousas necessarias, que houvesse em seu Reyno : e que em penhor desta vontade, e sua fé, daria os refens que elle Capitão Mór quizesse, porque tudo havia de fazer a seu gosto, e vontade. André Furtado de Mendoça lhe agradeceo aquelles offerecimentos, e lhe fez outros conforme ao tempo, e com isto se despedíram, dizendo-lhe o Ç,amorim que elle mandaria á sua galé o Padre Francisco Rodrigues, e séus Regedores pera com elles fazerem as capitulações que elle mais quizesse; e ao apartarem-se hum do outro, lançou o Capitão Mór ao pescoço do Ç,amorim hum muito fermoso colar de ouro, e ao Principe, e Regedores deo peças, que pera isso já levava, que o Conde Viso-Rey lhe mandou dar da fazenda Real em muita abundancia, porque em nenhuma parte do mundo, e muito mais no Oriente, se negocea sem os presentes irem diante.

Ao outro dia que isto passou se veio hum Mouro, Veador da fazenda do Cunhale, entregar ao Capitão Mór por ordem de Braz Coelho, Capitão de hum Sanguicer, que estava na parte do Ariole, que lhe pedio seguro pera levar sua mulher, familia,

e alguns amigos, que lhe elle não concedeo pela pouca fé, e verdade que estes Mouros tem, antes o mandou pôr na galé a bom recado; affirmando-lhe que como se acabasse a guerra, elle o poria em sua liberdade. Deste Mouro soube André Furtado de Mendoça das cousas de Cunhale muito particularmente, e de como estava fortificado da gente que tinha, e dos poucos provimentos que havia, o que tudo achou depois ser verdade. Os Mouros vendo fugido este, que era o principal diante do Cunhale, foram-se tambem sahindo da Fortaleza os que pudéram com suas mulheres, e familias; e sempre se sahíram todos, se o Cunhale não trouxera sobre elles tantas vigias.

Isto foi sabido do C,amorim, e do Capitão Mór; pelo que mandáram por via dos Arioles lançar na Fortaleza seguros reaes pera os que se quizessem sahir, pera que qualquer delles o pudesse fazer livremente. E porque era tempo de pôr em execução o cerco da Fortaleza, mandou o Capitão Mór pelo engenheiro Tibao alevantar alguns castellos de madeira levadiços em roda da parte do C,amorim, capazes de jogarem a artilheria pera se igualarem ás tranqueiras, pera por elles as entrarem os nossos; que depois de feitos, não foram

ram neceſſarios, como logo diremos; e dando recado ao Capitão Mór que o Cunhale eſperava por huma galeota, que tinha mandado ás Ilhas de Maldiva arrecadar certas pareas, que os Mouros lhe pagavam, e que apparecêra ao mar, deſpedio João de Seixas com quatro navios pera a irem buſcar; mas ſentindo ella o negocio, logo ſe fez na volta das meſmas Ilhas, e deſappareceo.

CAPITULO II.

Das capitulações que o Capitão Mór fez com o Çamorim: e dos refens que lhe entregou: e dos ſoccorros que lhe chegáram de Goa.

DEpois de paſſadas as viſtas que o C,amorim, e Capitão Mór tiveram, dahi a tres dias foram á galé do Capitão Mór o Principe de Tanor, General do exercito do C,amorim, e Carneves ſeu Regedor Mór com outros Principes, e Regedores, que André Furtado de Mendoça recebeo com muitas honras, e com elles hia tambem o Padre Franciſco Rodrigues, que era o Interprete, e por quem todas aquellas couſas corrêram, e moſtráram Proviſões, ou Ollas dos poderes que traziam pera aſſenta-

tarem as pazes, e fazer os contratos que lhe parecessem bem, pera effeito daquella guerra, e pera os refens que de ambas as partes se haviam de dar pera segurança della. Pera o que André Furtado de Mendoça chamou os Capitães velhos, e de experiencia, e assim todos juntos fizeram as capitulações seguintes.

Capitulações do que o Çamorim prometteo.

» OBrigou-se a dar em refens da gente
» que se puzesse com elle da sua ban-
» da, pera assaltar a Fortaleza do Cunhale,
» os Principes de Tanor, e Chale, e Car-
» neves seu Regedor Mór, Varer, e Coi-
» lo, Principes, e Senhores das terras
» além de Panane, Pudure, e Talape,
» Naires seus Regedores, Menas, e Mena
» Cherare, irmão de Uniare Cherare, am-
» bos sobrinhos do Çamorim, e Unire Ga-
» se, Ithe Arachea, e Com Gaachem, Ite
» Proferare, e Nambandre, todos Principes,
» e Senhores de terras. Estes refens, em
» quanto o cerco durasse, e o nosso arraial
» estivesse nas terras do Çamorim, e Ario-
» les, estariam na Cidade de Cochim,
» donde não sahiriam até de todo se re-
» colher o nosso arraial, e Armada.

» Obrigou-se mais pelos ditos refens,

» que ſegurava toda a gente, artilheria, e
» mais couſas que ſe puzeſſem em ſuas ter-
» ras, e dos Arioles pera o effeito daquella
» guerra.

» Que daria a todo o tempo que ſe
» houveſſem miſter, mil trabalhadores pa-
» gos á ſua cuſta pera trabalharem no ſer-
» viço do campo, e cerco.

» Que traria á ſua cuſta quinze elefan-
» tes no dito ſerviço, em quanto o cerco
» duraſſe.

» Que daria á ſua cuſta toda a ſorte
» de madeira que foſſe neceſſaria pera o ef-
» feito da guerra, pagando o Capitão Mór
» os carpinteiros, e ferradores.

» Que daria todos os carpinteiros, ſer-
» radores, e ferreiros que foſſem neceſſa-
» rios, pagando-lhes o Capitão Mór ſeu
» jornal.

» Que teria de aſſiſtencia no noſſo ar-
» raial, e cerco do inimigo ſinco mil
» Naires de armas; e deſte número eſta-
» riam dous mil ſujeitos ao que lhes o
» Capitão Mór mandaſſe, e pera aſſiſtirem
» na parte que lhes ordenaſſe, e que obe-
» deceriam aos Capitães a que foſſem en-
» tregues.

» Que daria quatro Manchuas eſquipa-
» das de marinheiros, e Laſcarins pera
» andarem no rio vigiando, e inquietando

» os

» os inimigos, ou onde parecesse melhor
» ao Capitão Mór. E que assim daria mais
» trinta jangadas de Almadias esquipadas
» de marinheiros pera o mesmo effeito.

» Que daria duzentas enxadas, e mil
» cestos pera o serviço do cerco.

» Que se senão désse fim ao inimigo
» até vinte de Janeiro, que era o tempo
» em que elle Çamorim havia de ir á sua
» festa da Mamanga, mandaria vir de Co-
» chim, Principe de Tanor, e Carneves
» seu Regedor Mór pera os deixar com
» todo o poder em seu lugar, assistindo no
» Governo do seu exercito; e que em lugar
» dos sobreditos, mandaria seus sobrinhos
» Uniare Cherare, e outro herdeiro de
» Talapuchem senhor de sinco mil Naires. »

Ao que se obrigou André Furtado de Mendoça ao Çamorim, he o seguinte.

» QUe lhe daria por refens estes tres
» Capitães, D. Pedro de Noronha,
» Jeronymo Botelho, e outro Capi-
» tão, Antonio Matoso Embaixador, e
» dous Padres da Companhia de Jesus, que
» assistiriam sempre com o Çamorim.

» Que daria em Cochim aposentos aos
» refens delle Çamorim, e todo o necessá-
» rio a seus proprios gastos, e de seus ser-

» vi-

» vidores, em quanto residissem naquella
» Cidade, e que estes seriam capazes de
» poderem fazer nelles suas ceremonias,
» que fariam diante dos guardas que lhe
» puzessem; e que do dito aposento, e si-
» tio não sahiriam sem a mesma guarda, e
» que as ceremonias se entenderia no co-
» mer, e lavar o corpo, e outras não.

» Que tomando-se a Fortaleza de Cu-
» nhale, se derribaria logo, e não querer
» nada daquelle sitio: e de dar ao Camo-
» rim ametade de todo o dinheiro, peças,
» fazendas, artilheria, e navios que se
» achassem, e que as mais armas seriam
» de quem as tomasse.

» Que havendo alguma briga, ou des-
» concerto entre os soldados, e Naires,
» cada hum castigaria os seus subditos con-
» forme as culpas que tivessem; e que os
» do número dos dous mil, que não obe-
» decessem aos mandados do Capitão Mór,
» e Capitães que lhe propuzessem, seriam
» pela mesma maneira castigados.

» Prometteo o Capitão Mór de se fa-
» zer Igreja em Calecut, e de se assentar
» alli Feitoria, e de ter com elle o Estado
» o commercio que tem os mais Reys ami-
» gos; e que inteiramente se cumpririam
» os capitulos das pazes, que D. Luiz da
» Gama tinha feitos com elle, e que esta-

» vam

» vam confirmados pelo Conde Almeiran-
» te.»

Estes apontamentos juráram assim o C,amorim, como o Capitão Mór com os Capitães, e Regedores que se acháram presentes, e tódos se assignáram nelle: e logo se fizeram de parte a parte a entrega dos refens promettidos; e os da nossa se passáram á parte do C,amorim, e os seus se embarcáram na galé muito a seu gosto, e se leváram a Cochim. E o Carnaves ao despedir-se do Capitão Mór lhe deo alguns avisos, e ardís de como havia de proseguir naquella guerra; o que fez por cobrar credito com o Capitão Mór, sendo certo ser elle o que mais favorecia o Cunhale que todos. No recolhimento destes refens usou a Cidade de Cochim de muitos primores, e liberalidades, porque em pouco mais de dous mezes despendeo, e gastou com elles mil e quinhentos pardáos, conforme a huma lembrança, e lista que tenho em meu poder.

Os navios que foram acompanhando estes reféns voltáram de Cochim com huma barcaça, que o Capitão Mór tinha lá mandado concertar, e reformar de artilheria, e munições, e entregou-a a Luiz Fragoso, e Pero Rodrigues Botelho, e deo-lhe soldados, e servidores pera seu meneio. Nesta

ta companhia mandou a Cidade de Cochim ſinco navios de ſoccorro com duzentos ſoldados armados, e pagos á ſua cuſta; e delles elegeo por Capitão Mór Antonio de Brito Fogaça, Cidadão daquella Cidade, ſoldado muito velho, e prático nas couſas da guerra: e aſſim levou em ſua companhia dous navios cheios de ſoldados Chriſtãos de S. Thomé, tambem pagos á ſua cuſta, que deixou ordenado o Arcebiſpo pera iſſo, primeiro que ſe partiſſe daquella Cidade.

CAPITULO III.

Do conſelho que o Conde tomou ſobre ir a Cunhale, em que foi contrariado: e do ſoccorro que mandou, e mais couſas que paſſáram.

DEpois que o Conde Almeirante deſpachou as vias pera Cochim, deſpachou Lourenço de Brito pera ir entrar na Fortaleza de Çofala, por ſer já livre, com muita honra das culpas, que lhe puzeram ſobre a jornada da Sunda. Paſſado iſto, em princípio de Novembro deſte anno de noventa e nove, em que eſtamos, chamou o Conde Viſo-Rey a Conſelho as peſſoas que nelle coſtumavam achar-ſe, e lhes propoz

que

que lembrados eſtariam do ſucceſſo que o anno paſſado tiveram no aſſalto do Cunhale, e a continuação do cerco pelo Camorim, e pelos noſſos Capitães; e o muito que convinha á reputação, e quietação do Eſtado não ſe levantar mão daquella empreza ſem ſe concluir a deſtruição daquelle inimigo, em que os mais do Eſtado tinham poſtos os olhos, pera o que eſtava preſtes com muito dinheiro, e as mais prevenções neceſſarias; e por não lhe ficar nada por fazer, eſtava reſoluto em ir viſitar as Fortalezas do Canará, e Malavar, e provellas como convinha, porque hia no cabo do ſeu governo, em que tinha obrigação de viſitar todas as do Eſtado. E por ſe livrar das murmurações que padecêram os Viſo-Reys, que foram ao Norte, determinava fazer a jornada pera o Sul, e pararia em Cananor até ver o eſtado das couſas. E que tinha nomeado André Furtado de Mendoça por Capitão Mór da coſta do Malavar, que partiria brevemente com a Armada de quatro galés, e quarenta fuſtas bem provídas das couſas neceſſarias. E que o mór goſto que teria, era achar-ſe preſente peſſoalmente na guerra, que queria fazer áquelle coſſairo, que tanto trabalho tinha dado ao Eſtado; mas que não queria fazer nada ſem conſelho, e pare-

recer dos que estavam naquelle Conselho, que livremente votassem o que fosse mais serviço de Deos, e de ElRey, e bem do Estado, porque isso era o que elle havia de fazer, ainda que fosse contra seu gosto. Sobre isto votáram todos, e debatêram, e se deram muitas razões por huma, e outra parte; e praticados todos os inconvenientes que se lhes offerecêram, vieram os mais a concluir que não era licito, nem convinha ao Conde Almeirante abalar-se, nem sahir-se de Goa, assim pela necessidade que havia de sua presença pelas cousas que estavam movidas no Grão Mogor sobre a conquista dos Reynos do Decan que pertendia fazer, no que tinha nelle o Viso-Rey grande inconveniente; porque bem sabia que tudo o que pudesse estorvar seus desenhos, e favorecer aos Reys vizinhos, havia de fazer: como porque não era licito que a pessoa do Viso-Rey se movesse, e abalasse pera haver de ir contra hum Mouro cossairo, que não era Rey, nem senhor de terras: que bastava pera concluir aquelle negocio André Furtado de Mendoça, que estava nomeado pera Capitão Mór do Malavar, que o provessem de tudo o que o Estado pudesse dar; porque conforme aos termos em que a guerra estava, e o inimigo desbaratado com a per-

da

da passada, e com a falta de tudo, sem falta, nem dúvida se acabaria tudo com bem.

Não faltáram pessoas das que estavam fóra do Conselho a que parecesse o contrario, entendendo que a ninguem convinha mais achar-se naquella guerra em pessoa, que ao Viso-Rey, assim pera remediar o damno passado, tomando delle satisfação, como porque com sua presença daria mais calor á guerra; e teria mão no Çamorim que não fizesse de si alguma mudança, porque tudo se podia temer deste Rey Gentio, que tantas vezes tinha faltado com sua fé. E que posto que este tyranno não era Rey, dava mór trabalho, e oppressão ao Estado, que todos os Reys vizinhos, porque todos os annos recolhia de roubos, que fazia nos vassallos Portuguezes, mais de quatrocentos mil cruzados. E assim nenhum Rey tinha mais affrontado aos Portuguezes que este tyranno, porque andava quasi senhor do mar, e do commercio da India com suas Armadas, e se intitulava *Rey dos Mouros*; e ficava desta maneira usurpando hum dos titulos da Coroa de Portugal, que era senhor do mar, e do commercio da India. E já algumas vezes disse pelo discurso das minhas Decadas, que sempre, ou as mais das vezes que os Viso-Reys puzessem em conselho haver-se

de

de embarcar, havia de achar nos mais dos votantes contradicção pela obrigação que lhes ficava de os acompanhar com risco de suas pessoas, e despeza das fazendas. Não digo isto, porque neste Conselho houvesse estes respeitos; antes cuido verdadeiramente que entendêram que não convinha ao Conde embarcar-se; mas digo, pelas razões que apontei, que foi muito acertado o conselho que ElRey nosso Senhor tomou do tempo de Aires de Saldanha por diante de mandar, que por sima do que se votasse no Conselho da India, fizessem os Viso-Reys o que lhes parecesse mais serviço de ElRey, e bem do Estado.

E deixando isto, tornemos ao Conde; que se mostrou muito sentido de não poder effeituar o que elle tanto desejava; e a Cidade de Goa, e o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes lhe falláram nesta conformidade. Assentado isto, mandou logo o Viso-Rey ordenar hum galeão, em que mandou embarcar muitos provimentos, munições, pelouros, e peças de artilheria de bater, de que fez Capitão Francisco de Barros de Sousa, hum cavalleiro velho já despachado, que logo despedio com muita brevidade. E após elle mandou Diogo Moniz Barreto na galé, em que o Arcebispo tinha vindo de Cochim, e onze navios

vios mais, em que embarcou trezentos e quarenta ſoldados. E aſſim mais outros vinte e hum navios, em que vinham quatrocentos e ſincoenta, que as Cidades do Norte mandavam de ſoccorro, de que vinha por Capitão Mór Antonio Colaço Lobo, Capitão velho, e antigo; e nos navios vieram muitos Fidalgos, e cavalleiros armados á ſua cuſta. Eſte ſoccorro do Norte chegou a Cunhale a ſeis de Fevereiro, e Diogo Moniz Barreto com ſua Armada a doze, e aos quatorze o galeão dos provimentos, com o que aquelle mar ficou coalhado de Armadas, e o inimigo tão aſſombrado, que ſe houve por perdido. A eſtes Capitães recebeo André Furtado de Mendoça com muita honra, e os repartio pelos lugares que logo diremos.

Pertendia o Capitão Mór cercar aquella Fortaleza, e continuar naquella guerra por termos militares, e de prudencia; porque eſta muitas vezes, ou as mais dellas, vence mais de preſſa que as armas. E por iſſo dizia Annibal, que mais ſe temia de Scipião, quando não peleijava, que de Marco Varro ſeu companheiro, quando o fazia; porque as couſas acceleradas, as mais das vezes damnão; e as que ſe fazem de vagar, e com conſelho maduro, ſempre nos dam a vitoria. Foi André Furtado com-

pon-

pondo as cousas, e ajuntando o que lhe era necessario pera sitiar, e bater aquella Fortaleza, porque desejava de a ganhar, e levar com pouco custo dos homens, porque as vitorias de pouco sangue sam as que fazem o seu Capitão mais glorioso. Em Tito Livio lemos que o Consul Marco Fabio não quiz acceitar o triunfo, que o Senado lhe offerecia, porque naquella guerra lhe matáram seus companheiros o Consul Manlio, e Quincio Fabio.

O Cunhale, posto que estava apertado, e desconfiado, como disse, não deixou de usar de seus estratagemas, e mandou hum daquelles seus Capitães, que se fosse lançar em cilada com huma companhia de Mouros em huma ponta de arêa da banda do Ariole, pera ver se podia fazer algum bom feito. Depois de emboscar sua gente, chegou o Capitão com outro Mouro á borda d'agua, e capeou a hum periche, de que era Capitão Braz Coelho, pera que chegasse ao rolo do mar, aonde este Mouro costumava chegar algumas vezes a fallar com o Veador da fazenda do Cunhale, que estava na galé, pera o que André Furtado lhe dava licença. E desta vez quiz ver se podia fazer chegar bem á terra o Braz Coelho, pera ver se o podia colher ás mãos, pera que a troco delle lhe

dessem o Veador da fazenda do Cunhale. Bem entendeo o Braz Coelho o animo, e intenção do Mouro, e mandou armar os seus soldados, e pollos encubertos com as arrombadas que trazia feitas; e na proa poz dous muito certos espingardeiros, e poz-se a si no meio delles, e foi remando pera a praia até se pôr no rolo de agua, donde se poz ás práticas com os Mouros, que trabalháram bem com elle pera que chegasse mais, porque tinham cousas de segredo que praticar, e tratar. O Braz Coelho fez que se hia chegando; e dando sinal aos dous, que tinha a par de si, dispararam logo suas espingardas, que foram tão bem empregadas, e encaminhadas, que o Capitão ficou estirado, e o companheiro se recolheo mal ferido. A isto se descubríram os da cilada, e começáram a servir os do periche com muitos tiros, que tambem lhe respondêram com outros, de que alguns se recolhêram bem escalavrados.

Entendendo o Capitão Mór que a vitoria estava mais segura em lhe tirar alguns Mouros da Fortaleza, lá teve maneira com que por via dos Naires do Çamorim mandava visitar alguns mais principaes, e a voltas disso peças ricas, e curiosas (que estas sam as chaves mestras com que se abrem todas as portas) e estes sem-

pre

pre lhe refpondiam , mas não aos prefentes, e com ifto foi moderando alguns, e fazendo o negocio que pertendia. Andava o Capitão Mór acabando de ajuntar as coufas pera o cerco, que havia de pôr á Fortaleza. E porque defejou de ver por fi o fitio, e difpofição della á fua vontade, tomou por achaque ir ver o Çamorim, e vifitallo ao feu arraial, pera o que lhe mandou pedir licença; e elle lhe mandou feus Regedores pera o acompanharem , e partio com elles a par de fi, levando por derredor quatrocentos efpingardeiros Portuguezes efcolhidos entre todos, e eftes muito bem armados , e bem trajados, e paffou todo aquelle caminho, que era de tres leguas, a pé em corpo com hum baftão na mão, affim á ida, como á vinda, fem moftrar canfaço algum. Nas viftas com o Çamorim houve muitos cumprimentos , e praticáram fobre as coufas daquella guerra ; e depois reconheceo o Capitão Mór o fitio da Fortaleza , e tranqueiras muito a feu gofto , com o que fe tornou muito fatisfeito de ter vifto o que tanto defejava.

E fendo informado que as mais das noites paffavam daquella ponta da arêa algumas embarcações pequenas de Mouros a inquietar a noffa Armada, mandou a Pero Luiz com a gente dos periches , e al-

guns ſoldados, pera que ſe foſſem embre-
nhar naquella parte, que era da do Ario-
le, pera ver ſe podia tomar ás mãos alguns
delles. E eſtando alli, chegáram da outra
parte algumas embarcações dos Mouros,
com o que os noſſos Laſcarins Malavares
ſe inquietáram; e houve entre elles tão
grande reboliço, que foram ſentidos, e os
Mouros ſe recolhêram, ſem mais torna-
rem alli, e as mais das noites continuá-
ram os noſſos com a meſma vigia. E por-
que não aconteceſſe naquella parte mais al-
guma alteração, mandou o Capitão Mór
fazer na ponta de arêa daquella parte ſo-
bre a barra do inimigo huma tranqueira,
que encommendou a André Rodrigues Pa-
lhota com quatrocentos ſoldados, levando
comſigo o Engenheiro mór, que a traçou,
e acabou muito de preſſa, que ficava qui-
nhentos paſſos do baluarte do inimigo,
que ficava da outra parte, e nella ſe poz
a artilheria que pareceo neceſſaria, fican-
do nella o meſmo André Rodrigues com
trezentos homens; e de huma parte, e da
outra ſe ficáram varejando mui arrezoada-
mente. Tanto que eſta tranqueira ſe aca-
bou, mandou o Capitão Mór paſſar oito
navios ligeiros ao rio por ſima da ponta
da arêa, com o que ficou ſenhor do rio;
o que os inimigos ſentíram muito, porque
até

até o peixe, e marisco delle, de que se sustentavam, lhes tolhiam, e entendeo que aquillo era o caminho de sua perdição.

CAPITULO IV.

De como o Çamorim tratou de ir a huma festa chamada Mamanga: e donde esta festa teve origem.

ANdando o Capitão Mór preparando as cousas pera pôr cerco á Fortaleza, ainda antes de chegarem os soccorros que dissemos, chegou o tempo em que o Çamorim lhe era necessario ir á sua festa de Mamanga, de que nos apontamentos atrás se fez menção, a que por nenhum caso podia faltar; pera o que mandou recado ao Capitão Mór, e a desculpar-se de ser forçado faltar alli com sua pessoa os dias que durasse; mas que alli ficava todo o seu poder pera continuar naquella guerra, como estava contratado; e que em quanto durasse a festa, elle se não descuidaria de mandar dar calor ao cerco; e com isto lhe mandou pedir o Principe de Tanor, e o seu Regedor Mór Carnaves, que estavam em Cochim postos em refens, como lhe estavam promettidos nos contratos pera os deixar no exercito; e que em seu lugar daria

ria outras duas peſſoas principaes de ſeu Reyno. O Capitão Mór ſe lhe mandou eſcuſar com palavras de muita cortezia, e brandura, aſſim porque o Çamorim lhe hia faltando com a palavra em muitas couſas concedidas nas capitulações, como porque ſoube que o Regedor Mór era o que mais ſuſtentava as couſas de Cunhale que todos, por ſerem grandes amigos; e que quanto mais alongado o tiveſſe, tanto lhe era melhor pera concluir aquelle negocio. O Çamorim não ficou ſatisfeito de ſe lhe negarem aquelles homens; mas diſſimulou, como o Capitão Mór o fazia tambem ás ſuas couſas. E querendo ultimamente partir-ſe, foi-ſe deſpedir do Capitão Mór em quatorze de Janeiro deſte anno de ſeiſcentos, em que com o divino favor entrámos; e entre elles não houve mais que palavras de cumprimentos, e cortezia; e ſó lhe diſſe o Çamorim, que em quanto eſtiveſſe auſente lhe entregava o ſeu exercito, e que nelle podia diſpôr, e mandar como ſua propria peſſoa, porque aſſim o deixava por ordem a ſeus Capitães, e que eſperava de em ſua boa fortuna achar tudo concluido, quando tornaſſe; e com iſto ſe deſpedio. E porque nenhum Eſcritor noſſo tratou deſta feſta, que he tão antiga, que paſſa de quinhentos annos que ſe celebra, pareceo-

nos

nos bem fazer huma breve relação de seu princípio, e origem pera maior gosto da historia, e passatempo dos que a lerem.

Esta festa de Mamanga, que quer dizer festa de desafio, cahe no Malavar de doze em doze annos, e cahio nesta entrada do anno de seiscentos: sua origem foi esta. Morava nos confins do Reyno de Tanor hum Bramene, a quem alevantáram hum falso testemunho, que redundava em detrimento de sua honra, e descredito de sua religião, de que se houve por tão affrontado, que se partio pera o rio Ganges, que elles tem por santas suas aguas, pera nelle se purificar. Alli jejuou, e fez outras asperissimas penitencias alguns annos, encommendando-se a seus idolos, pera que mostrassem por alguma via a pureza de sua innocencia. E assim lhe appareceo hum delles, e lhe disse, que se não entristecesse que elle teria cuidado de sua honra, que se fosse pera sua terra, e que por fim do mez de Fevereiro ajuntasse todas as gentes daquelles Reynos derredor do rio de Tanor, pera diante de todos se mostrar sem culpa: e que pera final disso em tal dia, quando a maré vasasse, deitasse elle na força da corrente o seu livro, e o seu escabello, e que logo entraria o rio Ganges por aquelle rio de Tanor dentro, e contra o curso

da

da maré faria tornar o livro, e o efcabello por elle affima á vifta de todos, como fingem que o fez, e que foi aquelle efpectaculo vifto de todos com grande admiração, e o Bramene foi julgado por fem culpa, e foi dalli por diante tido em grande veneração. E efte he o dia, que fe chama de Mamanga, e que fe fefteja de então pera cá de doze em doze annos, como differnos, com o mór concurfo de gente, e defpezas de ElRey, que todas as mais que Malavares tem, porque pera ella fe ajuntam todos os Reys, Senhores, Caimais, e infinitos póvos, e duram eftas feftas vinte e oito dias, em que o Çamorim tem fempre muita gente de armas com feus Capitães, que de contínuo andam roldando, pera que não haja algum defarranjo, nem brigas, que he coufa ordinaria em grandes ajuntamentos de gente, entre tão grande multidão de póvos, tão differentes como alli fe ajuntam; e tambem porque todos eftes dias coftumam entrar alguns Amoucos por meio defte cardume, e matão os que podem alcançar. O que acontece em fatisfação de hum Rey vizinho do Çamorim, que o que então governava (que haverá noventa annos) mandou matar; pelo que todos os da obrigação daquelle Rey morto, e de feu pai, e avós fe offerecem a mor-

rer

rer por tomarem aquella satisfação, matando alguns vassallos do Çamorim contra quem tem o odio, que os obriga a usarem desta brutalidade: e pera atalhar a isto, tem o Çamorim sempre, em quanto esta festa dura, alli gente de guarnição, que acode a estes Amoucos, como fazem; e todos os annos, que ha esta festa, ficam espedaçados todos aquelles, que commettem esta brutalidade; e este anno, de que agora escrevemos, entráram trinta Amoucos, que logo foram mortos.

Tres dias destes vinte e oito, que estas festas duram, se põe o Çamorim em hum lugar alto á vista de todo o povo com muitos alampadairos de ouro, e prata accezos ao redor de si, e todos os da sua Corte acodem alli vestidos o mais ricamente que podem; e em ElRey apparecendo diante do povo, disparam muita artilheria, e dão grandes salvas, a que elles em sua lingua chamam Cuquiadas, e a ellas lá em sima donde ElRey está se prostra pelo chão diante do povo, e depois se alevanta, e em pé faz tres vezes reverencia ao povo, e todos elles lha fazem, e depois delle, todos os Reys que se alli acham, fazem a mesma ceremonia ao povo; e acabada ella, entram os Panicaes esgrimidores de ElRey, e jogão das armas com muita

ta destreza, e apôs isto vem todos os vassallos de todas as terras do Çamorim, e de dous em dous vam passando, e fazendo sua cortezia a seu Rey, e os maiores, e grandes do Reyno se debruçam todos diante delle, e depois passam os alifantes ensinados dos seus Cornacas, que sam os Naires, que tem cuidado delles, e fazem tambem reverencia a ElRey com o joelho no chão. Gasta o Çamorim nesta festa duzentos mil fanões em dadivas, que sam vinte mil cruzados.

Eis-aqui esta brutalidade sem nenhum fundamento, que lhe seus Bramenes mettêram em cabeça, fazendo-lhes crer huma cousa tanto contra a natureza, como he vir o rio Ganges dos Reynos de Bengala mais de trezentas leguas de Tanor, e atravessar todo aquelle Oceano Oriental, e vir entrar por hum rio tanto mais pequeno que elle, que póde sumir-se diante delle; e que sahia do mar com a pureza de suas aguas, sem lhas elle mudar, sendo certo que todos os rios do mundo perdem sua natureza em chegando ao mar; e de estas, e de outras abusões semelhantes está cheio todo este Oriente, e assim crê toda esta gentilidade nellas, como se as víram passar, porque pera isso não ha outra nenhuma razão, e experiencia mais que dizerem-lho os seus Bramenes.

CA-

CAPITULO V.

Das cousas, em que o Capitão Mór proveo pera dar principio ao sitiar aquella Fortaleza.

PArtido o Çamorim pera a sua festa de Mamanga, tratou o Capitão Mór de desimpedir a barra, pela ter o inimigo de novo atravessada com grossos mastos surtos com cadeias de ferro, e grandes ancoras, e alguns pregados sobre estacas mui grossas mettidas com vaivens no fundo da vasa, ou arêa, e nas cabeças assentados aquelles mastos grossos, e pregados com grandes prégos, que tudo ficava mais de hum covado escondido debaixo d'agua. Este negocio encommendou a Luiz Fragoso, e a Luiz de Almeida, e com elles Pero Luiz, e Braz Coelho com seus Lascarins, e marinheiros, que leváram serradores, e officiaes, que mettidos na agua serráram os mastos com grande trabalho, e risco de todos pelas muitas bombardadas que sobre elles chovêram, e os leváram á nossa tranqueira, que estava da outra parte na ponta da arêa. Com isto ficou a barra desimpedida, e por ella entrou ao outro dia de noite huma manchua ligeira, de que era Capitão hum João Rodrigues Fialho, na-

natural de Cananor, que ao paſſar de longo do baluarte do inimigo, por onde era o canal, fallou com os Mouros delle em lingua Malavar, dizendo que lhe levava alguns provimentos, com o que paſſou seguro ſem lhe atirarem bombardadas. E por ſe recear o Capitão Mór que pela parte do Çamorim lhe entraſſem alguns provimentos ao inimigo por via dos Naires, que por dinheiro vendêram ſuas mulheres, e filhos, mandou a Belchior Ferreira com cem ſoldados, pera que daquella parte, de que ſe temia aſſiſtiſſe em guarda, e vigia bem junto ás tranqueiras do inimigo, pera que lhe não entraſſe, nem ſahiſſe couſa alguma: e juntamente mandou Antonio de Brito Fogaça, Capitão Mór do ſoccorro de Cochim, com trezentos homens em ſegredo, e o Engenheiro Mór foſſem pelo rio dentro nas manchuas a fazer huma tranqueira na banda do Ariole, que em breves dias acabou mui bem traçada, que ficou a tiro de falcão fronteira á Fortaleza do inimigo, em que o meſmo Antonio de Brito Fogaça ficou por Capitão com duzentos homens, e lhe prantou algumas peças de artilheria com que fez notavel damno aos inimigos, por lhes deſcubrir dalli as ſuas praças, e bazares, e as mais das ruas, e muita parte da povoação. Eſta tran-

quei-

queira foi o Capitão Mór ver de longo do rio, e della esteve de novo reconhecendo todas as fortificações daquella parte, e ao voltar visitou o Ariole de Bargare pelo ter propicio, o que elle estimou muito; porque destas visitas que fazia a estes, sempre lhe ficavam em casa algumas peças, no em que elles só trazem os olhos. Vindo de lá, mandou a D. Francisco de Sousa com trezentos soldados, e ao Engenheiro Mór com todos os petrechos necessarios pera fazer outra tranqueira junto á de Antonio de Brito Fogaça, mais á borda d'agua, pela outra estar sobre hum tezo, que se fez muito bem ordenada a tiro de espingarda do inimigo, e nella ficou assistindo por Capitão, e dalli fazia grande damno aos Mouros, porque cada dia lhe matava, e feria alguns.

Vendo o Cunhale entrado o rio, e as nossas tranqueiras tão senhoras das suas, mandou fazer outra muito forte na ponta da arêa sobre a barra da sua parte; porque algumas almadias, que tinha despedidas a buscar mantimentos, vindo com elles, esperariam alguns noroestes rijos com que os nossos navios se affastassem da terra, e ellas tivessem lugar pera na escuridão da noite, passando por meio da Armada, irem encalhar naquella parte, como al-

algumas fizeram; e como os Mouros esperavam por ellas, logo os mantimentos eram levados nos ares, e recolhidos, e as mesmas almadias varadas ao pé do baluarte: e além disto varejavam dalli a nossa tranqueira, que estava da outra parte, e lhes faziam bem de damno. O que visto pelo Capitão Mór, determinou de lha ganhar, e fortificar nella, e encarregou este negocio a André Rodrigues o Palhota, com seiscentos homens divididos em duas partes, e esquadras: huma pera commetter á tranqueira; e a outra pera ter o soccorro que lhe viesse, mandando ordem a Belchior Ferreira, que assistia da banda do Çamorim, pera que com os seus soldados, e os Naires do Çamorim commettesse por lá as tranqueiras do inimigo, ao mesmo tempo que por cá dessem, que havia de ser a meio quarto da modorra, noite que era de luar muito claro, porque áquella hora enchia a maré, e os passos por onde os inimigos haviam de acudir, e soccorrer o seu baluarte, estavam cheios de agua, e não se podiam vadear: e ás horas determinadas mandou o Capitão Mór fazer o final aos navios, que estavam de fóra, que remettêram com a terra, onde puzeram as proas, e desembarcáram todos, e nos dianteiros foram D. Fernando de Noronha, e seu

seu irmão D. Christovão de Noronha, e com furor espantoso commettêram as guaritas, e com muita facilidade as ganháram, sendo o primeiro que nellas entrou Luiz de Almeida, e com muito valor foram levando os inimigos de vencida até á tranqueira de madeira, onde já estava Belchior Ferreira com a gente do Çamorim, e com a sua a que tinha posto o fogo, e sobre ella peleijáram os nossos muito esforçadamente.

Ouvindo o Cunhale a revolta, sabendo que era de todo entrado dos nossos, acudio em pessoa, e fez voltar os Mouros, que hiam fugindo; e ajuntando outros de outras estancias, os fez passar os alagadiços, assim em almadias, como a nado; e ajuntando-se mais de quinhentos, tornáram a remetter com as guaritas, onde os nossos estavam; e com tanta determinação os commettêram, que houvera da nossa parte grandes desarranjos, se D. Fernando, e D. Christovão de Noronha seu irmão com alguns mais não tiveram o pezo. Aqui esteve o negocio suspenso, e muitos dos nossos mostráram bem todos os quilates de seu valor, obrando grandes cavallerias. E quando os Mouros commettêram da primeira vez os nossos, que os fizeram recolher ás guaritas, Luiz de Almeida se atravessou na porta

ta com huma chuça nas mãos, e teve o encontro aos inimigos, que commettêram a porta, ficando descuberto, e por barreira ás espingardadas, e frechadas que os inimigos lhe atiravam, de que o Deos nosso Senhor guardou. Em fim, desta feita ficáram os nossos senhores daquellas guaritas, que custáram a vida a João de Seixas Cabreira, valente Capitão, e a Pero de Gois Capitães de navios, e a nove soldados, a fóra quarenta, que ficáram feridos, e dos Mouros morrêram mais de seiscentos, além dos feridos, que foram muitos, conforme a huma lembrança que achei de hum curioso, que foi pondo em lembrança todos os successos deste cerco.

Nestas guaritas, ou tranqueiras, que se ganháram, ficou por Capitão D. Fernando de Noronha com trezentos soldados. Belchior Rodrigues com a sua gente, e a do Çamorim commettêram (como já dissemos) a tranqueira de madeira, que cortava aquella ponta de arêa da costa brava até ir em sima a fechar no rio, que tinha tres guaritas, em que de ordinario estavam perto de trezentos Mouros, que Belchior Rodrigues logo achou despejadas, porque a gente dellas acudio ao soccorro da tranqueira, que lhe os nossos ganháram: pelo que tiveram tempo de pôr o fogo a huma parte

te

te della, a que os Mouros acudíram, e a tornáram a renovar, sobre o que tiveram huma grande batalha, como já disse, e com este feito se recolheo o Belchior Rodrigues a suas estancias cheio de venturosos successos. Com isto, e com a falta, que havia na Fortaleza de mantimentos, se abaláram alguns Mouros principaes a se sahirem della com suas familias; o que fizeram a seu salvo da nossa parte, pelo seguro que o Capitão Mór lhes tinha dado a todos os que se quizessem sahir della.

CAPITULO VI.

Do que mais succedeo nas tranqueiras: e dos fortes que o Capitão Mór mandou fazer: e de como ganhou as tranqueiras, e povoação.

SAbendo o Capitão Mór que o inimigo tornára a renovar a tranqueira de madeira, determinou de lha ganhar de todo, porque determinava de entrar naquelle sitio pela tranqueira grande de pedra: e este negocio encommendou a Belchior Rodrigues; e a André Rodrigues Palhota com todos os Lascarins, e gente do Camorim, que commettêram a tranqueira com muita determinação; mas acháram tal resisten-

cia nos Mouros, que a não pudéram entrar, e foi-lhes forçado recolherem-se com alguns feridos, em que entrou André Rodrigues Palhota, de huma espingardada pela boca, que lhe levou todo hum queixo com nove dentes: e nas mais das cousas, em que este cavalleiro se achou, sempre sahio escalavrado, porque em todas foi dos primeiros, e dos que mais se arriscáram, e melhor pelejáram; e se houvera de gastar o tempo em seus louvores, pudéra gastar muito, porque sempre mereceo muitos. Deste passo, em que Belchior Rodrigues estava, o mandou o Capitão Mór passar pera outro entre o arraial do Camorim, e tranqueira dos inimigos, onde já da primeira vez esteve; e no passo que deixou, mandou que ficasse Antonio Pereira Coutinho, que tinha vindo do Norte de soccorro elle, e seu irmão André Pereira, cada hum delles em seu navio ás suas custas. E porque determinava de passar a artilheria á parte do Ariole, pera de lá bater a Fortaleza, mandou fazer duas tranqueiras: huma bem defronte do baluarte, que estava em guarda da barra; e outra no direito desta mais á borda da agua na costa brava pera repairo, e abrigo dos que haviam de desembarcar a artilheria naquella parte, onde logo desembarcou tres peças

grof-

grossas, com que em sinco dias continuos bateo o baluarte do inimigo, e lhe deram com toda a fronteria no chão, deixando caminho largo, e capaz de entrarem por alli os nossos; e nesta tranqueira, e bateria assistio Antonio Collaço.

Estando as cousas nestes termos, deram ao Capitão Mór cartas do Conde Almeirante, em que o advertia que visse o como hia com aquella guerra, e que não arriscasse os homens por assaltos, e que fosse estreitando o cerco até o inimigo se lhe entregar, porque assim ficaria a vitoria mais fermosa; e com isso outros avisos necessarios, e de Capitão prudente. Com esta carta convocou o Capitão Mór conselho, e lha mostrou, e pedio lhe dessem todos seus pareceres sobre o que faria, tendo consideração ao tempo, que se hia acabando o verão, e chegando o inverno, e ao estado, em que o inimigo estava; e que se daquella feita se não concluisse aquelle negocio, temia que ficasse depois o Cunhale com a gloria de se defender dous annos dos nossos; e que passando dalli, quem seguraria que tornasse o Camorim a ella, e que o Cunhale a poder de muito dinheiro o não trastornasse, e assim ficaria o Estado tendo os inimigos dobrados; e que por muito cabedal, que depois mettesse, sem ter de sua

parte o Çamorim, não poderia effeituar cousa alguma. Sobre estas proposições votáram todos; e depois de muitas altercações, foram os mais de parecer que convinha ao Estado concluir-se aquella guerra o mais depressa que pudesse ser, e que se commettesse o inimigo por assalto, porque a guerra não se fazia sem risco; e que menos mal era morrerem cem homens, que ficar aquelle tyranno em pé, que custaria depois as vidas, e as fazendas a muitos. Que se commettesse o inimigo com todo o poder que alli havia, repartido em tres esquadrões, e por tres partes, porque na Fortaleza não havia poder pera acudir a tanto, e que assim facilmente se levaria nas mãos. Este assento assignáram todos, e se mandou ao Conde Almeirante, que o não approvou, e mandou que se guardasse o que elle tinha mandado, e pelos Mosteiros dos Religiosos que encommendassem aquelle negocio muito a Deos, porque as cousas, que se não registam primeiro com elle, nunca tem bom fim.

Assentado este conselho, determinou o Capitão Mór André Furtado de Mendoça de o pôr em effeito, e pera isso foi visitar todas as tranqueiras da banda do Ariole, e deo ordem a todos os Capitães dellas do como se haviam de haver no dia do as-

sal-

ſalto; e aſſim repartio toda a gente, que ſeriam dous mil Portuguezes, em tres batalhas: huma tomou pera ſi; e as duas deo huma a D. Franciſco de Souſa, e outra a Antonio de Brito Fogaça; e encommendou a todos que ſe confeſſaſſem, e commungaſſem, como o fizeram, occupando-ſe naquelle miniſterio os Padres Franciſco Rodrigues, e Manoel Gaſpar, da Companhia de Jeſus; e outros Padres de S. Franciſco, e S. Domingos, que todos diſſeram Miſſa, a que todos os ſoldados, e Capitães commungáram. Andando-ſe o Capitão Mór preparando pera dar o aſſalto, chegou o Çamorim da ſua feſta de Mamanga na entrada de Março, e logo o Capitão Mór o foi viſitar, e lhe deo conta do eſtado em que as couſas eſtavam; e a voltas diſſo lhe fez muitas queixas de ſeus Regedores, e Naires, de quem em quanto elle Çamorim eſteve auſente não recebeo ajuda, nem favor, nem algumas das couſas das que ſe capituláram, e que elle Çamorim lhe deixou a todos tão encommendadas, de que o Çamorim moſtrou no exterior grande ſentimento, que póde ſer que o não tiveſſe no interior, porque era, e ſempre fora falſo, e fementido, e até então não tinha proſeguido naquella guerra ſenão pelo que lhe a elle relevava, e aſſim diſſe muitas couſas

ſas ao Capitão Mór, que o entendia muito bem; e aſſim ſe deſpedíram hum do outro com muitos cumprimentos.

Tanto que o Çamorim veio da ſua feſta, logo ao outro dia o mandou o Cunhale viſitar com muito dinheiro, e peças ricas, e a voltas diſſo lhe mandou pedir ſeguro, porque ſe lhe queria ir entregar; mas com condição que lhe havia de dar a vida a elle, e a todos os que com elle eſtavam. E iſto tratáram com elle os Mouros, que a iſſo mandou de feição, que lho concedeo o Ç,amorim, e lhe mandou o ſeguro que lhe pedio; e com elle ſe ſahíram logo da Fortaleza duzentos e ſincoenta Mouros, que os Naires do Ç,amorim, e Belchior Rodrigues foram receber, pelo mandar aſſim ElRey, o que fizeram junto á tranqueira de madeira; e vendo Belchior Rodrigues tão boa occaſião, entrou-a, e a queimou toda. E ainda paſſáram os noſſos tanto adiante, que puzeram fogo a todos os navios, e caſas, que havia entre huma tranqueira, e outra; e chegando á tranqueira de pedra, acudíram os Mouros, a cuja conta eſtava a guarda della, e travátam com os noſſos huma muito aſpera batalha.

Deſta revolta ſe deo recado ao Capitão Mór, que logo com muita preſſa acudio a recolher os ſeus, porque lhe não acontecceſ-

cesse algum desastre; e nesta revolta foi ferido em hum pé de hum estrepe dos muitos que havia ao longo do muro pela banda de fóra. O C,amorim não ficou muito gostoso daquelle caso, por ver quanto os nossos queriam levar a cousa pelo rigor das armas, desejando elle concluillo pelo modo que tinha concertado com o mesmo Cunhale, pelo muito que lhe tinha dado, e pelo que ainda esperava lhe désse. Vendo o Cunhale aquelle negocio, e a queima da sua tranqueira, navios, e casas, houve que o C,amorim o enganava, pelo que tratou de se defender até perder a vida, e pera isso se recolheo na Fortaleza com os Mouros, que lhe pareceo bastavam, pelos poucos mantimentos que tinha.

Aquella noite, que isto aconteceo, entráram pela barra dentro dous navios, de que d'hum delles vinha por Capitão D. Manoel de Lacerda, e do outro D. Pedro Coutinho, que se quiz achar naquella guerra, por virtude de huma Provisão, que o Conde Almeirante passou, com parecer da Relação, porque perdoava até certos annos de degredo, que lhe deram por humas brigas que teve em mancebo, por cuja causa ficava inhabilitado pera ir entrar na Fortaleza de Ormuz, com que estava despachado. Quiz-se remir delle com

se

se achar presente naquella guerra, pera que negociou aquelle navio á sua custa, com muitos soldados com que gastou muito: e logo apôs elle começáram a entrar os navios que quizeram, como foram os de Gaspar de Mello, Gonsalo Mendes de Macedo, e Francisco de Macedo, que recebêram muitas bombardadas do baluarte da barra, de que matáram hum soldado ao Gonsalo Mendes.

O Capitão Mór nas dilações do Camorim foi entendendo que hia naquella guerra tão lentamente pelas muitas dadivas que lhe o Cunhale dava, assim a elle, como aos seus Regedores: pelo que se determinou de concluir aquelle negocio, porque se hia gastando o tempo; e desta sua determinação avisou a todos os Capitães, e lhes disse, que havia de commetter o muro de pedra pera por elle entrar no sitio, e plantar suas estancias sobre a Fortaleza, e deo-lhes a ordem, que todos haviam de ter, e repartio suas gentes por esta maneira. A dianteira deo a D. Francisco de Sousa com quatrocentos soldados escolhidos, pera commetter o muro pela parte do levante. André Rodrigues, o Palhota, que não estava bem são, com seiscentos homens pera entrar pela barra, e commetter o baluarte, que estava sobre ella, a que chamam

mam o Branco; e o Capitão Mór com mil e duzentos homens, em que havia a flor da Fidalguia, e soldadesca da Armada, pera commetrer o muro pela parte do C,amorim, e logo repartio munições, e fez todas as preparações necessarias.

E aos sete de Março se passou o Capitão Mór á parte do C,amorim, com quem se vio, e lhe deo conta de como estava resoluto em commetter as tranqueiras do Cunhale, e lhe pedio que elle com os seus Naires o seguissem, conforme as capitulações que estavam feitas, e elle por obrigação tinha. O C,amorim vendo aquella determinação do Capitão Mór, respondeolhe com muita frieza, que deixasse aquelle negocio pera outro dia, que então faria tudo. André Furtado, sem lhe responder cousa alguma, foi marchando pera as tranqueiras, e chegou á de madeira, que estava queimada. Vendo o C,amorim a sua determinação, foi-o seguindo com seis mil Naires; e chegando a elle, lhe disse, que elle estàva alli muito prestes pera cumprir tudo o que lhe tinha promettido; do que o Capitão Mór lhe deo os agradecimentos, e despedio a Pero de Bendanha com alguns soldados, e o Engenheiro Mór a reconhecer a tranqueira de pedra pela parte, por onde a elle queria commetter, o que elle

fez

fez com muito cuidado, e lhe deo particular relação de como estava.

Com isto mandou fazer o final, que tinha dado aos mais Capitães dos outros terços, e a elle arremettêram todos com aquella parede, que não teria mais de oito palmos de altura, mas muito larga: puzeramlhe os peitos com muita determinação; e o primeiro que subio assima ajudado dos seus, foi o Capitão Mór, e com alguns se poz no releixo; porque hum pouco antes que o muro subisse, se foi estreitando, e fazendo hum parapeito com seteiras, pera dellas jogar a sua arcabuzaria. Tanto que o Capitão Mór se vio em sima, logo o muro se encheo de soldados, e foram demandar os baluartes, e guaritas, que os Mouros despejáram de pressa, e se foram recolhendo pera a Fortaleza com tanta revolta, e desattento, que ao entrar tomou fogo huma pouca de polvora, que alli tinham, que abrazou hum grande número de Mouros. D. Francisco de Sousa, e André Rodrigues Palhota commettêram os baluartes, que lhes foram encommendados, e com a mesma facilidade os entráram, e ganháram. Com o que os nossos foram senhores de tudo o que havia da Fortaleza pera fóra, e logo deram fogo á povoação, e bazares, donde já os Mouros tinham recolhido tudo o que havia.

Tan-

Tanto que o Camorim vio tudo ganhado, deixou-se ficar em hum dos baluartes do muro, e com muita pressa mandou derribar todo o muro pelo chão, o que se fez em brevissimo espaço, por ter mais de quarenta mil Naires. E quando André Furtado se foi recolhendo do baluarte de sobre a barra, achou feita aquella ruina até os alicerces; e bem entendeo que se fizera por se elle não fortificar alli, com o que ficaria tendo pouca necessidade delle, e de sua gente; e elle queria que sempre o Capitão Mór dependesse de sua ajuda, e favor. Os nossos soldados ordinarios, e os Naires começáram a cavar as casas, em que acháram cousas de pouco momento; e sobre ellas começou a haver algumas desordens entre huns, e outros; ao que mandou acudir o Capitão Mór com grandes penas, que nenhum Portuguez cavasse as casas, e que deixassem aos Naires rabiscar essa pouquidade que havia.

CAPITULO VII.

De como o Capitão Mór prantou sua artilheria sobre a Fortaleza: e das desconfianças que houve da parte do Çamorim.

VEndo-se o Capitão Mór senhor da povoação, tomou pera sua estancia o baluarte da barra; e a André Rodrigues Palhota mandou que assistisse com quinhentos homens na Mesquita junto da Fortaleza, que o anno passado se tinha queimado, onde fez huma tranqueira pera sua segurança, e de dia, e de noite estavam com as armas nas mãos; porque foi o Capitão Mór avisado que os Mouros desesperados determinavam sahir da Fortaleza, e darem nos nossos, e morrerem como amoucos. Aqui nesta tranqueira houve sempre trabalho, por ser muito perseguida da artilheria, e arcabuzaria da Fortaleza, de que lhes feríram alguns soldados. A D. Francisco de Sousa com o seu terço encommendou, que fizesse sua estancia no baluarte, que estava na guarda da porta da Fortaleza de pedra, que só ficou em pé; e em todos os mais lugares necessarios poz presidios, do que o C,amorim se tomou muito, porque lhe disseram os Naires que senhorear-

se

se o Capitão Mór de tudo era final que se queria apossar da Fortaleza, e não cumprir o que estava capitulado entre elles. E tantas cousas lhe disseram sobre isto, que foi logo ao Capitão Mór ao baluarte de sobre a barra, que tinha já rodeado de hum valo forte, por lhe ficar mais capaz: e nas práticas que tiveram, lhe disse o Çamorim, que lhe não parecia bem ver a diligencia com que se fortificava em todas as partes, porque dava a entender ser aquella prevenção mais a respeito delle Çamorim, que não do Cunhale, que já estava encurralado na Fortaleza, donde não podia sahir, que lhe affirmava que não havia de consentir tal: e logo os Naires começáram a derrubar os valos, e quererem-no fazer ao mesmo baluarte.

André Furtado ficou hum pouco suspenso naquella materia; mas logo tomou as armas com a soldadesca que tinha, e acudio a affastar os Naires da obra em que estavam, como fez: e acudindo tambem o Çamorim, lhe disse o Capitão Mór pelo Padre Francisco Rodrigues, que fortificar-se elle era obrigação de todo o Capitão, que o não fazia senão por ter os seus soldados recolhidos em seus presidios, assim porque os inimigos se lhe não pudessem sahir por alguma parte vasia, como por se não

des-

desmandarem, e terem algumas differenças com os seus Naires, que elle sentiria muito, porque sua tenção era servillo em tudo, e não enojallo. O C,amorim já mais brando lhe disse, que lhe parecia bem; mas que lhe désse hum daquelles baluartes pera se elle fortificar nelle. Do que se o Capitão Mór escusou com lhe dizer, que sem licença do Conde da Vidigueira Viso-Rey lho não podia consentir; porque tanto que ganhára aquelles fortes, já ficava obrigado a elles como por menagem: que se fiasse elle C,amorim delle, que em tudo o que nas capitulações lhe tinha promettido, lhe havia de cumprir muito a seu gosto.

O C,amorim ficou daquillo muito apaixonado; e sem replicar, voltou, e se foi metter no baluarte, em que estava D. Francisco de Sousa, e disse-lhe que queria estar alli como seu soldado; do que D. Francisco avisou o Capitão Mór, que o mandou recolher, e que deixasse nelle o C,amorim, que mandou dizer a André Furtado, que os Naires do seu Reyno tinham mais de quatrocentos Mouros pera fazerem outro Cunhale, e lançar de suas terras quem lhe parecesse, que havia de estar em alguma parte dellas contra sua vontade, e gosto. Vendo o Capitão Mór aquelle despropósito de ElRey, lhe mandou res-

spon-

ponder, que elle em vinte e quatro horas conquistára, e senhoreára com menos gente da que então tinha, Reynos, e Reys; e que depuzera huns, e alevantára outros; e que lhe sería muito facil fazer-lhe outro tanto a elle, pois se queria alterar, e mostrar desarrazoado sem causa. O Padre Francisco Rodrigues, que era o Interprete destas cousas, me disseram os Padres da Companhia, que não quizera dizellas ao C,amorim tão cruas, e seccas, como lho elle mandava dizer, e assim com sua prudencia foi temperando o C,amorim, e tendo mão nas cousas, porque via que se se desconcertassem, se perderia aquella jornada. E todavia o C,amorim mandou chamar os Mouros, que tinha em Panane, e toda a mais gente, que trazia em campo contra ElRey de Cochim, em favor do Caimal da Curugeira, a quem aquelle Rey fazia crua guerra, só a fim de divertir o C,amorim das cousas do Cunhale contra o que tinha promettido ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.

Desta tenção do C,amorim foi André Furtado avisado, e despedio hum catur ligeiro com cartas a ElRey de Cochim, em que o avisava da determinação do C,amorim, pedindo-lhe que se a gente, que lá trazia, fizesse mudança de si, lhe mandasse

dar

dar nas costas, e os desbaratasse, e senhoreasse a Curugeira como desejava, porque elle iria tambem dando no Çamorim, e o desbarataria.

Parecia certo nestes desconcertos, que andava o demonio desenfreadamente mettido nestas cousas, pera estorvar hum negocio de tanta importancia ao Estado da India; porque o Çamorim, que foi sabedor da carta de André Furtado, esteve pera romper de todo com elle; mas o Padre Francisco Rodrigues o foi sempre moderando, e tendo mão em sua paixão, e divertindo-o della, fazendo nisso todos os officios, que lhe parecêram necessarios, pera que se não levasse mão daquelle negocio, que estava em muito bom estado.

O Capitão Mór como conhecia a variedade deste Rey, e sabia que o Cunhale havia de trabalhar por se remir com todo o dinheiro que tivesse, não quiz ficar nas mãos da mudança daquelles homens, mandou logo fabricar huma forte tranqueira ao redor daquelle baluarte, em que estava, onde não deixou entrar Naire algum, e o mesmo mandou fazer nas mais estancias, que tinha na mesquita pera segurar aquella jornada, porque mais se ficou receando do Çamorim, que do Cunhale, e todos os mais presidios recolheo a si, dando-lhe

or-

ordem que em sentindo alguma alteração, dessem nos Naires como em inimigos. O C,amorim tanto que vio recolher o Capitão Mór a si toda a soldadesca, que estava no baluarte da tranqueira de pedra, o mandou logo derrubar, porque os nossos se não tornassem a fortificar nelle.

Neste mesmo dia que isto succedeo, que foi aos dez de Março, entrou pela barra a barcaça, e foi surgir cento e sincoenta passos da Fortaleza, que começou a bater com dous basiliscos, que lhe derribáram hum lanço do muro: e delle lhe respondêram tambem com tiros tão certos, que pelos escotilhões lhe entráram pelouros, que com as rachas que fizeram na barcaça, feríram o Capitão della Luiz Fragoso, e matárão dous soldados.

E tornando ao Padre Francisco Rodrigues, lá moderou o C,amorim de feição, que mandou dizer a André Furtado de Mendoça, que o queria ir ver, o que elle estimou muito; e tendo vigia em quando se abalava, se sahio do forte com toda a soldadesca posta em armas, em fórma de Lua, ficando elle em pé na porta. O C,amorim chegou a elle com huma alegria fingida, e se deram as mãos em final de amizade; e mandou-lhe dizer que fizesse o que quizesse, e o que lhe melhor parecesse, pera se

ſe dar fim áquella empreza, que delle fiava tudo, e que ceſſaſſem as paixões. André Furtado lhe reſpondeo com palavras mui brandas, e cortezes, que elle não havia de fazer mais que o que ſua Alteza lhe mandaſſe, e que ſeguiria ſua ordem, porque aſſim lho tinha mandado o Conde Viſo-Rey. Com iſto ſe deſpedio o C,amorim mais leve, e deſaſſombrado; e ao apartar-ſe, lhe deram os noſſos a mais fermoſa ſalva de arcabuzaria, que alli ſe vio, de que elle, e os Naires ſe foram bem atemorizados.

Eſta noite ſeguinte ſe foi dando bateria á Fortaleza, aſſim da barcaça, como das eſtancias, que eſtavam em terra com muito terror, e na força della ſe foram offerecer ao Capitão Mór Luiz de Almeida, João Aranha, André Coelho, André Simões, Salvador Mendes, Pero Jaques, hum João Teixeira de Vaſconcellos, e outros pera irem queimar huma véla de Cotonia com que foram tapando hum pedaço do muro, que lhe foi cahindo, que lhe elle deo. E indo-ſe chegando ao muro com lanças de fogo, começou de ſima a chover ſobre elles cardumes de pedradas, fréchadas, e eſpingardadas, a pezar do que chegáram eſtes valeroſos ſoldados ás vélas, por quem o Luiz de Almeida metteo huma lança de

fo-

fogo, que toda se desfez dentro, e accendeo huma grande labareda, que metteo a todos os da Fortaleza em revolta; e com muitos gritos, e alaridos acudíram áquella parte, cuidando que eram entrados, ficando alguns Mouros abrazados; e os nossos se recolhêram a seu salvo, tirando sómente Luiz de Almeida, que ficou queimado na mão esquerda.

CAPITULO VIII.

De como o Cunhale se entregou ao Çamorim: e de outras cousas que succedêram.

A Bateria se foi continuando sem cessar hum momento de modo, que não dava lugar aos inimigos reformarem as ruinas. E o Cunhale estava em tal estado, que por de todo lhe faltarem mantimentos, se veio a valer de grande montaria de ratos mui grandes, que salgou em jarras, com que se hia entretendo: e apertou a necessidade tanto com todos, que se affirma que chegáram a estado de comerem os mortos. Em fim, chegáram a tão extrema necessidade de mantimentos, que mandáram os principaes pedir seguro ao Çamorim pera se passarem a elle, que lhe mandou; e apresentados diante delle, lhe disseram da

parte do Cunhale, que lhe pedia muito houvesse delle misericordia, que se lhe queria entregar, promettendo-lhe a vida a elle, e aos que com elle estavam; o que lhe elle concedeo, e lhe passou pera isso suas Ollas. Este negocio mandou o Ç,amorim communicar com o Capitão Mór, pedindo-lhe que o houvesse assim por bem, que elle lhe promettia de lhe entregar Cunhale vivo, e alguns de seus Capitães. E elle lhe mandou dizer, que fizesse Sua Alteza o que quizesse, que elle era de tudo muito contente. Com esta resposta do Capitão Mór concedeo o Ç,amorim treguas ao Cunhale por dous dias, pera nelles tratar de sua entrega. E temendo o Capitão Mór que nos dias das tregoas se sumisse o Cunhale, e seus Capitães, por ordem do Ç,amorim mandou Diogo Moniz Barreto com trezentos soldados, pera que fosse fazer huma tranqueira da banda do Norte perto da Fortaleza, e á borda do rio, e ficasse nella com grandes vigias, pera que por aquella parte não sahisse alguem da Fortaleza. Os dias das treguas hiam-se acabando, e o Cunhale não se entregava, do que o Capitão Mór teve má suspeita, porque receava que o Ç,amorim a poder de dinheiro désse desvio a todos os que estavam na Fortaleza; pera não virem a mãos do Capitão Mór.

Pe-

Pelo, que mandou dizer ao C,amorim, que concluisse com aquelle negocio, que era já tempo, senão que commetteria a Fortaleza, e a escalaria, e passaria todos os que nella achasse á espada. A isto lhe mandou o C,amorim responder, que não tinha concluido aquelle negocio, porque via os seus soldados tão inquietos, que temia que houvesse na entrega alguma desordem com os seus Naires.

Mas logo assentou o C,amorim com o Cunhale, que ao outro dia se entregasse, que eram dezeseis de Março; e mandou pera isso recado ao Capitão Mór, que se foi chegando com toda a sua soldadesca pera a tranqueira, em que estava Antonio Pereira Coutinho junto da Fortaleza na mesquita, onde primeiro esteve D. Francisco de Sousa, aonde o Çamorim tambem se foi com todo o seu poder; e o Capitão Mór deitou os seus soldados mui bem ordenados da parte do Ponente, e o C,amorim ficou da do Levante, deixando entre hum, e outro exercito hum caminho largo, pera o que se derribou hum pedaço daquella tranqueira; e ao tempo que o Cunhale havia de sahir da Fortaleza, mandou o Capitão Mór a Antonio Pereira Coutinho com quarenta soldados, e o C,amorim hum Regedor com outros tantos Naires pera irem re-

receber o Cunhale á porta da Fortaleza. O Camorim estava de todo desconfiado, porque temia que ao sahir o Cunhale entrassem os nossos na Fortaleza (que era o em que elle tinha o olho) e a saqueassem, que era o porque dilatou alguma cousa aquelle negocio. André Furtado de Mendoça, que o entendeo bem, lhe mandou dizer que acabasse já com suas dilações, senão que entraria a Fortaleza por força, e tomaria o Cunhale. Vendo o Camorim esta resolução, mandou-lhe dizer que se não apaixonasse, que logo se faria tudo.

Dalli a pouco começáram a sahir da Fortaleza os Mouros, que seriam quatrocentos, muitos delles feridos, e queimados, e logo as mulheres, e meninos tão debilitados todos, que pareciam defuntos, a quem o Camorim disse que se fossem pera onde quizessem. Por derradeiro sahio o Cunhale com huma touca preta, e a espada na mão com a ponta pera baixo. Sería a este tempo homem de sincoenta annos, meão de corpo, refeito, e espadaudo: vinha no meio de tres Mouros principaes. Hum delles era Chinale, casta China, que fora creado em Malaca, e dizem que cativo de hum Portuguez, que em moço foi cativo em huma fusta, e levado a Cunhale, que se affeiçoou tanto a elle, que

se

se lhe entregou todo. Foi o mór professor da seita dos Mouros, e inimigo dos Christãos que todos os do Malavar; porque pera os que cativavam no mar, que logo eram levados alli, inventava os mais exquisitos generos de tormentos que se víram, com que os martyrizava.

O Cunhale foi-se direito ao Camorim, e lhe entregou a espada em sinal de rendido, e se lhe debruçou aos pés com muita humildade. Dizem alguns que pelo que lhe tinha promettido de lhe dar a vida, tinha mandado dizer em segredo ao Capitão Mór, que ao tempo que o Cunhale se lhe entregasse, lançasse mão delle; como que lhe fazia força pera sua satisfação; o que o Capitão Mór fez. Porque tendo-o o C,amorim comsigo, se chegou André Furtado de Mendoça, e o tomou por hum braço, e puxou por elle pera fóra, e a este ferrar delle deo hum solavanco mui grande por se soltar; e como isto era á borda de huma cava, esteve o Capitão Mór arriscado a cahir nella, se o não tivera por hum braço o Padre Fr. Diogo Homem, Religioso da Ordem do Glorioso Padre S. Francisco, que estàva junto delle de huma parte, e da outra Diogo Moniz Barreto, que foi cahindo na cava, e esfolou toda huma perna. A isto se alevantou hum rebo-

boliço entre os Naires, com que muitos dos nossos se desordenáram, ficando o Capitão Mór com poucos, que se puzeram diante dos Naires, e lhe tiveram o encontro: Mas logo o Camorim mandou que cessasse o reboliço, e não bullissem comsigo. E nesta revolta hia já o Chinale fugindo, e com elle Cotiale, sobrinho do Cunhale, se os nossos soldados os não víram; que lançáram mão delles, e os leváram ao Capitão Mór, que estava afferrado no Cunhale, que entregou a Antonio Pereira Coutinho, pera com os outros os levar á sua estancia, que era o baluarte de sobre a barra, que o levou por hum braço, e Luiz de Almeida por outro, e com huma boa companhia de soldados de guarda.

Feito isto, tomou o Capitão Mór o Camorim pela mão, e entrou com elle na Fortaleza, e lhe disse, que elle em nome de ElRey de Portugal, e do Conde Almeirante Viso-Rey lhe concedia tudo o que havia dalli pera dentro, tirando a artilheria, que se havia de partir pelo meio, como estava assentado: que elle o deixava de posse de tudo; e chamando os Capitães com seus soldados, sahio-se pera fóra. E no terreiro vio estar hum Padre com hum Crucifixo alevantado; e em o vendo, se prostrou pelo chão diante delle com os olhos arrazados,

e

e banhados em lagrimas, e lhe deo muitas graças por aquella mercê que lhe fizera, com palavras de muito bom, e catholico Christão, e reconhecido de tamanhos beneficios, como tinha recebido daquelle Senhor. E porque os soldados estavam alterados por lhes não darem quinhão no saco da Fortaleza, os foi o Capitão Mór quietando com muitas promessas que lhes fez. E deixando o Camorim no seu saco, e despojo, se foi recolhendo pera o baluarte, onde achou o Cunhale tão triste, como homem que de esperanças de Rey o puzera a fortuna na miseria, e desaventura de cativo. Elle em vendo o Capitão Mór se lhe humilhou, e elle o alevantou, e consolou com palavras muito honradas, e lhe mandou alli lançar duas pontas de cadeia em hum pé; e ao sobrinho, e Chinale outras duas, e os mandou pera a galé, mandando a seus criados que o servissem como a sua propria pessoa.

Aquelle dia gastou o Capitão Mór em armar muitos cavalleiros, e o Camorim em despejar a Fortaleza de tudo o que nella achou, que ainda montou huma muito arrazoada quantidade de fazenda, posto que não houve dinheiro, nem pedraria. E presumio-se que passára seu thesouro, que era grande, ao rio de Tremapatão a mãos

de

de parentes que alli tinha, em que todo se sumio. A artilheria se tirou da Fortaleza, e se partio pelo meio, e a que coube ao Estado mandou o Capitão Mór embarcar nas galés.

Vendo o C,amorim a liberalidade de que o Capitão Mór usou com elle em lhe dar todo o recheio da Fortaleza, por se lhe mostrar agradecido, mandou-lhe entregar quarenta Mouros dos mais honrados de Cunhale, que depois morrêram todos em Goa no tronco por ordem do Conde Viso-Rey; e porque se fazia tempo de se partir pera Goa, mandou o Capitão Mór derribar toda a Fortaleza, sem lhe ficar pedra sobre pedra; e á povoação, bazares, e mesquitas mandou pôr fogo, deixando tudo o que alli foi escondido debaixo das cinzas. Tudo isto aconteceo aos vinte e dous de Março.

Certo que não sei qual foi a razão, por que estando concedido no contrato das pazes, que daria o C,amorim lugar pera se fazer Fortaleza no porto de Calecut, se não pedio antes neste rio do Cunhale, e esta que estava já feita, e mui bem acabada, pera onde, segundo o parecer de alguns, se havia de mudar a fábrica da de Cananor; porque não sei que fundamento se teve em se fazer, onde não ha porto, nem

nem recolhimento, mais que huma bahia sómente, e esta desabrigada, e sem cousa, onde se possão recolher nossas Armadas em huma tormenta, nem lugar pera podérem invernar, varadas sem risco de as queimarem, como fizeram algumas vezes a alguns navios. E neste rio de Cunhale ha tudo isto, por ser capaz de entrarem nelle vinte galés, e onde póde invernar toda huma Armada do Malavar mui bem accommodada; e aqui o ficariam melhor os casados, por terem lugar mais estendido que em Cananor, pera fazerem seus palmares, e suas hortas. E o Viso-Rey Ruy Lourenço de Tavora me disse ha poucos dias, que ElRey mandava que se fizesse huma Fortaleza no Malavar, pedindo-me que lhe dissesse onde sería melhor, lhe disse isto mesmo que neste rio; mas que se havia de desfazer a de Cananor. O respeito por que se fez, foi pela carga, que se dava ás primeiras Armadas de gengivre, e de alguma pimenta. Isto cessou; porque ha já tanto disto pelos portos do Canará, que podem carregar nelles todas as náos que vem do Reyno. Mas pera estarem tão mal providas, como as do Canará, e Cananor, melhor, e mais honrado estado será não nas haver, que terem-nas a risco de as tomarem os vizinhos cada vez que quizerem,

que

que ferá huma affronta muito grande. Toquei isto assim de passagem, por me cahir a proposito; e bem he praticar de tudo pera se lançar mão do que melhor parecer, e pera se advertir no que tanto convem, como he a reformação das Fortalezas da India.

CAPITULO IX.

Do que mais passou o Capitão Mór André Furtado de Mendoça com o Çamorim, e se partio pera Goa: e do que lhe succedeo com o Conde Almeirante Viso-Rey.

COncluido aquelle negocio do Cunhale, os Capitães das Armadas, que alli foram de soccorro, pedíram licença a André Furtado pera se irem, pois não havia já que fazer, e elles estarem faltos de tudo, que lhe elle deo, tendo com todos grandes cumprimentos, e palavras de agradecimentos. E ás Cidades, e Capitães dellas escreveo cartas do mesmo, e assim se partíram huns pera o Norte, e outros pera o Sul. E despedio D. Fernando de Noronha com huma galé, e seis navios pera ir dar guarda a tudo o que hia até Cochim, e ás barcaças, que já não podiam ir pera Goa, e de lá passar ao Cabo do Çamorim a recolher as náos da China, Malaca, Malu-

luco, e Bengala, e as cafilas da costa de Choromandel; o que tudo fez com muito cuidado, e diligencia de modo, que tudo poz em Cochim a seu tempo seguramente. E pera a costa do Canará despedio por Capitão Mór a D. Francisco de Sousa com a sua galé, e outros sinco, ou seis navios, pera recolher aquellas cafilas de mantimentos, e levallos a Goa, o que tudo fez muito bem. E querendo ultimamente partir-se pera Goa, foi-se ver com o Çamorim, e a despedir-se delle, e entre ambos elles se passáram grandes cumprimentos, e offerecimentos, e o Çamorim lhe mandou passar em huma lamina de ouro algumas cousas que lhe prometteo, que eram as seguintes.

Obrigou-se por si, e seus successores, que em quanto o Sol, e a Lua allumiassem o mundo, teriam sempre paz, e amizade firme com o Estado da India.

Obrigou-se mais, que por espaço de vinte annos se não tornaria a povoar aquelle sitio de nação alguma; e de Mouros nunca, e que nunca mais se tornaria a levantar Fortaleza.

Obrigou-se mais, que a todo o tempo que naquelle rio entrassem navios de cossairos, sería o Ariole obrigado aos entregar a qualquer Capitão de ElRey de Portugal, que andasse por aquella costa. Com is-

isto se despedíram, e o Çamorim mandou embarcar em sua companhia seus Embaixadores, com os capitulos das pazes perá o Conde Viso-Rey as jurar. E aos vinte e sinco de Março a hum sabbado se fez o Capitão Mór á véla, e ao outro dia chegou a Cananor, determinado em não passar dalli, por ser semana de Endoenças; e ao desembarcar foi recebido do Capitão, e povo, e lhe fizeram as festas que a Fortaleza podia dar de si; e alli se confessou elle, e todos os mais da Armada.

Aqui lhe deram cartas do Conde Almeirante, em que lhe mandava os agradecimentos da vitoria, que o Conde festejou muito em Goa: e tambem lhe pedia que com toda a Armada que tinha voltasse a Coulão, e desfizesse huma Fortaleza, que o Rey de Travancor hia fazendo vizinha á nossa, por ser affronta do Estado dissimular com ella. André Furtado de Mendoça ajuntou os Capitães logo a conselho, e nelle leo a carta do Viso-Rey, e sobre isso propoz o que convinha ao serviço de ElRey naquelle negocio; e votando todos, disseram, que estavam quebrantados da guerra, e faltos de tudo, e que ao presente não estavam pera novos gastos, e trabalhos. Quanto mais que o tempo era gastado, e que não podia aquella Armada tor-

nar

nar a invernar a Goa; e que se tornasse, seria já tão tarde, que viriam arriscados a se perderem. E vendo elle que todos tinham razão, e justiça, deo á véla pera Goa, e de caminho foi visitando, e provendo as Fortalezas do Canará, e arrecadando daquelles vassallos as pareas que deviam, e recolheo as cafilas, que alli achou carregando de arroz. E aos onze de Abril deste anno de seiscentos chegou á barra de Goa, donde escreveo ao Conde Almeirante de sua chegada, e lhe mandou o assento do Conselho, que se tomou sobre tornar a Coulão, como lhe escrevêra. Mas que por sima de tudo estava prestes pera voltar áquelle negocio, provendo-lhe a Armada, que trazia desbaratada, e falta de tudo, e se offerecia a ir invernar naquella Fortaleza de Coulão, e desfazer a que o Rey de Travancor fazia, como fez á de Cunhale, tudo pela boa ventura delle Viso-Rey. A isto lhe respondeo o Conde Almeirante que entrasse embora, porque já não havia tempo pera nada, que lá lhe ficaria outro pera fazer tudo, e que descançasse em Pangim, até se lhe apparelharem as festas, que tinha mandado á Cidade lhe fizessem.

Parecendo á Cidade que tinha obrigação fazer a este Capitão algumas honras pelas boas venturas que lhe Deos dera na vi-

vitoria que alcançou contra aquelle cossairo, de que resultou tanta honra, e proveito ao Estado da India; deram de tudo isto conta ao Conde Almeirante, que lhe disse que era bem fazerem-se-lhe festas. Com isto mandáram os Vereadores visitar a André Furtado, e dar-lhe os parabens de sua vinda, e pedir-lhe juntamente que se detivesse em Pangim, onde estava, tres, ou quatro dias, em quanto se preparavam as festas, pera o receberem, por lhe ser tudo o que se lhe pudesse fazer muito menos do que merecia; porque todos confessavam que libertára o Estado, que tão opprimido, e derribado o trazia aquelle cossairo com suas Armadas. André Furtado lhe agradeceo aquella vontade, e que por lha fazer esperaria os dias que lhe pediam: e assim tanto que tiveram tudo preparado, o mandáram avisar.

Sabendo o Conde Viso-Rey que hia o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes a Pangim visitar André Furtado; e porque soube que determinava trazer diante de si Cunhale, encarregou ao Arcebispo lhe dissesse que não convinha; e que todos os Capitães antigos que naquelle Estado cativáram grandes Capitães, os mandáram sempre da barra antes de entrarem; e havia poucos dias fizera o mesmo Thomé de Sousa

sa

ſa Coutinho a Miralibeque, Turco de nação, de quatro galés, que lhe tomou em Mombaça; e André Furtado reſpondeo que o traria até o caes, e dalli o levaſſem pera o tronco. E por iſto eſtar concertado deſta maneira, veio a Armada entrando toda embandeirada, acompanhada de outras muitas embarcações, que acudíram da Cidade, e de Bardés mui enramadas, com o que o rio ficou quaſi entulhado; e por elle dentro ſe vieram desfazendo com bombardadas, e grandes eſtrondos de inſtrumentos bélicos, e alegres, de tambores, pifaros, charamellas, e trombetas. E antes de ſurgirem no caes defronte dos apoſentos do Viſo-Rey (donde até á Sé, onde haviam de ir em procisſão dar graças a noſſo Senhor pela mercê, que lhe fizera da vitoria, que alcançou do Cunhale, tinha a Cidade tudo cuberto de arvores, e ramos verdes, e á porta da Cidade eſtavam os Vereadores, e o Arcebiſpo eſperando por elle) ſe adiantou hum dos navios da Armada, em que vinha hum criado de André Furtado, que por ſua ordem lançou no caes quatro, ou ſinco Mouros, que os rapazes logo matáram ás pedradas, ſem toda a juſtiça que alli eſtava lhe poder valer. E ficou o povo com iſto tão alterado, que temeo o Conde Viſo-Rey que houveſ-

se huma grande desordem; e por isso mandou pelo Licenceado Lisuarte Caeiro da Gram, que servia de Ouvidor Geral do Crime, dizer a André Furtado que com a desordem que fizera o seu criado em lançar os Mouros na praia se alterára tanto o povo, que temia houvesse alguma grande desordem com a vista do Cunhale: pelo que lhe pedia houvesse por bem deixallo na galé entregue ao Ouvidor Geral, pera, como elle passasse pera a Sé, o levar ao tronco. Ao que André Furtado replicou. E o Ouvidor Geral foi tão pouco cortezão, que sem tornar ao Viso-Rey com a resposta, que lhe André Furtado deo, insistio em cumprir a ordem que lhe dera, de que resultou ir-se André Furtado pera a Madre de Deos. Sabendo o Conde a occasião da sua ida, mandou logo chamar o Ouvidor Geral, e perante muitos Fidalgos velhos, e graves lhe perguntou o que passára com André Furtado; e contando-lhe o que fica dito, o reprehendeo o Viso-Rey mui asperamente, porque lhe não viera com recado; e pois sabia tão pouco que arriscava hum homem de tantos merecimentos, e que sua Mageſtade estimava muito, que puzesse a vara, e se fosse suspenso pera sua casa, onde o teve dous mezes. E se lhe tornou a vara, foi por André Furtado perseverar em

seu

ſeu arrufo, e não ſe querer reduzir, tendo o Viſo-Rey com elle muitas ſatisfações pelo Arcebiſpo, e por João Rodrigues de Torres, Veador da Fazenda, e outras peſſoas de authoridade.

E conſiderando o Conde Viſo-Rey os merecimentos deſte Fidalgo, diſſimulou a pouca ponderação com que commetteo a ida, que fez pera a Madre de Deos, ſem lhe fallar, nem dar conta do ſuccedido na jornada; entendeo-ſe imaginára, ainda que com pouca razão, que o Viſo-Rey pelo desgoſtar não quizera que levaſſe Cunhale diante de ſi na procisſão com que o eſtavam eſperando; mormente fazendo o Viſo-Rey tantas demonſtrações, como foi ſuſpender o Ouvidor Geral, e mandar-lhe dizer por vezes, que lhe daria todas as ſatisfações que delle quizeſſe. E nem eſte ſeu termo foi parte pera o Conde deixar de eſcrever muitos louvores delle a ſua Mageſtade, ſem lhe fallar no que uſou neſte arrufo ſem baſtante fundamento.

Eis-aqui hum eſpectaculo do mundo, e hum eſpelho, em que ſe haviam de ver todos os que a fortuna alevantaſſe a grandes honras pera ſe temerem, e recearem de ſeus revézes, e trazerem aquella ſentença da Sabedoria eſcrita na alma, que diz, que o pezar occupa os extremos da alegria.

E assim vereis que nunca o mundo dá hum gosto, que logo junto delle não dê outro desgosto, que ainda que seja pequeno, dá mór pena, do que dá de gosto o contentamento, por grande que seja. E porque Filippe, pai de Alexandre, entendia isto como prudente que era, dando-lhe hum dia tres novas boas juntas, poz os olhos no Ceo, e fallando com seus deoses, disse: *Peço-vos, deoses, que permittáis que o revés destas novas não seja igual a ellas, senão tão moderado, que possa eu com elle.* E deixando isto, a mim me affirmáram que estiveram os soldados quasi determinados a deitar o Ouvidor Geral ao mar: a esta alteração dos soldados acudio André Furtado, que os entendeo, e os quietou, e apazigou, deixando-lhe a paixão pera isto lugar. O povo todo sentio isto muito pelo grande alvoroço com que esperavam este Capitão: e o Arcebispo, e Cidade se recolhêram enfadados, e com grande desgosto de desarmar em vão o gosto, com que o vinham esperar, e logo os rapazes desfizeram tudo, e déram com os ramos pelo chão. O Ouvidor Geral levou o Cunhale ao tronco; e os mais Mouros que vinham com elle; e os Embaixadores do Çamorim foram desembarcados, e muito bem agazalhados; e depois os ouvio o Conde, e lhes

lhes fez muitas honras, e jurou as pazes, e logo os despedio pera suas terras nos periches, que mandou invernar a Cananor; e lhes deo muitas peças, e ao Çamorim mandou muitos agradecimentos de sua perseverança, e trabalho, que teve naquella jornada.

CAPITULO X.

Da procissão que o Conde fez em fazimento de graças a Deos nosso Senhor pela vitoria que alcançou do Cunhale.

TAnto que o Conde Viso-Rey convalesceo da grande enfermidade que teve em todo o inverno, quando André Furtado chegou a Goa, ordenou huma procissão, pera dar graças a nosso Senhor pela vitoria que alcançára por seus Capitães de Cunhale Marcá, que se fez da Sé a S. Domingos com toda a solemnidade possivel; e antes de sahir da Sé, offereceo o Conde huma peça de borcado, e quinhentos Xerafins pera os feitios, e guarnições de hum ornamento, que della mandava fazer. E passando a procisão pela Misericordia, entrou dentro o Conde, e offereceo mil Xerafins em dinheiro pera casamento de orfans, que logo se casáram, e em S. Domin-

gos

gos offereceo duzentos Xerafins pera huma peça da Sacriſtia ; e todas eſtas offertas fez o Conde de ſua propria fazenda, imitando nellas os famoſos, e valeroſos Capitães Affonſo de Albuquerque, e D. João de Caſtro, que aſſim o coſtumáram fazer, quando lhes Deos noſſo Senhor concedia alguma vitoria. E paſſou huma Provisão ao Cabido da Sé de Goa de cento e ſincoenta Xerafins em cada hum anno, com obrigação de feſtejarem com Veſperas, e Miſſa cantada dos Anjos, de que o Conde era devoto, todos os annos o dia, em que ſe alcançou eſta vitoria, e que iriam em procissão a S. Domingos. E no anno de 610. alcançou o dito Conde, ſendo Preſidente do Conſelho da India, confirmação deſta mercê de Sua Mageſtade. E o meſmo ordenou o Viſo-Rey D. João de Caſtro pela vitoria que alcançou em Dio, como fica dito em ſeu lugar. E tambem o Viſo-Rey Mathias de Albuquerque ordenou outra procissão no dia, em que alcançou vitoria no Morro de Chaul; mas não aſſentou por iſſo porção ao Cabido, como tem eſtoutras.

CAPITULO XI.

De como foram sentenceados por justiça o Cunhale Marca, e Chinale.

DEixámos o Cunhale no tronco de Goa, e com elle o Chinale, e os mais Mouros que dissemos, sobre quem se teve sempre muita vigia até ser tempo de se fazer delles justiça, que suas culpas mereciam, que se senão fez mais apressadamente, foi porque a enfermidade do Conde se hia aggravando mais, e não lhe dava lugar pera entender nisto; mas tanto que se foi achando melhor, mandou aos Desembargadores, que verbalmente sentenceassem á morte Cunhale por levantado a seu Rey, e senhor natural, e por pirata inimigo de Christãos. Respondêram os Desembargadores, que havia de correr ordinariamente, de que infirio o Conde Viso-Rey que tinham algum intento particular, e mandou ao Ouvidor Geral preparasse os autos, e nelles lhe mandou, como Assessor de Capitão geral, escrevesse sentença de morte, que foi executada, como logo abaixo se verá, e o Conde assignou conforme ao seu regimento. Pelo que se formáram autos contra elles, e o Promotor da Justiça veio com seu libello, que provou bastantemente. E pe-

pelos merecimentos dos autos, e da verdade ſabida, e notoria, foi ſentenceado que morreſſe degollado, e que ſeu corpo foſſe feito em quartos, e poſtos pelas praias de Bardés, e Pangim, e que a cabeça foſſe ſalgada, e levada 'a Cananor, onde a arvorariam na praia ſobre huma haſtea pera terror, e eſpanto dos Mouros, e viſſem em que veio parar hum tyranno, que trazia ſopeados, e tyrannizados a todos. O dia d'antes, em que ſe eſta ſentença havia de executar, mandou o Conde fazer hum cadafalſo de madeira no terreiro do paço, e ſobre elle foi poſto o Cunhale, que naquelle acto moſtrou muito animo. Mas primeiro que chegaſſe a eſte eſtado, foi muitas vezes convidado, e amoeſtado, que ſe quizeſſe metter no rebanho de Jeſu Chriſto noſſo Senhor, por muitos Religioſos de todas as Ordens, que trabalháram bem niſſo, por ganharem aquella alma, e a trazerem á manada do Senhor. O que elle não quiz acceitar; porque eſta nação de Mouros Arabios deſta caſta Naiteas, que cuido eſte era, de maravilha acceitam razões contra a falſidade de ſua lei, e crénça. Poſto o Cunhale em ſima do cadafalſo, eſtando o terreiro do paço todo cheio de gente, que concorreo a ver aquelle eſpectaculo, alevantou hum Porteiro a voz, dando hum

pre-

pregão, em que dizia a causa, por que morria o Cunhale Marcá, que era por traidor a seu Rey, e senhor natural, e por pirata, e cossairo, e grande perseguidor de Christãos, que martyrizava com exquisitos generos de tormentos, e outras culpas diabolicas: e logo foi posto no cepo até onde chegou com muito acordo, e cortáramlhe a cabeça fóra dos hombros, como traidor.

Depois dahi a alguns dias se tirou Chinale pera se fazer delle a mesma execução; mas a este coube-lhe melhor sorte, porque como em moço se creou entre os Portuguezes, foi mais facil à se render, e pedir que o baptizassem, declarando-lhe os Padres que nem por se fazer Christão havia de deixar de padecer; porque as leis do Reyno se haviam de executar; mas já que perdia a vida do corpo, não quizesse perder a da alma. Ao que respondeo, que muito bem sabia aquelle negocio: que o baptizassem, que elle só por amor de Deos queria ser Christão, e não por temor da morte, nem porque cuidasse que lhe haviam por isso de dar a vida; e assim foi baptizado, e se chamou Bartholomeu, mostrando no exterior vontade, e gosto, e depois foi tirado a justiçar, e levado ao pelourinho acompanhado da santa Misericordia,

e dos meninos orfãos, que foram rogando a Deos por elle, e seu corpo foi enterrado em sagrado. Todas estas cousas deixou o Conde Almeirante aos Ministros da Justiça, pera que fossem executores dellas. O sobrinho do Cunhale, e os outros Mouros, que vieram prezos a Goa, no tronco delle se consumíram todos poucos, e poucos, porque os ajudáram: e passáram de trinta entre Christãos, e Mouros os da casta de Cunhale, que o Conde Viso-Rey tirou do mundo, e nenhum, que houve á mão, lhe escapou.

CAPITULO XII.

Do que succedeo em todo este verão á Armada do Norte: e das cousas em que o Conde Viso-Rey provêo: e Armadas que foram pera fóra: e das pazes que concedeo ao Rey de Travancor.

FAlta-nos só deste verão continuar com a Armada do Norte, que andava por Capitão Mór Goterre de Monroy de Beja, que deixámos pera este lugar, porque as cousas do Cunhale nos occupáram todo o tempo, e tambem porque não succedeo cousa notavel. Partido este Capitão de Goa, foi correndo a costa do Norte até á barra

de

de Surrate, onde ficou esperando pelas náos, que haviam de vir de Méca; e passada a monção dellas, atravessou á Fortaleza de Dio a recolher o rendimento daquella alfandega, pera o mandar pera as necessidades do Estado, que eram grandes, pelas muitas despezas que o Conde Almeirante tinha feito na jornada de Cunhale, e nas mais Armadas. Esta jornada fez com sinco navios, e os mais despedio pera outras partes em busca de alguns ladrões, de que este verão houve poucos, por estarem todos occupados na defensão, e guerra de Cunhale. E indo elle na volta do mar com grandes marés, e vento, como de ordinario ha naquelle golfo, no meio delle encontrou huma náo de Méca, que commetteo, e a rodeou com os navios, e a foi batendo com a artilheria por todas as partes, por não ser possivel abordalla pela grossidão dos mares, porque se desfariam nella os navios; e dous dias continuos a foi perseguindo, e a poz em tanto aperto, que lhe fez alijar ao mar muitas fazendas. Em fim, por ser o vento muito rijo, e ter grande velame, e hombros, se foi acolhendo, e çafando dos nossos navios com muita gente morta das bombardadas, e arcabuzaria. E chegando a Dio, arrecadou o dinheiro, e recolheo os navios com que voltou pera Baçaim, onde

lhe

lhe deram cartas do Conde Almeirante, em que o mandava chamar, pera ir com elle na jornada que cuidava fazer a Cunhale, que foi contrariada do Conselho, como temos dito, com o que se partio pera Goa. E chegando á barra, achou recado que se tornasse, porque já cessára sua pertenção; pelo que se tornou pera a costa do Norte, e por ella andou dando-lhe guarda, e segurando os mercadores, pera livremente poderem navegar; e neste exercicio andou todo o verão, e no fim delle se recolheo a Goa com as cafilas de todas aquellas Fortalezas.

Neste tempo se recolheo tambem D. Fernando de Noronha, que André Furtado despedio de Cunhale pera o Cabo do Camorim, e trouxe huma grande cafila de náos, e navios, e nella mandou ElRey de Travancor hum Embaixador, pessoa principal de sua casa, chamado Iriniacha Pula, a tratar de pazes com o Conde Almeirante, que elle recebeo mui honradamente, e logo o ouvio pera o tornar a enviar nos navios, que haviam de ir pera Cochim. E da parte do seu Rey deo muitas satisfações ás Fortalezas, que tinha feitas, affirmando que as não alevantára com tenção de perjudicar á nossa de Coulão. Que elle se mandava offerecer pera fazer muitas demons-

tra-

trações de amigo, e eſtar por todos os capitulos, e condições de pazes que ſe lhe puzeſſem: e que elle trazia poderes do ſeu Rey pera acceitar tudo, e pera as jurar conforme a ſeu coſtume. A eſte requerimento ſatisfez o Conde ao Embaixador com lhe dar huns apontamentos aſſignados por elle das couſas a que aquelle Rey ſe havia de obrigar, pera demonſtração da amizade que pedia com o Eſtado, que ſam os ſeguintes:

» Se ElRey de Travancor quer ſer ir-
» mão em armas de ElRey de Portugal,
» ha de fazer as couſas ſeguintes.

» Primeiramente ha de dar licença pe-
» ra ſe prégar o Sagrado Evangelho em
» ſuas terras livremente a toda ſorte de
» peſſoa, ſem a iſſo haver contradicção al-
» guma. E todos os que ſe fizerem Chri-
» ſtãos, não perderám os officios, honras,
» dignidades, ou cargos alguns, que antes
» diſſo tiveſſem; nem por iſſo perderám
» couſa alguma de ſuas fazendas, que po-
» derám deixar a quem quizerem; ou her-
» darám ſeus herdeiros, ſem ſe niſſo entre-
» metter ElRey em couſa alguma, nem ſeus
» Regedores, e Officiaes.

» Que ſe poderám edificar as Igrejas,
» que forem neceſſarias, pera a Chriſtan-
» dade em todas ſuas terras, nos lugares
» que

» que parecerem bem aos Padres que an-
» darem na conversão: e estas seram cou-
» to aos que a ellas se acolherem, como
» sam entre os Christãos. E os Padres que
» nellas estiverem, poderám fazer justiça dos
» Christãos nas cousas tocantes a Lei dos
» Christãos, sem se lhe a isso pôr dúvida,
» ou impedimento algum; e as Igrejas se
» faram como nas terras de ElRey de Co-
» chim.

» Que os Padres, que servirem nas Igre-
» jas, e andarem entre os Christãos, pode-
» rám livremente andar por todas suas ter-
» ras com a guarda que lhes parecer em
» tempo de guerras, e dellas passar a ou-
» tras terras, e discorrer como lhes parecer
» sem contradicção alguma.

» Que as Igrejas dos Christãos de São
» Thomé, que estiverem em todas suas ter-
» ras, que forem sujeitas, e Cassanares que
» nellas estiverem, teram os mesmos privi-
» legios, e izenções, que as outras Igrejas
» mais tiverem; e os Padres que nellas es-
» tiverem nem ElRey, nem cousa sua se
» entremetterám em cousa alguma dos di-
» tos Christãos de S. Thomé, tocante á Lei
» dos Christãos. Nem lhes poram tributo,
» ou pena alguma de novo, antes os favo-
» recerám em tudo, guardando-lhes seus pri-
» vilegios antigos.

» Que

» Que não consentirá em tempo algum
» ser recebido entre os Christãos de S. Thomé, que moram nas terras sujeitas a elle, Bispo, ou Prelado algum, senão o que vier por ordem do Papa, e de ElRey de Portugal, e deste Estado; e a todo outro será obrigado prendello, entrando em suas terras, e entregallo na Fortaleza de Coulão, ou onde os Portuguezes lhe requererem.

» Que os Portuguezes poderám andar livremente por todas suas terras com todas as mercadorias que quizerem, sem lhes ser feito algum aggravo, nem lhes pôrem junções, ou outras obrigações algumas, e seja amigo de nossos amigos, e inimigo de nossos inimigos. E será obrigado a defender a Fortaleza de Coulão, sendo necessario, e mandar vir todos os mantimentos necessarios pelos preços ordinarios.

» Que nas duas Fortalezas de Coulão, e Mamuge não faram obra alguma mais, do que está feito; e o modo de como se hão de haver com a Fortaleza de Coulão, e o que sobre ellas se deve fazer, se concertará ElRey com o Viso-Rey do Estado, fazendo sobre isso particulares capitulos, e ElRey ficará obrigado a estar pelo que o Estado nisso determinar.

» Não

» Não consentirá, nem soffrerá que a
» Rainha de Changarnate faça aggravo al-
» gum aos Portuguezes, ou a cousa da For-
» taleza; nem porá novos junções, nem
» impedirá em alguma cousa aos tones, ou
» embarcações, que vierem ao porto do
» Caidaval; e fazendo a Rainha alguns des-
» tes aggravos, será obrigado a satisfazel-
» los.

» Que será obrigado a dar o Principe
» grande, e hum dos Regedores por jan-
» gadas da Fortaleza de Coulão. »

E o traslado destes capitulos se deo ao Embaixador pera sua guarda; e em Setembro ficou o Conde de mandar pessoa de confiança assentar estas pazes com ElRey, e vellas jurar. Estes capitulos se fizeram aos vinte e sinco de Abril deste anno de seiscentos, e logo mandou embarcar os Embaixadores muito satisfeitos das honras que lhes fez o Conde Almeirante, e dadivas que lhes deo.

CA-

CAPITULO XIII.

Dos Capitães, e soccorros, que o Conde Almirante mandou pera fóra: e do que succedeo a D. Jeronymo Coutinho, e ás náos de sua companhia com algumas náos Hollandezas na Ilha de Santa Helena.

NEste mesmo tempo em que o Conde Almirante despachou estes Embaixadores do Rey de Travancor, o fez tambem a alguns Capitães pera fóra, com quem iremos continuando. E o primeiro seja o galeão com os soccorros, e provimentos pera a Fortaleza de Columbo, em que foi por Capitão Mór da gente de guerra D. Francisco de Noronha, que levou cento e sincoenta soldados repartidos por estes dous Capitães, Luiz Fernandes de Taíde, e Manoel de Taíde, e neste mesmo galeão se embarcou Nuno Fernandes de Taíde, provído da Capitanía daquella Fortaleza, por se ter vindo della D. Pedro Manoel, e este galeão deo á véla á tres de Maio. E no mesmo tempo partio tambem o galeão, que hia com os provimentos pera as Fortalezas de Amboino, e Maluco, de que hia por Capitão Fernão Pereira de Sande. E antes disto tinha mandado duas galeotas de soccorro a Malaca pelas novas, que havia

de náos Hollandezas ; e dellas foram por Capitães Estevão de Albuquerque, filho natural de Fernão de Albuquerque, e Trajano Rodrigues de Castello-branco. Despachou tambem o Conde Almeirante neste Abril a Fernão de Albuquerque, pera ir entrar na Capitanía de Malaca, que foi em huma náo sua; e em sua companhia foram as náos de Malaca, China, e outras partes, e todos chegáram a salvamento; senão só o galeão de Maluco, que se perdeo, como adiante diremos. Mandou tambem o Conde Almeirante Viso-Rey invernar Capitães, e soldados a Damão, e a Dio. A Damão D. Fernando de Noronha, Capitão Mór, e Fernão de Sousa. E jurou as pazes com Uniaré Chararé, sobrinho do Camorim, que lhe mandou pera as ver jurar, e que trouxe Cunhale de presente, o que tudo se fez antes de entrar o inverno.

Parece que nos himos descuidando da Armada de D. Jeronymo Coutinho, que deixámos tomando a carga pera se partir pera o Reyno; pelo que daremos razão della, e do que lhe succedeo na viagem. E porque o Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho partia de Goa, e as outras cinco náos da sua Armada partiam de Cochim, mandou o Conde Viso-Rey passar Provisão a D. Vasco da Gama, que vinha por Capi-

tão

tão da náo S. Mattheus, que fizesse o officio de Capitão Mór das sinco náos, e os mais Capitães lhe obedecessem até se encontrar com D. Jeronymo Coutinho, que era o Capitão Mór. Este Fidalgo, que ficou carregando em Goa, deo á véla dia de Natal pelo grande aviamento que o Conde lhe deo, e foi seguindo sua derrota, a que logo tornaremos. As outras sinco náos, que carregáram em Cochim, fizeram véla até quinze de Janeiro do anno de seiscentos; em que andamos, humas primeiro que as outras. De maneira, que assim como cada huma estava carregada, logo se partia sem esperar pela outra; e assim hia seguindo sua viagem com tão bom tempo, que aos vinte e sinco de Abril foi a náo de Diogo de Sousa tomar a Ilha de Santa Helena, levando em sua companhia hum caravelão, que encontrou em dezeseis gráos, que hia do rio da Prata pera Angola; e indo buscar o surgidouro, que he defronte da Ermida, víram surtas duas náos Hollandezas, que havia sinco, ou seis dias que alli esperavam por outras duas de sua companhia; Diogo de Sousa, que era hum Fidalgo, a que chamavam o *Gallego*, por ser de Viana, tanto que as vio, preparou a sua náo, e fez destes a sua artilheria, e foi surgir hum pouco affastado dellas, por is

muito falta d'agua. E porque entendia mui bem que se se fizessem na volta do mar, os haviam os cossairos de ir seguindo, e poder-lhe-hiam dar trabalho; e assim preparado foi deitar ferro com muita confiança, e sua gente posta em armas, e repartida pelos lugares mais necessarios pera tudo o que se lhe offerecesse.

Tanto que surgio, chegou huma lancha, que se despedio logo das náos, e hum pouco affastado da nossa, bradou hum homem pelos da náo, e disse em Hespanhol, que o Capitão Mór daquellas náos mandava dizer ao Capitão, que logo se fosse a elle no seu batel, e lhe entregasse a náo, que usaria bem com elle, senão que o mandaria buscar. O Diogo de Sousa tanto que ouvio o recado, fez bornear hum falcão pera a lancha; e lhe mandou bradar que chegasse mais perto, que o não entendiam; mas os da lancha entendêram a tenção dos nossos, e não se querendo pôr á sua cortezia, voltáram com muita pressa, e deram ao seu Capitão conta do que passáram, e do que suspeitáram.

Tanto que o Capitão Hollandez vio que a nossa náo se não queria entregar, mandou-a bater com a sua artilheria com muita furia, e lhe matáram dous homens, e cortáram o masto de proa, e quasi a desen-

ensarceáram; e passáram o mástro grande por huma ilharga com hum pelouro de ferro coado, de que eram todos os com que tiravam á nossa náo. Vendo a gente da nossa náo aquelle destroço, que em tão pouco tempo era feito, ficáram os mais delles tão atemorizados, que se puzeram pelo bordo, por onde o caravellão estava, pera se lançarem a elle, e acolherem-se por ser muito ligeiro. A isto acudio Diogo de Sousa, e fellos recolher outra vez á náo, dizendo algumas vezes palavras affrontosas, outras vezes persuadindo-os a se defenderem como valerosos Portuguezes, affirmando-lhes que pera contra aquellas duas náos a sua bastava; e que esperava em Deos de as render, e levar comsigo. E assim mandou laborar logo a sua artilheria, com que tambem lhe matou muita gente, e fez tal destroço, que se foram os Hollandezes alando por rageiras até ficarem atravessados pela proa da nossa náo, onde não tinha mais que duas peças de artilheria pera dalli com menos risco a baterem.

O Mestre da nossa náo, que era homem muito esperto, e grande Official, metteo no batel huma ancora, e a mandou lançar ao mar por hum dos bordos de feição, que ficou mettida por junto da cana do leme; e pondo-a ao cabrestante, foi a náo virando,

do, e ficando atravessada com toda a artilheria pera as outras náos, que foram batendo por espaço de vinte horas com tão grande furia, e terror, que não podendo os rebeldes aturar os damnos que recebiam da nossa artilheria, largáram as ancoras por mão, soltáram as vélas, e foram fugindo bem fustigados.

Os nossos, posto que destroçados, e desbaratados, ficáram com a vitoria, e desembarcáram em terra, onde acháram as pipas dos Hollandezes, que nella tinham pera encherem d'agua, que lhes foram boas; e na Ermida acháram hum letreiro, que elles tinham alli, pera outras duas náos de sua companhia, que ficavam no Achem carregando, porque estas vieram da Sunda, de que logo daremos razão; e no letreiro lhes faziam a saber, que os Jáos os tiveram seis mezes cativos até chegarem outras duas náos de sua companhia; que os fizeram soltar; e a causa de sua prizão foi esta: Estas duas náos, que os nossos aqui acháram, foram carregar a Sunda; e todas as patacas que leváram eram falsificadas, e com muito pouca prata; e tendo comprado muitas drogas com ellas, vieram os Jáos a conhecer a falsidade da moeda, pelo que prendêram todos os que acháram em terra, e tiveram-nos prezos quatro, ou sinco mezes;

até

até chegarem outras duas náos de sua companhia, que souberam o caso, e os resgatáram com darem aos Jáos outra moeda boa, e de lei.

Partidas as náos Hollandezas da Ilha de Santa Helena, puzeram os nossos logo as mãos ao concerto da náo, dos mastros, e a enxarceáram de novo: e aos trinta de Abril, sinco dias depois da batalha, chegou áquelle porto a náo nossa Senhora da Paz, e aos tres de Maio a Conceição, e a dezeseis a náo do Capitão Mór, que com partir de Goa, e mais cedo, chegou tanto depois. E de Diogo de Sousa souberam todo o successo, e ajudáram-no a reformar do damno que os inimigos lhe tinham feito. E no mesmo dia, que o Capitão Mór surgio, apparecêram as outras duas náos Hollandezas, que dissemos que as outras esperavam, que vinham carregadas de drogas; e indo demandar o surgidouro, como víram as nossas náos, foram surgir na ponta da Ilha, onde lhe os nossos não podiam fazer nojo, por lhes ficar o vento por proa, pera as irem demandar. D. Jeronymo Coutinho deo-lhe pouco dellas, e com tudo preparou-se, pera se o tempo lhe désse lugar, as ir commetter. E no mesmo dia já á boca da noite foi a náo S. Martinho, de que era Capitão João Soares Henriques, deman-

dar

dar aquella Ilha, e descubrindo as náos Hollandezas, cuidando serem as nossas, se fez na volta do mar, e foi seu caminho na derrota do Brazil, onde fez agua, e tomou mantimentos na Bahia de Todos os Santos.

O Capitão Hollandez vendo que não havia agua naquella parte, onde estava, despedio huma lancha com huma carta a D. Jeronymo Coutinho, em que lhe dizia, que elles eram Christãos, e vassallos de hum Rey amigo do seu; que eram mercadores; que andavam pelo mundo buscando sua vida, que estavam em necessidade d'agua, que lhe pedia lhes dessem licença pera dalli com suas lanchas a mandarem fazer ao posto, onde ella estava. D. Jeronymo Coutinho lhes respondeo, que pois eram Christãos, e amigos dos Portuguezes, que fossem surgir junto delle, e que alli fariam agua muito á sua vontade; o que lhes mandou dizer, por ver se os podia tirar daquella paragem, aonde os elle não podia ir buscar. Os Hollandezes entendendo o lanço do Capitão Mór, não se quizeram pôr á sua cortezia, e deixaram-se alli ficar mais sinco dias; e no cabo delles, que foi a vinte e hum de Maio, chegou áquella Ilha a náo S. Mattheus, em que hia D. Vasco da Gama, que ás bombardadas fez desamarrar as duas Hollandezas, e n'uma noite se

fi-

fizeram á véla, e deviam de ir demandar a costa de Guiné pera fazerem aguada, de que estavam faltos. E logo o Capitão Mór D. Jeronymo Coutinho fez tomar agua a D. Vasco da Gama, e com todas as náos de sua conserva se fez á véla, por ver se podia alcançar as duas náos dos rebeldes; mas não nas pode alcançar, por irem mui desviadas da sua derrota, e as nossas chegáram juntas ao Reyno, que foi huma grande felicidade. E sempre este Fidalgo foi tão venturoso, e bem affortunado nas viagens que fez, que chegou á India, e tornou a Portugal com todas as suas náos a salvamento.

DECADA DUODECIMA

Da Historia da India.

LIVRO V.

CAPITULO I.

Das cousas que este anno succedêram em Ceilão: e das vitorias que os nossos alcançáram, e tranqueiras que fizeram contra os inimigos.

DEpois de alcançadas as vitorias, que dissemos do tyranno D. João na Ilha de Ceilão, e depois de chegar a D. Jeronymo de Azevedo o soccorro que dissemos, que o Conde Viso-Rey lhe mandou em Setembro de noventa e nove, ajuntou seu exercito, e passou-se ao lugar de Mutapali, meia legua do Reyno de Candea, onde alevantou hum arrazoado forte de madeira com seus entulhos, e cavas, capaz de recolher todo o arraial. Este forte fez por ser no meio de entre as sete Corlas, e o Reyno de Candea, com que ficava fechando as portas ao inimigo, e deixallo dentro como encurralado. Disto se resentio tanto o Tyranno, que se quiz antes arriscar

a se perder, que a consentir aquelle grilhão, que lhe ficava sendo bem pezado. Pelo que ajuntou suas gentes, e se foi alojar perto daquelle lugar em humas serras asperas, e fortes com tenção de com correrias, e assaltos estorvar aquella obra aos nossos, em que se dava muita pressa. D. Jeronymo de Azevedo foi logo avisado de sua tenção, e pareceo-lhe necessario trabalhar pelo desalojar, e lançar delle; porque se se fortificasse naquelle lugar, além do impedimento que sería pera a conquista do Reyno de Candea, ficaría o inimigo com reputação entre os Chingalas, e elles cobrando animo; vendo que a despeito dos nossos tanto em braços com elles alevantavam tranqueiras, e se fortificavam. Pelo que mandou logo Salvador Pereira com duzentos e trinta soldados, e dous mil e quinhentos Lascarins da terra pera ir dar no inimigo n'uma madrugada, ficando o Geral no lugar da tranqueira, que fabricava com cento e sincoenta soldados, e quinhentos Lascarins prestes, e mui negociados pera acudir aos seus, sendo necessario. E partidos os nossos na entrada do quarto d'alva; foram pelo caminho ganhando, e arrazando algumas tranqueiras até chegarem assima, onde o inimigo estava alojado; e commettendo o arraial, o entráram, e queimáram

ram com grande determinação; e depois em campo aberto, tornando os inimigos sobre si, tiveram com os nossos huma muito áspera batalha; porque da parte dos inimigos se affirma haver tres mil espingardas, sendo entre todos oito mil. Mas os nossos se sustentáram com grande valor até perto das onze horas do dia, que o Capitão Geral lhes mandou que se recolhessem a elle, como fizeram, vindo os do Tyranno carregando sobre elles tão tezamente, que foi necessario ao Geral soccorrellos com o poder que tinha, e com novas munições; com que todos cobráram tanto animo, que voltáram sobre os inimigos com tal impeto, que os puzeram em desbarato, ficando-lhe nesta jornada mais de trezentos mortos, e entre estes muitos Modeliares, sem da nossa parte haver mais perda, que dous Portuguezes mortos, e perto de vinte dos Lascarins, a fóra muitos feridos. O Geral com esta vitoria se recolheo ao forte com que foi continuando; e tanta pressa lhe deo, que em hum mez se acabou de todo com suas cavas, e contra-cavas, e o provêo de Capitão com quatro companhias de soldados, e com mantimentos, e munições pera muito tempo, porque se receou que o inimigo o commettesse com mór poder, por esperar soccorro de Badagas da outra cos-

ta;

ta; e com isso mandou reformar todos os fortes que tinha por aquellas partes, pera estarem todos provídos pera o que lhe succedesse, o que succedeo até lhe chegar o soccorro, que lhe o Conde Almirante mandou por D. Francisco de Noronha, e Nuno Fernandes de Taíde pera Capitão daquella Fortaleza de Columbo, de que logo foi mettido de posse, depois de reformar os presidios, como dissemos, e os prover de novo; e fazer nova paga aos soldados. E mandou que todos se passassem ás terras de Catrem, Cambala, Corla, fronteira ás sete Corlas, pera acabar de apagar algumas labaredas dos alevantados, que ainda havia por aquellas partes; e tudo o que por ellas acháram desfizeram, e desbaratáram os nossos; com o que se mettêram os inimigos pelo intimo das Corlas sem tornarem a apparecer.

Affugentados todos, mandou o Geral que se fizesse naquelle lugar de Catu Cambala hum fermoso forte de madeira de duas faces com seus entulhos, e cavas, como se fez, com o que os inimigos ficáram encolhidos, e os nossos poderem entrar mais livremente por suas terras, e assaltallos. E porque andando nesta obra, foi o Geral avisado, que os inimigos se tornavam a reformar nas sete Corlas com per-

ten-

tenção de tornarem a inquietar os nossos; mandou o Geral dar nelles duas leguas pelas suas terras dentro até o lugar, onde estavam, tendo os caminhos cortados, e feitos nelles seus vallos, e trincheiras tão fortes, que estavam nellas com muita confiança; e sabendo que os nossos lhes deixavam muitas aldeas abrazadas, e que lhes levavam muita gente cativa, sahíram a dar nos nossos, indo-se já recolhendo, e commettêram a reta-guarda com grande furia; mas achâram tal resistencia, que com mortes de muitos se recolhêram fugindo: com o que todas as terras daquella parte, que estavam abaladas a se rebelarem, se aquietáram. E foram tantos os damnos, que recebêram os moradores das sete Corlas, que os seus Principes mandáram pedir pazes ao Geral, que lhe elle não concedeo; mas concedeo-lhes tregoas, com suspensão das armas, e restituição dos cativos que tinham em suas terras. Neste estado ficáram as cousas desta Ilha neste inverno de seiscentos, em que andamos.

CAPITULO II.

De huma náo Hollandeza, que foi ter ás Ilhas de Japão: e da derrota que levou, e do que lhe succedeo: e de huns cossairos Japões, que foram ter ás Filippinas.

NEste anno de seiscentos, em que andamos, quasi neste mesmo tempo aportou huma náo Hollandeza ás Ilhas de Japão, ao Porto de Xativai do Reyno de Bungo; e como naquelle tempo não era monção de virem náos da China, nem das Filippinas, pareceo aos Padres da Companhia, que alli residem, que poderia ser alguma, que hia da nova Hespanha pera os Lusões, que com algum temporal iria desgarrada. Mandáram recado a ElRey de Bungo, pera que lhe mandasse acudir, por lhe não acontecer algum desastre; ao que logo mandou prover. E no mesmo tempo dous Padres da Companhia, que residiam junto de Xativai, vendo a náo, acudíram com algumas embarcações pera lhe soccorrer; e chegando perto della, que conhecêram ser de Hollandezes, tornáram a voltar. Alguns Portuguezes, que estavam em Naganzaque, tanto que souberam da náo, avisáram por cartas a Tirazava, Governador Geral daquel-

quelles Reynos da parte do Ponente, de como aquella não era de Luteranos cossairos inimigos dos Portuguezes, e de todos os Christãos. Com este recado, e com já ter cartas de ElRey, acudio o Tirazava no Reyno de Bungo, e mandou metter a náo no porto, e lançou mão dos Hollandezes, e fazenda, de que se fez inventario, e as que se lhe acháram, sam as seguintes.

Onze caixões de pannos de lã grossos, hum cofre com quatrocentos ramaes de coraes, e outros tantos de alambres, hum caixão de contas de vidro de côres, alguns espelhos, e oculos, muitas gaitas de meninos, dous mil cruzados em reales, dezenove peças de artilheria de bronze grossas, e outras miudas, quinhentas espingardas, e sinco mil pelouros de ferro coado, trezentos de cadeia, sincoenta quintaes de polvora, tres caixões de saias de malha, tres quartos de corpos, e peitos de aço, trezentas e sincoenta lanças de fogo, muita pregadura, muito ferro, muitos machados, fouces, e enxadas, e outros diversos generos de instrumentos, como aquelles que parece que vinham conquistar, e povoar. Confessáram que os annos passados de 98. e 99. partíram dos Estados de Hollanda quinze náos pera passarem a Sunda, e Maluco, de que não davam razão nenhuma; e pe-

pera que se saiba dellas, daremos relação das que soubemos, e do que lhe aconteceo.

O anno que dissemos partíram do Porto de Roterdam estas quinze náos, que foram juntas até á costa de Guiné, onde se apartáram em tres esquadras. Huma dellas passou logo o Cabo de Boa Esperança, e foi na derrota da Sunda, onde se apartáram tres náos, e as duas foram tomar o Porto do Achem, com quem logo continuaremos. Da outra esquadra não soubemos o que passou. A terceira, de que era Capitão hum Balthazar da Corda, andou pela costa do Brazil ás prezas algum tempo, e dalli se passou a Angola, onde fez alguns damnos, e depois se tornáram a fazer na volta do estreito de Magalhães que embocáram, e dentro nelle se detiveram dez mezes com muitos trabalhos, e fomes, e em algumas sahidas, que fizeram a buscar agua, e mantimentos lhe matáram alguns homens; e tanto que tiveram tempo, passáram o estreito á outra banda, e voltáram sobre a costa do Perú, onde lhes deo huma tormenta tamanha, que as apartou, e huma foi correndo sua ventura em demanda das Ilhas de Maluco, aonde chegou, e logo adiante daremos relação della; outra parece que desappareceo, porque não achei novas della; a outra, de que era Capitão hum Joāo

da Corda, sobrinho de Balthazar da Corda, Capitão Mór, foi correndo a tormenta pela costa, e acalmando, foi tomar a Fortaleza de Chile no Perú. E sabendo que estava quasi sem gente, deram de supito nella, e a entráram com morte de alguns dos que estavam dentro, e roubáram, e profanáram os Templos, e tudo o que havia na Fortaleza, deixando-se ficar nella alguns dias tão descançados, como se estiveram em Frandes.

Sabidas estas novas pelos Hespanhoes, que estavam pelo sertão, ajuntáram-se algumas companhias; e commettendo a Fortaleza, entráram-na, por não serem mais que vinte Framengos os que estavam nella; e destes matáram quinze, e os sinco que ficavam se lançáram pelos muros abaixo, e a nado foram buscar a náo, e os della lhes acudíram com batel, e os salváram, e entre estes sinco foi o Capitão Corda. E fazendo-se á véla, foram na demanda de Maluco, aonde chegáram, e surgíram no lugar de Soli da Ilha de Tidore, meia legua de nossa Fortaleza, estando já em Ternate outra náo desta companhia; a que falta he esta náo, que temos em Japão, que foi correndo com a tormenta, por onde pode, e teve tempos tão desvairados, que poz até chegar ao Tropico de Capricornio quatro

me-

Chinezes, onde lhe deo huma enfermidade de mal tão contagioso, que em breves dias morrêram cento e sincoenta e sinco pessoas, em que entrou o Capitão Corda, ficando vivos sós vinte e sinco, que não bastavam pera marear a náo; pelo que se deixáram ir á ventura dos ventos, até elles, e as aguas os levarem a Japão, como dissemos; aonde desembarcáram todos tão debilitados, que pareciam homens mortos.

Aquelle Rey tanto que mandou despejar a náo, mandou-a aos Reynos do Canto a carregar de madeira; e os Hollandezes, que estavam mais sãos, os mandou servir de bombardeiros em huma guerra, que mandava fazer a hum senhor alevantado, que se chamava Cangeatica. O Piloto desta náo era Inglez, bom Cosmografo, e com algum conhecimento da Astrologia: confessou em Meaco aos Padres da Companhia, que o Principe de Orange se servíra já delle algumas vezes em jornadas de muita importancia, principalmente nos annos de noventa e tres, noventa e quatro, e noventa e sinco, que o mandou a descubrir caminho por sima da Biarmia, e Fimmarchia pera as suas náos passarem a Japão, China, e Maluco pera lhe levarem as riquezas de todas aquellas Ilhas, por haver que por lá lhe ficava o caminho mais per-

to, e mais desviado da nossa Armada; e que da derradeira vez, que foi o anno de noventa e sinco, chegára a oitenta e dous gráos do Norte; e que com ser a força do verão, e os dias quasi continuos, por não haver noite, senão se era de duas horas, achou os frios tão excessivos, e tantos os caramellos, e neves, que se desfaziam por aquelle estreito abaixo, que dando de rosto na sua náo, a fizeram voltar. E affirmava, que se se encostára á costa da Tartaria, da parte da mão direita, e se de longo della fora correndo a Leste até o boqueirão de Anião, que entra por entre as terras da Asia, e da America, pudéra sahir com o seu intento. E affirmou mais este Piloto, que os Hollandezes não desistíram de seu intento até levarem esta empreza ao cabo, pelos grandes desejos que tinham de descubrir este caminho. E já os Inglezes tratáram de descubrir esta viagem pela via do Ponente por entre as Ilhas de Grotlandia, e a terra do Lavrador; mas que pelas mesmas difficuldades se tornáram do caminho, como o fez aquelle grande Piloto Gavoto ha mais de quarenta annos. E em hum globo, que este Piloto trazia, de que na China se tirou outro, que eu tenho em meu poder, se vem claramente estas duas partes, por onde tentáram passar a estas, e

pos-

postas em graduação esta Ilha Japão com todos os seus Reynos até sobre a terra de Chincungu, onde affirmam haver aquellas ricas minas da prata. Disse mais este Piloto, que quando o Principe de Orange víra que por aquellas partes não pudéra sahir com seu intento, que armára estes quinze navios, em cuja conserva elle viera, pera irem á Sunda, e Maluco carregar de drogas.

Neste mesmo tempo, que esta náo chegou a Japão, sahíram daquella Ilha dezeseis navios de cossairos a roubar, estes chegáram até ás Ilhas Filippinas, e no caminho tomáram huma náo de Chins, que hiam pera aquellas partes com fazendas, que montavám sessenta mil pezos: e assim tomáram mais outra embarcação das Manilhas, e matáram, e cativáram alguns naturaes dellas, e tres soldados Hespanhoes, do que o Governador da Manilha se mandou queixar a Daifuxama, Rey do Canthem, que logo mandou armar alguns navios contra estes cossairos; e encontrando-se, se investíram, e tomáram hum dos seus navios, em que acháram alguns dos Hollandezes, que foram na náo. E depois por tempos o Daifuxama houve ás mãos muitos daquelles cossairos, e a todos mandou enforcar, e fez lei, que não pudessem ir ás Manilhas

mais

mais que quatro navios cada anno, e que todos os mais fossem perdidos, e seus donos crucificados.

CAPITULO III.

Do principio do Reyno Pegú, e dos Reys que teve: e dos revézes que a fortuna lhe deo.

COmo he costume do mundo, ou pera melhor dizer escarneo, e zombaria delle, não subir apressadamente hum Estado a grande Monarquia, que com a mesma pressa o não torne a derribar, e pôr por terra, porque as cousas muito grandes com seu proprio pezo cahem; assim aconteceo a este riquissimo, e opulentissimo Reyno de Pegú. Porque sendo conquistado por El-Rey de Ova, e Brama, chamado Pranginoco, os annos de mil quinhentos quarenta e quatro, como largamente o tenho dito no Capitulo oitavo do setimo Livro da minha sexta Decada, foi subindo com tanta pressa nelle, e em seus herdeiros, que de então até este anno de noventa e nove, que sam quarenta e sinco annos, chegáram a ser Monarcas de quasi cem Reynos, e das mores riquezas, e poder que o mundo vio. E desandando a fortuna a roda, em me-

menos de hum anno se acabou toda esta potencia, sem ficar de tudo mais que huma sombra, e ainda menos; porque não ha hoje daquelles Monarcas hum herdeiro, que possua huma muito pequena aldea, digo neste Reyno Pegú, onde elles assentáram a cadeira de seu imperio. E pera mostrarmos melhor este escarneo do mundo, contaremos primeiro seu princípio, poder, e riqueza (posto que já na sexta Decada temos mostrado parte disso) e depois sua ruina, e destruição.

Quanto ao princípio deste Reyno Pegú, acha-se em seus livros, que ha perto de mil annos que se descubrio por esta maneira. Tudo quanto ha hoje do mar de Pegú até o Reyno do Brama, que sam mais de sessenta leguas, estava cuberto d'agua, porque chegava o mar até o Reyno Brama, como dissemos; e que andando hum pescador em hum barco com outros companheiros, os levára a corrente das aguas, que começáram a descer com grande força, por onde andáram sinco, ou seis dias como perdidos, e descoraçoados, e já sem alento foram aportar a huma serra alta, que se chama Diaca, onde hoje está a Cidade Pegú; e ferrando nella, se amarráram, e descançáram, que hiam como mortos: e de infinitas Marrecas, que havia naquella par-

te,

te, se provêram pera a torna viagem. E antes que se partissem víram, que se hia descubrindo huma grande terra, que o mar deixava como alagada, assim como aconteceo no tempo do diluvio geral. E tornando pelo rio assima, foram a Tangu, onde o seu Rey residia, e lhe deram conta do caso, e da grande terra que se hia descubrindo. Admirado o Rey do caso, tornou-o a mandar com mais embarcações, e algumas pessoas de credito pera verem o que passava, e o informarem da verdade do caso; e achando ser tudo assim que o barqueiro dizia, voltáram pera o Tangu a dar-lhe conta do que víram. O barqueiro com muitos companheiros deixaram-se ficar naquella parte, que já estava toda descuberta; e no modo da terra víram, que havia de ser fertilissima, pelo que determinteam de fazer alli seu assento, e mandáram trazer suas mulheres, e filhos; e á fama da terra ser prospera, foi descendo do sertão pera aquella parte muita gente pobre, com que se começou a fazer huma boa povoação. E porque não podiam viver sem cabeça, fizeram ao barqueiro seu Capitão, e Governador, que como era homem prudente, e esforçado, começou logo de pôr a todos em policia humana, repartindo os campos, ordenando povoações,

e

e dando ordem a cultivarem, e ſemearem as terras, que começáram a dar fruto abundantiſſimo, e a deſcubrir a riqueza de ſuas minas da fermoſa pedraria de rubins, de que aquelle Reyno he o mais abundante de todo o mundo, e de finiſſimo ouro; de maneira que em poucos annos ſe deſcubrio, e povoou aquelle Reyno, que tinha cento e ſeſſenta leguas por coſta de Norte a Sul, e pera o ſertão cento e vinte, e cento e trinta leguas em partes, e a toda eſta terra poz o barqueiro nome *Poigou*, que em ſua lingua quer dizer, eu o achei primeiro, e ſeus naturaes ſe chamáram *Poigous*; e corrompendo-ſe o vocabulo, tomáram o que hoje tem de Pegús.

Vendo-ſe o peſcador tão proſpero, e obedecido, tomou o titulo de Banha, que quer dizer Governador, e aſſim em ſuas eſcrituras começáram eſtes Pegús neſte barqueiro o catalogo dos ſeus Reys, com quem logo continuaremos. E como todos eſtes Gentios coſtumam a dar honroſos principios a ſeus Reys, dizem elles em ſuas hiſtorias, que eſte peſcador naſcêra de huma flor, que elles lá chamam Chaoes Chaoeſtu, que ſam os ramos de humas certas cardeiras, que quando eſpigão deitam huma maçaroca, como a do Milho Zaburro, que vem ſahindo d'entre algumas folhas finas, e amarel-

las,

las, e a ſemente de dentro he miuda, e almeicegada, e tem algum cheiro, por quē as Gentias da India as eſtimam muito, e as mettem entre os cabellos pera lhes cheirarem, e deſtas ha muitas neſta Ilha de Goa, a que os Canarins chamam Chedaga. E porque eſte barqueiro ſó não leve eſta honra, dizem tambem que ſua mulher naſceo de huma Combalenga, que he hum pomo mui ordinario na India, de que fazem algumas feições de conſerva tão fria, que ſe dá em lugar de aſſucar roſado, e ſam do tamanho, e feição dos melões grandes; e ha algumas tamanhas, que aſsás fará hum moço em alevantar huma ſó. A eſte pomo chamam os Pegús Sapua.

Ora poſto eſte barqueiro já em eſtado de Rey, pondo ſua cadeira na Cidade de Pegú, que elle começou a edificar, quiz tambem alevantar alguns Templos a ſeus idolos, a que elles chamam Varellas, e aſſim começou a abrir os alicerſes, pera hum que determinava fazer de grande ſumptuoſidade, e em baixo no fundamento acháram hum ſino de metal da feição dos noſſos de ſete braças em roda, e a borda de palmo e meio de groſſura, e tres braças de altura, e á roda por baixo tinha hum letreiro de letras de relevo mui bem feitas, cujos caracteres não ſam conhecidos, nem ſe en-

ten-

tendem de todos aquelles Gentios. Efte fino mandou pôr fobre efta Varella, que foi huma das grandes obras do mundo, e foi fempre tido de todos os Gentios em grande veneração.

E fazendo nós fobre ifto noffas conjecturas, me parece que efte fino foi obra do Apoftolo S. Thomé, que andou por alli prégando a Lei da Graça, fendo aquella terra então povoada de Chins, porque elles tem em fuas efcrituras, que já foram fenhores de todos aquelles Reynos, e affim tem muitas coufas ainda fuas, porque a obra de feus Templos, que fam Varellas, fem dúvida foi dos Chins, e efte modo de finos não nos ufáram nunca nefte Oriente; fenão entre os Chriftãos, que o Santo Apoftolo mandaria fundir pelos Chins, que fam os mores officiaes que o mundo tem de todas as obras. E prova mais efta minha opinião dos Chins ferem fenhores deftes Reynos ifto; que abrindo efte primeiro Rey os alicerfes pera fabricar feus paffos, acháram em baixo huma ancora de ferro coado, que fó na China o fazem, com quatro unhas, como os das noffas galés, tão grande que em noffos tempos andou em huma náo de hum mercador Portuguez chamada a Lagra, morador na povoação de S. Thomé. Efta ancora fe tornou

nou a perder ha pouos annos no mesmo mar de Pegú, onde se perdeo a náo em que andava: ou poderemos tambem cuidar que esta ancora fosse de alguma das náos, que Salamão mandou áquellas partes búscar cousas pera o Templo de Jerusalem. Por onde parece que já o mar chegou até áquella Cidade de Pegú, e que alli surgiam as náos, que he a distancia que dissemos, o que tudo cubrio aquelle diluvio, que dizem que houve ha mais de mil annos, que alagou, e cubrio mais de cem leguas de terra; e segundo minha presumpção era tudo então povoado de Chins.

Agora continuemos com o catalogo destes Reys Pegús, começando deste barqueiro, que foi o primeiro Banisá. Succedeolhe seu filho chamado D. Chetim, que viveo oitenta annos, e a elle seu filho Banha Tam, e a este Banha Cael, e logo Banha Uca Malanco. A este succedeo Banha Talanha, e a elle Banha Indá, e assim successivamente succedêram outros sete Banhas deste nome Indá, e ao derradeiro succedeo Banha Darar, e a este Banha Mampla, e logo outro Banha Indá, e assim tornáram a succeder outros sete Banhas do mesmo nome, e ao ultimo succedeo Banha Xemidó, que foi o derradeiro Rey casta Pegú, e todos estes reináram conforme á sua com-

pu-

putação 540. annos, porque estes acabáram perto dos annos de 1540. em que hum Rey do Brama chamado Pranginoco, ou Prão Mandara (como lhe eu chamo na minha sexta Decada) desceo dos Reynos do Sertão com poder grossissimo, e conquistou, e ganhou aquelle Reyno, e outros vizinhos, e por fim veio a morrer a mãos de hum pobre carreteiro Pegú, a quem o mesmo Rey Brama tinha feito Grande, e dado o titulo de Xemim, que corresponde ao de Duque; e assim lhe chamavam Xemim de Satão, por ser senhor desta Cidade, como dizermos o Duque de Bragança; e o caso desta morte se verá no quinto, e sexto Capitulo do segundo livro da minha setima Decada. E por morte deste se levantou por Rey o Xemim de Satão, que o matou, que não durou hum anno no Reyno, que estes sam os escarneos do mundo; porque se alevantou contra elle hum Talapoi, que era seu Religioso, chamado Xemindoo, e o matou, e se intitulou Rey; e assim esteve naquella potencia tres annos, porque veio sobre elle Talanha Ginoco, genro do Rey Pranginoco assima. E vindo ambos á batalha, encontráram-se os pertensores cada hum em seu elefante: o de Talanha Ginoco, genro do Rey Pranginoco, levou no dente o elefante do outro, e o der-

derribou; e o intitulado Rey sumíram-no os Pegús, e o Ginoco se appellidou logo Rey, ou fez appellidar hum filho seu, que era neto do Brama Pranginoco, ou Prão Mandará; porque este Brama, que venceo o Xemindoo, sendo de casta mediana, casou a furto com a filha daquelle Rey pelo modo, e maneira, que se verá na minha setima Decada assima citada; e depois de vencer a batalha, mandou lançar muitos pregões, e prometter grandes dadivas a quem lhe trouxesse o Xemindoo, e poz nisso tantas diligencias, que lho trouxeram prezo. E o dia que lho haviam de apresentar o esperou em hum theatro, e throno alto muito ricamente ornado, cercado de muitos Principes, e Senhores; e posto diante delle em pé, nunca lhe quiz fazer cortezia como a Rey, nem mostrar abatimento de sua pessoa. Disto foi tamanha a paixão, que o novo Rey tomou, que o mandou lançar a hum elefante bravo, que fora do mesmo prezo, e em que elle costumava a cavalgar; e posto no terreiro, donde todos estavam vendo aquelle espectaculo, querendo-o arremessar a elle o Cornaca, que o governava, nunca o pode fazer ir por diante, porque o conheceo, antes tornou a recuar atrás com grandes urros de sentimento de o ver naquelle estado,

do, caſo ſemelhante ao de Androdo, que ſendo em Roma levado pera o lançarem a hum leão faminto, elle ſe lhe foi proſtrar a ſeus pés, e lhos beijou, e affagou; e ſabido o caſo, foi por aquelle beneficio que lhe tinha feito de lhe tirar de hum pé hum eſtrepe que lho tinha encravado, pelo que em quanto viveo o ſervio, e acompanhou, gratidão que não ſei ſe ſe achará em muitas peſſoas.

Eſtando o pobre paciente no campo eſperando que o elefante o eſpedaçaſſe, ſe deſceo do throno, em que ElRey eſtava, hum Capitão Pegu, a quem aquelle, que foi Rey, tinha feito muitas mercês; e chegando-ſe a elle naquelle triſte, e miſeravel eſtado em que o via, ſe lhe proſtrou aos pés com muitas lagrimas, e conſolou-o o melhor que pode. Eis-aqui dous eſpectaculos em hum meſmo caſo, que podiam confundir o mundo. O Rey, que eſtava em ſeu throno vendo aquillo, mandou chamar aquelle Capitão Pegú, e perguntou-lhe ſe era aquelle o Talapoi, que foi Rey? ao que elle com muita liberdade reſpondeo, que aquelle era o que fora já ſeu Rey, e Senhor, e o fizera grande, e o puzera naquelle eſtado, e lugar em que eſtava, ſendo d'antes hum pobre, e humilde Pegú; e que pois não tinha com que lhe pagar tantas

tas mercês, nem valer-lhe em outra cousa; o fazia com se compadecer de sua miseria, e desaventura; e que se era possivel fazer-lhe mercê da vida a troco da sua, que sería a mór honra que podia receber na vida, nem mercê de mór estima. Vendo El-Rey tamanha fidelidade, consolou-o com palavras muito honradas, e lhe disse, que por amor delle dava a vida áquelle homem, e que o recolhessem em hum castello, onde esteve alguns annos, e alli morreo ajudado; e não parando aqui, fez ao Pegú Banha de huma Cidade, e lhe deo muitas rendas.

CAPITULO IV.

Da grande riqueza, e potencia deste Reyno, e deste Rey Brama Talanha Ginoco, que conquistou este Reyno Pegú.

FAzendo-se este barbaro Talanha Ginoco senhor dos Reynos de Pegú, pelo modo que dissemos, como era homem tão valeroso, que se podia metter no número dos barbaros da fama, determinou de subir a toda a Monarquia de aquelles Reynos vizinhos, que eram muitos, pera o que ajuntou dous milhões de homens, e huma innumeravel fábrica, como convinha a hum

tão

tão grande exercito. E passou a conquistar o grande, e famoso Reyno Sião pelo modo que temos contado na nossa sexta Decada, donde tirou grandes thesouros, e poz de sua mão Regedor, que governasse aquelle Reyno; e depois conquistou os dos Jáos, Camboja, Champa, e os mais até Cochinchina, e todos os que estavam ao sertão destes, em que gastou tres annos. E assim chegou a tanta grandeza por seu braço, e valor, que veio a ser Emperador de perto de cem Reynos; cada qual delles de tanto poder, e riqueza, que pudéra por si fazer hum grande impêrio. E vendo-se Monarca de tudo o que havia de mais de duas mil leguas em roda (e não sei se satisfeito; porque a cubiça humana de nada se satisfaz) tornou a voltar pera Pegú com o mór triunfo, que se póde imaginar. Porque entrou em hum carro triunfante muito alto, e grande, todo forrado de ouro de martello, e guarnecido de inestimavel pedraria, com coroa imperial na cabeça de muitas pedras de grande preço, e riquissimas perolas. E as Rainhas, e Princezas, que cativou em todos aquelles Reynos, que eram muitas, e mui fermosas, assentadas no mesmo carro abaixo dos seus pés, por elle ir em huma cadeira mui alevantada, e todas ricamente vestidas a seu modo; e ainda que

o não fossem, de télas sobre télas, nem das outras louçainhas das damas da Europa, hiam porém cubertas de ouro, diamantes, rubins, e perolas, que não tinham estimação.

Por este carro, que era huma máquina muito grande, puchavam muitos Principes, Reys, Banhas, e Senhores principaes, assim cativos, como os seus proprios naturaes. Diante deste soberbo carro hiam outros muitos de espantosa grandeza, e invenção, cheios todos de despojos, e riquezas de ouro, pedraria, estatuas de ouro, prata, e metaes, cousa que causava muito grande espanto, e admiração ver aquella máquina. E diante de tudo isto hiam quasi dous mil elefantes, que ganhou naquelles Reynos, mui ajaezados, e cubertos de pannos de seda, e ouro. Na reta-guarda hiam aquelles innumeraveis exercitos em ponto de guerra, que era a mais fermosa cousa, que se podia ver. E com este apparatoso, e soberbo triunfo entrou na Cidade Pegú, onde foi recebido com espantosas festas, e apparatos, não perdoando aos gastos, porque se fizeram excessivos.

Vendo-se este barbaro na mór alteza que podia imaginar, determinou de fazer hum Templo, ou Varela em agradecimento das mercês que seus idolos lhe fizeram,

pe-

pera nelle ordenar muitos suffragios, e tambem pera se enterrar nelle. E pera esta obra convocou á sua Corte todos os Reys, Principes, e Senhores seus vassallos, que eram muitos, tendo-lhes mandado declarar o pera que os chamava, pera que viessem appercebidos, pera offerecerem naquelle Templo seus dons. E como os teve juntos, foi-se com toda a sua magestade ao lugar de Mahicon, que era fóra da Cidade Pegú, como Belém de Lisboa, e alli armou huma rica tenda branca, e ao redor as de todos aquelles Reys, e o dia ordenado mandou abrir os alicerses, pera o que estavam juntas grandes máquinas de instrumentos, e muitos officiaes, no que se gastáram alguns dias, porque o alicerse era profundissimo, e muito largo. O dia em que se havia de lançar a primeira pedra nos fundamentos, foi ElRey o primeiro que lançou sua figura, e a de sua mulher, e filhos, todas de ouro, e muitas baixellas do mesmo pera se servirem lá na outra vida; e assim lançou mais hum Templo, ou Varela todo de ouro com seus coruchéos, e hum lagarto de ouro, e huma panella grande do mesmo com huma guedelha dos cabellos de ElRey; e todas estas peças de boa grandeza com muita, e muito rica pedraria por todas ellas; e apôs elle foram os mais

Reys conforme a suas preferencias lançando nos mesmos fundamentos outras peças riquissimas de ouro, e pedraria. E foram as cousas que lançáram taes, e tantas, que affirmam os Talapões antigos daquelle Reyno, que se lançáram naquelles alicerses seiscentos candis de ouro, que pela nossa conta sam duzentos moios de ouro, porque cada candil tem vinte alqueires, a fóra a pedraria, que affirmavam valer maior quantia pela riqueza, e fineza della. A obra da Varela, depois que se acabou, foi huma das grandezas, que se póde contar por huma das maravilhas do mundo; e os idolos que se puzeram dentro, he cousa muito pera espantar a riqueza delles.

Os paços que este Rey fez na Cidade nova de Pegú eram tamanhos, que elles só por si podiam fazer huma fermosa villa das grandes do nosso Reyno, de obra excellente, e verdadeiramente imperial. Todos por fóra, e por dentro eram dourados, e pintados de varias, e diversas tintas de oleo. As camaras, varandas, corredores, salas, e o mais interior do serviço da Rainha, e de suas damas era tudo forrado, e cozido em ouro. A casa, em que ElRey sempre estava, tinha todo o pavimento de ouro de martello; e do mesmo era hum corredor, e huma varanda, em que se ElRey

cos-

costumava a assomar a ouvir partes. Na entrada dos paços, e em toda a roda delles tem grandes, e fermosas varandas, e corredores, como claustros de Mosteiros, com seus alpendres todos dourados, e maravilhosamente lavrados. Huns serviam pera Julgadores, Escrivães, Tabelliães, e todos os mais officios a seu modo; outros de outros Officiaes, e de Capitães, gente de guarda, de Veadores da fazenda, Contadores. Em fim, não se póde dizer, nem escrever as grandezas, e maravilhas destes passos.

A' entrada delles á mão esquerda estava huma casa do thesouro, onde se não recolhia ouro amoedado, senão estatuas de homens, e mulheres de espantosa grandeza, todas de ouro. E tem mais huma fermosa casa mui dourada, e ricamente guarnecida, em que estam por ordem as figuras dos Reys que reináram, todas de ouro, e pedraria do tamanho que eram. E cada anno mette nesta casa o Rey que reina, huma estatua sua; e por ellas se sabe os annos que cada hum reinou, porque tantas estatuas tem. E pera a mesma parte havia humas fermosas terecenas, em que estavam seis elefantes, huns ruivos, e outros mais claros, a que chamavam elefantes brancos; debaixo de ricos docéis: estes comiam, e bebiam em fermosissimas bacias de ouro;

em

em que tambem lhe lavavam os pés: a fóra dez, ou doze mil elefantes, que este Rey tinha repartidos por differentes partes.

A' entrada dos paços á mão direita estava huma fermosa torre de madeira, onde estava hum sino grande da feição dos da China, que era de metal redondo com hum escudo, e tinha mais de vinte palmos de roda, e delle estava dependurado hum maço grande forrado de couro, e o pateo em que o sino estava, tinham-no de continuo aberto, chamava-se o sino da justiça; porque quando alguma pessoa se sentia aggravada de alguem, chegava-se ao sino, e dava com o maço huma grande pancada, que logo se ouvia de todas as partes dos passos o estrondo que fazia, e ElRey mandava logo saber, que pessoa era aggravada, e de quem, porque á mesma hora alli era desaggravada, de que já fallei nas outras minhas Decadas; e se agora o trago aqui, he pera contar hum caso, que ha poucos annos aconteceo. Estava alli hum Capitão fazendo aquellas viagens, de que era provído: tinha este Fidalgo hum fermoso cafre, que o Principe cubiçou; e desejando-o muito, mandou commetter ao Senhor com muito dinheiro, que lho elle não quiz dar pelo Principe ser Gentio. Chegando-se o tempo da embarcação, mandou-lho o Prin-

ci-

cipe tomar; e dando-lhe rebate desta força que lhe faziam, foi-se ao Paço, e deo no sino huma, ou duas pancadas, e logo se metteo em huma embarcação, que tinha muito ligeira, e foi-se pelo rio abaixo embarcar na sua náo, que estava dalli a algumas leguas no porto de Cosmim. ElRey tanto que ouvio o sino, mandou logo saber quem era o queixoso; e como os seus lhe não podiam mentir sobpena de morte, contáram-lhe tudo o que passava. Pelo que mandou com muita pressa os Ministros a tomar o Cafre a casa do Principe, e que logo com muita brevidade se entregasse a seu dono; e sabendo ser já embarcado, tomáram huma manchua muito ligeira, e fóram seguindo o Capitão até á náo, e entregáram-lhe o seu Cafre; e da parte de ElRey lhe pedíram grandes perdões; e indo o Principe ao Paço, o reprendeo o pai com muita colera, e lhe disse, que aprendesse a ser Rey; porque se elle fazia forças, que esperava fizessem os seus? Palavras eram estas não de Principe Gentio, e sem lume de fé, senão de hum grande Catholico, e temente a Deos. Oh quem víra nos pateos das casas dos Reys Christãos outros sinos como estes, porque então seriam elles sabedores das forças, aggravos, injustiças, e tyrannias que se fazem a seus

vas-

vassallos, de que se não queixam senão a Deos! E bem certo he, que se souberam muitas cousas destas, que as emendáram, e castigáram até nos Principes seus filhos.

Tinha ElRey em seus Paços huma fermosissima varanda toda cozida em ouro com riquissimas grades toda em roda, a que se assomava duas vezes no dia, e assentava-se em hum soberbissimo throno; e em baixo estava outra varanda mui grande descuberta a elle, onde estavam os seus Officiaes da Justiça, e Fazenda, e Capitães, e Governadores de Provincias, e dalli lhe davam relação de suas cousas, e elle lhes dava seus despachos: e todas as vezes que ElRey se assomava a esta varanda, se tangiam sete trombetas de prata. E quando este Rey queria ir fóra, hia em huma charola forrada de ouro, com muita pedraria, e era levada aos hombros de trinta e seis homens principaes, diante de quem se hiam tangendo as sete trombetas de prata, e outras que o não eram, e ao redor da charola hiam sete sombreiros de tomar o Sol, forrados de ouro: e pelas ruas, por onde hia, todas as pessoas que por ellas andavam se recolhiam ás casas; e assentados no chão, em quanto passava, estavam com as mãos alevantadas. Eis-aqui parte da potencia, e riqueza deste barbaro, e muitas outras

tras cousas se acharám na minha sexta Decada, onde se podem ver.

CAPITULO V.

Do cruel, e miseravel fim que teve este Reyno de Pegú no anno de mil e seiscentos, em que andamos.

TEmos mostrado o poder, e grandeza deste imperio; agora mostraremos quão depressa, e miseravelmente tudo isto acabou, que parecêra que foi hum sonho o que temos dito, e hum raio que passou, sem deixar rasto de cousa alguma. O caso foi como direi. Succedeo virem a este Monarca, de que temos fallado, novas que o Reyno de Sião se lhe tinha rebellado; pelo que mandou com muita brevidade ajuntar seus exercitos, e despedio com elles seu filho Mampa Raja, que chegando áquelle Reyno lhe começou a fazer guerra, em que acontecêram casos muito notaveis, e houve grandes feitos em armas, que se verão na nossa onzena Decada, e por fim foi morto o Principe Mampa Raja, e seu exercito desbaratado; e as reliquias delle chegáram ao Reyno de Pegú. E sabendo aquelle Rey o caso, foi tanta a sua dor, e paixão, que fez extremos exorbitantes pela

mor-

morte do filho. E hum delles foi mandar lançar pregões por todo o Reyno de Pegú, com penas de morte contra toda a pessoa, de qualquer qualidade que fosse, que se não mostrasse triste, e não puzesse dó por seu filho, e que dentro em tanto tempo não houvesse festas, nem se fizessem casamentos, nem outra cousa que tivesse semelhança de alegria, assim no exterior, como no interior.

Estando as cousas neste triste, e miseravel estado, succedeo fazer hum Pegú hum casamento de huma sua filha em muito segredo, e escondido; e como em todos os estados da vida não faltem malsins, foi isto logo dito a ElRey, que sentio tanto aquelle negocio, como a propria morte do filho, por cuidar que os Pegús folgáram com ella, e que era aquillo modo de alevantamento, pois começavam de desobedecer a seus mandados: e imaginou tanto nisto, que veio a dar em outros extremos fóra de toda a razão; e o primeiro acto que fez delles foi mandar lançar pregões, que todo o seu vassallo casta Pegú fosse á Corte escrever-se, e assignalar-se por cativos de ElRey; e o ferrete que lhes punham pera serem conhecidos por elles, era huns ferros quentes nos braços com os nomes de todos, e diziam mais: Cativos de El-

Rey,

Rey, como nós vimos em Goa hum Portuguez bem honrado, que foi cativo deſte Rey, quando tomou a Cidade de Sião, que ſe chamava Antonio Toſcano, que em outra Decada já referi. Logo que iſto ſuccedeo, que foi em Março, e aos quatro do Maio ſeguinte, padeceo a Lua hum eclipſe, eſtando cheia, que ſe encubríram as tres partes, ficando de côr parda ſobre eſcuro muito malenconizada. E ainda que iſto aconteceo o anno de 94. que cabia no tempo de Mathias de Alboquerque, foi neceſſario guardallo pera aqui, pera contarmos os males deſte Reyno todos juntos, e não por pedaços.

Eſte negocio de ſe aſſignalarem os Pegús por cativos tomáram todos muito mal; e logo começou a haver por todas as Cidades do Reyno grandes alevantamentos contra os homens que governavam; e ajuntando-ſe todos com poderoſos exercitos, foram á Cidade de Pegú em buſca do Rey, e lhe deram muitas vezes batalhas cruas, em que os Pegús foram de todas desbaratados pera ſuas Cidades.

Vendo aquelle Rey o alevantamento dos Pegús, tratou de os extinguir, e acabar de todo; e não achou outro meio melhor que defender-lhes os mantimentos. E pera iſſo mandou lançar muitos pregões com pena de

de morte, e das mulheres, e filhos, que se não semeassem os campos, nem se trouxessem mantimentos de fóra, o que se cumprio á risca por tempo de dous annos contínuos, com o que chegáram os Pegús ao ultimo da desesperação, porque chegou a valer o candil de arroz, que sam vinte alqueires, quinhentos, seiscentos, e ainda mil pardaos; e como os pobres não tinham com que o comprar, morriam de fome milhares delles pelos campos, e pelas villas, e aldeas; e foi a cousa de feição, que muitas ficáram desertas, e deshabitadas; e quando mandou lançar estes pregões, despedio tambem grandes, e poderosos exercitos de Bramas, que entrassem por todas as Cidades populosas, e matassem homens, mulheres, meninos, cães, gatos, e tudo mais que tivesse vida puzessem a fogo, e a ferro, sem perdoarem a nada; e assim o fizeram. E usou-se nisto de tanta deshumanidade, e crueldade com os grandes, e pessoas principaes, que tomando-os ás mãos dous e tres mil com as mãos atadas, pera se não poderem ajudar huns a outros, os mettiam nuns curraes de madeira com muita palha dentro, e punhão-lhes fogo, em que todos se abrazavam, e consumiam: e até os Talapões, que sam os seus Religiosos, lhe não escapáram; porque dos Templos,

plos, donde eſtavam abraçados com os idolos, os tiravam pera aquelle incendio; de feição que parecia que mandára Deos noſſo Senhor dos Ceos huma inquiſição geral pera caſtigar ſuas idolatrias; e a muitos atados de pés, e mãos de cento em cento deram fundo no mar, onde eram comidos dos peixes, que parece que quiz Deos que deſtes nem as cinzas ficaſſem. E porque não ha pennas, nem mãos que poſſam eſcrever, nem linguas contar as grandes cruezas que neſte Reyno ſe uſáram, baſta dizer que foi tão grande o número dos mortos pelas ruas, e pelos rios, que eram grandiſſimos, que todas as ſuas aguas eram vivo ſangue de ribeiros, que corriam pera elles, ſómente dos que morrêram á eſpada, não ſendo eſtes a decima parte, porque os mais morrêram de pura fome. Paſſou o Divino caſtigo a tanto, que alguns vivos que havia chegáram a comer os corpos dos mortos, e ainda de outros, que ainda eſtavam palpitando. E aconteceo muitas vezes eſtar hum deitado no chão morrendo, e outros mais esforçados, que tambem andavam ás voltas com a morte, cortarem-lhe as polpas das pernas, e alli mal aſſadas, comerem-nas logo; e o que he mais pera admirar, he, que o meſmo, a quem as cortavam, comer tambem de ſua propria

car-

carne ; que he coufa que nunca já mais aconteceo , nem na deftruição de Jerufalem, nem em outra alguma Cidade ganhada, e entrada de alguns barbaros.

E he certo que havia pelas Cidades açougues públicos, em que fe vendia carne humana. E fe fe conta que houve huma mulher em Jerufalem, que comeo o filho, aqui houve mais de mil, que os efpedaçáram, e comêram : e ainda houve mulheres, que não efcapáram aos maridos, nem elles a ellas. E muitas vezes aconteceo viverem muitas peffoas em huma cafa, e o primeiro que de noite adormecia fer logo efquartejado, e repartido pelos outros, e affim poucos, e poucos fe foram comendo huns a outros. Alguns andavam como lobos famintos pelas ruas a bufcar efta carniffa, e cortarem as cabeças aos que eftavam acabando, e fenderem-lhas, e chuparem-lhes os miolos affim crus. E porque efta terra de Pegú he muito falta de lenha, e pedra, faziam das caveiras, tres e quatro juntas, fogões, e com os offos dos mortos coziam a mefma carne, que tiravam delles. E chegou a ira de Deos a tanto contra eftes idólatras, que he certo que todos os que comiam defta carne logo fe lhes encarniçáram os olhos, e ficáram como abrazados, e com iffo duravam pouco.

A

A esta carnissa acudíram as feras dos matos, e entráram pelas Cidades cheias de corpos mortos, e nelles se encarnissavam cruelmente; e as gralhas, milhanos, corvos, e outras aves andavam pelas ruas com os intestinos dos corpos nos bicos correndo por ellas. Que mais se póde contar, nem quem ouvio outro tal castigo como este? porque cuido que foi maior que o diluvio geral; que aquelle affogou logo todos os viventes, que se sumíram debaixo da agua, e não poder cada hum mais que ter tento em si, e duraria seu trabalho huma, ou duas horas que nellas se consumio tudo; mas isto he outra ira de Deos, que só de a ouvir tremem as carnes. Os rios, fontes, e tanques tudo era sangue, e não havia onde poderem beber; e a mim me disseram alguns Portuguezes, que se achâram na Cidade de Pegú, que o rio que passava de longo della era sangue, e que estiveram arriscados a morrerem de sede; mas a necessidade os obrigou a beberem ántes do rio, que era corrente, que não das fontes, porque tomavam a agua, e coavam-na em jarras, e assim a bebiam por não poderem mais. E não parando nisto a ira do Ceo, succedêram todos os dias, que estas cruezas duráram, que foram muitos, grandes terremotos, relampagos, e co-

coriſços eſpantoſos; e logo apôs iſto ſobreveio peſte neſtes Reynos tão cruel, que acabou de arrazar tudo, de maneira que ſe affirma paſſarem os que morrêram de tres milhões de homens. Os vaſſallos Bramás deſte Rey vendo tantos, e tão grandes males, fugíram pera os Reynos do ſertão. E chegou eſte barbaro a eſtado, que ſe vio deſamparado de todos; e vendo-ſe ſem remedio, mandou chamar o Rey de Tangu, que era ſeu primo, cunhado, e vaſſallo, e lhe entregou o Reyno, e foi-ſe com elle pera o outro quaſi como cativo com ſua mulher, filhos, e parentes da Caſa Real, que todos aquelloutro tyranno matou com peçonha, e mandou levar os theſouros de Pegú pera ſeu Reyno. E affirmam os Portuguezes, que alli ſe achéram que eſcapáram, que foi o ouro, a pedraria, a prata, e as riquezas tantas, que ſe gaſtáram tres mezes em ſe acarretarem com mais de duzentos elefantes, deixando outras couſas, que pudéram fazer muitos Reynos ricos; porque ſó a artilheria que ficou naquella Cidade em armazens fermoſiſſimos, foram quinze mil peças todas de bronze, e dous armazens mui grandes cheios de ſalitre, enxofre, polvora, pelouros, e theſouros entulhados de veludos, roupas, beijoim, e marfim, e outras couſas, de que depois o

Rey

Rey de Arracão se aproveitou, como em seu lugar diremos, e assim ficou todo este Reyno de Pegú deserto sem quem o povoasse; o que succedeo este verão passado de noventa e nove, cousa que póde fazer tremer as carnes aos Emperadores do mundo verem hontem a potencia, que contei deste Rey Brama, e os carros tão potentes, em que entrou triunfando, quando veio de Sião; e hoje deixar seu Reyno, e entregar-se a hum seu vassallo como cativo, que logo o mandou matar, e a toda sua geração, sem delle ficar memoria alguma, pera se virem a temer destes escarneos do mundo, que assim lhes podemos chamar.

Tem estes Pegús em seus livros huma profecia, que affirmava que naquelle tempo se acabaria a Monarquia dos Bramas, como acabou, e que viriam gentes estrangeiras Galas, e Franquis senhorear aquelle Reyno. E que o mar pariria pelos rios, e costas do mar mulheres brancas, e fermosas, e que haviam de ser filhas do vento: e que hum Rey que os havia de senhorear teria estas feições, homem de grandes olhos, orelhas grandes, braços compridos, cabeça ornada de muitas pedras preciosas, os peitos, e hombros cheios de rubins, e diamantes, os pés de cágado, e

na boca da parte direita ſobre o dente da preza outro cavalgado.

Iſto interpretam alguns deſta maneira. Galas, e Franquis ſerem os Portuguezes, porque em toda a India nos chamam Franquis, que quer dizer Chriſtãos, porque em todas as Provincias da Chriſtandade chamam Franquia, ou Franquiſtan. As mulheres alvas, e fermoſas, filhas do mar, e do vento, ſam as Armadas Portuguezas, que ham de aportar áquellas partes. O Rey grande entende-ſe na Monarquia, e poder. Pelos olhos grandes, vigilante, que veja tudo, e que tenha muitos do ſeu conſelho, pera que com elle o ajudem a ver, e governar ſeus Reynos. Orelhas grandes, que ouvirá bem, e fará juſtiça. Cabeça ornada de pedras precioſas, que ſerá ſenhor de muitas Coroas, e Reynos. Peitos, e hombros cheios de rubins, e diamantes, que ſerá ornado de muitas virtudes, e prudencia. Braços compridos, que ſerá grande Conquiſtador, e que por ſeus Capitães conquiſtarám longe muitos Reynos. Pés de cagado, que ſerá grande ſenhor no mar, e na terra. O dente da preza cavalgado outro ſobre elle, que ajuntaria outro imperio ao ſeu. Tudo iſto podemos interpretar dos Reys de Portugal. E já neſte tempo começáram a apparecer por aquellas partes aquel-

las

las filhas brancas, e fermosas do mar, e do vento, que sam suas Armadas, que por aquellas partes tem alcançado vitorias; e com a Fortaleza de Syrião, que tem naquelle Reyno, parece que já tomou posse delle. E quererá Deos nosso Senhor que o possua ainda todo, e que traga tantos póvos idólatras á manada dos seus Fieis.

CAPITULO VI.

De quem era o Principe de Abadaxam, que este anno de seiscentos se fez Christão, e veio ter a esta Cidade de Goa.

POrque não he pequeno negocio, nem de pouca importancia em tempo deste Conde Viso-Rey fazer-se Christão hum Principe, quarto neto do Grão Tamorlão, filho de ElRey de Badaxam, não quizemos passar por isto pera darmos graças a Deos nosso Senhor de vermos hum Principe, filho de Rey, nascido, e creado lá nos escondidos montes da Scytia Asiatica vir de tão longe, e por tantos rodeios, como logo diremos, buscar a agua do santo baptismo, movido só do toque de Deos nosso Senhor, que o tinha escolhido, e predestinado pera este tamanho, e tão soberano bem. E pera darmos a conhecer este Principe, e o

tronco de que procede, he necessario tomarmos isto desde seu principio pera melhor entendimento de tudo.

No primeiro, e segundo Capitulo do decimo Livro da nossa quarta Decada démos já relação daquelle grande Chinguiscan senhor do Catayo, e como sahio de seu imperio a conquistar as Provincias da India maior, e toda a Sogdiana, e Bactriana, Bale, Bochata, Camarcan, Persia, e outros muitos Reynos, que repartio com seus filhos por esta maneira. A Provincia Turquestan, que jaz abaixo dos montes Imaos, deo a seu filho Turch, de quem ella tomou o nome; e de Estan, que quer dizer Provincia, se veio a chamar a Provincia de Turchestan, como lhe os Geografos chamam, principalmente os Parseos. E assim affirmam alguns Escritores, que daqui sahíram os Turcos a conquistar a Persia. E a Natholia chamando-se assim da Provincia donde sahíram, e não pelo que affirmam alguns Escritores da Europa, como temos já bem mostrado.

Ao outro filho chamado Chachatá deo a Provincia Camarcant com tudo o que jaz entre os famosos rios Oxo, e Lazartes, de quem ella tambem tomou o nome, chamando-se Chachata, e não Zagatai, como os Geografos modernos lhe chamam.

A

A outro filho chamado Balolo deo o Reyno do Coraçone, e Persia. A outro filho chamado Husbeque deo aquella Provincia, que jaz sobre os montes Imaos, em que entram os Reynos de Candux, Caxcar, e este de Badaxam, de que havemos de tratar, e outros, que tomáram delle o nome; e todas se chamáram Usbequia, que depois conquistou a Provincia de Camarcant da mão de seu irmão Chachata.

Todas estas Provincias deixáram o nome de Chachatai, e hoje se chamam Husbequia, por serem todas de hum senhor, e por tempo se dividíram todas em os netos, bisnetos, e tresnetos deste Chachata. E sempre aquelles Reynos tiveram este nome, que ainda hoje conservam, até vir tudo ao poder do Grão Tamorlão, que os conquistou, e por sua morte se repartíram estes Reynos por seus filhos, e netos.

E deixando estes, de que já démos relação nas outras Decadas, tratemos do filho Mirzaholoc Baxa, que herdou o Reyno de Badaxan, e por sua morte ficou a seu filho Ocenxa, e a elle succedeo seu filho Mutula Xa. E a elle seu filho Soleimamxa, que reinou mais de sessenta annos, e sendo já de noventa muito decrepito, entregáram os Grandes o Reyno a seu filho Abraemo Xa, que teve grandes guerras com

Phir

Phir Mahamede Matacan, Rey de Bahale, e Camarcan, e nellas foi este Abrahemo morto, e succedeo-lhe no Reyno seu filho Xaroc Xa. E havendo sete annos que reinava, se mostrou mui deshumano, e deo em fazer grandes cruezas nos vassallos, e em matar os Grandes. Pelo que chamáram em seu favor a Abdulacan, Rey de Camarcan, que naquelle tempo residia na Cidade de Balche, que veio com hum grosso exercito, e achou o Rey Xaroc Xa muito fortificado dentro na Cidade de Badachan, de que todo o Reyno tinha o nome; e posto que alguns dos seus se passáram ao Abdulaxan, os mais acudíram a defender sua patria. E todavia apertou elle tanto com aquella guerra, que poz aquelle em estado de desesperação, e assim deixou o Reyno nas mãos do inimigo, e elle se acolheo pera a Corte do Grão Mogor, onde então reinava Hecbar Paxa, que era tão parente, que cahiam ambos em quintos netos do Grão Tamorlão, que o agazalhou com o mandar prender. E antes que elle deixasse o seu Reyno, mandou sua mulher, e hum filho mais moço, que he este de que fallamos, pera huma Fortaleza inexpugnavel chamada Culabo, aonde Abdulacan os foi cercar; e depois de os combater sete mezes, não podendo os de dentro soffrer

os

os trabalhos do cerco, abríram as portas ao inimigo, que ſe apoderou de tudo, e houve ás mãos a Rainha, e o Infante ſeu filho, e os levou comſigo á Cidade de Bochará, e os entregou a hum Caſſis, que era entre elles como Biſpo, chamado Cojagijan, onde eſtiveram dous annos e meio, paſſando-ſe o Abdulacan pera a Cidade de Camarcant, que era oito dias de caminho da de Bochara ao Norte. E depois de eſtar lá, mandou hum Capitão com cartas ao Caſſis, pera que lhe entregaſſe o Infante, que tinha prezo; e deo-lhe por regimento, que como o houveſſe ás mãos o mataſſe, e a cem peſſoas mais que com elle eſtavam prezas. E ſabendo o Caſſis o que o Abdulacan mandava, entregou-lhe as peſſoas que pedia, e ao Principe eſcondeo; e em ſeu lugar deo hum moço, que ſe parecia muito com elle, porque fora eſte Caſſis de ſeu pai, e lhe eſtava mui affeiçoado.

Depois diſto mandou o Abdulacan a ſeu filho Abedul Monenchan a conquiſtar as terras do Coraçone, que eram do imperio Perſio, e nellas eſtava por Governador ſeu filho Xaabas, que hoje reina nelle, que lhe ganhou as Cidades de Heri Maxet, e outras. E proſeguindo-ſe eſta guerra, mandou o Turco Amurates hum Embaixador ao Abdulacan a tratar de pazes, e amizades

en-

entre elle, e o Persa. E os respeitos, por que se quiz metter de permeio, dizem alguns que foi temer-se que o Abdulacan conquistasse os Reynos da Persia, e se fizesse com isso tamanho senhor, que tentasse conquistar-lhe seus estados, porque esta nação dos Husbeques era mui receada entre Turcos por serem grandes cavalleiros, e muito crueis, e não lhe vinha bem tellos por vizinhos. E alguma composição fez este Embaixador entre estes Reys, ficando-lhe as Cidades, que o Husbeque tinha ganhadas na Provincia Coraçone, como eu conto tudo isto na minha onzena Decada muito largamente no tempo do Governador Manoel de Sousa Coutinho, e Mathias de Albuquerque. E ao partir-se este Embaixador pera Constantinopla lhe entregou o Cassis em grande segredo o Infante de Badaxan pera o deixar passar á casa de Méca, o que elle fez; e depois de feita a romaria, se tornou pera Badaxan disfarçado, pera ver sua mãi, que achou em huma aldea junto da Cidade Culab, que o Abdulacan lhe tinha dado pera sua vivenda, e despeza. Tanto que ella vio o filho já homemzinho, e que mostrava grande animo, negociou-lhe quinhentos homens de cavallo, com que foi assaltar a Cidade Culab, e a entrou, e tomou, e nella se fortificou com sua mãi, e

logo lhe acudio gente daquelle Reyno, com que em poucos dias poz em campo doze mil de cavallo, com que foi ſitiar a Cidade Calais Gafar; que logo ſe lhe entregou, e o meſmo fez a Cidade Queixume; e aſſim foi engroſſando mais ſeu campo, e voltou ſobre a Provincia Talacan, que governava hum Usbeque vaſſallo, e parente de Abdulachan, chamado Mahamed Soltan Divan, e ganhou eſta Provincia, e ao que a governava mandou cortar a cabeça.

As novas deſtas couſas chegáram a Abdulachan; e ſabendo o que paſſava, e como o Infante filho de ElRey Xaroch, que elle mandára matar, que eſtava em poder do Caſſis, a quem o elle tinha entregue, era o que lhe fazia toda a guerra, mandou levar diante de ſi o Caſſis, e perguntou-lhe porque não entregára aquelle Infante, pera o matarem como elle mandava? Ao que o Caſſis lhe reſpondeo com muita liberdade; que elle fora de ſeu pai, e lhe comêra o ſeu pão, e que não era licito, nem lhe ſería bem contado uſar de tamanha ingratidão com o filho do Rey que o creára, e de quem tinha recebido tantas mercês; e que ſe lhe parecia que errára em ſeu ſerviço, que alli eſtava a ſua cabeça, que lha mandaſſe cortar em lugar da do Infante. O que viſto pelo Abdulachan com ſer bar-

ba-

baro, lhe perdoou; e por ſeu reſpeito paſſou áquelle Infante hum Alvará de perdão, em que lhe concedia tambem a Cidade Talachan pera viver nella com ſua mãi.

O que ſeu filho Abedul Monenchan não quiz conſentir, nem guardar o ſeguro que ſeu pai dava a eſte Principe, antes formou hum poderoſo exercito com que foi contra eſte Infante, e o cercou na Cidade Culab, onde o poz em tanto aperto de fome, que lhe foi forçado ſahir-ſe eſcondido com ſua mãi, mulher, e filhos, e trinta peſſoas, com que ſe paſſou a hum ſeu cunhado, irmão de ſua mulher, ſenhor de huma Cidade que lhe o Abidulachan tinha dado; e como lhe entregou tudo aquillo, paſſou-ſe á Cidade Cabul, que era do Grão Mogor, em tempo que entre ſeus moradores havia grandes guerras; e temendo-ſe que o mataſſem, ſe acolheo outra vez pera a Perſia. E eſtando na Cidade Casbim, encontrou com huns homens, que ſe creáram em caſa de ElRey ſeu pai, que ſerviam ao Rey da Perſia, a quem fizeram a ſaber delle; e mandando-o ElRey buſcar, fez-lhe muitas honras, e deo-lhe peças mui ricas, e mandou dar caſas, e ſerviços. E deſejando elle de ir á Corte do Mogor, onde ſeu pai eſtava, o fez a ſaber áquelle Rey, e partio-ſe pera Ormuz pera dalli

paſ-

paſſar ao Cinde, e dahi a Laor, onde ſeu pai eſtava.

E andando na Ilha de Ormuz deſconhecido, eſperando tempo pera ſe partir por mar pera o Cinde, viſitava algumas vezes a Igreja dos Padres da Ordem do glorioſo Padre Santo Agoſtinho; e vendo aquelle Templo, a limpeza, e ornamento de ſeus Altares, ficou muito edificado. E em algumas práticas que teve com aquelles Religioſos, veio a entender a verdade, e pureza de noſſa Lei, e a mentira, e falſidade da de Mafamede; e tocando-o Deos interiormente, pedio com muita inſtancia o ſanto baptiſmo, que lhe deram na entrada deſte anno, em que andamos, e dalli foi trazido pelos Religioſos de Santo Agoſtinho a eſta Cidade de Goa com boa companhia de criados, e o agazalháram no ſeu Moſteiro, onde o eu fui viſitar muitas vezes, e me deo de ſua vida, e peregrinação huma larga relação, e depois caſou neſta Cidade com huma mulher nobre: e êſte anno quereria Deos chegaſſe a ſalvamento ao Reyno, porque ſe embarcou pera lá na Armada de Luiz Mendes de Vaſconcellos.

CAPITULO VII.

Que trata da parte a que jaz este Reyno Abadaxam: e da descripção desta Provincia de Laor até esta Cidade, e della até o Cathayo: e de como esta Provincia não he a China, como alguns cuidáram, e a que parte jaz.

JÁ que acabámos agora de fallar neste Reyno Abadaxam, cujo Principe se fez Christão, pareceo-nos bem mostrar a que parte de Asia jaz, e fazermos huma descripção desde Laor, Corte do Mogor, até elle, e dahi até o Cathayo, posto que na nossa quarta Decada temos dado boa relação desta Provincia, e mostrado a que parte jaz; agora o faremos de novo muito particular, e distinctamente a modo de roteiro, sem mostrar graduação das Provincias, e Cidades principaes, porque até agora não houve quem tomasse por aquellas partes a elevação do polo Arctico; e isto servirá pera os vistos na Geografia, que lhes não será de pouco gosto; porque sobre esta Provincia Cathayo houve entre os antigos muitas opiniões, e andáram ás apalpadelas como cegos buscando este imperio, sem acabar de dar com elle, pera o situarem em seus mappas, e globos na verdadeira altu-

ra em que eſtá. E ainda os modernos não acabáram de atinar neſte negocio, em que ſeguirei alguns roteiros, que tenho de peſſoas, que penetráram todas eſtas terras até ...anſacarem toda a Aſia. E começaremos eſta deſcripção, como diſſemos, de Laor até á Cidade Cambalec, pondo as Cidades, e lugares por diſtancias de jornadas de cafilas, que andam por dia quatro, ou ſinco leguas, e muitas vezes menos.

Partindo de Laor, que eſtá em trinta e dous gráos e meio, vam caminhando por aldeas fertes até á Cidade Taec, e por junto della paſſa hum fermoſo rio. Dalli vam ter á Provincia Paſaver: neſte caminho pelo vagar das cafilas ſe põe hum mez, e ás vezes ha dia que não fazem jornada. E em outro mez vam ter á Cidade Guidali, e della em quinze dias á fermoſa Cidade Cabul, que he do Mogor, e eſtá em trinta e nove gráos; e os que caminham por aqui, affirmam que ſam de Laor até eſta Cidade Cabul quatrocentas leguas, o que cuido não póde ſer, ſenão ſe caminharem por rodeios mui grandes, e ſempre até aqui caminham ao Norte; e deſta Cidade ao meſmo Reyno, carregando ſobre o Nordeſte, vam em quinze dias ter á Cidade Caracar grande, e mui bem murada; e della a dez dias até á Villa Paravan, que he a derradei-

deira dos Reynos do Mogor pera a parte do Norte. Daqui por ſima de huns montes, que ſam parte dos Caucaſos, em vinte dias chegarám a huma Villa chamada Angaram. E em outros tantos á Cidade Calcha, onde todos os ſeus naturaes ſam alvos, e framengados, e tem eſta Cidade muitas aldeas ao redor muito proſperas. Deſtas em dez dias vam á Cidade Jalalabão; e dalli em quinze a outra chamada Talhan; e dalli vam a Icxim terra do Abdulacan ſenhor de Camarcant. E dalli em oito dias vam ter á Cidade Abadaxan, que he a de que tratámos neſte Capitulo atrás, que quanto a mim eſtá em perto de quarenta e dous gráos. E por aqui ſe verá de quão apartadas terras, e por que rodeios tão compridos veio eſte cervo ferido deſte Infante de Abadaxan a buſcar as aguas da fonte viva do ſanto baptiſmo, pera nellas ſe lavar da torpe, e fedorenta lepra de ſeus peccados.

Já temos moſtrado o ſitio, em que eſta Cidade eſtá, moſtremos agora o caminho della até o Cathayo, e a que parte jaz eſte imperio, e onde o ſituam os Geografos antigos, e modernos. E a verdade do que diſto podemos alcançar, ſeguindo o roteiro do Padre Bento de Goes, da Companhia de Jeſus, que foi por mandado dos

Pre-

Prelados da dita Companhia de Goa descubrir esta Provincia da Cidade Abadaxan. Foi este Padre caminhando ao nascente, e ao primeiro dia de caminho chegou a Charchunar, e dalli a dez dias a Saipanel, donde subíram huns altissimos montes chamados Setrimat; e em vinte dias foram ás terras de Sarcol, e outras grandes serras chamadas Chechale, onde havia muita neve, e por ellas andáram seis dias até chegarem á Cidade de Tangetar, tudo terras do Reyno Caxcar, e a derradeira dellas he a Cidade Siarcan grande, e muito rica. Nestas terras ha huma pedra alva, e fermosa muito estimada dos Chins pela terem por preciosa, e entre elles val muito, e chamam-lhe Luxe; e he tão forte, que abaixo do diamante não ha outra que se lhe iguale na dureza, porque pera a quebrarem, he necessario amolentarem-na no fogo, pesca-se nos rios como aljofre, e tiram della grandes pedaços, que pezam dous, e tres arrateis, fazem della joias assim pera homens, como pera mulheres, e sam mui louçans, e resplandecentes, e as mais finas sam as que tiram em hum monte chamado Cansanguicax, que quer dizer monte de pedras, que deve de ser o Mons lapideus dos antigos Cosmografos. Daqui foram caminhando por estes lugares, que todos sam

de

de Hiarcan; e não diz o roteiro quanto ha de hum a outro, nem quantos dias gaſtáram neſte caminho. Jolchim, Hencalix, Alacguir, Bagadec, Gruir, Moſelilec, Talec, Hermam, Joanthac, Mungidá, Capitacol, Chilan, Sare, Quebedal, Combaxi, Aconterub, Chacor, Aeſu, Outogrel, Gaſo, Caxen, Dilavai, Singabedal, Ugancucha. Tudo iſto ſam Cidades, e Villas grandes. De Cucha a vinte e ſinco dias de caminho eſtá a Cidade Chalis, forte, e murada, e della á de Aramat puzeram quinze dias. E dalli á Cidade Camul, ſem dizerem quantos dias de caminho. E deſta Cidade em nove dias chegáram áquelles admiraveis muros da China, e vam as caſilas parar a huma Cidade que fica fóra, chamada Kyaicum, que he de Mouros, onde o Padre Bento de Goes faleceo de puro trabalho do caminho, porque gaſtou nelle tres annos, por ſe deter em muitas partes muitos mezes, e de huma vez hum anno inteiro eſperando monção.

Eſte caminho, que diſſemos, por onde o Padre Bento de Goes foi por quarenta e ſeis, e quarenta e ſete gráos, he o de caſilas, por onde coſtumam a ir, por ſe aſfaſtarem dos deſertos de Lopi, que lhe ficam abaixo em quarenta e hum, ou quarenta e dous gráos, por onde antigamente

era

era o caminho ordinario. Eſte deſerto dura o caminho por elle quaſi hum mez, e todo elle he areaes, e ſem agua, ſenão a que tem de alguns charcos, em que ſe recolhem das invernadas. E por iſſo foram eſtas cafilas, em que eſte Padre hia ſubindo tanto ao Norte, a buſcar os montes de Abedaxan, e Caxcar, por onde ha ſempre neves, e muitos rios, e fontes, poſto que eſte caminho he muito mais comprido; e quem quer atalhar, e ir eſcoteiro, vai de Laor ao Nordeſte a buſcar o Reyno Quiximir, que eſtá em quaſi trinta e quatro gráos, em que gaſtam ſete, ou oito dias, porque delle vai a fruta a Laor ainda freſca, por ter abundantemente todas as de Europa. E de Quiximir ſe paſſa por muitas Cidades, e Villas a Tibet de Mouros, e a outro Tibet de Chriſtãos, em que ha mais de trezentas leguas de caminho; e daqui vam á Cidade de Lop, onde ſe reformam, e provêm, e entram por aquelles deſertos, que duram hum mez, até darem nos campos da Provincia Cathayo, por onde vam paſſando por muitos lugares até á Cidade Cotan, que he já do Cathayo, e fica fóra dos muros da China em altura de quarenta e ſete gráos, e dalli hiam á Cidade Cambalu, porque naquelle tempo não havia os Mouros que hoje ha naquella Provincia.

E tornando ao roteiro do Padre Bento de Goes, nelle não achámos que nos désse noticia deste Imperio, nem a que parte jazia, não indo elle a outra cousa mais que a saber daquella Christandade. E o Padre Mattheus Resio, da Companhia, que neste tempo residia na Cidade Pachim, Corte do Rey da China, na carta que escreveo aos Padres de Goa, diz, que o Cathayo verdadeiramente era na China, e que fóra della não havia outro Cathayo; e que a Cidade Cambalu era a mesma de Pachim, em que elle estava, no que parece que se confunde em parte, como logo veremos. Todos os Cosmografos, e ainda os Chins repartem todo o Imperio da China em duas partes, como já disse em outra Decada, Cim, e Mancim, e os Geografos corruptamente lhe chamam China, e Mangi. China Austral, e China Meridional, como Alemanha se reparte em outras duas partes, Alemanha alta, e Alemanha baixa. E assim nesta parte da China chamada Mangi podemos affirmar que he toda esta Provincia de Pachim. Quisai, e aquellas que mais cahem pera a parte do Norte, e que esta parte fosse o Cathayo, ou parte delle, tambem a não tenho por dúvida, o que podia ser por huma destas duas razões; ou que fosse a propria Provincia Cathayo, ou

que

que fosse conquistada daquelle Emperador Cathayo ; porque temos em Marco Polo, Livro II. folhas quarenta e huma, que estando elle com seu pai os annos de 1269. no Cathayo, fora Cublaican, quinto Emperador delle, a conquistar a Provincia da China; pois logo onde era este Cathayo, donde elle sahio, e onde esta China que conquistou? senão, se quizermos dizer que sahio daquella parte de quarenta e sete até sincoenta gráos, e foi conquistar a Provincia Mangi, e que puzesse sua cadeira na Cidade Quisai, que por ser fermosissima, e fresquissima lhe teriam os Chins posto aquelle nome de Quisai, que em lingua China quer dizer Cidade do Ceo, a quem o Cathayo mudava o nome, e lhe daria o de Cambalu, que he o mesmo na sua lingua. Mas he contra esta opinião o que está tão sabido, e o que tantos escrevem, que na Cidade Cambalu houve sempre grande Christandade, e fermosissimos Templos, e hoje no Pachim não ha disto reliquia alguma. Sómente diz o Padre Bento de Goes, que estando na Cidade Chincheo, Metropoli da Provincia Xensi, soubera que já alli houvera muitos Christãos; e hum Irmão chamado João Fernandes, que o Padre Resio mandou em busca do Padre Bento de Goes, por saber ser entrado naquella Pro-

 vin-

vincia, diz, que eſtando na Provincia Hónão, ſoubera que nas Cidades de Sancheu, e Sochcheu havia perto de ſincoenta annos naquelle tempo, que foi em ſeiscentos e tres, eram povoadas de Chriſtãos Cathayos, que por temor dos Chins deixáram a Lei de Chriſto. O que ſe póde ter por certeza he, que os Chins tornáram a conquiſtar tudo o que os Cathayos tinham ganhado naquella Provincia, e ainda muita parte de ſeus Eſtados, até os lançarem fóra daquelles admiraveis montes, que elles em algumas quebradas que havia tapáram com fortiſſimos muros pera lhe não tornarem a entrar delles pera dentro, por onde o Cathayo ficou delles pera fóra; porque todos os Coſmografos lançam em ſeus mappas eſtes muros em ſincoenta e ſete gráos, eſtando elles na verdade em quarenta e ſeis, ou quarenta e ſete, vieram a ſituar o Cathayo em ſincoenta e nove gráos. E quando ſe entende a ſituação do Cathayo, he da Cidade Cambalu ſua Metropoli; que ſe he certo ſer o Paquim, que eſtá em quarenta gráos, eſtes muros da China começam de ſobre o mar na Provincia Quinſi, que eſtá em altura de quarenta e ſinco, ou quarenta e ſeis gráos, e vam fenecer na Provincia Sanſi em quarenta e hum, quarenta e dous gráos. Fazem todos eſtes muros

ros de quatrocentas leguas de roda, e todos continentes, como os fez agora novamente hum Henrique Alangerem em hum seu mappa, sem fazer differença dos altos montes, que sam os verdadeiros muros daquella Provincia.

Ora ainda não estou satisfeito destas duas opiniões; porque muitas pessoas graves, e doutas nos dizem que ahi ha Cathayo, e Christandade naquelle Imperio. Aiton, Armenio, que foi Frade do Mosteiro da Episcopia, da Ordem Premostratense, que sendo secular esteve no Cathayo em tempo de Marco Polo, que depois de Frade foi mandado pelo Papa Clemente nos annos de 1305. vinte seis annos depois que lá esteve, ao Emperador do Cathayo, como o refere João Baptista Ramnusio no seu livro de varias viagens, que então era Tamarchan 6. do número, a lhe pedir soccorro pera tornar a cobrar a Terra Santa, que era perdida os annos atrás de 1291. por ser aquelle Rey Christão, e Senhor de toda a Asia, que mandou áquella empreza seu irmão Halationo, ou Halachu, que fez grandes guerras ao Soldão. Pelo que se vê muito claramente que esteve no Cathayo, e que este soccorro foi de Cathainos, e não sahio da China, nem o soccorro foi de Chins, que nunca foram Christãos, nem sahí-

híram de ſuas terras com ſeus exercitos. Daquelle Grão Chinguiſchan, primeiro Emperador do Cathayo, dizem todas as Eſcrituras Perſas, e Tartaras, que ſahio de Cambalu, e fora conquiſtar toda a Aſia, a Bactriana, Sugdiana, Perſia, e todas as mais Provincias, que repartio com ſeus filhos Husbeqúe, Chaquitai, e outros. E neſtes Reynos reinaram elle, e ſeus deſcendentes até o Grão Tamorlão, de quem deſcende o Grão Mogor, que hoje he. E poſto que o Tamorlão não ſuccedeo por linha direita, por não vir de linha Real, era Chatatai deſcendente daquelles Chathatais, que vieram com o Chinguiſchan. Donde ſe vê claramente que eſte barbaro Emperador ſahio do Cathayo, e não da China, e que as gentes que trouxe eram Cathaynos, e não Chins.

Primeiro que eſte Aiton, Armenio, Frade da Epiſcopia, foſſe ao Cathayo, tinha já lá ido os annos de 1253. outro Aiton, Rey da Armenia, a pedir áquelle Emperador, que era o Cothachan, filho do grande Chinguiſchan, que não mandaſſe conquiſtar ſeus Reynos, e que o deixaſſe ficar nelles, por ſaber que mandava groſſos exercitos a conquiſtar todos os que havia por aquellas partes; e chegando áquella Corte de Cambalu, já achou aquelle Emperador mor-

morto, e em ſeu lugar ſeu filho Guinachan, que lhe fez muitas honras, e teve-o comſigo alguns tempos, e concedeo-lhe tudo o que lhe pedio até fazer-ſe Chriſtão. Eſte foi o ſegundo Rey Chriſtão, porque o primeiro foi Chinguiſchan, que ſe fez Chriſtão, por caſar com huma filha do Hunchão, ou Preſte João, que então era Senhor de todas aquellas Provincias, como tenho moſtrado na minha quarta Decada, e o Catachan ſeu filho não ſó não quiz ſer Chriſtão, mas foi grande perſeguidor de Chriſtãos. Eis-aqui não temos couſa que pareça China, nem que ſahiſſe della, contra a opinião do Padre Reſio, que affirma que fóra da China não havia Cathayo.

Aiton, Armenio Frade, de que aſſima fallámos, fez hum Compendio de todos os Reys do Cathayo, em que põe por primeiro o Chinguiſchan, que diſſemos ſer o primeiro Chriſtão. O ſegundo ſeu filho o Cotacham, que o não foi. O terceiro ſeu filho Ginochan. O quarto hum parente chamado Tamarchan, todos Chriſtãos, e eſtes ſó alcançou, e por iſſo eſcreveo delles, e não falla em Rey da China, nem nella.

E pera concluirmos com eſta materia, e provar noſſa opinião, trarei aqui algumas práticas, que o Padre Jeronymo Xavier, da Companhia de Jeſus, ſobrinho do

San-

Santo Padre Francisco Xavier, da mesma Companhia, que ha muitos annos residio em Lahor, teve o anno passado de 98. com hum Mouro, que era alli chegado de Méca, que passáram assim, que ainda isto succedeo em tempo do Conde da Vidigueira, indo este anno passado ter a Lahor hum mercador, que vinha da casa de Méca tão rico, que se affirmava deixar naquella casa mais de cem mil cruzados de offertas, que tinha residido no Xethai, ou Chathai doze, ou treze annos, com quem se vio o Padre Xavier pera inquirir daquella Provincia do Cathayo, e lhe affirmou que estivera naquelle imperio os annos atrás o tempo que disse, e que a gente della era toda Christã, e se chamam por nome commum Jesuitas; e que o Rey era Christão, e que havia em todo aquelle Imperio muitas Igrejas, e que os Sacerdotes traziam lobas, mantéos, e barretes como os nossos, e que havia Mosteiros de homens, e mulheres, e que era este Imperio tamanho, que tinha 1500. Cidades, e muitas mui bem povoadas, e que tambem havia muitos Judeos, a que chamavam Musavis. Tudo isto escreveo o Padre Xavier de Agará este Agosto de 99. em que andamos. Por onde se verá minha opinião, e não ser o Cathayo a China, como affirma o Padre Resio, se-

não

não tudo o que fica dos muros da China ao Norte, onde ainda hoje se conserva aquella grande Christandade naquellas Provincias chamadas Georxa, Bagu, Sucur, Campion, e outras, e onde os governa no espiritual aquelle Emperador, a que chamamos Preste João; mas o Emperador do Cathayo he o Senhor de tudo.

CAPITULO VIII.

Da Armada que o Conde Almeirante mandou a Malaca, e soccorro a Ceilão: e das náos do Reyno, que chegáram a Goa da companhia de Ayres de Saldanha, que era partido por Viso-Rey da India: e de como D. Pedro Manoel foi por Capitão Mór ao Malavar, e do que lhe succedeo.

EM Abril passado teve o Conde Almirante recado das partes de Malaca de como eram passadas á costa da Jaoa aquellas náos de Hollanda, de que atrás démos relação no segundo Capitulo; e temendo-se dos damnos que poderiam fazer, assim ao commercio da India, e trato de Portugal, se carregassem de drogas, como nas prezas das náos que por aquellas partes navegassem dos nossos mercadores, e sobre tudo na alteração que poderia haver nos

Reys

Reys vizinhos á noſſa Fortaleza de Malaca; porque como ſam Mouros noſſos inimigos, e cada vez que o merecêram lhes quebráram os Portuguezes os focinhos, eſtava certo tentarem novidade; e os Hollandezes, como rebeldes, ſolicitarem iſſo, por ſerem eſtes os primeiros que áquellas partes paſſáram. Pelo que aſſentou de mandar huma Armada de dous galeões, e tres galeotas pera lá ſe lhe ajuntarem as duas, que tinha mandado em Maio paſſado, e nomeou por Capitão Mór deſta Armada Goterre de Monroy de Béja; e com eſta Armada mandou o Conde correr com muita preſſa, porque lhe era neceſſario fazella á véla em Setembro. E andando occupado neſta obra, e nas Armadas do Malavar, e Norte, lhe chegáram cartas de Cananor em Agoſto, em que o aviſavam que nos rios de Cota Coulão, e Canharoto ſe faziam preſtes muitos paraos pera ſahirem a roubar, e que o Çamorim movia alterações, e tratava de fazer huma nova guerra ao Eſtado contra o contrato das pazes, que havia pouco tinha mandado jurar com o meſmo Conde por ſeus Embaixadores, e elle jurára em peſſoa; e que pertendiam os Mouros tornar a alevantar nova Fortaleza ſobre as meſmas ruinas da que ſe lhe arraſou no ſitio de Cunhale, couſa muito ordi-

di-

dinaria no Çamorim, porque sua vontade lhe sua lei, e seu appetite seu prelado, que o absolve logo de quebrar todos os juramentos que tiver feitos. E bem he que seja assim; porque que obrigação lhe póde pôr hum juramento feito sobre hum candieiro de azeite muito sujo, e fedorento pera o não quebrar todas as vezes que se lhe offerecer qualquer pequena occasião de interesse. E já sobre esta materia disse muitas vezes algumas cousas sem aproveitarem; porque não sei que fundamento tem os Viso-Reys em lhe concederem pazes, pois sabem, e o tem por cousa infallivel quebrarem-nas logo, e não guardar fé, nem palavra por obrigação de sua gentilidade. Porque se me disserem que poupavam nisso muito, ainda me calára; mas nada se atalha em se gastar a fazenda Real. Prova disto seja que tanta Armada, e tantos gastos se fazem nos annos da paz, como nos da guerra. Pois se isto assim he, parece que o bom fora ensacar estes inimigos, e não se fiarem delles, nem se deixarem enganar, antes fazer-lhes huma guerra tão contínua, que os ponha em extrema necessidade, o que se fará com se lhes defenderem os mantimentos, e Anfião, e a navegação de suas náos; porque então depois de muito cansados, quebrantados, e desbaratados, os

Nai-

Naires se levantáram contra os Mouros, que sempre sam a occasião desta guerra, e a compram ao Çamorim a dinheiro pelos muitos proveitos que tem em suas navegações; ou elles se sujeitáram de maneira, que nunca mais pudessem alevantar cabeça.

E ainda está mui entendido que se lhe souberem guardar as costas do Norte, e Sul, de maneira que não façam roubos, e prezas, em quatro annos não teram com que armar hum navio, porque a terra nada lhes dá, e as Armadas que deitam fóra se fazem das muitas prezas que tomam; mas todos os annos pazes novas, e primeiro que se acabem, logo se quebram, e outra vez guerra, parece jogo de meninos. E elles fazem muito bem de fazerem seu negocio, quando lhes relevar, pois sabem que na sua mão está a paz, e a guerra: ora deixemos isto, e tornemos a nosso fio.

Tanto que o Conde Almirante Viso-Rey teve estas cartas, quiz atalhar os males que se ordenavam, primeiro que os Mouros sahissem com seu intento: e sem embargo de esperar por successor, não se quiz forrar deste trabalho, e despezas, como alguns Viso-Reys fazem, porque querem estar com o dinheiro em punho pera se pagarem de algumas dividas, ainda que sejam velhas, e compradas tres partes menos,

nos, porque este dinheiro de ElRey não sei que tem que tão máo he de arrancar das mãos; e tanto o tem por proprio, quando lhe vai a ellas, que antes querem ser sangrados nos braços, que nas bolsas. Em fim, o Conde como desejava de fazer o serviço de ElRey, e não lhe poupar sua fazenda em caso de tanta necessidade, pagou logo gente pera o Malavar, e despedio D. Pedro Manoel com doze navios ligeiros, que achou mais prestes, com que se fez á véla a quatro de Setembro, tempo ainda verde, e chuvoso, e foi correndo a costa Canará com tormentas, e muito risco, e recolhendo por aquellas Fortalezas sinco navios, que o Conde tinha mandado invernar com companhia de soldados pera sua segurança; e com todos juntos se foi pôr sobre os rios de Cotocoulão, e Canharoto, onde os paraos se armáram pera lhe impedir a sahida pera fóra. E sobre estes rios esteve com tanta vigia no mar, e na terra, que se não atrevêram os ladrões arriscar, e alli se deixou estar até lhe darem recado, que era chegado a Cochim Ayres de Saldanha, que vinha por Viso-Rey, como logo diremos.

O Conde ficou dando pressa á mais Armada, que havia de mandar ao Malavar; e á do Norte, e Malaca, e nos provimentos,

tos, e soccorros pera Ceilão, que pera tudo isto havia mister mais de duzentos mil pardáos, que lhe não faltáram, nem tomou aos vassallos; porque teve duas cousas este Viso-Rey, que já na minha quinta Decada louvei ao Governador Martim Affonso de Sousa na sua historia, que eram saber bem despender a fazenda Real, e sabella muito bem poupar, no que só consiste todo o governo deste Estado; e quem istó faz, não na toma pera si; e como houver isto, sempre sobeja tudo. E tendo estas Armadas prestes, quando foram aos tres dias de Outubro surgio na barra de Goa a náo S. Francisco, da companhia de Ayres de Saldanha, que tinha partido de Portugal por Viso-Rey a quatro de Abril com quatro náos, como logo diremos. E alguns dias antes da chegada desta náo tinha dito hum Religioso da Ordem de S. Domingos, homem de muita virtude, e religião, a D. Brites, mulher de Cosmo de Lafetá, que na primeira náo que chegasse á barra de Goa viria seu marido. E assim foi, porque nesta veio por Capitão, porque nella tinha partido do Reyno Fernão Rodrigues de Sá, filho de Francisco de Sá, o dos Oculos por Capitão Mór das náos da carreira, que faleceo no mar, em cujo lugar foi eleito Cosmo de Lafetá, que vinha despacha-

do

do com a Fortaleza de Çofala, e huma Commenda, e viagem da China, e outras mercês, que por ſeus ſerviços merecia bem, não fez no Conde abalo, que ſe lhe enxergaſſe vir-lhe ſucceſſor; antes com muito fervor fez a Armada de Malaca á véla dia de S. Jeronymo, que he o derradeiro de Setembro, que era de dous galeões, hum em que hia o Capitão Mór, e no outro D. Alvaro da Coſta, filho de D. Franciſco da Coſta, e tres galeotas, de que eram Capitães Pero Fernandes de Carvalho, Filippe de Oliveira, e Maximiliano de Mendoça; e no meſmo dia ſe fez á véla o galeão dos provimentos de Ceilão, de que foi por Capitão Manoel Rodrigues, Genovez, que era provído na viagem, e nelle foram cento e ſincoenta ſoldados; e por Capitão Mór delles Pero de Mendanha, e Martim Cota Falcão, hia por Capitão de huma companhia de ſoldados, e Diogo de Souſa de Menezes de outra. E mandou o Conde muito dinheiro, munições, e outros provimentos, porque ſempre em princípio, e cabo dos verões foi cevando aquella conquiſta o melhor que pode. Logo a 27. de Outubro ſurgio o galeão S. João, da companhia de Ayres de Saldanha, de que vinha por Capitão Gonſalo Rodrigues Caldeira, que tomou o caminho por fóra da

Ilha

Ilha de S. Lourenço, e por achar nelle bons tempos veio ferrar Goa. Os successos destas Armadas, que o Conde despachou pera fóra, ficam pera o tempo de Ayres de Saldanha, em que succedêram. Mas primeiro que acabemos com o Conde Almeirante, daremos conta do que succedeo aos tres galeões, que em seu tempo mandou pera Maluco, porque ainda he jornada sua.

CAPITULO IX.

Do que succedeo na viagem ao galeão de Luiz Boto Machado: e de como os Embaixadores do Achem foram pera sua terra: e de como aquelle Rey mandou matar os Hollandezes, que andavam em terra, de duas náos que alli estavam: e do que succedeo a estas náos.

JÁ que deixámos Luiz Boto Machado partido pera Amboino, he necessario continuarmos com sua viagem, pois cabe ainda no tempo, e governo do Conde Almeirante, como assima dissemos. Este galeão foi com bom tempo tomar a Fortaleza de Malaca, onde foram desembarcados os Embaixadores do Achem, e muito festejados pelo bom aviamento, que lhe o Conde deo, porque ficava tudo redundando em paz, e quie-

quietação daquella Fortaleza com aquelle vizinho, que foi sempre o de que se mais receou que todos. Porque o Capitão, que então era Fernão de Albuquerque, os mandou logo embarcar em huma galeota muito fermosa, e entregou os Embaixadores a Affonso Vicente casado de Malaca, que elegeo por Embaixador pera mandar áquelle Rey a lhe fazer entrega dos seus, e tratar negocios de importancia: era este Affonso Vicente conhecido daquelle Rey, e com elle foi Fr. Amaro, Religioso da Ordem do Padre Santo Agostinho, por ser prático na lingua, e de boas partes, e sufficiencia pera tratar negocios de tanta importancia. Esta galeota achou sobre a barra de Achem duas náos Hollandezas da companhia das que já dissemos, que pelejáram com as náos de D. Jeronymo Coutinho na Ilha de Santa Helena, que estavam alli tomando carga, que se lhe dava com muito gosto pela liberalidade com que compravam tudo. A galeota foi entrar a barra, e o nosso Embaixador desembarcou com os Embaixadores do Achem pelas mãos, e acompanhado dos Portuguezes, e de muita gente, que ElRey mandou aos receber, e tratáram com elle, que agazalhou os nossos hospedes com muitas honras, e aos seus conforme a seu costume. E dando-lhe

os ſeus Embaixadores relação de ſua embaixada, e do bom aviamento que o Conde Viſo-Rey lhe dera, e das honras que lhe fizera, e o preſente que lhe mandava, ficou tão obrigado, que não ſabia que honras, e gazalhados fizeſſe aos noſſos. O noſſo Embaixador, que era homem eſperto, vendo as obrigações que aquelle Rey moſtrava aos Portuguezes, e ſentindo nelle ...tio, e inclinação pera lhe conceder tudo o que lhe pediſſe, eſtando hum dia ſó com ElRey, e com o lingua, lhe diſſe, que pois moſtrava ter tantas obrigações aos Portuguezes, e ſabia muito bem quanto elles deſejavam de conſervar ſua amizade, que ſempre lhe havia de ſer de mais proveito, como vizinhos, que não a dos eſtranhos, que era tempo de o moſtrar por obras. Que lhe fazia a ſaber que aquelles coſſairos, que eſtavam na barra, que eram piratas, e traidores alevantados contra o ſeu proprio Rey, e Senhor: que pois ſe dava por tamanho ſervidor, e amigo de ElRey de Portugal, que nas mãos tinha huma occaſião, em que o poderia bem moſtrar. Eſta era, que pois aquelles homens corriam tão familiarmente com elle, e em ſua terra, que foſſe com elles com o meſmo termo; e que convidaſſe hum dia o Capitão Mór das náos com os principaes dellas, e que no banquete os

ma-

matassem. E que mandasse ter prestes a Armada, que determinava de mandar contra o Rey de Jor, que era de mais de cent embarcações, e que commettesse ao mesmo tempo as náos, e as tomassem com todo o recheio, e cabedal que tivessem, que era muito. E tantas cousas lhe disse este Affonso Vicente a ElRey, e tanto lhe facilitou o negocio, que o rendeo, e veio a conceder o que quiz.

E pera isto mandou logo negociar a Armada com a mór dissimulação que pode, com lançar fama de a mandar contra o Rey de Jor, pera contra quem os mesmos Hollandezes se lhe tinham offerecido pela carga de huma náo de pimenta, que promettêra por isso. E como teve tudo prestes, convidou o Capitão Mór Hollandez pera o dia aprazado, do que se elle escusou por indisposto; mas mandou hum sobrinho seu com os mais honrados da sua náo. E estando embebidos no banquete, deram os Achens nelles, e matáram-nos; e no mesmo tempo sahio a Armada toda, e commetteo as náos com grande furia. Vendo os Hollandezes aquelle sobresalto, não tiveram outro nenhum remedio melhor, que largar as vélas, e irem fugindo, e a Armada apôs elles até lhe desapparecerem, deixando a fazenda que tinham em terra, e

dous

dous pataxos que eſtavam em differentes portos, que logo ElRey mandou tomar. Os Hollandezes foram ſua derrota até o rio de Quedá, onde ſe recolhêram, e reformáram. E porque lhes ficava pouca gente nas náos, porque perdêram em terra mais de ſincoenta peſſoas, foi-lhes neceſſario deſpejar a náo mais pequena, e paſſarem tudo á outra, em que ſe for[illegible]na derrota de Maçulepatão, e foram-ſe perder no macareo de Tanaçarim. E aſſim deſtas duas náos não eſcapou couſa alguma.

FIM DA DECADA ULTIMA.

00042725

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016